UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

JOÃO PAULO LAZZARINI CYRINO

O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO:
Um estudo translinguístico

São Paulo
2015

JOÃO PAULO LAZZARINI CYRINO

O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO: Um estudo translinguístico

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher

De acordo:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Ana Paula Scher', with a long, sweeping horizontal stroke extending to the right.

Versão Revisada

São Paulo

2015

Autor: LAZZARINI-CYRINO, João Paulo

Título: O Sincretismo Passivo-Reflexivo: Um estudo translinguístico.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e
Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Membros Titulares:

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher (presidente) - FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Esmeralda Vailati Negrão - FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Luciana Raccanello Storto - FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Figueiredo Silva - UFPR

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Maria Filomena Spatti Sândalo - IEL/UNICAMP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Membros Suplentes:

Prof. Dr. Marcello Modesto dos Santos - FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Jairo Moraes Nunes - FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Paulo Chagas de Sousa - FFLCH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Indaiá de Santana Bassani - UNIFESP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros - UFRJ

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em seus processos 2011/21973-1 e 2013/21697-0, que permitiram a realização dessa pesquisa e de alguns de seus desdobramentos.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ana Paula Scher, por ter acreditado nos meus projetos desde o começo e a quem devo todos os resultados que tenho obtido.

A toda a equipe do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela acolhida e atenção.

Aos professores da Boğaziçi Üniversitesi, em especial à Prof^a. Balkız Öztürk Başaran, por ter me recebido de braços abertos em meu estágio de pesquisa e ter contribuído imensamente com este trabalho.

Aos membros e amigos do GREMD, Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída, que proporcionaram um ambiente que facilitou em muito a realização deste trabalho.

Às professoras Esmeralda Negrão, Evani Viotti e ao professor Sergio Menuzzi, que me inspiraram a sempre pensar e repensar.

Aos meus familiares, amigos e colegas. De forma especial aos mencionados abaixo, que tiveram um papel muito especial seja neste trabalho, seja na minha vida nestes anos: Aline Garcia Roderio-Takahira, Anderson Silveira, Arthur Telló, Prof. Balázs Suranyi, Carlos Henrique Andrade, Denis Cesar da Silva, Eduardo Correa, Prof^a. Eser Taylan, Fatih Ayadoğdu, Faruk Akkuş, Gabriel de Ávila Othero, Gabriel V. Martins, Guilherme Darisbo, Indaiá Bassani, Prof. Jairo Nunes, Janayna Carvalho, Júlio

Barbosa, Klauber Renan, Leila de Araujo, Leonor Simioni, Prof. Mamoru Saito, Marcello Modesto, Marcus Lunguinho, Prof. Mário Viaro, Ömer Demirok, Pablo Ribeiro, Paula Armelin, Prof. Paulo Chagas, Pedro Baroni Schmidt, Rafael Frate, Rafael Minussi, Rerisson Cavalcante, Profª. Sumru Özsoy, Profª. Tamar Makharoblidze, Vincent van Turnhout, Vitor Nóbrega, Willian Silveira.

Aos demais, cujos nomes infelizmente não me vieram à mente na hora em que escrevi a lista acima.

À minha noiva, Larissa, ao meu pai, Pedro e à minha mãe, Sonia, por todo o carinho e apoio nessa fase tão desafiadora da vida acadêmica.

RESUMO

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. **O Sincretismo Passivo-Reflexivo: Um estudo translinguístico**. 2015. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Por sincretismo passivo-reflexivo pode-se compreender a ocorrência de uma mesma marca morfológica em construções reflexivas, passivas e anticausativas. O fenômeno, bastante comum entre as línguas, tem sido tratado pela Teoria Gerativa, principalmente, de duas formas diferentes: por um lado, diz-se que o sincretismo passivo-reflexivo é consequência de uma propriedade sintática em comum compartilhada pelos contextos de inserção e, por outro, que - na verdade - os contextos em que o morfema se insere compartilham de uma mesma representação semântica. Do que se tem visto, ambas as formas de abordar o fenômeno são problemáticas: as explicações que fornecem, além de apresentarem alguns problemas teóricos, não se aplicam a tantas línguas quanto o esperado. Essas abordagens também tem levado pouco em conta importantes observações da linguística comparativa, que vem lidando com fenômenos dessa natureza desde o final dos anos 60.

Esta tese investiga o sincretismo em questão em um grupo abrangente de línguas e une suas observações com conclusões da tipologia linguística e teoria gerativa, buscando desvendar duas questões, fundamentalmente: (i) por que o fenômeno é tão comum entre as línguas e (ii) qual o estatuto da marca compartilhada. Essas perguntas puderam ser respondidas levando em conta contribuições clássicas da linguística como a primeira definição de verbos anticausativos (Nedjalkov & Silnickij, 1969) e o estudo dos tipos de alternâncias de valência. Por outro lado, o modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), desenvolvimento recente da Teoria Gerativa, possibilitou uma abordagem mais transparente da relação entre morfologia e sintaxe, permitindo melhor compreensão dos ambientes estruturais em que ocorre o sincretismo.

O fenômeno é considerado um caso de sobreaplicação de anáforas, no sentido de Heinat (2006), na estrutura sintática. Essa sobreaplicação só é possível dadas algumas condições, sendo a principal delas a dependência morfológica da marca sincrética. Essa dependência morfológica é derivada ou durante a derivação sintática, ou após a inserção de material fonológico, conforme prevê a Morfologia Distribuída. As diferentes distribuições que o sincretismo apresenta entre as línguas podem ser explicadas por propriedades sintáticas da língua, assim como pelo momento da derivação em que a anáfora torna-se morfológicamente dependente, o que também diferencia clíticos/pronomes fracos de afixos.

ABSTRACT

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. **The Passive-Reflexive Syncretism: A cross-linguistic study.** 2015. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The Passive-Reflexive Syncretism is a term describing the sharing of the same morphological marking in Reflexive, Passive and Anticausative Constructions. The phenomenon is widely seen across languages and Works within the Generative Framework have been attempting to account to it in basically two ways: (i) by understanding the syncretism as a consequence of a common syntactical property among the contexts sharing the morpheme or (ii) by understanding it as a consequence of a common semantic representation among these contexts. It is shown that both approaches are problematic in theoretical and empirical means. Besides this, they have not been taking into account important insights from comparative linguistics, which has been dealing with these phenomena since the end of the 60's.

The present thesis investigates the syncretism in depth, taking into account a significant number of languages and linking its observations with contributions from Linguistic Typology and Generative Theory, in an attempt to address two fundamental questions: (i) Why this syncretism is so common across languages? (ii) What is the status of the shared marking. These questions could be answered by taking into account classical definitions in linguistics, such as the first definition of anticausative verbs (Nedjalkov & Silnickij, 1969) and the definitions for the different valency alternations. On the other hand, the Distributed Morphology development from Generative Grammar (Halle & Marantz, 1993) allowed for a transparent approach towards the relation between morphology and syntax, contributing to a better understanding of the structural environments involved in the syncretism.

The phenomenon is considered a case of superapplication of anaphors, in Heintz's (2006) sense, in the syntactic structure. This superapplication is only possible given some conditions, being the main one the Morphological Dependency of the syncretic marking. This dependency is derived either during syntactic derivation or after the insertion of phonological content, as told by the Distributed Morphology's view on the Architecture of Grammar. The different distributions shown by the syncretism across languages can be explained by both syntactic properties of the language and the moments described above, when the anaphor becomes morphological dependent, which also helps differentiating clitics/weak pronouns from affixes.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO	8
CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO: MAPEANDO O SINCRETISMO	11
1.1 MAPEANDO O SINCRETISMO	15
1.1.1 REFLEXIVAS CANÔNICAS E REFLEXIVIZAÇÃO DATIVA	16
1.1.2 OS CONTEXTOS MÉDIOS.....	20
1.1.3 O DOMÍNIO PASSIVO	24
1.1.4 AUSÊNCIA DE MARCAS E LÍNGUAS SEM SPR.....	27
1.2 ABORDAGENS ANTERIORES E PROBLEMAS	29
1.2.1 A ANÁLISE INACUSATIVA DOS REFLEXIVOS	29
1.2.2 A REDUÇÃO LEXICAL/SINTÁTICA:	33
1.2.3 ANALISANDO VALÊNCIA VERBAL COM O SISTEMA VOICE/V:	35
1.3 A PROPOSTA DESTA TESE	37
1.3.1 MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	38
1.3.2 O ESTATUTO DAS MARCAS DE SPR	39
1.3.3 DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA.....	41
1.4 ESTRUTURA DESTA TESE	43
CAPÍTULO 2 DERIVANDO O SINCRETISMO	44
2.1 PROPRIEDADES DAS MARCAS PASSIVO-REFLEXIVAS.....	45
2.1.1 DIRECIONALIDADE	45
2.1.2 ARGUMENTALIDADE	48
2.1.3 DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA.....	52
2.2 VARIÁVEIS E VALORAÇÃO DE TRAÇOS-FI E O SINCRETISMO ENTRE REFLEXIVAS E ANTICAUSATIVOS	53
2.2.1 VALORAÇÃO DE VARIÁVEIS COM TRAÇOS-FI	54
2.2.2 AGREE PÓS-SINTÁTICO	56
2.2.3 INERGATIVIZAÇÃO?	58
2.3 PASSIVAS, IMPESSOAIS E SUAS INTERPRETAÇÕES.....	58
2.3.1 SIMILARIDADES ENTRE CONSTRUÇÕES PASSIVAS E IMPESSOAIS	59
2.3.2 FATORES RELEVANTES PARA A EXTENSÃO DO SINCRETISMO	62

2.3.2.1	Elegibilidade para Marcação com Caso	62
2.3.2.2	Parâmetro <i>Pro-Drop</i>	65
2.3.2.3	Afixos vs. Clíticos/Pronomes Fracos	66
2.4	DERIVANDO A DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA.....	69
2.4.1	DPS SEM CASO E ROTULAÇÃO: UM PROBLEMA PARA PF	69
2.4.2	INCORPORAÇÃO SINTÁTICA E PÓS-SINTÁTICA	71
2.4.3	PSEUDO-INCORPORAÇÃO E AGENTES DA PASSIVA	75
2.5	SÍNTESE	78

CAPÍTULO 3 ANTICAUSATIVOS: DIRECIONALIDADE E DEPENDÊNCIA

MORFOLÓGICA.....80

3.1	ALTERNÂNCIAS DIRECIONAIS E ANTICAUSATIVOS	82
3.1.1	DIRECIONALIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES	84
3.1.2	O ESTATUTO MORFOLÓGICO DAS MARCAS DECAUSATIVAS	88
3.1.3	O SINCRETISMO PASSIVO-REFLEXIVO.....	90
3.2	PROPOSTAS SINTÁTICAS SOBRE VALÊNCIA.....	91
3.2.1	OS <i>SABORES</i> DE <i>V</i>	92
3.2.2	A CISÃO DE <i>V</i> : VOICE + <i>V</i>	96
3.2.3	MARCAS DECAUSATIVAS COMO ARGUMENTOS EXTERNOS	97
3.3	DERIVANDO DIRECIONALIDADE NA SINTAXE	102
3.3.1	ALGUMAS NOTAS EM <i>ESPONTANEIDADE</i>	103
3.3.2	DERIVANDO MARCAS DECAUSATIVAS COMO ARGUMENTOS.....	105
3.3.2.1	A Condição de Impenetrabilidade das Fases	106
3.3.2.2	Itens de Vocabulário.....	108
3.3.3	ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE MARCAS CAUSATIVAS	110
3.4	DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA	112
3.4.1	CASO E ROTULAÇÃO.....	113
3.4.2	O PROBLEMA EM NÃO SE TER CASO.....	115
3.4.3	DESLOCAMENTO LOCAL.....	118
3.4.4	PSEUDO-INCORPORAÇÃO	121
3.4.5	MARCAS DECAUSATIVAS COMO VARIÁVEIS PSEUDO-INCORPORADAS.....	127
3.4.6	ORDEM DE MORFEMAS	131
3.4.6.1	O Afixo -sj(a) em Russo	134
3.4.6.2	Fusão de T ^o e DP _[PSS: _] : O paradigma Não-Ativo em Grego	136
3.5	SÍNTESE	138

CAPÍTULO 4 UMA ANÁLISE TRANSITIVA PARA CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS..... 140

4.1	O PARADOXO INACUSATIVO-INERGATIVO:.....	141
4.1.1	REFLEXIVOS SÃO INACUSATIVOS	141
4.1.2	REFLEXIVOS SÃO INERGATIVOS	144
4.2	A ANÁLISE TRANSITIVA DOS REFLEXIVOS	146
4.2.1	CASO E SELEÇÃO DE AUXILIARES	147
4.2.2	O CASO DAS REFLEXIVAS EM GEORGIANO	157
4.2.3	CAUSATIVOS EM FRANCÊS	160
4.2.4	REFLEXIVIDADE EM CONTEXTOS DE ECM.....	162
4.3	MARCAS REFLEXIVAS AFIXAIS.....	166
4.3.1	O AFIXO -S E O PRONOME SIG NAS LÍNGUAS ESCANDINAVAS.....	168
4.3.2	SUFIXOS REFLEXIVOS VS. PASSIVOS/DECAUSATIVOS EM TURCO	169
4.4	MARCAS REFLEXIVAS DEPENDENTES E INDEPENDENTES	171
4.5	SÍNTESE	179

CAPÍTULO 5 CONSTRUÇÕES PASSIVAS E IMPESSOAIS..... 182

5.1	OUTRAS EXTENSÕES DO SPR	183
5.1.1	AS EXTENSÕES	183
5.1.1.1	Passivas	184
5.1.1.2	Impessoais	189
5.1.1.3	De-objetivais	192
5.1.2	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TIPOLOGICAS	195
5.2	MARCAS PASSIVAS E IMPESSOAIS SÃO VARIÁVEIS.....	200
5.2.1	O ESTATUTO DAS MARCAS PASSIVAS/IMPESSOAIS.....	202
5.2.2	O PARÂMETRO PRO-DROP	210
5.2.3	PRONOMES FRACOS E ELEGIBILIDADE PARA CASO	213
5.3	MARCAS AFIXAIS	215
5.3.1	DISTRIBUIÇÃO SINTATICAMENTE IRRESTRITA.....	215
5.3.2	LIMITES MORFOLÓGICOS	217
5.3.2.1	<i>Portmanteau</i> com T.....	217
5.3.2.2	Concordância obrigatória.....	219
5.3.3	PROJEÇÃO DE AGENTES DA PASSIVA	224
5.4	ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE CONSTRUÇÕES DE-OBJETIVAIIS.....	228
5.5	SÍNTESE	230
 <u>CAPÍTULO 6 SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>		<u>231</u>
6.1	SÍNTESE DAS PRINCIPAIS CONCLUSÕES.....	231
6.1.1	CARACTERÍSTICAS DO SPR	232
6.1.2	O ESTATUTO DA MARCA	234
6.1.3	A RECORRÊNCIA DO SINCRETISMO.....	237
6.2	QUESTÕES PARA FUTURO DESENVOLVIMENTO	238
6.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	240
 <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>		<u>242</u>

CAPÍTULO 1

Introdução:

Mapeando o Sincretismo

Um dos fenômenos mais instigantes que se encontram no estudo da Morfologia é o da realização de uma mesma marca em um conjunto de contextos diferentes entre si. Tal fenômeno, denominado de sincretismo ou multifuncionalidade, será abordado nesta tese em uma de suas ocorrências mais comuns entre as línguas: o compartilhamento da mesma forma em construções reflexivas, anticausativas e passivas, além de outras extensões.

O nome escolhido para o sincretismo em questão – Sincretismo Passivo-Reflexivo (doravante, SPR) – relaciona-se com o domínio básico de sua distribuição, que se estende de construções reflexivas até construções passivas, se levarmos em conta uma escala de afetação¹ do sujeito verbal. Nesse sentido, línguas como o grego e o albanês, apresentam o SPR cobrindo esse domínio básico. Essas línguas apresentam como marca sincrética o denominado paradigma de concordância ‘não-ativa’.

(1) *Grego*

a.	I Maria xtenizete	(reflexivo)
	“A Maria se penteia.”	
b.	I porta tsakizete	(anticausativo)
	“A porta está quebrando.”	
c.	To vivlíio dhiavazete apo to koritsi.	(passivo)
	“O livro está sendo lido pela menina.”	

(2) *Albanês*

¹O termo *afetação* aqui é informal: remete ao fato de o sujeito verbal – normalmente desencadeador de um evento – referir-se a uma entidade que é afetada pelo evento. Isso ocorre quando o sujeito toma

- a. Fëmijalahet. (reflexivo)
“A criança se lava.”
- b. Dera hapet. (anticausativo)
“A porta está abrindo.”
- c. Fati parathet nga qeveria. (passivo)
“O destino é previsto pelo governo.”

Em outras línguas, como o português, construções passivas canônicas, com agentes da passiva, não são possíveis com a marca sincrética, no caso o clítico pronominal *se*:

- (3) a. A criança **se** lava. (reflexivo)
- b. A porta **se** abre. (anticausativo)
- c. *A máquina **se** constrói pelo operário. (*passivo)

Essa característica também é observada em outras línguas românicas, como o francês:

- (4) a. Judas **s’est** tué. (reflexivo)
“Judas suicidou-se.”
- b. La porte **s’est** ouverte. (anticausativo)
“A porta (se) abriu.”
- c. *Le restaurant **s’est** lavé pour les garçons. (*passivo)

Diferenças também se dão com relação à produtividade da marca de SPR nas construções reflexivas dos dois grupos mencionados acima (grego/albanês vs. português/francês). Podemos verificar que a marca tem sua ocorrência mais limitada nesses termos no primeiro grupo, sendo mais produtiva no segundo grupo²:

- (5) a. Vlep-o ton eafto mu. (grego)

²Glosas para os dados do grego: AT = paradigma ativo e NAT = paradigma não-ativo.

- Ver-1s.AT a-mim-mesmo.
 “Eu me vejo/vejo a mim mesmo.”
- b.* Vlep-**ome**.
 Ver-1s.NAT.
 “Eu me vejo.”
- c. Xteniz-o ton eafto mu.
 Pentear-1s.AT a-mim-mesmo.
 “Eu me penteio/penteio a mim mesmo.”
- d. Xteniz-**ome**.
 Pentear-1s.NAT
 “Eu me penteio. “
- (6) a. Je **me** vois.
 “Eu me vejo”
- b. Je **me** peigne.
 “Eu me penteio.”

Alguns autores (Geniusiene, 1987; Haiman, 1986; Kemmer, 1993) já vinham observando essas diferenças e estabeleceram algumas distinções dentro daquilo que se chama de reflexivo. Por um lado, existem os contextos de **reflexivas plenas** (*full reflexives*, cf. Haspelmath, 1987) exemplificado em (5a) para o grego e (6a) para o francês, e, por outro, eventos que estão entre reflexivos e anticausativos, normalmente denotados por verbos de cuidado pessoal (*grooming verbs*, cf. Geniusiene, 1987; Kemmer, 1993), movimento corporal (sentar-se, ajoelhar-se) e naturalmente recíprocos (encontrar-se *um com o outro*, beijar-se, abraçar-se, etc.). Esses eventos formam a classe que denominamos aqui, a título de descrição, **contextos médios**.

Com Haspelmath (1987, 2003) e Geniusiene (1987) assumimos que há um contínuo das reflexivas plenas até as passivas. Esse contínuo pode ser considerado em termos da agentividade vs. afetação do sujeito.

Com esse mapa é possível, por exemplo, esquematizar a distribuição do SPR de acordo com o que foi dito até o momento sobre o *se* do Português e do Francês e a concordância passiva (*conc. passiva*) do Grego e do Albanês:

(12) *Comparando marcas sincréticas:*

Esta tese aborda o fenômeno do SPR, buscando compreender seus aspectos sistemáticos. Tais aspectos são: (i) a recorrência do sincretismo nas línguas, (ii) a relação entre o tipo morfológico da marca (afixo, clítico, pronome fraco) e a extensão do SPR nas línguas e (iii) o estatuto da marca em termos de Teoria Linguística. Como será possível concluir no decorrer deste trabalho, abordagem do SPR envolve lidar com uma série de pontos problemáticos acerca do que se conhece atualmente em Teoria Linguística e, mais especificamente, Teoria Gerativa.

Para lidar com o fenômeno de forma desejável, além do aspecto relevante à Teoria Linguística, levam-se em conta observações tipológico-funcionais presentes na literatura (Nedjalkov, 1969; Geniusiene, 1987; Haspelmath, 1987, 1990, 1993; entre outros), bem como outras desenvolvidas durante a pesquisa para este trabalho. Com base nessas observações, apresenta-se aqui uma proposta teórica dentro do modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), em que as marcas compartilhadas pelas construções no SPR são analisadas como argumentos do verbo, ao contrário do que é aceito por muitos trabalhos atualmente.

Neste capítulo introdutório desejo familiarizar o leitor com o fenômeno e apresentar algumas tentativas de análise prévias encontradas na literatura. Com isso, será possível apresentar alguns argumentos iniciais para a análise proposta no decorrer da tese. O capítulo está dividido, portanto, em três partes: a primeira seção,

que busca mapear as possíveis extensões do SPR entre as línguas, a segunda, que apresenta propostas de análise anteriores e a terceira que introduz a análise desta tese, justificando-a frente aos fenômenos empíricos e problemas teóricos das abordagens anteriores.

1.1 Mapeando o Sincretismo

O intuito desta primeira seção é apresentar ao leitor as possibilidades de distribuição do SPR entre as línguas, mostrando também alguns fenômenos paralelos que ajudem a capturar a complexidade desse tipo de sincretismo. Trata-se de uma parte bastante descritiva desta tese que deverá ser tida em conta na leitura dos demais capítulos, uma vez que a presente proposta foi desenvolvida em função dos fenômenos empíricos introduzidos aqui. O raciocínio utilizado para formular esta seção é diferente do que se encontra no resto da tese. Aqui proponho-me a realizar comparações do que é possível ou não em cada língua e, assim, montar o quadro geral do sincretismo. No restante da tese, por outro lado, estaremos preocupados com condições necessárias e suficientes para a ocorrência do sincretismo nas línguas e para sua extensão por diversos contextos.

Tendo introduzido o tipo de comparação que desejamos no presente momento, abaixo mostro uma tabela contendo os domínios do SPR, em uma versão preliminar, de algumas das línguas estudadas:

Família	Língua	Marca	Reflexivas Canônicas	Contextos Médios	Anticausativas	Passivas Canônicas
I.E. Latina	Português	<i>Clítico SE</i>	+	+	+	-
	Espanhol		+	+	+	-
	Francês		+	+	+	-
I.E. Slavica	Russo	-sja	-	+	+	+
	Polonês	się	-	+	+	-
	Tcheco	se	+	+	+	-
I.E. Germ.	Holandês	zich	-	+	+	-
	Islandês	-st	-	+	+	-
I.E.	Grego	Conc.	-	+	+	+
I.E.	Albanês	Passiva	-	+	+	+
Kartveliana	Georgiano	-i-	+	+	+	+
	Laz	-i-	+	+	+	-
Semítica	Hebraico	<i>hitpael</i>	-	+	+	(+)
Alt. Turqui.	Turco	-Il	-	+	+	+

Tabela 1 - Domínios do SPR (preliminar)

Embora esses domínios pareçam suficientes para se tecer uma comparação, veremos adiante que, na verdade, o mapa ainda está incompleto. As próximas seções trazem detalhes acerca de cada um dos contextos apontados na tabela.

1.1.1 Reflexivas Canônicas e Reflexivização Dativa

Partindo daquilo que chamamos de reflexivas canônicas, pode haver extensões a que se deve ter atenção. Geniusiene (1987) aponta para a classe dos reflexivos como tendo uma extensão para a reflexividade dativa. A generalização encontrada é a de que se as marcas do SPR de uma língua (denominadas Marcas Reflexivas pela autora) são encontradas em reflexivos canônicos, então essas marcas também podem ocorrer em contextos em que o Sujeito está co-referente com o possuidor do objeto, objeto indireto beneficiário ou recipiente da ação, conforme ilustrado abaixo.

(8) *Contextos de Reflexivização Dativa*

- a. Juan **se** construyó una casa. (sujeito beneficiário)
 “Juan construiu uma casa para si.”
- b. Juan **se** lava las manos (sujeito possuidor)
 “Juan lava suas próprias mãos.”
- c. Juan **se** quitó (**se** puso) la chaqueta. (sujeito recipiente)
 “Juan tirou/colocou a jaqueta em si.”

(Cf. Geniusiene, 1987: 169, 178 e 175).

A importância dessa divisão na classe dos reflexivos para fins de comparação está relacionada a construções reflexivas em línguas como o georgiano. Em georgiano, o morfema relacionado ao SPR é a vogal pré-radical verbal (VPR)-i- (cf. Lazzarini Cyrino, 2011). Essa vogal, no entanto, por si só, não produz reflexivos canônicos (cf. também Amiridze, 2006), requerendo portanto um objeto *tav*, que, literalmente, significa cabeça.

- (9) a. Mariami tavs **i-k-eb-s**.
 Mariami REFL.ACU VPR-elogia-TEMA-3s3s.
 “A Maria se elogia.”
- b.* Mariami **i-k-eb-s**.
 Maria VPR-elogia-TEMA-3s3s.

A diferença entre anticausativos/passivos e reflexivos pode se dar nesses termos: enquanto reflexivos seguem a estratégia -i-+*tav*, anticausativos seguem só com -i-:

- (10) K'ari da-**i-gh-a**.
 Porta PVB-VPR-abrir-3s.AOR.
 “A porta abriu.”

Além de estar presente em anticausativos e reflexivos canônicos, o morfema -i- georgiano também se encontra em reflexivizações dativas. As construções abaixo são casos de reflexivização dativa, envolvendo relação de posse entre o sujeito e o objeto (a) e co-referência entre o sujeito com o argumento semântico beneficiário (b):

- (11) a. Zurabi i-k-eb-s mamas.
 Zurab VPR-elogiar-TEMA-3s3s mãe.ACU.
 “Zurab_i está elogiando sua_i mãe.”
- b. Nani i-mzad-eb-s namcxvar-s.
 Nani VPR-preparar-TEMA-3s bolo-ACU.
 “Nani está preparando um bolo para si.”

O que ocorre, porém, na reflexivização dativa é uma estratégia diferente: o morfema -i- reflexiviza um objeto beneficiário/possessivo sem a necessidade de *tav*. Isso nos mostra que, apesar de ser natural que, se o SPR abarca reflexivas canônicas também abarcará reflexivizações dativas, a depender do tipo de marca da língua, a estratégia não será a mesma.

Estamos elaborando o Mapa Semântico tendo em mente uma escala de afetação vs. agentividade do sujeito. No caso das reflexivizações dativas, propõe-se que sejam incluídas no Mapa à esquerda das reflexivas canônicas, indicando menor grau de afetação do sujeito e seu maior grau de agentividade.

Uma evidência interessante para isso pode ser observada nos dados do kannada³ (retirados de Lidz, 2001). Essa língua, assim como o georgiano, constrói reflexivos com uma estratégia dupla: o morfema verbal –koND- (glosado como REFL) e o objeto reflexivo *taan*.

- (12) a. Hari tann-annu hogaL-i-koND-a.
 Hari refl-ACU elogiari-PP-REFL-3sm.
 “Hari se elogiou.” (Cf. Lidz, 2001: 1)
- b.* Hari hogaL-i-koND-a.
 Hari elogiari-PP-REFL-3sm.

Ao contrário do georgiano, no entanto, para reflexivizações dativas deve-se manter o objeto reflexivo *tann* (no genitivo) apenas, ao invés do morfema verbal – koL/ND-.

³ Língua Dravídica do Sul, falada na Índia por aproximadamente 38 milhões de pessoas (Nationalencyklopedin, 2007).

- (13) Raaju tann-a angiy-annu hari-d-a.
 Raju REFL-GEN camisa-ACU rasgar-PST-3sm.
 “Raaju_i rasgou sua_i camiseta.” (Cf. Lidz, 2001: 6a)

Interessantemente, a co-ocorrência de *tann-a* e –koL/ND- remonta uma espécie de passiva:

- (14) Raaju tann-a angiy-annu hari-du-koND-a.
 Raju REFL-GEN camisa-ACU rasgar-PP-REFL-3sm.
 “Raaju_i teve sua_i camiseta rasgada.” (Cf. Lidz, 2001: 6b)

Isso faz-nos lançar a hipótese de que –koL/ND- é a marca de SPR em kannada e que, nessa língua, apesar do SPR cobrir reflexivas canônicas, não cobre a reflexivização dativa. Os anticausativos do Kannada mostram ainda mais a extensão do SPR na língua:

- (15) a. Baagil-u much-i-koND-itu.
 Porta-NOM fechar-PST-REFL-3sn.
 “A porta fechou.”
 b. GaaL-ige baagil-u much-i-koND-itu.
 Vento-DAT porta-NOM fechar-PST-REFL-3sn.
 “A porta fechou com o vento.” (cf. Lidz, 2001: 16a,c)

Sendo assim, mapeamos os contextos da seguinte forma, exemplificando as diferenças entre o kannada e o georgiano:

- (16) *Mapa com adição da Reflexivização Dativa.*

Reflexivação Dativa -i- georgiano	Reflexivas Canônicas	Contextos Médios	Anticausativas	Passivas
-koL/nD- kannada				

Abaixo podem-se observar as línguas com relação à reflexivização dativa:

Família	Língua	Marca	Reflexivização Dativa	Reflexivas Canônicas	Contextos Médios
I.E. Latina	Português	<i>Clítico SE</i>	+	+	+
	Espanhol		+	+	+
	Francês		+	+	+
I.E. Slavica	Russo	-sja	-	-	+
	Polonês	się	-	-	+
	Tcheco	se	+ (si)	+	+
I.E. Germ.	Holandês	zich	-	-	+
	Islandês	-st	-	-	+
I.E.	Grego	Conc.	-	-	+
I.E.	Albanês	Passiva	-	-	+
Sul- Caucasiana	Georgiano	-i-	+	+	+
	Laz	-i-	+	+	+
Semítica	Hebraico	<i>hitpael</i>	-	-	+
Alt. Turqui.	Turco	-Il	-	-	+
Dravídica	Kannada	-KoL-	-	+	(+)

Tabela 2 - Marcas de Contextos Reflexivos e Médios

1.1.2 Os Contextos Médios

Anteriormente distinguimos contextos reflexivos de contextos médios por conta da diferença que se verifica em algumas línguas sobre a ocorrência das marcas de SPR⁴:

(17) a.* On vidit-sja.

(russo)

⁴Dada a sua semelhança com o clítico do português *se*, o morfema *-sja* em russo está glosado como "se" no decorrer desta tese. REFL, por sua vez, indica o pronome reflexivo pleno *sebjja*. Uma discussão sobre as diferenças entre esses dois elementos será trazida no capítulo 4.

- Ele vê-se.
- b. On vidit sebja.
Ele ve REFL
“Ele se vê.”
- c. Ona odevaet-sja.
Ela veste-se.
“Ela está se vestindo.”
- d. Ona odevaet sebja.
Ela veste REFL
“Ela está se vestindo/vestindo a si própria.”
- (18) a. Ele se vê.
b. Ela está se vestindo.

Como se pode observar, em termos de eventos reflexivos, em russo o morfema de SPR (-*sja*) é limitado a alguns tipos de verbos enquanto que em português o *se* pode reflexivizar qualquer verbo. Essa diferença foi vista em Haiman (1986) e a explicação provém do fato de que verbos como *ver* e *vestir-se* fazem parte de classes diferentes. Enquanto *ver* é um verbo transitivo canônico, *vestir-se* encontra-se mais no nível da reflexividade inerente⁵, tanto que em algumas línguas, como o inglês, o verbo pode apresentar-se como intransitivo:

- (19) a. Ane is dressing herself.
Ana está vestindo REFL.
- b. Ane is dressing.
Ana está vestindo.
“A Ana está se vestindo.”

Em Kemmer (1993) e Maldonado (1999) verbos como *vestir-se* pertencem a um grande domínio de significados, denominado Domínio Médio. Sua definição se dá em termos cognitivos e, em oposição a transitivos e reflexivos, os verbos do Domínio

⁵Em Reinhart & Reuland (1993) essa classe de verbos é denominada verbos lexicalmente reflexivos.

Médio apresentam uma entidade que é, por si só, fonte e destino de energia. Abaixo seguem os modelos de conceitualização para ilustrar:

- (20) a. Evento Transitivo:

- b. Evento Reflexivo:

- c. Evento Médio:

A diferença entre reflexivos como *ver-se* e reflexivos como *vestir-se* pode ser vista acima em (20b,c). Um evento do tipo *ver-se* segue a conceitualização reflexiva, que segue um quadro transitivo com duas entidades envolvidas: fonte e destino da energia, sendo que essas entidades estão co-indexadas. Já um evento do tipo *vestir-se* supõe uma única entidade atuando sobre si mesma. Para Kemmer (1993) há um conjunto de contextos que fazem parte do Domínio Médio:

- (21) *Realizações típicas do Domínio Médio:*

- a. Verbos de cuidado pessoal: *vestir-se, lavar-se, barbear-se*.
- b. Movimento não-translacional: *esticar-se, virar-se, dobrar-se*.
- c. Mudança da postura corporal: *sentar-se, ajoelhar-se, deitar-se*.
- d. Movimento translacional: *ir, voar, subir*.
- e. Eventos naturalmente recíprocos: *falar-se, abraçar-se*.
- f. Médias indiretas: *adquirir, pedir, desejar, tomar para si*.
- g. Média emocional: *amedrontar-se, enraivecêr-se, aterrorizar-se*.
- h. Atos de fala emotivos: *reclamar, lamentar-se*.
- i. Média cognitiva: *cogitar, refletir, considerar, ponderar, meditar*.
- j. Eventos espontâneos: *desaparecer, surgir, ocorrer*.
- l. Construções facilitadoras: “*feijão cozinha devagar*.”

Com base nesse quadro, tanto Kemmer (1993) e Maldonado (1999), como outros autores (por exemplo, Doron & Rappaport-Hovav, 2011) têm tentado explicar o SPR não como um sincretismo, mas como um morfema marcando o Domínio Médio ou Voz Média.

É importante que se tenha em conta, no entanto, a heterogeneidade dessa classe e que nem todos os contextos característicos do Domínio Médio são realizados por meio da mesma morfologia.

Em algumas línguas, como o turco (Haspelmath, 2003; Kemmer, 1994) e P'orpecha (Maldonado, 2009) há mais de uma marca utilizada para marcar o Domínio Médio. Por exemplo, em turco, as marcas -İş, -İl e -In distribuem-se de acordo com os contextos deste domínio: verbos de cuidado pessoal e de movimento corporal são marcados por -In; verbos recíprocos (naturalmente recíprocos), por -İş. Além disso, os verbos anticausativos, as construções facilitadoras e as passivas são marcadas por -İl.

Verificam-se também importantes diferenças de comportamento entre verbos anticausativos (espontâneos) e os demais desse domínio. Essas diferenças foram discutidas principalmente em Reinhart (2000) e Reinhart & Siloni (2005). Por exemplo, entre eventos espontâneos e verbos de cuidado pessoal há diferenças de comportamento sintático, o que mostra que esses verbos não podem ser da mesma classe. Em russo, abaixo, verbos espontâneos podem apresentar sujeito no caso genitivo em negações, ao passo que verbos de cuidado pessoal, não.

- (22) a. Ne objavilo-sj student-ov.
 Não apareceram-se alunos-GEN.
 “Os alunos não apareceram.”
- b.* Ne pomylo-sj student-ov.
 Não lavaram-se alunos-GEN.
 “Os alunos não se lavaram.”

(cf. Reinhart & Siloni, 2005: 19)

Em hebraico o fenômeno é semelhante, só que está relacionado à ordem Verbo-Sujeito, que só é permitida em eventos espontâneos⁶:

- (23) a. Hit'alfu šloša xayalim ba-hafgana.
 Hit.Morreram três soldados na manifestação.
 “Morreram três soldados na manifestação.”
- b.* Hitlabšu šaloš dugmaniyot ba-knisa.
 Hit.Vestiram-se três modelos na entrada.
 “Três modelos vestiram-se na entrada.”

(Cf. Reinhart & Siloni, 2005: 17d,e)

Até o momento, portanto, os Contextos Médios foram divididos em Contextos Médios e Anticausativos (cobrindo os eventos espontâneos⁷). Apesar de apresentar uma limitação nos verbos em que ocorre, verbos de Contextos Médios apresentam o mesmo tipo de comportamento sintático que os verbos de Reflexivas Canônicas que exibem marcas de SPR. Será possível observar isso ao final do Capítulo 4, em que abordo a distribuição do SPR para contextos reflexivos. Dessa forma, salvo no final do Capítulo 4, não será levada em conta – para a análise trazida nesta tese – a distinção entre Reflexivas Canônicas e Contextos Médios.

1.1.3 O Domínio Passivo

Algumas línguas permitem que a mesma marca encontrada em anticausativas e reflexivas passivize o verbo, significando que há um agente no evento e que este pode, em alguns casos, ser realizado por um sintagma preposicional (PP):

- (24) a. I porta anix-ike apo ton klidhara. (grego)
 A porta abrir-NAT.AOR.3s por o chaveiro.
 "A porta foi aberta pelo chaveiro."

⁶A glosa *hit* para o hebraico indica que o verbo está no padrão *hitpael*, que constitui a marca de SPR da língua.

⁷Não há diferença entre eventos espontâneos e anticausativos do ponto de vista sintático, desde que trate-se de verbos que exibem a marca de SPR. A relação entre espontaneidade e anticausatividade ficará mais clara no Capítulo 3.

- b. Saxl-i da-i-xat'-a mzat'var-is mier. (georgiano)
 Casa-NOM PVB-VPR-desenhar-3s artista-GEN por.
 "A casa foi desenhada pelo artista."
- c. Hér dōma-sk opt goðir af illum. (nórdico⁸)
 Aqui julgar-se frequentemente bom de mau.
 "Aqui os bons são frequentemente julgados pelos maus."

Outras línguas não permitem isso, requerendo outras estratégias para a passivização:

- (25) a. * A porta abriu-se pelo chaveiro.
 b. A porta foi aberta pelo chaveiro
 c.* Die Tür öffnete sich von den Schlosser. (alemão)
 A porta abriu se por o chaveiro.
 d. Die Tür wurde von den Schlosser eröffnet.
 A porta foi por o chaveiro aberta.
 "A porta foi aberta pelo chaveiro."

Também é interessante como algumas línguas permitem que a marca de SPR ocorra em verbos intransitivos do tipo inergativo como estratégia de impessoalização e outras, não:

- (26) a. Trabalhou-se muito nesses dias.
 b. Tu sa hovori ponemecky. (eslovaco⁹)
 Aqui se fala em alemão.
 "Aqui, fala-se alemão."
 c.* Duléps-ike polí tonteleftéokeró. (grego)
 Trabalhar-NAT.AOR.3s muito ultimamente.

É possível dividir o Domínio Passivo em três tipos de construções¹⁰: as passivas deagentivas, as passivas impessoais e as passivas canônicas. O primeiro caso cobre

⁸Nórdico Antigo, cf. Steblin-Kamenskij, 1953: 240.

⁹Cf. Geniusiene (1987: 146b)

verbos transitivos que, com a marca de SPR, apresentam um agente não expresso na oração, mas interpretado como uma entidade vaga. Leituras impessoais são possíveis nesses casos também. As passivas impessoais envolvem realizações da marca de SPR em verbos intransitivos (inergativos e inacusativos). A leitura para essas construções é sempre impessoal. Passivas canônicas envolvem construções com a marca de SPR que introduzem um agente via preposição (*by-phrase*). A tabela abaixo mostra a marcação desses contextos com marcas de SPR entre as línguas:

Família	Língua	Marca	P. ¹¹ Deagent.	P. Impess.	P. Canônica
I.E. Românica	Português	se	+	+	-
	Espanhol	se	+	+	-
	Italiano	si	+	+	-
	Romeno	se	+	+	-
	Francês	se	+	-	-
I.E. Germânica	Alemão	sich	-	-	-
	Holandês	zich	-	-	-
	Islandês	sig	-	-	-
	Dinamarquês	sig	-	-	-
	Norueguês	seg	-	-	-
	Islandês	-st	+	+	-
	Dinamarquês	-s	+	+	+
	Norueguês	-s	+	+	+
I.E. Eslava	Tcheco	se	+	+	-
	Croata	se	+	+	-
	Polonês	się	+	+	-
	Russo	-sja	+	(+)	+
I.E. Isolada	Grego	concordância	+	-	+
	Albanês	concordância	+	-	+
Sul- Caucasiana	Georgiano	-i-	+	-	+
	Laz	-i-	+	+	-
Altaica	Turco	-Il-	+	+	+
Semítica	Hebraico	<i>hitpael</i> ¹²	+	-	+

¹⁰Trabalhos tipológicos sobre passivas (Shibatani, 1985 ou Haspelmath, 1990, por exemplo) apresentarão diversos tipos de contextos denominados "Passivas". Isso ocorre como tentativa de generalizar uma série de fenômenos como sendo "Passivos" de certa forma. Neste trabalho, no entanto, é importante manter a distinção: contextos passivos envolvem um agente, diferentemente de anticausativos, por exemplo.

¹¹P. representa "passiva".

Tabela 3 - SPR no Domínio Passivo

O que a tabela mostra é que, diferentemente do domínio reflexivo, não há como organizar as construções passivas de uma forma que se veja uma interdependência da ocorrência das construções. É possível observar que tanto as passivas impessoais, como as canônicas só são marcadas com o morfema de SPR em uma língua se as passivas deagentivas são assim marcadas. No entanto, não há dependência entre as passivas impessoais e as canônicas. Isso mostra que há mais de um fator interagindo na distribuição do SPR nesse domínio. Nesta tese concluímos que há, na verdade, três e estão relacionados a propriedades sintáticas da língua e à apresentação morfológica da marca sincrética (se é clítico, pronome fraco ou afixo). Isso será apresentado no próximo capítulo e detalhado no Capítulo 5.

1.1.4. Ausência de Marcas e Línguas sem SPR.

Até agora, buscamos mapear os contextos de ocorrência do SPR em diversas línguas. No entanto, ao lidar com a presença desse tipo de marca sincrética não foi mencionado nada a respeito de sua ausência. Por exemplo, em grego moderno, apresentado abaixo, era esperado que a contraparte intransitiva fosse marcada por concordância não-ativa. No entanto, ao invés de ocorrer com a marca esperada (não-ativa) para a terceira pessoa no aoristo, *-ike*, o dado permanece com a concordância ativa para esse tempo e pessoa, *-e*.

(27) Grego Moderno

- a. O Iannis adias-e ti sakula.
 O João esvaziar-3s.AOR.AT a sacola.
 “O João esvaziou a sacola.”
- b. Ti sakula adias-e.
 A sacola esvaziar-3s.AOR.AT.
 “A sacola esvaziou-se.”

(Alexiadou & Anagnostopoulou, 2004: 11)

¹²Passivas em Hebraico com o padrão sincrético *hitpael* ocorrem em um número limitado de verbos. A língua dispõe de outro padrão para a formação de construções passivas, que é o mais produtivo. Para maiores detalhes, ver Doron (2003).

Interessantemente, a presença da concordância ativa não permite leituras passivas para o mesmo tipo de verbo:

- (28) a. * Ti sakula adias-e apo ton Petro.
 A sacola esvaziar-3s.AOR.AT por o Pedro.
 “A sacola foi esvaziada pelo Pedro.”
- b. Ti sakula adias-tike apo ton Petro.
 A sacola esvaziar-3s.AOR.NAT por o Pedro.
 “A sacola foi esvaziada pelo Pedro.”

Fenômeno idêntico pode ser visto em georgiano abaixo. O verbo *tbeb* (esquentar) não requer a vogal -i- em sua versão anticausativa. Contudo, esse verbo não pode sofrer passivização.

- (29) a. Saxl-i tb-eb-a.
 Água-NOM esquentar-TEMA-3s.
 “A água está esquentando.”
- b.* Saxl-i tb-eb-a bavshv-is mier.
 Água-NOM esquentar-TEMA-3s criança-GEN por.
 “A água está sendo esquentada pela criança.”

Paralelamente à existência de "anticausativos não-marcados" em línguas que apresentam "anticausativos marcados", existem também línguas sem o SPR. São línguas em que ou há de pouca a nenhuma flexão verbal (línguas isolantes ou línguas com alto grau de analiticização), como no caso do cantonês e do inglês, ou línguas que seguem de forma muito estrita o sistema de Casos *ergativo-absolutivo* (cabardiano, adyghe, abecaz, tabasaran, etc) - línguas que podem ser chamadas *línguas ergativas*. As características dessas línguas sem SPR serão cruciais para determinarmos quais são as propriedades que permitem o compartilhamento do mesmo morfema pelos contextos reflexivos, passivos e anticausativos. Como veremos

no Capítulo 3, essa impossibilidade está relacionada às condições necessárias para a existência de construções anticausativas (marcadas) nas línguas.

1.2 Abordagens Anteriores e Problemas

Na seção anterior foi possível generalizar que o SPR ocorre possivelmente em contextos em que há um determinado grau de afetação do sujeito da sentença pelo evento verbal. Embora essa generalização preveja uma possibilidade de marcação morfológica nas línguas, trata-se de algo apenas suficiente para definir o fenômeno, mas não para explicar as causas de sua distribuição e o porquê de apresentar domínios diferentes entre as línguas. E, acima de tudo, por se tratar de uma definição que une semântica (grau de afetação pelo evento verbal) e sintaxe (sujeito), há a necessidade de uma teoria que defina os primitivos desses níveis de análise e como se dá sua interface.

Todo o programa investigativo da Teoria Gerativa em tese supre essa necessidade. Por exemplo, o grau de afetação pelo evento verbal remete ao papel semântico/temático que é atribuído a determinado argumento do verbo, e o conceito sintático "sujeito" pode ser definido como a posição de atribuição/checagem de Caso superior/nominativo ou do traço EPP, a depender da proposta. Nesse caso, a hipótese de explicação do SPR seria a de que uma determinada marca deve ocorrer quando um argumento verbal com papel semântico/temático de afetado ocupa a posição de sujeito na sentença. Essa hipótese tem servido de base para um número considerável de análises de morfemas de SPR em diversas línguas.

1.2.1 A Análise Inacusativa dos Reflexivos

Um fenômeno comumente observado relativo à ocorrência de um argumento verbal semanticamente afetado na posição de sujeito é o da sintaxe dos verbos *inacusativos*, observada em Perlmutter (1976) e Burzio (1982): o verbo, intransitivo, apresenta apenas um argumento, que seria o argumento interno – paciente/tema da ação verbal – e esse é o argumento alçado à posição de sujeito. Uma possibilidade de análise do SPR é condicioná-lo a essa sintaxe: algumas línguas possuem um morfema

que marca a presença de um argumento afetado na posição de sujeito. Esse tipo de explicação teria que considerar, no entanto, que todos os contextos em que o verbo apresenta esse morfema são contextos com sintaxe inacusativa.

Em Marantz (1984) observa-se o início de uma corrente de análise dos verbos reflexivos que se denomina **Análise Inacusativa dos Reflexivos**, AIR. Podemos citar dois fenômenos observados na literatura que relacionam *inacusativos* a reflexivos. Um deles é a seleção de auxiliares do francês (ou italiano): a regra do passado composto é que seja formado com o auxiliar *avoir* (ou *avere*) + particípio, mas verbos inacusativos e reflexivos apresentam, ao invés do auxiliar *avoir*, o auxiliar *être* (*essere*):

- (30) a. Il est arrivé deux garçons.
EXP. é chegado dois garotos.
“Chegaram dois garotos.”
- b. Marie a décrit les oiseaux.
Maria há descrito os pombos.
“A Maria descreveu os pombos.”
- c. Marie s'est décrit.
Maria se.é descrito.
“A Maria se descreveu.”
- d.* Maria s'a décrit.
Maria se.há descrito.

Outro fenômeno apontado em Kayne (1975) diz respeito às construções causativas do francês. Para verbos transitivos (a) e inergativos (c), o agente é projetado com a preposição "à". Isso não ocorre com verbos inacusativos (b) e reflexivos (d):

- (31) a. Je ferai laver Max à Paul.
“Eu farei o Paul lavar o Max.”
- b. Je ferai courir Paul.
“Eu farei o Paul correr.”
- c. Je ferai laver à Paul.
“Eu farei o Paul lavar.”

- d. Je ferai se laver Paul.
 “Eu farei o Paul se lavar.”

Esses fenômenos, em tese, evidenciam a hipótese de que o argumento na posição de sujeito nas reflexivas é um argumento de mesma natureza que o sujeito dos inacusativos: argumento interno.

A AIR apresenta duas versões: uma em que a marca reflexiva é argumental e outra em que é um operador. A primeira, vista nos trabalhos de Kayne (1988), Pesetsky (1995), Sportiche (1998), entre outros, assume que o clítico reflexivo ocupa a posição de argumento externo e o argumento pleno é o argumento interno que é alçado para a posição de sujeito. Esse alçamento do argumento interno pode ser justificado por diversos motivos: princípio A, cliticização que impede o movimento, *v* sem Caso¹³, etc.

A segunda versão assume que a marca reflexiva é um operador que suprime o argumento externo do verbo (Marantz, 1984; Bouchard, 1984) ou que se trata de uma marca da ausência ou restrição do argumento externo (Embick, 1998, 2004; Kallulli, 2008; Doron & Labelle, 2010; Doron & Rappaport-Hovav, 2009, entre outros). A diferença entre o primeiro grupo e o segundo deve-se, principalmente, à introdução da categoria *v*/Voice que não projeta argumentos externos (cf. Kratzer, 1996; Harley, 1995; Marantz, 1997).

No entanto, se há, por um lado, fenômenos que aproximam construções reflexivas de verbos inacusativos, há diversos fenômenos trans-linguísticos que os distanciam. Reinhart & Siloni (2005) em sua proposta contra a AIR apontam alguns. O primeiro deles é a cliticização com *en* em francês (*ne*, italiano). O sujeito (argumento interno) de verbos inacusativos pode ser substituído pelo clítico *en* em francês, contudo, isso não é possível com verbos reflexivos, evidenciando sua natureza distinta:

- (32) a. Il est arrivé deux **garçons** soir.
 EXP é chegado dois garotos no final da tarde.
 “Chegaram dois garotos no final da tarde.”

¹³ *v* ocorrer sem Caso já foi uma possibilidade na literatura ao se assumir *sabores* de *v*, conforme Embick (1998) ou Alexiadou & Anagnostopoulou (2004).

- b. Il **en** est arrivé deux soir.
 EXP cl é chegado dois no final da tarde.
 “Chegaram dois (deles) no final da tarde.”

- (33) a. Il s'est lavé deux **garçons** dans les douches.
 EXP SE.é lavado dois garotos em os chuveiros.
 “Dois garotos se lavaram nos chuveiros.”
- b.* Il s'**en** est lavé deux dans les douches.
 EXP SE.cl é lavado dois em os chuveiros.
 “Lavaram-se dois (deles) nos chuveiros.”

Outros dois fenômenos foram já apresentados e repetem-se abaixo. O primeiro é o do sujeito genitivo em russo, que pode se aplicar a sujeitos de verbos inacusativos, mas não pode se aplicar aos sujeitos de verbos reflexivos:

- (34) a. Ne objavilo-sj student-ov.
 Não compareceram-se alunos-GEN.
 “Os alunos não compareceram.”
- b.* Ne pomylo-sj student-ov.
 Não lavaram-se alunos-GEN.
 “Os alunos não se lavaram.”

(cf. Reinhart & Siloni, 2005: 19)

O segundo é o da ordem VS em hebraico: verbos inacusativos (anticausativos) podem ocorrer em ordem verbo-sujeito, ao passo que verbos reflexivos não podem:

- (35) a. Hit'alfu šloša xayalim ba-hafgana.
 Hit.Morreram três soldados na manifestação.
 “Morreram três soldados na manifestação.”
- b.* Hitlabšu šaloš dugmaniyot ba-knisa.
 Hit.Vestiram-se três modelos na entrada.
 “Três modelos vestiram-se na entrada.”

(Cf. Reinhart & Siloni, 2005: 17d, e)

Por conta desse distanciamento entre reflexivas e verbos inacusativos observado por esses fenômenos, considera-se que a AIR não pode ser a proposta mais explicativa para o fenômeno do SPR. A alternativa para esse tipo de análise encontra-se em Reinhart & Siloni (2005), como se segue adiante.

1.2.2 A Redução Lexical/Sintática:

Reinhart & Siloni (2005), baseando-se em outras propostas (Chierchia, 1989; Grimshaw, 1990; Reinhart, 2000), propõem que verbos reflexivos e inacusativos se identificam morfologicamente por conta de serem resultado da mesma operação de **Redução** de valência verbal. Enquanto, para as autoras, inacusativos são verbos transitivos que sofrem uma redução do argumento externo, reflexivos são verbos transitivos que sofrem uma redução do argumento interno. Dessa forma, reflexivos são tratados como verbos inergativos.

A redução pode ocorrer, a depender da língua, no Léxico ou na Sintaxe. Trata-se de uma parametrização, que também envolve a produtividade da operação de redução bem como a capacidade de reflexivizar o verbo em contextos de Marcação Excepcional de Caso (ECM). A redução lexical é pouco produtiva e não permite reflexivização em contextos de ECM. Já a redução sintática caracteriza-se pelo inverso: produtiva e permite se aplicar em ECM.

Existem três tipos de problemas nesse tipo de proposta, no entanto. O primeiro é com relação à parametrização Léxico/Sintaxe, que tem se mostrado problemática para diversas línguas (Hron, 2006; Lazzarini-Cyrino, 2013). Existem línguas em que há produtividade de reflexivização, mas não há ocorrência da marca em contextos de ECM e vice-versa.

O segundo problema está atrelado ao caráter inergativo das reflexivas. Se, por um lado, uma série de fenômenos podem sugerir que as construções reflexivas não se identificam com os verbos inacusativos, há, ainda, fenômenos que identificam as duas construções e devem ser explicados de alguma forma. Esses são os casos de seleção de auxiliares do francês e do italiano e da introdução do argumento agentivo sem a preposição "à" em construções causativas do francês. Não se pode defender que esses fenômenos estejam relacionados à aplicação da operação de redução, já que ocorrem em verbos inacusativos sem a marca de SPR, como os próprios dados apresentados

anteriormente indicam. A operação de redução necessariamente deve ter efeitos na marcação.

O terceiro problema está na intransitividade das construções reflexivas. Trata-se de uma questão não levada em conta em nenhuma abordagem da marca de SPR enquanto um operador e, no entanto, existem fatos empíricos a favor de uma análise transitiva de verbos reflexivos. Um deles, bastante claro, é com relação à marca -i- do georgiano. Tal marca ocorre tanto em verbos anticausativos (inacusativos), passivos como em reflexivos – sem restrições. Contudo, verbos reflexivos exigem – além da marca – um objeto reflexivo *tav*, que traduz-se literalmente como 'cabeça'.

- (36) a. Zaza-m da-mal-a burt-i. Transitivo
 Zaza-ERG PVB-esconder-3s bola-ABS.
 "O Zaza escondeu a bola."
 b. Burt-i da-i-mal-a. Anticausativo
 Bola-ABS PVB-VPR-esconder-3s.
 "A bola sumiu."
- (37) a. Zaza **tav-s** i-k-eb-s.
 Zaza.NOM REFL-ACU VPR-elogiar-TH-3s3s.
 "O Zaza se elogia."
 b.* Zaza **tav-s** ak-eb-s.
 Zaza.NOM REFL-ACU elogiar-TH-3s3s.
 c. .* Zaza i-k-eb-s.
 Zaza.NOM VPR-elogiar-TH-3s3s.

Os dados acima mostram a necessidade da ocorrência de ambos -i- e *tav* para que haja a construção reflexiva na língua. Se a marca -i- é decorrência de um processo de detransitivização, não há lugar, então, para a ocorrência de *tav*, e, conseqüentemente, o sistema proposto por Reinhart & Siloni (2005) geraria sentenças agramaticais em georgiano.

Outros fatos que sugerem a transitividade das reflexivas relacionam-se ao comportamento da marca. Frigeni (2004), por exemplo, mostra que, em contextos de impessoalização, a marca de SPR em italiano (clítico SE), apresenta um

comportamento sintático argumental. Um dos testes é a capacidade que a marca tem de ser um controlador:

(38) I libri si_i repongono negli scaffali [dopo PRO_iaver-li catalogati].

O livro se repõem na prateleira [depois PRO haver-los catalogados].

"Os livros são repostos na prateleira depois de os catalogarem."

(Frigeni, 2004: 19b)

A não ser que se proponha uma análise homonímica da marca de SPR, se a marca apresenta comportamento claramente argumental em um contexto, deve-se explicar tal comportamento. Doron & Rappaport-Hovav (2009), por exemplo, sugerem que há homonímia no SPR nas línguas românicas, com a marca SE. Existem duas marcas SE na língua, a pronominal, presente em impessoais e reflexivas, e o expoente de um operador de voz média, que licencia contextos anticausativos. O mesmo ocorre em línguas como o holandês e o alemão, que apresentam a marca *zich/sich* que ora atua como anáfora de longa distância (Reinhart & Reuland, 1993) e ora como marca de voz média, licenciando anticausativos e alguns reflexivos em contextos médios.

Análises homonímicas, no entanto, não são desejáveis para um sincretismo que se distribui de forma tão sistemática entre as línguas.

1.2.3 Analisando Valência Verbal com o Sistema Voice/v:

A tendência minimalista de se separar do verbo seu argumento externo por meio de uma categoria mediadora *v* ou Voice (Chomsky, 1995; Kratzer, 1996), constitui um passo importante para as análises das alternâncias de valência verbal. Diversos autores relacionaram as marcas de aumento ou redução da valência dos verbos à expoentes dessa categoria mediadora, que foi tornando-se poderosa na medida em que passou a dar conta não só da presença de um argumento externo - como proposto originalmente - como também da ausência de tal (Harley, 1995; Marantz, 1997; entre outros).

Enquanto esse tipo de proposta é interessante para diversos aspectos da sintaxe, os trabalhos que lidam com a morfologia de valência dentro desse arcabouço não

costumam prever um importante fato que está por trás da maior parte dessas alternâncias: a direcionalidade. Nedjalkov (1969) e Haspelmath (1987, 1993 e 2013) apontam para o fato de que cada verbo em uma língua apresenta uma valência padrão: transitiva/inerativa ou inacusativa. As marcações morfológicas estão relacionadas à alteração dessa valência padrão: decausativização para transitivos e causativização para inacusativos.

Uma proposta que suponha que todos os verbos apresentam uma categoria responsável por licenciar ou não um argumento externo acarreta em comportamento uniforme entre os verbos da língua. Ou todos os transitivos e inacusativos serão marcados, ou nenhum transitivo é marcado e todos os inacusativos o são ou, por fim, nenhum inacusativo é marcado e todos os transitivos o são. Somente o último tipo de língua é encontrado na realidade: línguas verdadeiramente ergativas. Nas demais línguas, ocorre uma mistura dos três casos: alguns verbos têm suas contrapartes transitivas marcadas, outros, suas contrapartes inacusativas, e outros, ainda, apresentam marcas nos dois casos. Esses fenômenos serão abordados em detalhe no Capítulo 2.

Outro problema relacionado à abordagem da morfologia das alternâncias de valência como sendo expoentes de categorias mediadoras entre verbo e argumento externo é a apresentação morfológica das marcas de valência. Marcas de alternâncias decausativas, que constituem, em geral, as marcas de SPR, são sempre formas morfológicamente dependentes: clíticos, afixos ou pronomes fracos.

Língua	Forma	Transitivo	Anticaus.	Língua	Forma	Transitivo	Anticaus.
Português	<i>se</i>	quebrou	quebrou-se	Turco	<i>-il-</i>	yık-dı <i>destruiu</i>	yık-ıl-dı
Russo	<i>-sja</i>	otkryl <i>abriu</i>	otkryl-sja	Georgiano	<i>-i-</i>	da-mal-a <i>escondeu</i>	da-i-mal-a <i>desapareceu</i>
Árabe	<i>ta-/in-</i>	baddala <i>mudar</i>	ta-baddala	Finlandês	<i>-ua/-</i> utua	avata <i>abrir</i>	ava-utua
Hebraico	<i>ni-/hit-</i>	patah <i>abrir</i>	ni-ftah	Udmurt ¹⁴	<i>-sky-</i>	vostyny <i>mudar</i>	vosi-sky-ni.
Otomi ¹⁵	<i>ni-</i>	tsi ^h -ti <i>balançar</i>	ni-tsi ^h -ti				

Tabela 4 - Apresentação Morfológica das Marcas Decausativas

¹⁴ Língua urálica (Cf. Haspelmath, 1993).

¹⁵ Língua indígena do México (Cf. Maldonado, 2009).

Já marcas de alternâncias causativas podem apresentar quaisquer formas morfológicas.

Língua	Marca	Intrans.	Transitivo	Língua	Marca	Intrans.	Transitivo
Telugu	-c	kaalu <i>queimar</i>	kaalu-c	Indonésio	me-	tutup <i>parar</i>	me-nutup
Francês	<i>faire</i> (v)	fondre <i>derreter</i>	fairefondre	Cantonês	dou (partícula)	kong <i>aumentar</i>	dou x kong

Tabela 5 - Apresentação Morfológica das Marcas Causativas

O fato é que a categoria sintática de um elemento não restringe sua apresentação morfológica, de modo que o expoente de qualquer categoria funcional pode ser tanto uma palavra independente como um afixo. Dessa forma, existe alguma propriedade que diferencia a derivação da causativização da derivação da decausativização, restringindo a apresentação morfológica das marcas da segunda. Isso não tem sido levado em conta na literatura.

1.3 A Proposta desta Tese

Esta tese apresenta respostas para três questões com relação ao SPR por meio da abordagem teórica aqui proposta. Em primeiro lugar, explica-se o porquê da sistemática recorrência do SPR em tantas línguas. Apesar de ter uma notável presença entre as línguas indo-européias, o SPR também está presente em línguas de outras famílias não relacionadas entre si. Dessa forma, é necessário que a explicação dessa recorrência não se baseie em mecanismos *ad-hoc*, mas sim em alguma propriedade geral das línguas.

Para responder essa questão, porém, é importante responder a segunda questão: qual é o estatuto que se pode atribuir às marcas sincréticas dentro de uma abordagem teórica? Na seção anterior, foi criticada a frequente abordagem dessas marcas na literatura como sendo expoentes de categorias funcionais, operadores, em vez de argumentos. Aqui, mostramos que compreender essas marcas como apresentando propriedades argumentais é crucial para se explicar a recorrência do sincretismo.

Além disso, é possível também responder a terceira questão: por que os contextos cobertos pelo SPR são diferentes entre as línguas e o que determina a extensão do sincretismo a cada contexto.

Nesta seção, introduzo os aspectos fundamentais da análise desenvolvida neste trabalho: (i) a adoção de um modelo teórico que trate morfologia e sintaxe como computadas no mesmo componente da gramática; (ii) o estatuto das marcas encontradas no sincretismo e a sua causa e (iii) os dois momentos em que um nó terminal pode se tornar morfologicamente dependente.

1.3.1 Morfologia Distribuída

Um importante fenômeno que desfavorece a abordagem puramente **Lexicalista** do SPR foi apresentado em Reinhart & Siloni (2004), com relação à presença das marcas reflexivas de muitas línguas em contextos de ECM. Essas mesmas marcas reflexivas são compartilhadas também por verbos anticausativos, como se pode observar com o próprio *se* do português:

- (39) a. A porta se abriu.
 b. O João se machucou.
 c. O João se considera inteligente.

Para uma abordagem Lexicalista, o desafio da ocorrência de *se* em uma construção de ECM é o fato de que *se* é um argumento do predicado secundário (inteligente) e não do verbo *considerar*. Dessa forma, se há uma operação lexical de reflexivização, como por exemplo denominada redução, proposta em Chierchia (1989), essa operação não teria acesso ao predicado secundário, que estaria fora do domínio do item lexical verbal. Os casos de ECM evidenciam, portanto, que, no caso do SPR, a abordagem puramente lexicalista não apresentará resultados suficientes.

Há outros fenômenos nesse mesmo sentido que serão apresentados oportunamente, como, por exemplo, a interação do **Parâmetro Pro-Drop** com a realização da marca em construções impessoais, ou a realização da marca em anáforas de longa distância. Se a descrição desses fenômenos estiver correta, a análise Lexical

do SPR não é viável. Dessa forma, opta-se por analisar a marca como expoente de uma categoria sintática.

Nesse sentido, a teoria da Morfologia Distribuída (doravante, MD) representa um importante avanço no sentido de se lidar com a interação entre morfologia e sintaxe. Trata-se de uma teoria que se desfaz do léxico enquanto um componente gerativo e propõe que toda a computação relevante para termos de competência linguística se dá na sintaxe. O importante dessa teoria no que diz respeito à interação morfologia-sintaxe é, por um lado, que ambos os níveis seguem a mesma estrutura hierárquica e, por outro, que o conteúdo fonológico das derivações é inserido apenas após a derivação sintática relevante para o encaminhamento da estrutura para as interfaces (*Spell Out*). Essa última propriedade é denominada Inserção Tardia.

O material fonológico é inserido na estrutura previamente a seu encaminhamento para PF, mas após (i) a computação sintática estrita (*Spell Out*) e (ii) a aplicação de operações morfológicas, tais como empobrecimento, *merger* morfológico, cópia de traços, etc. Essas operações são o que garante as assimetrias vistas entre sintaxe e morfologia nas línguas (cf. Halle & Marantz, 1994; Halle, 1997; Bobaljik, 2004; entre outros). Após essas etapas, portanto, regras de correspondência denominadas Itens de Vocabulário se aplicam a cada nó terminal inserindo o conteúdo fonológico. Os Itens de Vocabulário se aplicam segundo o princípio da Subespecificação: será inserido o Item de Vocabulário mais específico em termos de traços para cada nó terminal, e não o que coincidir exatamente com o nó terminal.

A propriedade de Subespecificação da Morfologia Distribuída é essencial para a análise de sincretismos e este trabalho se vale disso para dar conta do SPR.

1.3.2 O Estatuto das Marcas de SPR

Marcas de SPR são aqui consideradas como apresentando o mesmo estatuto das variáveis em construções reflexivas. Essa abordagem está baseada em um tipo de concepção sobre marcas reflexivas encontrada em Heinat (2006) que as considera

como DPs que adentram na derivação sem traços-fi valorados¹⁶. A valoração desses traços se dá na presença de um antecedente c-comandando tal DP.

Esse tipo de concepção permite propostas como a de Schäfer (2007) para as marcas de verbos anticausativos do alemão. Para o autor, enquanto marcas reflexivas são variáveis na posição de argumento interno, que podem ter seus traços valorados pelo argumento externo do verbo, marcas de verbos anticausativos são variáveis na posição de argumento externo. Nessa posição, as variáveis não apresentam antecedente elegível para valorar seus traços-fi. Esse tipo de ocorrência resulta em expletivização e, portanto, não interpretação do papel temático externo do verbo, derivando o tipo de leitura vista em verbos anticausativos.

A extensão dessa análise para as demais línguas garante a explicação do sincretismo entre reflexivas e anticausativas. No entanto, ainda não há como explicar as ocorrências da marca em construções passivas e impessoais dessa forma.

Construções passivas e impessoais, ao contrário dos verbos anticausativos, envolvem a manutenção do papel temático externo (cf. Doron, 2013). Para explicar o compartilhamento das marcas de anticausativos em construções passivas e impessoais seria necessário atrelar um papel temático a essas marcas. Se essas marcas são variáveis, na posição de argumento externo elas não apresentarão nenhum valor que as permita obter um papel temático.

Por outro lado, se abordamos marcas de construções passivas/impessoais como expoentes de um pronome impessoal, é possível obter uma análise. Pronomes impessoais podem ser caracterizados, segundo Sigurðsson & Egerland (2009), por apresentar o traço +HUMANO. Esses pronomes podem obter diferentes interpretações: genérica, arbitrária (exclusiva) ou específica (inclusiva). Veja abaixo:

- (40) a. Para encontrar a estação, **você** primeiro vira à direita. (Genérico)
 b. **pro** Estão em greve no hotel. (Arbitrário)
 c. A gente foi para lá inutilmente. (Específico)

Essas diferentes leituras, segundo Sigurðsson & Egerland (2009) são derivadas de acordo com a presença/ausência de traços de pessoa no pronome:

¹⁶ A forma como se refere às propostas de outros autores é meramente didática, visando à breve apresentação dos conceitos relevantes para, também brevemente, introduzir a análise apresentada nesta tese. Dessa forma há algumas imprecisões propositais.

- (41) a. Genérico = +HUMANO...
- b. Arbitrário = +HUMANO, -LOCUTOR, -OUVINTE...
- c.a. Específico.1P = +HUMANO, +LOCUTOR, -OUVINTE...
- c.b. Específico.2P = +HUMANO, -LOCUTOR, +OUVINTE...
- c.c. Específico.3P = +HUMANO, -LOCUTOR, -OUVINTE, +ESPECÍFICO...

Isso se aplica a pronomes impessoais em geral. No caso das marcas passivas/impessoais uma implementação importante é vista em D'Alessandro (2007). É frequentemente observado na literatura (Cinque, 1995; Rivero, 2002; Nakipoglu-Demiralp, 2001; entre outros) que as diferentes leituras para impessoais formados com marcas de SPR estão relacionadas ao aspecto da oração. Nesse sentido, D'Alessandro (2007) propõe que essas marcas são variáveis no que diz respeito aos traços de pessoa, e esses traços podem ser valorados em um nó de Ato-de-Fala (*Speech Act*). Nesse sentido, o que diferenciaria marcas decausativas de marcas passivas/impessoais, a princípio, seria o traço +HUMANO na última. Isso será discutido brevemente no próximo capítulo e, em detalhes, no Capítulo 5. O que é importante no momento é que as marcas em construções reflexivas, anticausativas e passivas/impessoais compartilham do fato de não terem valores para traços de pessoa disponíveis desde a numeração. Estes são valorados ou não durante a derivação.

O sincretismo, portanto, pode ser explicado pela existência de itens de vocabulário específicos para traços de pessoa que não vieram valorados desde a numeração. Isso implica, obviamente, uma distinção na ontologia dos traços valorados desde a numeração e dos traços não-valorados desde a numeração, mas essa distinção acaba por ser crucial também na distinção entre expoentes fonológicos de sondas e alvos.

1.3.3 Dependência Morfológica

Uma propriedade essencial das marcas de SPR é a sua dependência morfológica, como já foi mencionado. A dependência morfológica, conforme será argumentado no decorrer da tese, é uma condição necessária para a marcação de verbos anticausativos. Essa condição se dá pelo fato de as marcas de verbos

anticausativos serem, segundo Schäfer (2007), variáveis não-ligadas, ou – em termos de traços – anáforas que, por ocuparem a posição de argumento externo, não apresentam seus traços-fi valorados no decorrer da derivação. Uma possível consequência disso é a ausência de marcação de Caso nessas variáveis. Essa ausência desencadeará, conforme apresenta-se no próximo Capítulo, um problema com relação ao algoritmo de **Rotulação** (*labeling*) (Cf. Saito, 2014; Chomsky, 2013). Esse problema só poderá ser sanado se a marca estiver dentro do domínio morfológico de outro elemento na estrutura, mais particularmente, o verbo.

Uma consequência disso é que as línguas só podem apresentar marcas de verbos anticausativos se elas apresentam variáveis morfológicamente dependentes, ou seja, se há, por exemplo, anáforas ou pronomes/marcas impessoais que são clíticos, pronomes fracos ou afixos. Dessa forma, todas as marcas de verbos anticausativos são sincréticas.

Seguindo o modelo da MD, que assume que a computação sintática também se aplica à estrutura das palavras, assumimos que formas morfológicamente dependentes podem ser geradas em dois momentos da derivação. O momento mais óbvio é durante a derivação sintática, pelo processo de Movimento de Núcleo (Travis, 1984; Baker, 1988; Matushansky, 2006). A outra possibilidade é a reanálise pós-sintática, por meio da operação de Deslocamento Local (Embick & Noyer, 2001). Essa operação se dá após a inserção de expoentes fonológicos e não leva em conta propriedades sintáticas dos nós terminais, mas sim, adjacência linear.

As marcas de SPR apresentam comportamentos diferentes de acordo com o tipo de reanálise morfológica que sofrem. No caso de incorporação sintática (movimento de núcleo), as marcas não ocorrem em contextos de reflexivização em ECM e permitem a projeção de agentes da passiva, além de não dependerem de propriedades como *Pro-Drop* para a ocorrência em passivas impessoais. No caso de reanálise pós-sintática (Deslocamento Local), existem duas possibilidades, de acordo com a estrutura interna da marca (cf. Cardinaletti & Starke, 1996): a derivação de um clítico ou de um pronome fraco. Essas marcas podem ocorrer em reflexivização de ECM e não permitem a projeção de agentes da passiva. Além disso, são bastante sensíveis ao Parâmetro *Pro-Drop*, que determina sua ocorrência em passivas impessoais ou não.

1.4 Estrutura desta Tese

Este capítulo introdutório teve a intenção de apresentar ao leitor uma figura bastante geral do objeto de pesquisa e da forma como será abordado no decorrer dos capítulos. O restante desta tese estará focado em buscar generalizações sobre o SPR e analisar seu comportamento sistemático entre as línguas. Para isso, o trabalho conta com mais 4 capítulos.

O Capítulo 2 abordará a análise de forma geral, detalhando os aspectos técnicos essenciais que foram abordados na seção 1.3 deste capítulo. O Capítulo 3 detalha e analisa o cerne do SPR, os verbos anticausativos e como são derivados. O Capítulo 4 realiza o mesmo para com os contextos reflexivos, que constituem a extensão mais comum, embora não necessária, das marcas de SPR. Por fim, o Capítulo 5 aborda as demais extensões do SPR, que constituem-se de contextos passivos/impessoais.

Acredita-se que esta tese traz, mais do que uma resposta para o problema do SPR, um ponto de partida para a sua investigação como um problema de interface morfologia-sintaxe. Dessa forma, termino com um sexto Capítulo, de considerações finais, onde se trazem – além de uma síntese das conclusões dessa pesquisa – algumas questões que podem ser levadas em conta por trabalhos que busquem continuar a investigação do fenômeno nas linhas aqui propostas.

CAPÍTULO 2

Derivando o Sincretismo

Este capítulo traz uma visão geral da análise que se propõe no decorrer desta tese para o SPR entre as línguas. Apresentam-se aqui as principais características desse sincretismo morfológico e como ele pode ser analisado de maneira uniforme tendo em conta as especificidades de cada língua. A análise proposta trata as marcas vistas em verbos anticausativos, reflexivos e passivos/impessoais como argumentos que adentram a derivação sintática sem valores para seus traços-fi. Esses traços podem ser valorados por outros DPs referenciais, atribuindo a esse argumento a interpretação anafórica vista em reflexivos, ou podem não ser valorados durante a sintaxe estrita (*narrow syntax*), resultando em expletivos vistos em verbos anticausativos (Cf. Schäfer, 2007). Pode ocorrer também que a marca adentre a derivação com os traços parcialmente valorados, o que derivará construções passivas/impessoais (D'Alessandro, 2007), conforme será apresentado adiante. Seguindo o modelo da MD, propõe-se aqui que o sincretismo depende da existência de um item de vocabulário especificado para variáveis e que essas sejam morfológicamente dependentes.

O capítulo está organizado da seguinte forma. Primeiro discutem-se, na seção 1, algumas propriedades gerais das marcas sincréticas, que são: direcionalidade, argumentalidade e dependência morfológica. Essa discussão fornece uma base para se apresentar, na seção 2, a proposta de análise, baseada em Schäfer (2007), para o sincretismo entre construções reflexivas e verbos anticausativos. Na seção 3, mostra-se como essa análise pode se estender ao sincretismo também visto em construções passivas e impessoais. Discute-se brevemente o estatuto das marcas nessas construções e apresentam-se alguns fatores sintáticos que licenciam a distribuição das marcas vistas em verbos reflexivos/anticausativos entre as construções passivas e impessoais. Finalmente, na seção 4, a dependência morfológica das marcas é discutida, com base em desenvolvimentos recentes da Teoria Gerativa, relacionados a Caso e rotulação (Chomsky 2013, Saito 2014). Também mostra-se que as marcas

podem ser incorporadas ao verbo durante a derivação sintática (via movimento de núcleo e pseudo-incorporação) ou após a inserção de vocabulário (via deslocamento local), produzindo diferentes distribuições do sincretismo.

2.1 Propriedades das Marcas Passivo-Reflexivas

Antes de lidar com a análise proposta no decorrer desta tese, apresento aqui as propriedades básicas da morfologia passivo-reflexiva que fundamentam minha abordagem. A seção está dividida em três partes, lidando, cada uma, com diferentes propriedades: direcionalidade, argumentalidade e dependência morfológica.

2.1.1 Direcionalidade

Marcas morfológicas compartilhadas por contextos anticausativos, reflexivos e, possivelmente, passivos são marcas que ocorrem em alternâncias de redução de valência **direcionais** no sentido de Haspelmath (1987). Isso as opõe às marcas vistas em verbos intransitivos de alternâncias **equipolentes**.

De acordo com observações tipológicas, alternâncias de valência podem ser de dois grandes tipos: **não-direcionais** e **direcionais**. O primeiro tipo é caracterizado pela ausência de especificidade da base verbal para transitividade. Alternâncias não-direcionais dividem-se em dois tipos: alternâncias **lábeis**, em que essa base não é marcada em nenhum contexto de valência em que ocorre (transitivo/intransitivo)¹⁷, e alternâncias **equipolentes**, em que a base é marcada em qualquer contexto de valência em que ocorre: marcada quando transitiva e marcada quando intransitiva. Vejamos o exemplo do persa abaixo, em que destacamos um caso de alternância equipolente:

- (42) a. Kimea kare ab kard.
Kimea manteiga derreter TRANS.
"Kimea derreteu a manteiga."

¹⁷ Há muitos casos de alternâncias lábeis em português brasileiro: João secou a roupa./A roupa secou. Maria abriu a porta./A porta abriu. Pedro desamarrou o cadarço./O cadarço desamarrou.

- b. Kare ab shod.
 Manteiga derreter INTRANS.
 "A manteiga derreteu(-se)."

Esse tipo de alternância é frequentemente visto em línguas como persa, hindí-urdo, húngaro e japonês e é notável que o morfema que marca intransitividade nesses casos nunca é sincrético com reflexivas¹⁸.

Alternâncias direcionais, por outro lado, tomam uma base já específica para valência: uma base transitiva ou intransitiva. Marcas são adicionadas à base, nesse caso, para adicionar ou reduzir sua valência. Os dados do turco abaixo ilustram esse tipo de alternância:

(43) *Alternância Direcional Causativa (Base Intransitiva)*

- a. Araba dur-du.
 Carro parar-PRET.
 "O carro parou."
 b. Polis araba-yı dur-**dur**-du.
 Polícia carr-acu parar-CAUS-PRET.
 "A polícia parou o carro."

(44) *Alternância Direcional Decausativa (Base Transitiva)*

- a. Kapı kapa-dı-m.
 Porta-ACU fechar-PRET-1s.
 "Eu fechei a porta."
 b. Kapı kapa-n-dı.
 Porta fechar-DECAUS-PRET.
 "A porta fechou."

Diferentemente das marcas intransitivas de alternâncias equipolentes, marcas decausativas em alternâncias direcionais podem ocorrer, a depender da língua, em

¹⁸As construções intransitivas de alternâncias equipolentes podem, no entanto, ser identificadas como uma espécie de construção passiva.

contextos passivos/impessoais, reflexivos e outros contextos, configurando o SPR. Abaixo seguem exemplos do russo, mostrando essa distribuição:

- (45) a. Petr otkryl okno.
Pedro abriu janela.
"O Pedro abriu a janela."
b. Okno otkrylo-sj
Janela abriu-DECAUS.
"A janela abriu."
- (46) a. Petr pobril-sja utrom.
Pedro barbeou-REFL manhã.
"Pedro barbeou-se de manhã."
b. Kniga chitala-sj student-ami.
Livro leu-PASS estudante-pl.por.
"O livro foi lido pelos estudantes."
c. Mne ne idet-sja tuda legko.
Mim não ir-IMPESS lá facilmente.
"Para mim não se vai facilmente para lá."

É importante notar que, apesar da direcionalidade ser uma condição necessária para o sincretismo passivo-reflexivo, não é uma condição suficiente. Algumas línguas apresentam marcas de alternâncias direcionais decausativas, mas não as compartilham com construções reflexivas (turco), por exemplo, ou com passivas (fula). Isso será discutido com mais detalhe nos próximos capítulos.

A propriedade mostrada nesta seção é relevante no sentido de que é uma evidência contrária para análises da marca de SPR como expoente de uma mesma categoria funcional que licencia ou não argumentos externos. Falando de forma mais específica, assumindo-se em Teoria Gerativa que há uma categoria *v* responsável pela projeção ou não de argumentos externos para os verbos (Harley, 1995; Embick, 1998, Alexiadou & Anagnostopoulou, 2004), essa categoria estaria derivando alternâncias equipolentes e não alternâncias direcionais: *v* especifica a valência do verbo.

Para as alternâncias direcionais serem derivadas nesse tipo de sistema, seria necessário assumir que um valor de *v* não teria expoente fonológico: por exemplo,

alternâncias decausativas envolveriam um *v* que projeta argumentos externos (gerando verbos transitivos) sem realização fonológica. Esse tipo de análise seria elegante se, e somente se, todos os verbos de uma língua estivessem sujeitos a um único tipo de alternância. O que vemos, no entanto, é que a imensa maioria das línguas apresenta pelo menos dois dos tipos de alternância mencionados.

A dificuldade de se lidar com a convivência de vários tipos de alternância em uma análise que prevê equipolência (sistema *v* em discussão nestes parágrafos) será discutida com mais detalhe no próximo capítulo.

2.1.2 Argumentalidade

Foi visto que a marca compartilhada por contextos anticausativos, passivos e reflexivos, entre outros, não pode ser analisada como expoente de um valor intransitivo de uma categoria funcional como *v*. Nesta seção, mostra-se que o tipo de marca sincrética em questão, na verdade, não pode ser expoente de uma categoria funcional, mas sim de argumentos do verbo.

A direcionalidade das alternâncias foi um ponto de partida para se iniciar a considerar a hipótese de que marcas decausativas são, na verdade, argumentos do verbo. Há outros fatos que sugerem isso também. Primeiro, elas estão em distribuição complementar com o argumento externo de um verbo transitivo:

- (47) a. **Jan** öppnade dörren. (sueco)
 Jan abriu porta.DEF.
 "O Jan abriu a porta."
 b. Dörren öppnade **sig**.
 Porta.DEF abriu DECAUS.
 "A porta (se) abriu."
 c. * **Jan** öppnade **sig** dörren.
 Jan abriu DECAUS porta.DEF.

Segundo, elas requerem uma posição argumental para ocorrer. Isso pode ser deduzido pela direcionalidade das alternâncias: apenas verbos de base transitiva podem ter marcas decausativas. Mas uma evidência melhor é a que se tem a partir de

impessoais, em que a mesma marca compartilhada com anticausativos ocorre no lugar do único argumento de um verbo intransitivo. Abaixo há exemplos do turco, em que a marca decausativa/passiva é *-n* (após vogais) ou *-Il* (em que *I* é uma vogal sujeita a harmonia vocálica):

- (48) a. Kapi-yı kapa-dı-m. (Transitivo)
 Porta-ACU abrir-PRET-1s.
 "Eu abri a porta."
- b. Kapi kapa-n-dı. (Anticausativo)
 Porta abrir-DECAUS-PRET.
 "A porta (se) abriu." (Transitivo)
- c. Bina-yı yık-tı-lar.
 Prédio-ACU destruir-PRET-PL
 "Eles destruíram o prédio."
- d. Bina yık-ıl-dı. (Impessoal)
 Prédio destruir-DECAUS-PRET.
 "Destruiu-se o prédio."
- e. Bu öğrenciler okul-a gid-er-ler. (Transitivo)
 Este estudantes escola-DAT ir-AOR-PL.
 "Estes estudantes vão à escola."
- f. Okul-a gid-il-ir. (Impessoal)
 Escola-DAT ir-DECAUS-AOR.
 "Vai-se à escola."
- g. Brezilya oyn(a)-uyor bugün. (Transitivo)
 Brasil jogar-PRES hoje.
 "O Brasil joga hoje."
- h. Oyna-n-maz bugün. (Impessoal)
 Jogar-DECAUS-NEG.AOR hoje.
 "Não se joga hoje."

Outras evidências relacionadas à natureza argumental da marca sincrética estão relacionadas a contextos reflexivos. Esse tipo de marca ocorre em verbos transitivos como marca reflexiva, como mostrado anteriormente. Sabe-se que é possível fornecer análises intransitivas a essas construções reflexivas (Marantz, 1984; Chierchia, 1989;

entre outros): pode-se dizer que a marca compartilhada por anticausativos e reflexivos é uma marca de detransitivização. No entanto, o mesmo tipo de marca pode ocorrer como uma anáfora de longa distância, como visto em diversas línguas germânicas. Isso está exemplificado abaixo com a marca sincrética *zich* do holandês:

- (49) a. Hij beweegt de doos.
 Ele move a caixa
 "Ele move a caixa."
 b. De doos beweegt **zich**.
 A caixa mover se
 "A caixa está se movendo."
 c. Hij scheert zijn vader.
 Ele barbeia seu pai
 "Ele barbeia seu pai."
 d. Hij scheert **zich**.
 Ele barbeia se
 "Ele se barbeia."

Os dados acima mostram que a marca *zich* do holandês é compartilhada em contextos anticausativos (b) e reflexivos (d). Em contextos reflexivos *zich* também pode ser substituído por *zichzelf*, trazendo foco ao objeto (Cf. Lubowicz, 1999; Lazzarini-Cyrino, 2012). *Zichzelf* é uma marca independente, ao contrário de *zich* que é um morfema do verbo (pronome fraco), como se pode observar pelos dados de coordenação abaixo:

- (50) a.* Hij scheert zich en zijn vader.
 Ele barbeia se e seu pai.
 b. Hij scheert zichzelf en zijn vader.
 Ele barbeia REFL e seu pai.
 "Ele barbeia a si próprio e a seu pai."

Mais crucial do que isso, no entanto, para nossas finalidades é a diferença no domínio de co-referência entre *zich* e *zichzelf*. Vejamos abaixo:

- (51) a. **Maria_i**vroeg **Piet_j** om **zich_{i/*j}** te zien in de spiegel.
 Maria pediu Piet para se INF ver em o espelho.
 "A Maria pediu para o Piet a ver no espelho."
- b. **Maria_i**vroeg **Piet_j** om **zichzelf_{*i/j}** te zien in de spiegel.
 Maria pediu Piet para REFL INF ver em o espelho.
 "A Maria pediu para o Piet se ver no espelho."

Se *zich* fosse uma marca funcional seria esperado que a reflexivização envolvesse o sujeito do verbo o qual *zich* está marcando. O que acontece em holandês é algo inesperado quando se analisa essa marca como funcional: no caso de dois verbos, se *zich* marca o segundo verbo a reflexivização não atinge esse verbo, mas se estabelece uma co-referência entre o sujeito do primeiro verbo e *zich*, interpretado como o objeto do segundo verbo, conforme visto em (a). A forma plena *zichzelf*, que é considerada um argumento pleno (Reinhart & Reuland, 1993) é, na verdade, a co-referente com o sujeito do segundo predicado. Dessa forma, *zichzelf* é que poderia, nesse caso, ser analisada como uma marca funcional.

Fenômeno similar é visto em reflexivização em contextos de ECM. Isso é comum quando a marca compartilhada por reflexivos e anticausativos é um clítico/pronome fraco (Cf. Capítulo 4).

- (52) Jan hoorde **zich** zingen.
 Jan ouviu se cantar.
 "Jan se ouviu cantar."

A marca *zich* é um argumento do predicado secundário, mas é ligada ao sujeito do verbo principal. Dessa forma, *zich* não é uma marca detransitiva, mas um argumento anafórico.

Esses fenômenos não ocorrem com as marcas passivo-reflexivas de todas as línguas. Na verdade são fenômenos mais característicos de línguas cujas marcas são clíticos/pronomes fracos, em vez de afixos. Este trabalho pretende, no entanto, fornecer uma análise uniforme para essas marcas que possa se aplicar a todos os tipos de línguas e, se a análise argumental é a única forma de explicar o sincretismo em um conjunto de línguas e ela também é capaz de explicar o sincretismo nas outras línguas, então essa é a análise mais adequada.

O poder da análise argumental ficará mais claro nas próximas seções, quando elencaremos possíveis motivações para as diferentes extensões do sincretismo que as línguas apresentam.

2.1.3 Dependência Morfológica

A última propriedade a ser apresentada antes de entrarmos na análise é a dependência morfológica das marcas decausativas. Kemmer (1993), König & Siemund (2005) e Steinbach (2002) trouxeram a generalização de que marcas passivo-reflexivas (marcas de voz média, em seus termos) são sempre marcas fonologicamente fracas. Aqui toma-se essa generalização de forma mais extrema, mostrando que essas marcas são sempre morfológicamente dependentes (formas presas), encontrando-se dentro do domínio morfológico dos verbos. Isso é dizer que elas podem ocorrer como afixos, clíticos ou pronomes fracos¹⁹, mas nunca como uma forma plena independente.

As marcas de alternâncias equipolentes apresentadas anteriormente são diferentes nesse aspecto, podendo ocorrer como formas independentes. Por exemplo, as marcas *kardan* e *shodan* dos verbos do persa são, na verdade, verbos que tem realizações independentes: *kardané* pode ser traduzido como o verbo *fazer* e *shodan*, como o verbo *ser* (Cf. Key, 2012). Além disso, marcas causativas de alternâncias direcionais também podem ser morfológicamente independentes, como é o caso do verbo leve causativizador *faire* em francês e da partícula *dou* em cantonês. Mais detalhes serão dados sobre essas marcas no próximo capítulo.

De volta às marcas decausativas, uma importante evidência de sua dependência morfológica é o fato de não ocorrerem em línguas que são consideradas morfológicamente pobres: línguas analíticas como o inglês²⁰, ou línguas isolantes como o cantonês, o tailandês, yorubá, etc.

¹⁹ A distinção entre clíticos e pronomes fracos é abordada no Capítulo 4.

²⁰ O trabalho de Siemund (2010) parece ser uma evidência contrária a essas observações. O autor trata de usos anticausativos, entre outros considerados médios, com a forma independente *itself* do inglês. São registrados mais de 2000 usos desse tipo retirados do British National Corpus. É importante apontar que esse fenômeno constitui um problema para a generalização de que marcas decausativas são necessariamente fonologicamente leves (Kemmer, 1993; Steinbach, 2002, etc.). A generalização apontada aqui, no entanto, diz que as marcas decausativas são necessariamente formas presas. Nesse caso seria preciso investigar qual é o estatuto morfológico da marca *itself* nos casos apontados pelo autor.

Um caso interessante de se observar é do português brasileiro em comparação com o europeu. É um fato notável que o português brasileiro passa por um processo geral de analiticização, tendo empobrecido seu sistema clítico e marcas de concordância (Cyrino, 1997; Galves, 1989; Roberts, 1996, entre muitos outros). Podemos associar esse fato à expansão contínua de alternâncias derivando verbos intransitivos que não envolvem marcação (Cf. Negrão & Viotti, 2011 e Carvalho, 2013). O exemplo abaixo contrasta o português europeu e o brasileiro:

- (53) a. Pedro já pintou o quarto.
 b. O quarto já pintou. $\sqrt{\text{PB}}/\text{*PE}$

Essa característica de dependência morfológica peculiar às marcas decausativas é um fato crucial a ser levado em conta ao analisá-las. Trata-se de um fato que sugere que essas marcas ocupam uma posição na estrutura da sentença que elas somente podem ocupar se são analisadas dentro de um domínio morfológico específico.

O modelo da MD, adotado na presente abordagem, permite que nós terminais sintáticos sejam analisados dentro de determinado domínio morfológico de duas formas diferentes. A primeira é por movimento de núcleo (concatenação morfológica: Marantz, 1988; Matushansky, 2006), produzindo afixos e a outra é pela operação de deslocamento local, já apresentada no capítulo 1, uma operação realizada após a inserção de vocabulário, que produz clíticos e pronomes fracos.

Um conjunto relevante de fenômenos pode ser explicado pelas diferenças entre esses dois processos. Por exemplo, deslocamento local permite os fenômenos apresentados anteriormente: anáforas de longa distância e reflexivização em ECM. Passivas derivadas com afixos, por outro lado, permitem a projeção de agentes da passiva, entre outras propriedades que serão abordadas adiante.

2.2 Variáveis e Valoração de Traços-fi e o Sincretismo entre Reflexivas e Anticausativos

Esta seção apresenta, em linhas gerais, a análise para o sincretismo observado entre construções reflexivas e anticausativas. A seção anterior mostrou alguns fatos

que podem nos levar a considerar a primeira razão pela qual construções reflexivas e verbos anticausativos compartilham da mesma marca: ambos os contextos são sintaticamente transitivos, mas apresentam um argumento reduzido. Mas aqui, o termo "argumento reduzido" apresenta implicações diferentes para cada contexto.

Para construções reflexivas um dos argumentos é reduzido por não ser referencialmente independente: é uma anáfora que ganha sua referência por ligar-se a um antecedente. Mais ainda, as marcas reflexivas compartilhadas com anticausativas são aquelas morfologicamente dependentes. Essas marcas são consideradas como anáforas sem foco (Cf. Lubowicz, 1999; Lazzarini-Cyrino, 2012), sujeitas a diversas restrições relacionadas à falta de proeminência semântica.

Por outro lado, para as anticausativas, pode-se considerar que um dos argumentos é reduzido por não ser interpretado. Conforme notado também em Schäfer (2007) e Doron (2013), anticausativas apresentam um argumento expletivo. No entanto, um fato é importante acima de tudo: bases verbais transitivas devem permanecer sintaticamente transitivas, sendo que a alternância direcional decausativa altera a interpretação dessa estrutura, mas não desfaz sua transitividade sintática. Como anticausativas são sintaticamente inacusativas (Burzio, 1986; Chierchia, 1989; Reinhart, 2000), assume-se que a marca decausativa toma a posição de argumento externo do verbo.

Schäfer (2007) fornece uma análise argumental para o sincretismo da marca decausativa/reflexiva *sich* do alemão. Essa análise é o ponto de partida da abordagem desta tese. A implementação trazida aqui, no entanto, por ser translinguística, apresentará algumas divergências que se esclarecerão no decorrer dos capítulos.

2.2.1 Valoração de Variáveis com Traços-Fi

Tomemos a proposta vista em Heinat (2006) (e em certa medida, em Reuland, 2001) de que anáforas, como variáveis, são DPs que apresentam traços-fi de pessoa (Pss) não-valorados. Dessa forma, essas anáforas dependem de um antecedente que possa valorar esses traços e dar a elas uma interpretação em LF. Disso deriva o princípio A:

A estrutura acima representa a forma como reflexivos são derivados segundo a nossa proposta. Os expoentes para o argumento interno, em termos de itens de vocabulário, estarão especificados para traços de pessoa com valores obtidos no decorrer da derivação sintática, em oposição a traços de pessoa com valores provenientes da numeração.

Nota-se que esse sistema depende de uma sondagem para cima, diferentemente do mais tradicionalmente proposto no modelo de Agree. É importante ressaltar que a direção da sondagem é um objeto de discussão dentro do modelo, havendo propostas alternativas que garantem sondagem tanto para as duas direções (Baker, 2008; Putnam & van Koppen, 2011), como somente para cima (Zeijstra, 2010; Wurmbrand, 2011). Não se define, neste trabalho, qual dessas duas opções é a mais desejada, apenas assume-se a possibilidade de se sondar para cima em relações do tipo operador/antecedente-variável (cf. Uriagereka, 2007).

Consideremos agora a derivação de anticausativos. A maneira óbvia de assegurar que o mesmo expoente fonológico da variável vista em reflexivos ocorra em anticausativos é assumir que essas variáveis, no caso de anticausativos, ocupam a posição de argumento externo (Spec de v) ao invés de ocuparem a posição de objeto direto (argumento interno). Isso deriva a seguinte estrutura:

O principal problema para esse tipo de derivação é, no entanto, a violação do princípio A: não há antecedente que ligue a variável. A contribuição de Schäfer

(2007) soluciona este problema. Se assumimos que papéis temáticos são atribuídos configuracionalmente em LF, a variável na posição de argumento externo será impedida de receber papel temático, dada a sua falta de referente (não há valores para os traços de pessoa). Dessa forma, o argumento externo não será interpretado como tal e a estrutura torna-se semanticamente intransitiva. Isso caracteriza o verbo anticausativo, como exposto anteriormente.

A vantagem dessa análise é que ela deriva da necessidade que alguns verbos têm de projetarem argumentos externos: trata-se de uma análise que assume que alguns verbos apresentam uma especificação para estrutura a sintática em que devem ocorrer. E isso é exatamente o que é expresso pelas alternâncias direcionais. Se o verbo não requer uma estrutura sintática em específico, ele ocorre em alternâncias não-direcionais.

2.2.2 Agree Pós-Sintático

A defectividade de traços-fi em um DP pode não ser um problema para LF, mas o que dizer de PF? Durante a inserção vocabular pode haver problemas ao se lidar com traços não-valorados: pode ocorrer que itens de vocabulário não possam inserir expoentes fonológicos para traços sem valor. Mais ainda, é proposto em Nunes (2004) que a PF não lida com traços não-checados (não-valorados) e uma operação especial denominada **Redução de Cadeias** (*Chain Reduction*) apagaria os nós terminais com traços desse tipo. Se isso for verdadeiro, seria esperado que marcas decausativas não ocorressem nas línguas, já que elas parecem não ter traços-fi valorados. Mas elas ocorrem.

Por outro lado, é frequentemente observado nas línguas que algumas marcas decausativas interagem com os traços de pessoa do sujeito:

- (56) a. Eu me machuquei.
 b. Tu te machucaste.
 c. Ele se machucou.
 d. Nós nos machucamos.

É possível compreender essa interação como consequência da valoração dos traços da marca decausativa via cópia de traços pós-sintática. Esse mecanismo é proposto em MD como uma forma de analisar certos tipos de concordância (Cf. Noyer, 1997; Pfau, 2006). Esse tipo de abordagem assume que após o *Spell-Out* sintático, no caminho para a inserção vocabular, traços de nós superiores podem ser copiados para nós inferiores sem interferência na interpretação. Isso ocorreria em anticausativos: os traços de pessoa do argumento interno alçado à posição de sujeito seriam copiados para a marca decausativa, o argumento externo expletivo²¹:

Outro problema que precisa de explicação é a questão do Caso. A marca decausativa, enquanto um argumento expletivo, não é capaz de receber Caso já que não pode entrar em relação de *Agree* por defectividade de traços-fi (assumindo um modelo de *Agree*, cf. Chomsky, 2001, 2008). Schäfer (2007) soluciona essa questão por assumir que a marca recebe Caso *default* acusativo. No entanto a questão do Caso associada a desenvolvimentos mais recentes (Chomsky, 2013; Saito, 2014) pode ser utilizada para explicar a propriedade da dependência morfológica das marcas decausativas. Voltaremos a essa questão na seção 2.4 deste capítulo.

²¹ Assume-se aqui, com Sigurðsson (2003), que *v* atribui Caso Nominativo. Assim, o argumento interno é reconcatenado sobre a marca decausativa (variável) devido à sua inelegibilidade para estabelecer *Agree* com *v*. Trata-se da implementação da sintaxe inacusativa de anticausativos em um modelo mais radical de ciclicidade. Isso é abordado com detalhe no próximo capítulo.

²² Entenda-se, neste momento, V como o categorizador verbal. Está escrito em maiúsculas para não haver confusão com *v*. Neste trabalho optei por não assumir a nomenclatura Voice.

2.2.3 Inergativização?

Uma questão que pode ser levantada a partir desse tipo de análise é se a mesma estratégia utilizada para derivar anticausativos de transitivos pode também derivar inergativos. Essa possibilidade, na verdade, é automaticamente descartada dado o fato de que a variável na posição de argumento interno será obrigatoriamente ligada ao elemento na posição do argumento externo. Dessa forma, há apenas duas opções para a variável desse tipo comportar-se como um expletivo: estar na posição mais alta dentro de um domínio de ligação ou ser o único argumento do verbo.

A última opção é descartada pelo fato de que a variável não pode ir para PF sem que seus traços de pessoa apresentem valores. Contudo, há, de fato, casos em que o morfema decausativo é visto como o único argumento do verbo. Veja os dados abaixo:

- (58) a. Burda çalış-ıl-maz.
Aqui trabalhar-DECAUS-AOR.NEG.
"Aqui não se trabalha."
b. Aqui não se trabalha.

Esses casos são perfeitamente gramaticais em muitas línguas. No entanto a interpretação não é a de que a marca dita decausativa é um expletivo. Trata-se de construções impessoais. Essa extensão do sincretismo será abordada na seção seguinte.

2.3 Passivas, Impessoais e suas interpretações.

O sincretismo que estamos explorando nesta tese não é limitado somente a contextos anticausativos e reflexivos. O fenômeno se estende a outros contextos e uma extensão importante é a que envolve construções passivas e impessoais.

Algumas línguas, como o alemão ou holandês não apresentam essa extensão. Por outro lado, muitas línguas apresentam marcas decausativas compartilhadas em contextos passivos e, além disso, impessoais. Línguas românicas, eslavas, turco e laz,

por exemplo, apresentam uma ocorrência muito produtiva do morfema passivo-reflexivo em construções impessoais, de forma que a marca ocorre mesmo como o único argumento de um verbo intransitivo, conforme mencionado no fim da seção anterior.

Aqui mostramos que construções impessoais e passivas se identificam e podem ser consideradas como derivadas da mesma forma. As marcas dessas construções constituem-se, em termos abstratos, de forma ligeiramente diferente das marcas vistas em anticausativos e reflexivos. Essa diferença pode tanto permitir como impedir a extensão do sincretismo para passivas e impessoais, como no caso de línguas como o alemão e o holandês.

2.3.1 Similaridades entre Construções Passivas e Impessoais

O primeiro fato a se considerar sobre construções passivas é que elas compartilham uma importante similaridade com construções impessoais: ambas apresentam um papel temático atribuído a um argumento referente a uma entidade não-específica (Cf. também Doron, 2013). Para construções passivas, esse papel temático é geralmente agentivo. Elas, portanto, distinguem-se das construções anticausativas no que diz respeito à interpretação do papel temático externo. Anticausativas envolvem a não-interpretação do papel temático externo (agentivo/causa), enquanto passivas/impessoais envolvem a interpretação desse papel temático sem especificar diretamente a entidade que o realiza.

Se ambas as construções passivas e impessoais envolvem um argumento inespecífico/genérico, é possível assumir que se trata de um argumento sintaticamente realizado, carregando um traço que permita esse tipo de interpretação, tal com o traço arbitrário ARB proposto em Cinque, 1988. Nesse caso, ambas as construções são potencialmente iguais. Isso é facilmente compreendido tendo em conta algumas línguas. Por exemplo, em turco, não é possível diferenciar uma construção passiva de uma impessoal a não ser por duas características: passivas podem especificar o argumento externo projetando o que se chama de agente da passiva introduzido por preposição, enquanto que impessoais podem ocorrer com verbos intransitivos (construções tradicionalmente chamadas de *passivas impessoais*, cf. também Perlmutter, 1976).

- (59) a. Ev çocuklar tarafından yık-ıl-dı. Passiva
 Casa crianças por destruir-PASS-PRET.
 "A casa foi destruída pelas crianças."
- b. Ev yık-ıl-dı. Passiva/Impessoal
 Casa destruir-PASS-PRET.
 "A casa foi destruída."
 "Destruíram/destruiu-se a casa."
- c. Ankara-ya gid-il-di. Impessoal
 Ankara-DAT ir-PASS-PRET.
 "Foi-se a Ancara."

Mais ainda, passivas sintéticas em línguas românicas são neutras em termos de diferenças com construções impessoais. Passivas sintéticas nessas línguas não projetam agentes da passiva e podem ter uma leitura impessoal. A única diferença entre passivas sintéticas e construções impessoais é que essas últimas são assim chamadas por sua ocorrência em verbos intransitivos. Ambas as construções compartilham da mesma marca, o clítico SE, que também é compartilhado por anticausativas e reflexivas, como discutido anteriormente.

- (60) a. Produziu-se muita carne nos últimos anos. Passiva ou Impessoal?
 b. Brinca-se muito durante a infância. Impessoal
 c. Vai-se à praia durante as férias. Impessoal.

Embora passivas derivadas por participios não sejam abordadas neste trabalho, é notável que em alemão seja possível utilizar essa estratégia mesmo com verbos intransitivos:

- (61) Gestern wurde getanzt.
 Ontem foi dançado.
 "Dançou-se ontem."

(Keenan&Dryer 2007: 44)

Em holandês, esse tipo de construção permite Agentes da Passiva:

(62) Er wordt door de jongens geflooten.

EXP foi por os jovens assoviado.

"Houve assovios da parte dos jovens."

(Keenan&Dryer, 2007: 47)

Todos esses fenômenos sugerem que construções passivas e impessoais apresentam uma grande probabilidade de serem derivadas, se não da mesma forma, de uma forma muito similar. Se tomamos isso como verdadeiro, então qual é o estatuto da marca que ocorre nessas construções de forma que seja sincrética com reflexivas e decausativas?

Uma análise crucial nesse sentido, proposta para os usos impessoais do *si* do italiano encontra-se em D'Alessandro (2007). Nesse trabalho, a autora propõe que *si* em casos impessoais é uma variável que sonda seus traços de pessoa em um nó de Ato de Fala (*Speech act*, cf. Bianchi, 2003 e Sigurðsson, 2004). A variável tem acesso a esses traços sempre que o aspecto da oração for delimitado. Quando o aspecto não é delimitado, um operador genérico na posição aspectual liga essa variável semanticamente. Isso explica diferentes leituras de construções impessoais/passivas, que também são detectadas em Sigurðsson & Egerland (2009): leituras genéricas, inclusivas (específicas) e exclusivas (arbitrárias/existenciais). O capítulo 5 apresenta essas diferenças com o devido detalhamento.

Pode-se considerar que esse tipo de variável, ao contrário daquela vista em construções reflexivas e anticausativas, apresenta alguma especificação em termos de traços-fi e que essa especificação seja representada, como vimos no capítulo 1, pelo traço +HUMANO²³ (Cf. Sigurðsson & Egerland, 2009). Ainda assim, por serem variáveis, marcas passivas/impessoais são sondas para traços de pessoa. Dessa forma, em termos abstratos, marcas passivas/impessoais originam-se de feixes de traços distintos das marcas reflexivas/anticausativas. Segue a representação abaixo:

- (63) a. Phi: [+HUMANO][Pessoa: _____] (Passiva/Impessoal)
 b. Phi: [Pessoa: _____] (Anticausativa/Reflexiva)

²³A escolha do traço +HUMANO aqui foi feita para coincidir com análise de Sigurðsson & Egerland (2009) para pronomes impessoais, que envolvem necessariamente o traço +HUMANO, que os habilita a sempre tomarem papéis temáticos agentivos, e traços de pessoa, organizados geometricamente. O Capítulo 5 traz esclarecimentos sobre essa implementação.

O feixe de traços de marcas anticausativas/reflexivas é um subconjunto do feixe de marcas passivas/impessoais, permitindo que um item de vocabulário específico apenas para {Phi: [Pessoa: _____]} insira expoentes fonológicos para os nós terminais contendo tanto (a) como (b) acima. Dessa forma, a extensão do SPR para passivas/impessoais só é possível, se há um item de vocabulário na língua que não esteja especificado para {Phi: [+HUMANO][Pessoa: _____]}, mas somente para {Phi: [Pessoa: _____]}.

Além desse requerimento, características sintáticas da língua interagem na extensão do sincretismo para o domínio das construções passivas/impessoais, conforme vemos a seguir.

2.3.2 Fatores Relevantes para a Extensão do Sincretismo

De acordo com o que foi proposto até agora, uma variável pode ir para LF com três valores em termos de traços-fi: (i) com os valores de pessoa de um antecedente (Phi: [Pessoa: VALORADO]), no caso de reflexivas; (ii) com o valor +HUMANO e um valor para traços de pessoa obtido durante a derivação, no caso de passivas e impessoais, e (iii) sem nenhum valor de pessoa, no caso de marcas de verbos anticausativos. Para haver sincretismo, itens de vocabulário devem ser especificados, conforme mencionado anteriormente, para traços de pessoa que não apresentam valores originários da numeração. Se uma língua apresenta esse tipo de especificação, o esperado é que haja uma extensão bastante compreensiva do sincretismo, que envolva desde construções reflexivas até impessoais intransitivas. Entretanto, isso não ocorre em todas as línguas e levantam-se aqui alguns fatores de natureza sintática que possam impedir essa extensão dentro do domínio passivo/impessoal.

Três fatores são cruciais para determinar a possibilidade de extensão do sincretismo ao domínio passivo/impessoal. O primeiro é se variáveis na língua são elegíveis para Caso. O segundo é com relação ao parâmetro *Pro-Drop* e o terceiro é relacionado ao tipo morfológico da marca: afixo ou clítico/pronome fraco.

2.3.2.1 Elegibilidade para Marcação com Caso

Não é claro para todas as línguas se as variáveis são ou não elegíveis para tomar Caso. No entanto, a seleção de auxiliares vista em francês e italiano parece sugerir que o clítico SE das línguas românicas não toma Caso em nenhum momento. Como observado na literatura (Kayne, 1975; Burzio, 1982), essas línguas apresentam auxiliares no tempo pretérito especificados para a inacusatividade do verbo. Um verbo inacusativo/anticausativo forma seu pretérito (composto) com os auxiliares *être/essere*, enquanto verbos transitivos/inergativos formam o mesmo tempo com os auxiliares *avoir/avere*:

(64) *Italiano*:

a.	Gianni è arrivato.
Gianni é chegado.
"Gianni chegou."	inacusativo (<i>essere</i>)
b.	Gianni ha lavorato.
Gianni há trabalhado.
"Gianni trabalhou."	inergativo (<i>avere</i>)
c.	Gianni ha letto un libro.
Gianni há lido um livro.
"Gianni leu um livro."	intransitivo (<i>avere</i>)

(65) *Francês*:

a.	Jean est arrivé.
Jean é chegado.
"Jean chegou."	inacusativo (<i>être</i>)
b.	Jean a travaillé.
Jean há trabalhado.
"Jean trabalhou."	inergativo (<i>avoir</i>)
c.	Jean a lu un livre.
Jean há lido um livro.
"Jean leu um livro."	transitivo (<i>avoir</i>)

Construções reflexivas com a marca SE nessas línguas não selecionam o auxiliar *avoir/avere*, como esperado. Selecionam, no entanto, o auxiliar *être/essere*:

- (66) a. Gianni si è lavato. (italiano)
 Gianni SE é lavado.
 "Gianni se lavou."
- b. Jean s'est lavé. (francês)
 Jean SE.é lavado.
 "Jean se lavou."

Isso sugere que reflexivas, assim como inacusativos, não requerem Caso acusativo na língua.

Esse tipo de fenômeno não ocorre, por exemplo, em alemão e holandês. Nessas línguas, a seleção de auxiliares de reflexivos acompanha a dos verbos transitivos e inergativos, e não a dos inacusativos, sugerindo que as marcas reflexivas nesses casos recebem Caso acusativo, diferentemente do italiano/francês. Isso é ilustrado com os dados do holandês abaixo:

- (67) a. Jan is aangekomen. inacusativo (*zijn*)
 Jan é chegado.
 "Jan chegou."
- b. Jan heeft zich gewassen. reflexivo (*hebben*)
 Jan há SE lavado.
 "Jan se lavou."
- c. Jan heeft gewerkt. inergativo (*hebben*)
 Jan há trabalhado.
 "Jan trabalhou."
- d. Jan heeft en boek gelezen. transitivo (*hebben*)
 Jan tem um livro lido.
 "Jan leu um livro."

Essa diferença é muito significativa na extensão do sincretismo quando associada ao parâmetro *Pro-Drop*, como vemos adiante.

2.3.2.2 Parâmetro *Pro-Drop*

Se o morfema reflexivo é marcado com Caso, como visto em holandês na seção anterior, é possível que, para qualquer valor de traço-fi que um DP tenha, ele seja capaz de entrar em uma relação de *Agree* com uma categoria que apresente Caso. Podemos considerar que isso é verdadeiro mesmo que o traço-fi do DP seja bastante genérico, tal como +HUMANO.

Nesse cenário, há uma grande probabilidade de que a marca passiva/impessoal em uma posição de argumento externo seja a elegível para ocupar a posição de sujeito. Isso é especialmente verdadeiro se a marca passiva/impessoal não for incorporada ao verbo durante a derivação sintática estrita, como no caso de clíticos e pronomes fracos. Se essa marca ocupar a posição de sujeito em uma língua não *Pro-Drop*²⁴, que requer que o sujeito seja um argumento pleno, haverá violação do parâmetro, se a marca sofrer deslocamento local para o domínio do verbo após a inserção de conteúdo fonológico.

Por essa razão, línguas apresentando marcas reflexivas que recebem Caso e não são *Pro-Drop* não possuem extensão do sincretismo dessas marcas para o domínio passivo/impessoal. Esse é o caso do alemão e do holandês, bem como de outras línguas germânicas.

Um caso interessante é o do francês, em que o clítico *se* não recebe Caso e a língua não é *Pro-Drop*. Nesse caso, *se* não pode ocupar a posição de sujeito, então se o verbo passivizado/impessoalizado com *se* for transitivo, o argumento interno se alçará a essa posição, obtendo-se uma sintaxe inacusativa:

- (68) Un homme_i s'est rencontré t_i hier
 Um homem se.é encontrado ontem.
 "Um homem foi encontrado ontem."

No entanto, se o verbo for intransitivo, haverá violação do parâmetro (não-)*Pro-Drop*: a língua impede que a posição de sujeito não seja preenchida por um argumento pleno e o clítico *se*, incapaz de satisfazer essa condição, seria o único

²⁴Para essa proposta é importante compreender o parâmetro *Pro-Drop* como um parâmetro relevante para PF.

argumento disponível na língua. Por isso não se observam impessoais intransitivas em francês. Nesses casos, a contraparte de *se* é o nome impessoal pleno *on*:

- (69) a. On travaille beaucoup.
 IMP trabalha muito.
 "Trabalha-se muito."
 b. On va à la plage.
 IMP vai a a praia.
 "Vai-se à praia."

2.3.2.3 Afixos vs. Clíticos/Pronomes Fracos

Em dinamarquês²⁵, há duas marcas sincréticas a serem destacadas. A primeira é o pronome fraco *sig*, que é compartilhado entre contextos reflexivos e anticausativos. A segunda é o afixo *-s*, que é compartilhado entre contextos anticausativos e passivos/impessoais. Abaixo seguem exemplos:

- (70) a. Dør-en åbner sig.
 Porta-DEF abre SE.
 "A porta (se) abre."
 * "A porta é aberta/Abre-se a porta."
 b. Dør-en åbne-s.
 Porta-DEF abre-SE
 "A porta se abre"
 "A porta é aberta/Abre-se a porta."
 c. Lars barbere-s.
 Lars barbeia-SE.
 "Lars é barbeado./Barbeia-se o Lars."
 * "Lars se barbeia."
 d. Kirk-en bygge-de-s af en privatmand
 Igreja-DEF constrói-PRET-SE por um homem-privado.
 "A igreja foi construída por um homem privado."

²⁵As mesmas observações realizadas para o dinamarquês nesta seção se aplicam ao sueco e norueguês.

- e. Der passe-s på bornene.
 EXP cuidar-SE de crianças.
 "Cuida-se das crianças."
- f. Der danse-s.
 EXP dançar-SE.
 "Dança-se."

Como apresentado em (e) e (f), fica claro que dinamarquês não é uma língua *Pro-Drop*, requerendo expletivos quando nenhum argumento elegível para a posição de sujeito está disponível. Além disso, como em holandês e alemão, a marca reflexiva *sig* do dinamarquês também é elegível para Caso, como evidenciado pela seleção do auxiliar *har* em oposição a *er*:

- (71) a. Lars **har** bygget et hus.
 Lars há construído uma casa.
 "Lars construiu uma casa."
- b. Lars **er** ankommet.
 Lars é chegado.
 "Lars chegou."
- c. Lars **har** barberet sig.
 Lars há barbeado SE.
 "Lars se barbeou."

Isso sugere que dinamarquês segue o alemão e o holandês sendo uma língua não *Pro-Drop* e com marcas reflexivas que recebem Caso. As observações das duas seções anteriores explicam porque *sig* não ocorre em construções passivas. No entanto, outra marca ocorre nessas construções: o afixo *-s*. Por que esse afixo não desencadeia os mesmos problemas que a marca *sig*?

Consideremos que *-s* e *sig* são expoentes do mesmo tipo de núcleo: variáveis. Ambos poderiam apresentar a mesma distribuição caso não houvesse a diferença crucial entre eles: um é um afixo e o outro um pronome fraco. A próxima seção detalha melhor a diferença entre ambos, mas, por ora, consideremos que a principal diferença entre os dois é que o primeiro é derivado por movimento de núcleo na sintaxe estrita e o segundo, por deslocamento local, após a inserção de vocabulário.

A derivação sintática para *sig* não envolve nenhum tipo de incorporação. Portanto, após a derivação sintática, a forma *sig* será inserida e sua forma fonológica desencadeará o deslocamento local, o que a fará juntar-se ao domínio morfológico do verbo. Se *sig* é uma marca passiva/impessoal, considerando sua elegibilidade para ocupar a posição de sujeito (recebe Caso), a marca desencadeará agramaticalidade violando o parâmetro (não-)*Pro-Drop* da língua, da mesma forma que ocorre com alemão e holandês.

Suponhamos, no entanto, que a mesma variável é incorporada ao verbo durante a derivação sintática (o mecanismo será explicado adiante), derivando o afixo *-s*. Nesse caso, a variável não estará acessível para ocupar a posição de sujeito. Se o verbo for transitivo, o argumento interno será alçado para essa posição. Se o verbo for intransitivo, um expletivo pode ocorrer nessa posição. Nos dois casos sentenças passivas/impessoais com a marca *-s* são totalmente gramaticais na língua. Isso, portanto, explica as sentenças repetidas abaixo:

- (72) a. Kirk-en bygge-de-s af en privatmand
Igreja-DEF constrói-PRET-SE por um homem-privado.
"A igreja foi construída por um homem privado."
- b. Der passe-s på bornene.
EXP cuidar-SE de crianças.
"Cuida-se das crianças."
- c. Der danse-s.
EXP dançar-SE.
"Dança-se."

Verbos anticausativos não constituem um problema em línguas não-*Pro-Drop* porque são formados com uma variável não-valorada no decorrer de toda a sintaxe estrita. Essa variável nunca é capaz de receber Caso, portanto, nunca pode ocupar a posição de sujeito. Dessa forma, não importa se *sig* ou *-s* ocorre, a posição de Spec de T sempre será ocupada pelo argumento interno do verbo.

O fenômeno do dinamarquês mostra que além da elegibilidade da variável (quando valorada) para receber Caso e o parâmetro *Pro-Drop*, o momento na derivação em que esta adentra o domínio morfológico do verbo é relevante na

determinação da extensão do SPR. Na próxima seção, discutimos esses diferentes tipos de incorporação que a marca pode sofrer durante a derivação.

2.4 Derivando a Dependência Morfológica

Uma característica crucial das marcas decausativas é sua dependência morfológica. Até o momento não foi encontrada na literatura uma contribuição que justificasse essa propriedade. Aqui, procura-se fornecer essa justificativa bem como apresentar uma análise sobre como se dá essa dependência no contexto da derivação.

2.4.1 DPs sem Caso e Rotulação: Um problema para PF

Marcas decausativas foram propostas como variáveis que não apresentam um antecedente para ligá-las. Em termos de traços, são DPs que não apresentam valores para traços de pessoa até o momento do *Spell-Out*. Isso as torna não-elegíveis para servirem como alvo em relações de *Agree* por categorias atribuidoras de Caso. Portanto, marcas decausativas são DPs sem Caso.

No próximo capítulo, será mostrado que a ausência de Caso não é um problema propriamente para LF, mas sim um problema para PF. Trata-se de um problema para PF na medida em que a ausência de Caso desorienta o algoritmo de rotulação. Aqui, é preciso tomar as considerações sobre rotulação trazidas em Chomsky (2013). Nessa abordagem, rótulos (*labels*) são atribuídos aos nós não-terminais da estrutura por meio de um algoritmo. Esse algoritmo sempre toma o nó terminal como o elemento que projetará seu rótulo. Nesse sentido, o sistema prevê que, para a concatenação de um núcleo X e um sintagma YP, o rótulo será XP. O algoritmo, contudo, não é capaz de lidar com ambiguidades: concatenações de dois núcleos ou dois sintagmas. A solução de Chomsky para essas ambiguidades é o movimento.

Se consideramos que movimentos são cópias, fica claro que a solução do movimento para rotulação só é realmente efetiva no momento em que as cópias

inferiores são apagadas, ou seja, no caminho para PF. Nesse caso, rotulação seria um recurso crucial para PF e não para a sintaxe estrita ou para LF²⁶.

Além de movimento, conforme proposto em Chomsky (2013), Saito (2014) propõe que Caso também seja um dispositivo de desambiguação para o algoritmo de rotulação. Sua proposta prevê que sintagmas com Caso em japonês não projetam seu rótulo. E isso, associado à ausência de concordância com traços-fi do japonês, é utilizado como uma evidência para *scrambling* na língua. O importante do sistema de Saito (2014) é que, se o aplicamos trans-linguisticamente, é possível determinar a importância do dispositivo de Caso para a realização de argumento.

Consideremos o *output* de uma construção anticausativa no caminho para inserção de vocabulário:

O que se observa na estrutura acima é que, quando a marca decausativa se concatenou com *vP*, sua defectividade em termos de traços de pessoa não lhe permitiu receber Caso. Sendo assim, nenhum rótulo pôde ser atribuído ao novo sintagma formado. Da forma como se encontra, essa estrutura é problemática para PF.

Existe, no entanto, uma maneira de *salvar* a derivação. Consideremos que a marca decausativa apresenta um expoente fonológico marcado para a operação de deslocamento local para o domínio morfológico do verbo. Nesse caso, uma abstração da estrutura com expoentes fonológicos pode ser vista abaixo:

²⁶A título de exemplo, um modelo que descarta rotulação, ao menos, da computação sintática estrita (*narrow syntax*) pode ser encontrado em Collins (2001).

O deslocamento da marca decausativa para o domínio morfológico de V+T permite que a estrutura seja re-rotulada, e o nó sem determinação passa a ser um vP . Sendo assim, é possível compreender dependência morfológica como uma forma que DPs sem Caso apresentam de resistir ao algoritmo de rotulação.

O mecanismo de deslocamento local, bem como o de incorporação durante a sintaxe estrita, para implementar a dependência morfológica mencionada aqui é abordado na seção que se segue.

2.4.2 Incorporação Sintática e Pós-Sintática

A seção 2.3.2.3 mostrou que é relevante se variáveis se juntam ao domínio morfológico do verbo, durante a derivação sintática estrita, ou pós-sintaticamente. Além disso, mencionou-se no início do capítulo que essa diferença define quais marcas podem ocorrer em contextos de ECM e mais ainda, quais marcas, em passivas, permitem a projeção de agentes da passiva.

Na última seção foi mencionado que marcas decausativas podem sofrer deslocamento local para o domínio verbal de forma a permitir que a estrutura seja rotulada propriamente, prevenindo sua agramaticalidade no caminho para PF. Como marcas decausativas, reflexivas e passivas/impessoais têm o mesmo estatuto de variáveis, se elas estão sujeitas à inserção do mesmo expoente fonológico é possível dizer que também estão sujeitas ao mesmo processo de deslocamento local.

Com relação às marcas reflexivas, isso coincide com algumas observações empíricas. Como apontado em Haspelmath (2005b) e Lazzarini Cyrino (2012), algumas línguas apresentam dois tipos de marcas reflexivas. Uma é um DP pleno

(extrovertida, nos termos de Haspelmath) e a outra é morfologicamente dependente (introvertida). A língua deve escolher uma ou outra para derivar o foco sobre objeto ou atividade para a construção reflexiva (Cf. também Lubowicz, 1999). Variáveis sem foco são morfologicamente dependentes do verbo e derivam uma leitura de foco sobre atividade. Portanto, é possível que a incorporação sofrida por marcas decausativas não seja um dispositivo *ad-hoc* a prova de falhas, mas algo derivado de alguma forma da ausência de foco nas variáveis.

Propõe-se, portanto, que variáveis possam juntar-se à morfologia verbal em dois momentos da derivação. Por um lado, durante a derivação sintática, por movimento de núcleo ou pseudo-incorporação, processo que será abordado na próxima seção. E por outro, após a inserção de vocabulário, pela operação de deslocamento local.

Para o primeiro tipo de processo, tomemos o *merger* morfológico de Marantz (1988): "em qualquer nível de análise, a relação entre X e Y pode ser substituída pela afixação do núcleo lexical X ao núcleo lexical Y." Essa definição é interessante no sentido de tornar claro que movimento de núcleo expressa uma relação entre dois elementos na estrutura. Suponhamos que variáveis sem foco de algumas línguas expressem sua relação temática com o verbo via movimento de núcleo. Isso pode derivar marcas que são afixadas ao verbo, daí a diferença entre as marcas reflexivas *sebja* e *-sja* do russo vistas abaixo:

- (75) a. Ja breju sebja.
Eu barbeio SE.
"Eu barbeio A MIM MESMO."
- b. Ja breju-sj.
Eu barbeio-se.
"Eu ME BARBEIO."
- c. Kto ty brëshj utrom? – Sebja.
Quem tu barbeia manhã? – SE.
"Quem você barbeia de manhã? – A mim mesmo."
- d. Chto ty delaeshj utrom? – Breju-sj.
Que tu faz manhã? – Barbeio-se.
"O que você faz de manhã? – Me barbeio."

O outro tipo de processo é o pós-sintático, mencionado na seção anterior. Enquanto algumas línguas derivam variáveis não focalizadas via movimento de núcleo, outras apresentam expoentes fonológicos marcados para deslocamento local. Nesse caso, após a inserção de vocabulário, essas formas deslocam-se ao domínio morfológico imediatamente adjacente na estrutura (Cf. Embick & Noyer, 2001 e o Capítulo 4 desta tese, para mais detalhes). Esse processo não é dirigido por uma relação sintática, mas sim por adjacência. As formas resultantes desse tipo de processo são as que denominamos clíticos e pronomes fracos, em oposição aos clíticos.

A diferença entre movimento de núcleo e deslocamento local fornece uma interessante explicação para o fato de que algumas línguas podem ter marcas reflexivas morfológicamente dependentes em contextos de ECM, e outras, não. Em Reinhart & Siloni (2004), as autoras trazem essa explicação baseando-se no parâmetro Léxico/Sintaxe. Línguas que derivam marcas reflexivas no léxico não as apresentam em contextos de ECM, e línguas que as derivam na sintaxe podem apresentá-las nesses contextos. Esse tipo de proposta foi criticada, no entanto, por suas previsões empíricas e recurso teórico ao léxico (Cf. Hron, 2006; Lazzarini Cyrino, 2013).

Se afixos derivados por movimento de núcleo devem estar em uma relação temática com o verbo aos quais se afixaram, eles não ocorrerão como a anáfora ligada ao sujeito do predicado principal de uma construção de ECM como (35):

(76) O João_i considera [a si próprio_i inteligente].

Isso é exatamente o que ocorre com línguas como o russo. Nesses contextos, a marca reflexiva *-sja* não ocorre: a única marca que pode ocorrer é *sebja*, que é morfológicamente livre.

- (77) a.* On_i schitaet-[**sja**_i umnoj].
 Ele considera-SE inteligente.
- b. On_i schitaet [**sebja**_i umnoj].
 Ele considera REFL inteligente.
 "Ele se considera inteligente."

Por outro lado, clíticos e pronomes fracos são derivados por deslocamento local. Isso significa que não se incorporam ao verbo por razões temáticas, mas por questões de adjacência. Dessa forma, se a construção de ECM envolve uma variável (linearmente) adjacente ao predicado primário, a variável pode ocorrer como um clítico/pronome fraco. Veja o exemplo do holandês repetido abaixo:

(78) Jan_i hoorde [**zich**_izingen].

Jan ouviu se cantar.

"Jan se ouviu cantar."

2.4.3 Pseudo-Incorporação e Agentes da Passiva

Se seguirmos adiante no que diz respeito à afixação, é possível notar que, no caso de verbos anticausativos e passivos/impessoais, em que a variável ocupa a posição de argumento externo, o movimento de núcleo da variável ao verbo viola o denominado *Head Movement Constraint* (Travis, 1984; Baker, 1988, cf. também Harley, 2012). Isso indica que o fenômeno de incorporação nesses casos não resulta de movimento de núcleo, mas de outro tipo de processo.

Öztürk (2005) traz um fenômeno interessante do turco: pseudo-incorporação de agentes. Em turco, sintagmas nominais podem ser afixados ao verbo pelo processo de pseudo-incorporação (Massam, 2001), formando um predicado complexo. O sintagma nominal desse predicado complexo pode ser interpretado tanto com os papéis temáticos de agente, como de tema, além de poder tomar Caso nominativo ou acusativo.

(79) a. *Pseudo Incorporação de Tema:*

Ali {kitap oku-du}.

Ali livro ler-PRET.

"Ali fez a leitura de um livro."

b. *Pseudo Incorporação de Agente*

Ali-yi {arı sok-tu}.

Ali-acu abelha picar-PRET.

"Ali foi picado por abelha."

Uma importante característica desses sintagmas pseudo-incorporados é que eles não se constituem como um argumento *de fato* do verbo. São sintagmas que se incorporam ao verbo em uma posição muito baixa, antes de qualquer atribuição temática e só são capazes de receber papel temático, se posições temáticas estão disponíveis, por concatenação a essas.

Propõe-se aqui que variáveis também podem ser pseudo-incorporadas ao verbo, no sentido de adentrarem o domínio morfológico deste em uma posição abaixo da atribuição temática. Nesse caso, dada a semântica não referencial dos elementos pseudo-incorporados (Cf. também Dayal, 2003), essas variáveis não podem se ligar a

um argumento verbal referencial. Logo, há derivações diferentes para reflexivos e anticausativos/passivos. Afixos reflexivos são derivados por movimento de núcleo ordinário, enquanto que afixos anticausativos/passivos são derivados via pseudo-incorporação²⁷.

Em uma versão ilustrativa da proposta, para anticausativos marcados com afixos, o DP da marca decausativa é primeiramente concatenado ao verbo e o argumento interno é concatenado na posição de especificador de [DP+V]. Sem haver nenhum argumento para se concatenar na posição de argumento externo, o complexo [DP+V] se concatena nessa posição. Abaixo, há a representação dessa derivação, mostrando os movimentos relevantes. Nota-se que essa formalização é ilustrativa e uma versão mais detalhada será proposta no próximo capítulo.

Para a marca passiva/impessoal, a derivação segue de forma semelhante à dos verbos anticausativos. Mas é importante considerar que um agente da passiva

²⁷É importante considerar que a pseudo-incorporação foi proposta em Massam (2001) para dar conta da ocorrência de sintagmas dentro do domínio morfológico do verbo. No caso das marcas decausativas/passivas/impessoais, no entanto, refiro-me à pseudo-incorporação no sentido de serem incorporadas ao domínio morfológico verbal anteriormente à ocorrência de posições temáticas na estrutura, conforme proposto em Öztürk (2005).

introduzido por preposição pode ocorrer na estrutura. Esse agente da passiva é permitido nos casos de pseudo-incorporação, em oposição às passivas formadas com clíticos. Primeiramente mostro a estrutura de uma passiva com agente introduzido por preposição e em seguida trago alguns breves esclarecimentos.

Agentes da passiva não são permitidos em passivas formadas com clíticos (Cf. também Lazzarini-Cyrino, 2014 e Capítulo 5 desta dissertação). Uma possível razão é que, nesses casos, a posição de argumento externo está preenchida por um argumento de fato. Em LF, a estrutura do evento será derivada como possuindo um argumento agente. Se outro agente é adicionado, haverá uma redundância indesejada. No entanto, no caso de pseudo-incorporação das marcas passivas, seu papel temático de agente não é interpretado como o papel temático de um argumento do evento, mas sim como uma propriedade do verbo (Cf. Dayal, 2003). Dessa forma, há espaço na estrutura de eventos para a realização de um agente de fato, realizado pelo agente da passiva.

A apresentação da análise de pseudo-incorporação e do licenciamento de agentes da passiva trazidas aqui são bastante simplificadas e apenas têm a intenção de ajudar a formar uma visão geral da análise. Esses processos são explicados em maior detalhe no decorrer da tese e, em especial, no capítulo 5.

2.5 Síntese

Neste capítulo foram fornecidas as propriedades principais do SPR, que são cruciais para a formulação de uma análise. É importante considerar, primeiramente, que esse tipo de sincretismo somente ocorre com marcas de redução de valência de alternâncias direcionadas (marcas decausativas) e que essas marcas são sistematicamente dependentes morfológicamente do verbo, ocorrendo como clíticos, afixos e pronomes fracos.

Considerando uma proposta argumental para as marcas de construções reflexivas, que são compartilhadas por verbos anticausativos, é possível dar conta de tal compartilhamento assumindo que essas marcas são DPs que adentram a derivação sem valores para traços de pessoa. Esses traços podem ser valorados em uma relação de *Agree* (Heinat, 2009), derivando verbos reflexivos, ou não ser valorados, derivando anticausativos (Cf. Schäfer, 2008). Essas derivações ocorrem respectivamente com a marca na posição de argumento interno e externo do verbo.

A dependência morfológica de marcas decausativas é, explicada pela defectividade dos traços-fi da marca na posição de argumento externo. Essa defectividade, por um lado, permite sua interpretação expletiva, reduzindo a valência verbal. Por outro lado, é um impedimento para a sua marcação com Caso. Foi mostrado, com base em Chomsky (2013) e Saito (2014), que essa ausência de Caso acarreta um problema para a rotulação dos nós não-terminais da estrutura, que somente pode ser solucionado mediante reanálise morfológica dessa estrutura, compreendendo a marca como parte do mesmo domínio morfológico que o verbo.

Construções passivas e impessoais são derivadas com um DP que, apesar de apresentar traços de pessoa não valorados desde a numeração, apresenta o traço +HUMANO. Isso o configura como uma variável semelhante à que marca anticausativos e verbos reflexivos, mas que é interpretável por si só devido ao traço +HUMANO. Os traços de pessoa podem ser valorados por uma categoria de Ato de Fala (*Speech Act*, cf. D'Alessandro, 2007), permitindo interpretações inclusivas da marca. A extensão do sincretismo para as construções passivas e impessoais é possível se não há um item de vocabulário específico para as marcas impessoais (Phi: [+HUMANO][Pss: _____]). Dessa forma, o princípio de subespecificação garante que, no lugar da marca Passiva/Impessoal, o expoente da marca de SPR, especificado

para [Pss: _____], seja inserido. Além desse requisito, foi explicado que a possibilidade de sincretismo com o domínio passivo interage com fatores sintáticos como o parâmetro *Pro-Drop* e a elegibilidade das marcas para receber Caso.

Foi feita uma importante caracterização com relação ao local de incorporação das marcas ao domínio morfológico verbal. Essa incorporação pode ser via movimento de núcleo, realizada na sintaxe, ou via deslocamento local, realizado após a inserção de vocabulário. No primeiro caso, há duas opções. O primeiro é o movimento de núcleo da posição de argumento ao verbo, satisfazendo uma relação temática, e aplicável no caso de construções reflexivas. O segundo é pseudo-incorporação (Cf. Massam, 2001; Öztürk, 2005), aplicável no caso de anticausativas e passivas.

Nos próximos capítulos exploramos cada tópico apresentado aqui com maior detalhe e com a devida fundamentação, de forma que, ao final da tese, seja possível compreender a proposta aqui apresentada como um caminho de análise teoricamente viável para explicar os aspectos do SPR a que se propõe.

CAPÍTULO 3

Anticausativos: Direcionalidade e Dependência Morfológica

Na literatura recente em teoria gerativa (Harley, 1995; Embick, 1998; Alexiadou & Anagnostopoulou, 2004; Schäfer, 2007; entre outros), verbos anticausativos têm sido definidos de forma menos restritiva do que a vista na definição clássica. Esses verbos são tomados como qualquer contraparte intransitiva de uma alternância causativo-incoativa. A definição clássica, vista em Nedjalkov & Silnickij (1969), limita o termo anticausativo à contraparte intransitiva²⁸ marcada em uma alternância envolvendo um membro transitivo não-marcado²⁹.

Essa definição não cobre, por exemplo, os membros intransitivos (b) das alternâncias abaixo:

- (82) a. John opens the door. (inglês)
 "O João abre a porta."
 b. The door opens.
 "A porta (se) abre."
- (83) a. Kimea kare ab **kard.** (persa)
 Kimea manteiga derreter TRANS.
 "Kimea derreteu a manteiga."
 b. Kare ab **shod.**
 Manteiga derreter INTRANS.
 "A manteiga derreteu(-se)."

²⁸ Mais especificamente, verbo inacusativo nos termos de Perlmutter (1978).

²⁹ "Um verbo anticausativo é o membro marcado de uma alternância morfológica privativa do tipo transitivo/inativo." (cf. Haspelmath, 1987).

No caso dos dados do inglês acima, ambos os membros da alternância não apresentam nenhum tipo de marca relativa à sua valência. Nos dados do Persa, por outro lado, ambos os membros apresentam marcas que distinguem sua valência. Como ambos os membros da alternância são igualmente marcados ou não-marcados com relação à sua valência, a definição clássica de anticausativo não se aplica aos verbos nas letras (b) acima.

Anticausativos, segundo a definição clássica, encontram-se nas letras (b) dos dados das alternâncias abaixo:

- (84) a. Petr otkry-l dverj. (russo)
 Pedro abrir.PRET.MASC porta.
 "O Pedro abriu a porta."
 b. Dverj otkry-la-sj.
 Porta abrir-PRET.FEM-DECAUS.
 "A porta (se) abriu."
- (85) a. Mehmet kapı-yı aç-tı. (turco)
 Mehmet porta-ACU abrir-PRET.
 "Mehmet abriu a porta."
 b. Kapı aç-ıl-dı.
 Porta abrir-DECAUS-PRET.
 "A porta (se) abriu."

Neste capítulo, mostro a importância dessa definição clássica de verbos anticausativos: somente verbos anticausativos nesse sentido apresentam suas marcas compartilhadas com verbos reflexivos e passivos (e construções relacionadas), formando o sincretismo aqui denominado de Sincretismo Passivo-Reflexivo (SPR). Além disso, as marcas dos verbos anticausativos são sistematicamente dependentes morfológicamente (formas presas), ocorrendo como afixos, clíticos ou pronomes fracos a depender da língua. Sendo assim, a compreensão a respeito de como esses verbos são derivados e do *status* de suas marcas é um ponto crucial para poder fornecer uma análise que explique a recorrência do SPR nas línguas naturais.

O capítulo divide-se em 4 seções. Na primeira, discutem-se algumas propriedades gerais de alternâncias de valência, com enfoque no comportamento do

tipo de alternância que deriva verbos anticausativos: a direcional decausativa. Depois, na segunda seção, são apresentadas algumas propostas de tratamento sintático para a morfologia de decausativização que se encontram na literatura. Na seção 3, forneço uma análise para a derivação de anticausativos, levando em conta a direcionalidade das alternâncias de que fazem parte. Lá, sugiro que a ideia geral da proposta de Schäfer (2007) para anticausativos em alemão pode ser estendida para a análise de anticausativos em outras línguas. Finalmente, abordo a característica crucial da dependência morfológica. Proponho que essa dependência seja derivada de duas formas, que influem em como o SPR se configurará em cada língua: via incorporação pós-sintática, por deslocamento local, e via incorporação sintática, por pseudo-incorporação ou movimento de núcleo.

3.1 Alternâncias Direcionais e Anticausativos

Como mencionado na primeira seção do capítulo anterior, alternâncias de valência podem ser divididas em dois grandes grupos (cf. Haspelmath, 1987, 1993): *não-direcionais* e *direcionais*. O primeiro grupo é caracterizado pelo fato de ambos os membros da alternância serem marcados ou não-marcados com relação à sua valência. No primeiro caso, a alternância é denominada *equipolente* e no segundo, *lábil*. O outro grupo é o das alternâncias em que um membro não é marcado e sua contraparte é marcada, dividindo-se em alternâncias *causativas* e *decausativas*.

Enquanto o comportamento das alternâncias não-direcionais sugere que a base verbal não apresenta nenhuma especificação para a categoria de valência e que as marcas de alternâncias equipolentes têm a função de prover tal especificação, alternâncias direcionais parecem ocorrer quando uma base verbal já é especificada em termos de valência e a marcação ocorre para indicar mudança nessa valência inerente. O esquema abaixo ilustra as diferenças entre os quatro tipos de alternâncias:

(86) *Alternâncias não-direcionais:*

a. Lábil:

b. Equipolente:

(87) *Alternâncias direcionais:*

a. Causativas:

BASE INTRANSITIVA + {A} → VERBO CAUSATIVO

b. Decausativas:

BASE TRANSITIVA + {B} → VERBO ANTICAUSATIVO

Um fato notável ao se considerar essa tipologia é o de que os verbos de uma dada língua não seguem necessariamente um único tipo de alternância, ou um único grande tipo, como o direcional ou o não-direcional. O que se observa, na verdade, é o oposto: línguas tendem a ter verbos que seguem diferentes tipos de alternâncias. A título de exemplo, o corpus de Haspelmath (1993) mostra 31 pares de verbos alternantes em 21 línguas e em nenhuma das línguas os verbos seguem um único tipo de alternância, nem um único grande tipo (direcionais vs. não-direcionais). Isso significa que a maior parte das línguas apresenta um conjunto de bases verbais especificadas para a categoria de valência e um outro sub-especificado para tal.

Além disso, não parece ser possível obter generalizações como: se uma língua apresenta verbos seguindo alternâncias lábeis, nela também ocorrerão verbos seguindo alternâncias equipolentes ou, mesmo, se uma língua apresenta verbos em alternâncias causativas, apresenta também verbos em alternâncias decausativas. Por exemplo, em grego moderno não há nenhuma alternância equipolente³⁰ e nenhuma alternância causativa, mas há alternâncias lábeis e decausativas na língua. Em indonésio, por outro lado, há apenas alternâncias equipolentes e causativas.

Feita esta breve introdução sobre a tipologia das alternâncias de valência, concentremo-nos agora nas propriedades da morfologia dos anticausativos e das alternâncias direcionais.

³⁰ Apesar de não haver nenhuma alternância equipolente em grego moderno (ao menos no que se observa por Haspelmath, 1993), será reportado nas próximas seções que diversos autores abordaram os paradigmas de concordância ativa e não-ativa da língua como sendo um caso de distribuição equipolente.

3.1.1 Direcionalidade e Suas Implicações

A tabela abaixo ilustra o fato de que um dado conjunto de verbos em 6 línguas pode ocorrer em diferentes tipos de alternâncias, a depender da língua. Os pares estão apresentados da seguinte forma: membro intransitivo/membro transitivo. As células cinzas representam alternâncias decausativas, as brancas, causativas e as negras, lábeis:

Língua	<i>quebrar</i>	<i>queimar</i>	<i>abrir</i>	<i>fechar</i>	<i>mudar</i>	<i>derreter</i>
Árabe	in-kasara/ kasara	ih-taraqa/ ahraqa	in-fataha/ fataha	in-qafala/ qafala	ta- baddala/ baddala	in-shahara/ shahara
Georgiano	i-tqd-eb-i/ tex	i- c'vi/c'av	i-gh-eb/ a-gh-eb	i-xur-eb/ xur-av	i-cvl- eb/cl-av	dn-eb/ a-dn-ob
Turco	kir-il-mak/ kir-mak	ya-n-mak/ yak-mak	aç-il-mak/ aç-mak	kapa-n- mak/ kapa-mak	degis- mek/ degis-tir- mek	eri- mek/eri-t- mek
Francês	se briser/ briser	brûler	s'ouvrir/ ouvrir	se fermer/ fermer	changer	fondre/ faire fondre
Grego	tsakizome/ tsakizo	keome/ keo	anigho	klino	alazo	lyono
Indonésio	patah/ me-matah	ter-bakar/ mem- bakar	ter-buka/ mem- buka	tutup/ me-nutup	ber-ubah/ meng- ubah	cair/ men-cair

Tabela 6 - Diferentes Alternâncias para os Mesmos Verbos em 6 Línguas.

Como apontado em trabalhos como Alexiadou & Anagnostopoulou (2004) e Rappaport-Hovav & Levin (2011), os argumentos do verbo – especialmente o interno – também parecem determinar se o verbo pode ou não participar de certa alternância. Por exemplo, um mesmo verbo que participa de alternâncias lábeis pode não permitir tal alternância quando seu argumento interno é animado. Esse é o caso do verbo *secar* em alguns dialetos do português brasileiro³¹, por exemplo:

- (88) a. O João secou o chão.
 b. O chão secou.
 c. O sol secou o João.
 d. *O João secou.

³¹ Os julgamentos se aplicam mais a falantes de dialetos do sul do país, em que o verbo *secar* intransitivo com um sujeito animado requer a marca SE. Em outros dialetos, notavelmente nos falados em Minas Gerais, esse julgamento pode não se verificar.

Haspelmath (1993) nota que a espontaneidade do evento pode determinar a valência do verbo. Eventos espontâneos, conforme explicado adiante em 3.3.1, tendem a ser expressos por verbos intransitivos (inacusativos) enquanto que os não-espontâneos tendem a ser expressos por verbos transitivos.

Na linha do que já foi mencionado sobre os tipos de alternâncias de valência, alguns verbos são especificados para eventos não-espontâneos (verbos transitivos não-marcados), outros são especificados para eventos espontâneos (verbos inacusativos não-marcados) e alguns outros são sub-especificados para espontaneidade. No exemplo acima, o verbo *secar* é sub-especificado para espontaneidade: denota um evento não-espontâneo quando transitivo e um evento espontâneo quando intransitivo (a e b, respectivamente). No entanto, se um argumento interno animado é tomado pelo verbo, tal como João, o evento é interpretado como não-espontâneo e o verbo deve ser transitivo: portanto a agramaticalidade da sentença intransitiva em (d) acima.

Em grego, é observado o mesmo fenômeno visto com o verbo *secar*. Alguns verbos podem ocorrer tanto em alternâncias lábeis como em decausativas, mas se o argumento interno do verbo é animado, o verbo deve alternar-se de acordo com uma alternância decausativa. Pode-se verificar isso com o verbo *leroso* (sujar), conforme apontado em Alexiadou & Anagnostopoulou (2004):

- (89) a. O Iannis lero-se to trapezomandilo.
 O Ianni sujou a toalha-de-mesa.
 "O Ianni sujou a toalha de mesa."
 b. To trapezomandilo lero-se/leroth-ike apo mono tou.
 A toalha-de-mesa sujou/sujou-DECAUS por si só.
 "A toalha de mesa sujou (por si só)."
 c. O Iannis leroth-ike/*lerose.
 O Ianni sujou-DECAUS/sujou.
 "O Ianni se sujou."

(Alexiadou & Anagnostopoulou 2004: 21a, b, 22b)

Isso significa que o argumento interno animado do verbo tornou o evento não-espontâneo a ponto de não poder mais ser expresso pela forma intransitiva não-

marcada do verbo *leroso* (*lerose*). Sendo assim, apenas a forma intransitiva marcada (*lerothiske*) é aceita quando o verbo apresenta um argumento interno animado. Alguns outros verbos em grego denotam a espontaneidade do evento qualquer que seja o argumento que tomam, contanto que sejam verbos intransitivos:

- (90) a. To koritsi kokkinise ti zografiki.
A menina envermelhou o quadro.
"A menina envermelhou o quadro."
- b. I zografiki kokkinise.
O quadro envermelhou.
"O quadro envermelhou."
- c. To koritsi kokkinise sa parapuna.
A menina envermelhou como papoula.
"A menina envermelhou-se como uma papoula."

No caso acima, o verbo *kokkinizo* (envermelhar) é totalmente lábil, independentemente das propriedades semânticas de seu argumento interno.

Observando esses fenômenos, seria possível concluir que alternâncias direcionais são algum tipo de dispositivo que as línguas apresentam para preservar a valência do verbo tendo em conta o grau de espontaneidade denotado pelo evento. É necessário que um verbo sofra esse tipo de alternância caso a denotação de uma dada estrutura de evento não seja espontânea o suficiente para que o verbo seja intransitivo ou não seja não-espontânea o suficiente para que o verbo seja transitivo. Para tornar isso mais claro, seguem casos em que o verbo pode apenas ocorrer em alternâncias direcionais: não há labilidade envolvida.

O turco pode ser considerado uma língua em que não se observam alternâncias lábeis. É possível observar alguns casos isolados de equipolência (*öğrenmek*, aprender; *öğretmek*, ensinar), mas alternâncias lábeis não ocorrem. Nessa língua, então, de acordo com o raciocínio construído até agora, pode-se dizer que nenhuma estrutura de evento formada por um verbo transitivo pode ser interpretada como espontânea o bastante para que esse mesmo verbo possa ocorrer como intransitivo sem nenhum tipo de marca. Se esse verbo transitivo ocorre em uma estrutura com apenas um argumento, isso deve ser marcado para preservar sua transitividade. Isso ocorre, por exemplo, com o verbo *açmak* (abrir):

- (91) a. Mehmet kapı-yı aç-tı.
 Mehmet porta-ACU abrir-PRET.
 "Mehmet abriu a porta."
 b. Kapı aç-ıl-dı.
 Porta abrir-DECAUS-PRET.
 "A porta (se) abriu."

O oposto também é verdadeiro. Se um verbo é intransitivo, nenhuma estrutura de evento contendo esse verbo pode ser interpretada como não-espontânea o suficiente para que o verbo não seja intransitivo. Sendo assim, o verbo *durmak* (parar) sempre deve ser marcado se um agente está envolvido no evento:

- (92) a. Araba dur-du.
 Carro parar-PRET.
 "O carro parou."
 b.* Polis araba-yı dur-du.
 Polícia carro-ACU parar-PRET.
 c. Polis araba-yı dur-dur-du.
 Polícia carro-ACU parar-CAUS-PRET.
 "A polícia parou o carro."

Considerando que, no caso da alternância direcional decausativa, as marcas ocorrem para preservar a transitividade do verbo, qual seria a função da marca na alternância direcional causativa? Seguindo a lógica de que as marcas das alternâncias direcionais ocorrem para preservar a estrutura sintática projetada pelo verbo, é possível concluir que marcas causativas não fazem o verbo intransitivo projetar outro argumento, mas o associam a um evento externo de causação. Preserva-se, dessa forma, a intransitividade do verbo.

Se essas considerações refletem a verdade, pode-se deduzir uma propriedade crucial das marcas em alternâncias direcionais:

- (93) Marcas em ***alternâncias direcionais*** não alteram a transitividade/intransitividade de um verbo.

E, se transitividade e intransitividade são, em termos de Sintaxe, a estrutura projetada pelo verbo, a propriedade declarada acima pode ser reformulada para a seguinte versão:

- (94) Marcas em *alternâncias direcionais* não alteram a estrutura sintática projetada pelo verbo.

Dessa propriedade é possível derivar, também, um dos fundamentos essenciais para a análise levada adiante nesta tese: o de que as marcas de verbos anticausativos são argumentos externos de um verbo. Se um verbo com uma base transitiva precisa projetar dois argumentos, a melhor forma de caracterizar a marca decausativa é considerando-a como um argumento expletivo.

3.1.2 O Estatuto Morfológico das Marcas Decausativas

Um fato já observado na literatura em Tipologia Linguística (Cf. Geniusienie 1987, Haspelmath 1987, Kemmer 1993, DeSchepper 2007) é o de que as marcas decausativas normalmente apresentam uma forma fonológica não-proeminente, sendo afixos ou clíticos. De fato, observando um conjunto de línguas, todas as formas encontradas para marcas decausativas são clíticos, afixos ou pronomes fracos:

Língua	Marca Decausativa	Tipo Morfológico	Língua	Marca Decausativa	Tipo Morfológico
Românicas	SE	Clítico	Grego, Albanês	<i>concordância</i>	Afixo (Concordância)
Alemão	sich	Pron. Fraco	Dinamarquês, Sueco	Sig	Pron. Fraco
Holandês	zich	Pron. Fraco	Dinamarquês, Sueco	-s	Afixo
Croata, Macedônio, Tcheco	se	Clítico	Islandês	-st	Afixo
Russo	-sja	Afixo	Fula	-ade	Afixo
Hebraico	<i>hitpael</i>	Padrão Afixal	Toba	n-	Afixo
Árabe Padrão	ta-	Afixo	Turco, Yakut (Saha)	-Il/n	Afixo
Georgiano, Laz	-i-	Afixo			

Tabela 7 - Marcas Decausativas em diversas línguas

Além da ausência de proeminência fonológica, marcas decausativas não são vistas em línguas classificadas como analíticas ou isolantes: inglês, cantonês, tailandês, yoruba, etc. Cabe mencionar que, em português brasileiro, que tem sido considerada uma língua em processo de analiticização, com o empobrecimento de seu paradigma de concordância e sistema clítico (Cyrino 1997, Galves 1989, Roberts 1996, entre muitos outros), a marca SE está desaparecendo enquanto marca decausativa (ver também Negrão & Viotti, 2011)³².

Esses fatos sugerem que a marca decausativa é uma marca morfológicamente dependente, que requer processos morfológicos na língua para que ocorra. Esse requerimento é único entre as marcas de valência. Marcas causativas, assim como as marcas transitivas e intransitivas de alternâncias equipolentes tendem ser irrestritas com relação ao tipo morfológico em que ocorrem, podendo ser tanto formas livres como presas.

Língua	Marca Causativa	Tipo Morfológico
Francês	faire	Verbo leve, Forma Livre.
Cantonês	dou	Partícula, Forma Livre
Turco	-t, -tIr	Afixo, Forma Presa.
Navarro	-l	Afixo, Forma Presa

Tabela 8 - Formas de Marcas Causativas entre as Línguas

Língua	Marca Transitiva	Marca Intransitiva	Tipo Morfológico
Persa	kardan	shodan	Verbos DO, BECOME: Forma Livre.
Urdu	karnaa	honaa	VerbosDO, BECOME: Forma Livre.
Japonês	-eru	-aru	Afixo, Forma Presa.
Húngaro	-ít	-ul	Afixo, Forma Presa.

Tabela 9 - Formas de Marcas de Alternâncias Equipolentes entre as Línguas

³² Carvalho & Lazzarini-Cyrino (2013) e Carvalho (2014) sugerem que esse fenômeno favorece a reanálise das alternâncias do português brasileiro como alternâncias lábeis.

A característica de dependência morfológica, peculiar às marcas decausativas, sugere também que elas ocupam uma posição diferente das outras marcas na estrutura sintática, posição essa que está sempre sujeita a incorporação morfológica³³.

3.1.3 O Sincretismo Passivo-Reflexivo

Marcas decausativas também são únicas no sentido de serem sistematicamente compartilhadas com construções reflexivas e passivas/impessoais³⁴ entre as línguas. Não foi encontrada nenhuma marca decausativa que somente ocorresse em anticausativos: em todas as línguas observadas, as marcas de verbos anticausativos ocorrem ou em passivas, ou em reflexivas ou em ambos os contextos (bem como em outros relacionados). Isso é ilustrado abaixo:

Família	Língua	Marca	Reflexivos	Anticausativos	Passivos
I.E. Românicas		SE	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
I.E. Eslávicas	Tcheco, Croata	<i>se</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
	Polonês	<i>się</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
	Russo	<i>-sja</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
I.E. Grego, Albanês		<i>conc.</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
I.E. Germânicas	Alemão	<i>sich</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	
	Holandês	<i>zich</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	
	Dinamarquês Sueco	<i>sig</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	
	Dinamarquês Sueco	<i>-s</i>		<i>x</i>	<i>x</i>
Caucasianas do Sul	Georgiano Laz	<i>-i-</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
Túrquicas	Turco, Yakut	<i>-il-</i>		<i>x</i>	<i>x</i>
Semíticas	Árabe Padrão	<i>ta-</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
	Hebraico	<i>hitpael</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	(<i>x</i>)
Austronesiana	Toba	<i>-n</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	<i>x</i>
Níger-Congo	Fula	<i>-ade</i>	<i>x</i>	<i>x</i>	

Tabela 10 - O sincretismo das Marcas Decausativas entre as Línguas

Nessa seção, portanto, foi possível observar o estatuto especial das marcas decausativas entre as línguas e algumas implicações sintático-semânticas com relação

³³Diferentes versões de como implementar essa dependência foram elaboradas no percurso até a conclusão deste trabalho, e podem ser encontradas em Lazzarini-Cyrino (2012) e (2013).

³⁴Neste trabalho propõe-se que construções passivas e impessoais derivadas a partir de afixos/clíticos podem ser analisadas da mesma forma. Por esse motivo, todas as vezes em que se mencionar *passivas*, construções impessoais também podem estar envolvidas. Essa similaridade é apresentada em detalhe no Capítulo 5.

às alternâncias de valência do tipo direcional. Esses fatos descritivos serão doravante abordados em termos teóricos.

3.2 Propostas Sintáticas sobre Valência

A presente seção discute as propostas anteriores relacionadas a alternâncias de valência e, especialmente, à morfologia dos verbos anticausativos e seu sincretismo. Como a análise proposta nesta tese compreende que a estrutura das palavras e das sentenças seja derivada no mesmo componente gerativo da Gramática (a Sintaxe), as propostas aqui discutidas são aquelas que compartilham dessa mesma concepção: a de que morfologia de valência é derivada sintaticamente.

Há muitas abordagens que consideram a morfologia de valência como um fenômeno derivado no Léxico³⁵, e uma em especial que considera que para algumas línguas essa morfologia é derivada no Léxico e para outras, na Sintaxe (Reinhart & Siloni, 2005). Segundo essa proposta, em algumas línguas, marcas reflexivas compartilhadas por anticausativos podem ocorrer em contextos de marcação excepcional de caso (ECM). Isso significa que, no caso de haver uma operação Lexical de reflexivização e redução de argumentos (como em Chierchia, 1989), esta não pode se aplicar para contextos de ECM uma vez que a marca satisfaz requisitos de dois predicados distintos: ligação com o sujeito do predicado primário e argumento do predicado secundário.

(95) O João se considera inteligente.

No exemplo acima, o clítico *se* não está reflexivizando o verbo *considerar*. Em vez disso, o verbo toma uma *small clause* como complemento e o sujeito da *small clause* é que está ligado ao sujeito do verbo. Abaixo a estrutura é apresentada, sem levar em conta a cliticização de *se* ao verbo:

(96) O João_i [considera [se_i inteligente].

Esse tipo de sentença não pode ser derivado no Léxico. Portanto Reinhart & Siloni (2004) propõem o parâmetro Sintaxe-Léxico, de acordo com o qual línguas que

³⁵ Alguns exemplos: Chierchia (1989), Grimshaw (1990), Kiparsky (2010).

apresentam reflexivização em contextos de ECM e reflexivos dativos devem ter sua marca derivada na Sintaxe, e línguas não apresentando essas características e também apresentando nomes reflexivos devem ter sua marca derivada no Léxico. Esse parâmetro tem se mostrado como insuficiente para dar conta de algumas línguas (Hron 2006, Lazzarini-Cyrino 2013) e se é possível explicar por que algumas línguas apresentam reflexivização em ECM e outras não sem recorrer às diferenças entre Léxico e Sintaxe, nada impede a análise dessa marca como sendo derivada somente em um componente ou outro. No capítulo anterior mostrei como a questão da reflexivização em ECM pode ser explicada por meio das diferenças entre incorporação por movimento de núcleo e por deslocamento local, processos que não dependem do Léxico. Sendo assim, opta-se pela análise puramente sintática do fenômeno.

Tendo dito isto, aqui apresento três diferentes sistemas puramente sintáticos para dar conta de morfologia de valência, os quais acredito estarem relacionados entre si, sendo um o desenvolvimento do outro. São (i) um sistema baseado nos *sabores* de *v* (ou Voice) visto por exemplo em Harley (1995), Embick (1998), Alexiadou & Anagnostopoulou (2004), (ii) um sistema baseado na separação entre *v* e Voice (Pylkkänen 1999, Harley 2013) e, por último, (iii) um sistema que leva em conta as propriedades de projeção da categoria Voice, mas também assume que alguns tipos de morfologia de valência podem ser expoentes de argumentos verbais (Schäfer 2007).

3.2.1 Os Sabores de *v*

A semântica Neo-Davidsoniana (Parsons 1990, Kratzer 1996) e os fenômenos relacionados à predicação e atribuição temática (Marantz 1984, Bowers 1993, Chomsky 1993) caracterizaram os desenvolvimentos na Sintaxe da Estrutura de Argumentos dentro do Programa Minimalista. Um requerimento importante derivado desses desenvolvimentos é o de que cada núcleo que projeta posições temáticas pode somente projetar uma única posição. Portanto, um verbo transitivo não apresenta ambos argumentos derivados do mesmo núcleo V, mas de dois núcleos, V e *v*, o último sendo responsável pela projeção do argumento externo.

Dentro da Morfologia Distribuída, essa categoria *v* (Harley 1995, Marantz 1997) foi considerada como um categorizador verbal, categorizando raízes e outras bases como verbos. Com essa proposta, *v* está presente não somente em verbos

transitivos, como também em inacusativos e inergativos. Considerando que a diferença entre verbos transitivos/inergativos e inacusativos é relacionada à projeção de argumento externo, autores como Embick (1998), Alexiadou & Anagnostopoulou (2004), Kallulli (2006), entre outros, consideraram que diferentes valores de *v* acarretariam na projeção ou não de argumentos externos. Nesse sentido, a morfologia de verbos anticausativos e passivos são expoentes de valores de *v* que não projetam argumentos externos³⁶.

Em Embick (2004) há uma versão mais geral desse tipo de proposta. O autor propõe uma tipologia baseada na distribuição de dois traços em *v*: [Ag] e [Caso]. O primeiro é responsável pela interpretação de um agente para o evento (cf. Kratzer, 1996) e o segundo é responsável pela projeção de um argumento externo. Sendo assim, núcleos *v* que apresentam ambos [Ag] e [Caso] seriam encontrados em verbos transitivos; núcleos apresentando apenas o traço [Ag] seriam encontrados em passivas e núcleos sem nenhum traço seriam encontrados em anticausativos.

Essa proposta assume que, se há uma marca morfológica distinta para verbos transitivos e outra para anticausativos, elas ocupam o mesmo núcleo na estrutura sintática: estão em distribuição complementar, portanto. À primeira vista, tomando os dados do grego, baseados nos quais diferentes versões desse tipo de proposta foram desenvolvidas, é possível considerar que se trata de uma abordagem interessante:

- (97) a. O Iannis katastreps-e to ktirio.
 O Ianni destruiu-AT.3S o prédio.
 "O Ianni destruiu o prédio."
 b. To ktirio katastraf-ike.
 O prédio destruiu-NAT.3S.
 "O prédio se destruiu."

Na seção anterior os exemplos como aquele em (a) acima foram considerados sem marcas com relação à valência. No entanto, para muitos autores, as alternâncias do grego seguem um padrão mais equipolente do que direcional: em (a) há uma marca de concordância ativa (AT) e em (b), uma marca não-ativa (NAT). A razão para considerar os dados do grego dessa forma provém da gramática tradicional que diz

³⁶ Em Alexiadou & Anagnostopoulou (2004) é possível encontrar uma síntese das propriedades de *v* frequentemente levadas em conta em diversos trabalhos relacionados a transitividade naquela época.

haver um paradigma de concordância da voz ativa e outro da voz média/passiva. Se essa visão tradicional é verdadeira, então o sistema *v* proposto em Embick (2004) é capaz de dar conta das alternâncias causativo-incoativas da língua.

Na seção anterior, porém, vimos que há alternâncias lábeis na língua: alternâncias em que apenas o paradigma ativo ocorre, independentemente da transitividade do verbo. Veja o dado repetido abaixo:

- (98) a. To koritsi kokkinise ti zografiki.
 A menina envermelhou o quadro.
 "A menina envermelhou o quadro."
 b. I zografiki kokkinise.
 O quadro envermelhou.
 "O quadro envermelhou."
 c. To koritsi kokkinise sa parapuna.
 A menina envermelhou como papoula.
 "A menina envermelhou-se como uma papoula."

Além disso, há verbos em que a labilidade depende do tipo de argumento interno: se tal verbo toma um argumento interno animado, ele deve ser transitivo ou então intransitivo marcado com a concordância não-ativa. Se o mesmo verbo toma outro tipo de argumento interno, independentemente de sua transitividade, será marcado com a concordância dita ativa.

Esse tipo de distribuição desafia o sistema proposto em Embick (2004) porque os tipos de marca de concordância (ativo/não-ativo) não estão seguindo a propriedade de projetar/não-projetar argumentos externos. Em Alexiadou & Anagnostopoulou (2004) há uma solução para isso: considerar que *v* é o loco de um componente semântico de modo de ação (*manner*) e que a distribuição da concordância não-ativa da língua está condicionada pelos valores desse componente. Mas os autores só precisam recorrer a esse componente porque ainda consideram que tanto a concordância ativa como a não-ativa da língua são expoentes da mesma categoria *v*: eles consideram que todas as alternâncias de valência da língua são equipolentes.

Como no início da seção anterior, tomemos os dados do turco para fazer um contraponto. Da mesma forma que acontece com o grego, o turco pode ser analisado como tendo expoentes para um núcleo *v* que projeta argumentos externos (marcas

causativas *-dır, -t*) e expoentes para um *v* que não projeta argumentos externos (marcas passivas/anticausativas *-Il, -n*):

- (99) a. Polis araba dur-dur-du.
 Polícia carro parar-CAUS-PRET.
 "A polícia parou um carro."
 b. Kapı aç-ıl-dı.
 Porta abrir-PASS-PRET.
 "A porta abriu."

No entanto, como mostrado anteriormente, essas marcas indicam que o verbo passou por uma alternância direcional de valência: suas contrapartes não são marcadas:

- (100) a. Araba dur-du.
 Carro parar-PRET.
 "O carro parou."
 b. Mehmet kapı-yı aç-tı.
 Mehmet porta-ACU abrir-PRET.
 "Mehmet abriu a porta."

O sistema *v* de Embick não prevê que, havendo verbos transitivos e inacusativos marcados em uma língua, também pode suceder que suas contrapartes sejam não-marcadas. A única solução dentro do sistema seria a de recorrer a um componente semântico à la Alexiadou & Anagnostopoulou (2004) para derivar o padrão claramente direcional das alternâncias em turco. No entanto, se ambas as marcas causativas e decausativas da língua são expoentes do mesmo núcleo *v*, seria esperado que elas estivessem em distribuição complementar. O que se vê abaixo, bastante produtivo na língua, deveria ser agramatical:

- (101) Araba dur-dur-ul-du.
 Carro parar-CAUS-DECAUS-PRET.
 "O carro foi parado."

3.2.2 A cisão de *v*: Voice + *v*

Para dar conta da ausência de distribuição complementar entre marcas causativas e decausativas, alguns trabalhos trouxeram uma proposta diferente: *v* é cindido em um núcleo *v* que fornece um papel temático causativo e Voice que fornece a posição de argumento externo. Esse tipo de proposta é vista, por exemplo, em Harley (2012).

De acordo com essa abordagem, verbos transitivos apresentam o núcleo Voice, que projeta ou não um argumento. A categoria Voice apenas projeta um argumento no caso de Voz Ativa, mas não no caso de Voz Passiva. Marcas causativas são expoentes de núcleos *v* que projetam argumentos. Nesse sistema, um verbo transitivo seria derivado da seguinte forma:

O argumento externo projetado por *v* se moveria para o Spec de Voice, obtendo o estatuto de argumento externo do verbo. Uma construção causativa envolvendo mais participantes, por exemplo, *O João fez o Pedro lavar a louça*, pode ser derivada por um raciocínio semelhante: *João* ocuparia Spec de Voice e *Pedro*, Spec de *v*. O que é importante, no entanto, é que esse tipo de estrutura pode derivar o dado do turco apresentado anteriormente:

- (103) Araba dur-dur-ul-du.
 Carro parar-CAUS-DECAUS-PRET.
 "O carro foi parado."

Supondo que a marca causativa *-dur* seja o expoente de uma categoria *v* que projete um argumento e *-ul*, a marca decausativa/passiva, um expoente de um nó Voice que não projeta argumento, a sentença poderia ser derivada.

Contudo, se *-dur* representa um *v* que projeta argumentos externos, por que há verbos transitivos sem marcas na língua? Mais ainda, se *-ul* representa um nó Voice que não projeta argumento externo, porque há verbos na língua sem argumentos externos e sem *-ul*? Ainda assim, o sistema de *v* cindido não dá conta da direcionalidade das alternâncias, sendo necessário recorrer a outros mecanismos para explicar porque alguns verbos são marcados em alguns contextos e outros não o são nesses mesmos contextos.

3.2.3 Marcas Decausativas como Argumentos Externos

Schäfer (2007), baseado no sincretismo entre as marcas reflexivas e decausativas em alemão, propõe um estatuto diferente para as marcas decausativas. Marcas decausativas em alemão são compartilhadas com marcas reflexivas que ocorrem em muitos contextos que sugerem seu comportamento argumental, como anáforas de longa distância e reflexivização em ECM. Além disso, algumas características da língua evidenciam que essa marca apresenta Caso, mesmo em contextos anticausativos: verbos anticausativos são claramente sintaticamente transitivos em alemão. Isso é ilustrado facilmente por meio da seleção de auxiliares da língua.

Da mesma forma que em Italiano e Francês (Burzio, 1982), em alemão o tempo passado composto pode ser formado com dois tipos de auxiliares: *sein* (ser) e *haben* (haver). No entanto, ao contrário do Italiano e do Francês, *sein* ocorre somente com inacusativos não-marcados e não com aqueles marcados pela marca decausativa/reflexiva *sich*. Verbos anticausativos (inacusativos marcados) comportam-se nesse sentido como verbos transitivos: formam seu passado composto com o auxiliar *haben*³⁷. Veja abaixo:

³⁷O mesmo fenômeno também é observado em outras línguas germânicas, concretamente o holandês, o dinamarquês/norueguês/sueco e o islandês.

- (104) a. Er **ist/*hat** angekommen.
 Ele é/*há chegado.
 "Ele chegou."
- b. Er **hat/*ist** die Tür geöffnete.
 Ele há/*é a porta aberta.
 "Ele abriu a porta."
- c. Die Tür **hat/*ist** sich geöffnete.
 A porta há/*é DECAUS aberta.
 "A porta abriu."

Tendo esses fatos em conta, Schäfer (2007) propõe que marcas decausativas em alemão são, na verdade, argumentos que ocupam a posição de argumento externo do verbo. Como sua forma é compartilhada com a de marcas reflexivas (anáforas), ambas compartilham do mesmo estatuto: marcas de verbos anticausativos são variáveis na posição de argumento externo.

Variáveis podem ser definidas como sendo NPs com traços-fi defectivos (cf. Chomsky 1981, Bouchard 1984). Em termos de Agree, pode-se considerar que variáveis atuam como sondas para traços-fi de pessoa, que podem ser valorados por um NP que apresente esses traços e estabeleça com elas uma relação análoga à de concordância (Heinat 2006, Reuland 2001)³⁸. Disso derivariam as restrições de localidade do Princípio A.

(105) Construção Reflexiva

³⁸Enquanto para as primeiras propostas de variáveis e defectividade de traços-fi (Chomsky, 1981; Bouchard, 1984), as categorias que representam variáveis eram NPs, com a proposta da categoria D, passou a ser mais interessante considerar variáveis reflexivas como DPs (Heinat 2006), especialmente por definições como em Pesetsky & Torrego (2005) de que Determinantes naturalmente carregam traços-fi não valorados.

Considerar que uma variável pode ocupar a posição de argumento externo violaria o Princípio A. No entanto, Schäfer (2007) propõe que tal violação garantiria uma interpretação expletiva da variável em LF. Essa interpretação expletiva do argumento externo é o que garante a intransitividade semântica dos anticausativos:

(106) Construção Anticausativa

O autor, no entanto, não estende sua proposta a línguas como o grego. Sua proposta está associada somente a línguas em que Voice sempre projeta argumentos externos, enquanto que línguas como o grego apresentam uma categoria Voice que permite a não projeção de seu argumento.

Para a compreensão do que ocorre nos dados do grego, no entanto, acredita-se aqui que a proposta de Schäfer (2007) pode trazer mais vantagens que os sistemas anteriormente propostos. Suponhamos que Voice e *v* sejam a mesma categoria que sempre projeta um argumento (o argumento externo do verbo) e que tal categoria está presente de acordo com a interpretação semântica do verbo com seu argumento interno. Sendo assim, alguns verbos nunca ocorrem com Voice/*v*, outros não apresentam nenhuma restrição com relação à presença/ausência de Voice/*v*, outro conjunto requererá Voice/*v* a depender do argumento interno que tomam e, finalmente, um outro grupo de verbos sempre requererá Voice/*v*. Se consideramos também que a concordância não-ativa do grego é o resultado da afixação do argumento externo à categoria T³⁹, então há uma forma mais simples de explicar as alternâncias do grego.

Assumem-se quatro classes de verbos em Grego. A Classe I é a de verbos como *tsakizo* (quebrar), que sempre requerem Voice/*v*. A Classe II contém verbos como *pao* (ir), que rejeita Voice/*v*. A Classe III engloba verbos como *kokkinizo* (envermelhar), que não apresentam restrições para Voice/*v* e a Classe IV constitui-se de verbos como *lerono* (sujar), que podem requerer ou não Voice/*v* de acordo com seu argumento

³⁹ Os processos morfológicos envolvidos nessa proposta são explicitados na seção 3.4.6.2.

externo. As propriedades semânticas que determinam cada classe de verbos não precisam estar presentes em nenhum momento da derivação sintática. Pode-se entender como algo somente acessível em LF. Se um verbo, por exemplo, de Classe II é lido em LF como tendo Voice/v, haverá um problema com a estrutura de eventos e a derivação terá produzido uma sentença cuja leitura é semântica ou pragmaticamente incompatível (ver Harley & Noyer 2005).

Classe	Exemplo	Estatuto com relação a Voice/V
I	<i>tsakizo</i>	Requer Voice/v
II	<i>pao</i>	Rejeita Voice/v
III	<i>kokkinizo</i>	Inespecífico com relação a Voice/v
IV	<i>lerono</i>	Pode requerer Voice/v dependendo do argumento interno.

Tabela 11 - Classes Verbais em Grego

Em grego, anticausativos no sentido clássico, com concordância não-ativa, ocorrem necessariamente na Classe I:

- (107) a. O Iannis tsakiz-i ti porta.
 O Ianni quebrar-3S a porta.
 "O Ianni está quebrando a porta."
 b. I porta tsakiz-ete.
 A porta quebrar-NAT.3S.
 "A porta está quebrando."

A marca também pode ocorrer em verbos de classe IV, dependendo do argumento interno que tomam:

- (108) a. O Iannis leroise to trapezomandilo.
 O Ianni sujou a toalha-de-mesa.
 "O Ianni sujou a toalha de mesa."
 b. To trapezomandilo leroise/leroth-ike apo mono tou.
 A toalha-de-mesa sujou/sujou-NAT.3S por si só.
 "A toalha de mesa sujou (por si só)."

- c. O Iannis leroth-ike/*lerose.
 O Ianni sujou-NAT.3S/sujou.
 "O Ianni se sujou."

(Alexiadou & Anagnostopoulou 2004: 21a, b, 22b)

Anticausativos nunca serão encontrados na Classe III, uma vez que essa classe não requer a projeção de Voice/v. Sendo assim, se o verbo toma somente um único argumento, o interno, Voice/v simplesmente não é projetado. Por outro lado, se o verbo toma dois argumentos, Voice/v é projetado. A Classe III é genuinamente uma classe de verbos lábeis. Considere, no entanto, que a marca não-ativa também é utilizada na formação da voz passiva em grego. Sendo assim, se um verbo de Classe III apresenta concordância não-ativa, obterá uma leitura passiva e não anticausativa.

- (109) a. To koritsi kokkinise ti zografiki.
 A menina envermelhou o quadro.
 "A menina envermelhou o quadro."
 b. I zografiki kokkinise.
 O quadro envermelhou.
 "O quadro envermelhou."
 c. To koritsi kokkinise sa parapuna.
 A menina envermelhou como papoula.
 "A menina envermelhou-se como uma papoula."
 d. To zografiki kokkinis-tike apo to koritsi.
 O quadro envermelhar-NAT.3S por a menina.
 "O quadro foi avermelhado pela menina."

Com relação aos anticausativos, esse sistema deriva exatamente o que foi dito anteriormente com relação a alternâncias direcionais:

- (110) Marcas em *alternâncias direcionais* não alteram a estrutura sintática projetada pelo verbo.

Sempre que a concordância não ativa em grego, ou a marca *sich* em alemão ocorre em verbos intransitivos, ela ocorre para preservar a transitividade requerida pelo verbo/estrutura de eventos.

A análise para o grego esboçada aqui pode ser criticada por estar baseada em checagens pós-sintáticas de adequação da transitividade para o evento denotado. Entretanto, se assumimos um modelo como a Morfologia Distribuída, em que a Sintaxe é considerada cega para os conteúdos das raízes (Cf. Marantz 1996), o modelo de Alexiadou & Anagnostopoulou (2004) pode ser criticado pela mesma razão. Nota-se que o componente de modo de ação (*manner*) proposto em tal modelo deve ser, de alguma forma, correspondente aos conteúdos semânticos da raiz verbal e se essa checagem não pode ser feita durante a derivação sintática, deve ser feita posteriormente da mesma forma que a checagem proposta nesta seção.

3.3 Derivando Direcionalidade na Sintaxe

Na última seção foi mostrado que abordagens anteriores da morfologia de valência não levaram em conta a direcionalidade das alternâncias da forma como foi mostrada na seção 1. Pelo contrário, analisaram-se as marcas causativas e decausativas como tendo uma distribuição equipolente: ambas são expoentes do mesmo nó terminal. A proposta de Schäfer (2007), por outro lado, dá um passo a frente ao propor que os anticausativos em alemão apresentam uma sintaxe transitiva e, portanto, a marca *sich* é um argumento verbal. Esse tipo de raciocínio pode ser estendido para os dados do grego, mostrando como a distribuição da concordância não-ativa pode ser facilmente compreendida quando se leva em conta o fator *direcionalidade* na análise.

A presente seção clarifica alguns aspectos com relação à análise argumental das marcas decausativas e mostra brevemente o estatuto das marcas causativas enquanto predicados. Antes de discutir esses aspectos, no entanto, cabe realizar primeiramente algumas considerações com relação ao requerimento de *espontaneidade* nas alternâncias direcionais.

3.3.1 Algumas notas em *espontaneidade*

Como mencionado na primeira seção, Haspelmath (1993) observou que verbos denotando eventos espontâneos tendem a ser não-marcados enquanto intransitivos e, por outro lado, verbos denotando eventos não-espontâneos tendem a ser não-marcados enquanto transitivos. O problema dessa observação, no entanto, é relacionado ao significado de *espontaneidade*. O que exatamente é *espontaneidade* e por que os graus de espontaneidade dos eventos variam tanto de língua para língua?

Langacker (1988) propôs a teoria dos Perfis Conceituais. Para ele, eventos podem ser conceitualizados de duas formas diferentes. A primeira é de acordo com o *Perfil Energético*. Neste perfil, eventos são conceitualizados sempre como tendo um desencadeador. Toda vez que esse desencadeador for suprimido, essa supressão deve ser marcada de alguma forma (ver também Givon, 1990). A segunda é de acordo com o Perfil Absoluto. Este perfil conceitualiza o evento sem nenhum desencadeador. Se um desencadeador é adicionado ao evento, isso deve ser marcado. Esses perfis de Conceitualização coincidem com os efeitos de *espontaneidade* apontados em Haspelmath (1993). Verbos que denotam eventos não-espontâneos estão instanciando o Perfil Energético e verbos que denotam eventos espontâneos, o Perfil Absoluto.

Embora a semântica lexical de um verbo possa predizer em qual perfil esses verbos seriam conceitualizados em uma dada língua (ver Levin & Rappaport-Hovav 1995, Alexiadou & Anagnostopoulou 2004, entre outros), tais perfis não parecem ter nenhum efeito na estrutura de eventos de uma sentença. Um verbo intransitivo no perfil absoluto (inacusativo sem marcas) e um anticausativo (inacusativo marcado) podem ter a mesma estrutura de eventos: ambos seriam interpretados como tendo um argumento, que é o tema/paciente do evento. Tais perfis parecem estar mais relacionados à valência do predicado.

Se um predicado é conceitualizado em um determinado perfil, deve projetar os argumentos requeridos por tal perfil, caso contrário haverá uma incompatibilidade não com a estrutura de eventos, mas com sua conceitualização. Portanto, há, entre outros, dois aspectos relevantes para a interpretação de uma sentença: a estrutura do evento em si e como ela está dada de acordo com a conceitualização dos predicados envolvidos.

Este trabalho não pretende fornecer propostas apuradas em termos de semântica, mas tentar relacionar algumas contribuições neste campo ao fenômeno

morfológico das alternâncias direcionadas de valência. A contribuição dos perfis Conceituais para a proposta levada adiante nesta tese é a de que raízes podem ser conceitualizadas de acordo com tais perfis. Argumentos estão associados à raízes categorizadas na Sintaxe e logo que o significado de uma raiz é interpretado após a derivação sintática, os argumentos na estrutura satisfazem ou não os requerimentos conceituais dessa raiz. No caso de não satisfazerem, a derivação pode ser considerada gramatical, mas conceitualmente inadequada (cf. Harley & Noyer, 2005).

Neste cenário, uma raiz pode ser conceitualizada tanto no perfil Energético como no perfil Absoluto, ou mesmo ser inespecífica em termos de perfis conceituais. O último caso parece derivar as alternâncias não-direcionais (lábeis e equipolentes).

Alguns casos interessantes podem ser mostrados levando em conta os diferentes perfis conceituais. Em espanhol, o verbo *caer* (cair) é geralmente inacusativo, sendo conceitualizado no *Perfil Absoluto*, segundo os termos de Langacker (1988).

(111) El jarrón cayó.
"O vaso caiu."

No entanto, a raiz permite ser conceitualizada no perfil energético quando o verbo é derivado como anticausativos. Neste caso, haverá uma interpretação mais enfática e menos espontânea para o evento de cair (para mais detalhes, ver Maldonado 2007):

(112) El jarrón se cayó.
O vaso SE caiu.

Dadas essas reflexões, assume-se aqui que a categoria Voice/*v* (doravante denominada *v*), é uma categoria que projeta um argumento desencadeador para o verbo cuja raiz é conceitualizada no Perfil Energético. Verbos com a raiz no Perfil Absoluto nunca projetam *v*. Dessa forma, se *v* está na estrutura, o argumento externo é projetado.

3.3.2 Derivando Marcas Decausativas como Argumentos

Retomemos a abordagem de Schäfer (2007) para verbos anticausativos. Estes são considerados pelo autor como tendo o mesmo estatuto que anáforas em construções reflexivas: DPs⁴⁰ com traços de pessoa não valorados (DPs sem N^o, cf. Heinat 2006), os quais denominamos variáveis (Chomsky, 1981). Essas variáveis têm os traços de pessoa valorados quando c-comandadas por um argumento que apresente esses traços. Dessa forma, há uma relação de Sonda-Alvo entre a variável (sonda) e o argumento que a c-comanda.

Construções anticausativas, no entanto, são derivadas toda vez que uma variável ocupa Spec de *v*. Sendo assim, não há antecedentes dentro da fase verbal que possam valorar os traços dessa variável. Isso viola o Princípio A da Teoria de Ligação.

Tendo em conta as preocupações do Programa Minimalista, violar um princípio como o princípio A é mais um problema relacionado ao quê essa violação desencadeia do que um problema relacionado à violação em si. Para Schäfer (2007), a violação do Princípio A está relacionada à interpretação do papel temático em LF. Um papel temático não pode ser interpretado a partir de um argumento não-referencial. No entanto, em alemão, verbos que derivam anticausativos são normalmente verbos que não apresentam especificação para o papel temático de seus argumentos externos, o que sugere - de certa forma - que mesmo um argumento não-referencial nessa posição seria permitido: um expletivo.

Estender esse ponto da teoria de Schäfer para as outras línguas é difícil. Não é possível garantir que todo anticausativo em toda língua é formado por um verbo que é inespecífico com relação ao papel temático de seu argumento externo. Sendo assim, apresento uma solução alternativa.

Se assumimos que a total ausência de referencialidade proveniente da não-valorização dos traços-fi de uma variável é tratada como absorção de papel temático em LF, e que assim, o Princípio A é mais um problema para PF do que para LF, há uma alternativa. Algumas propostas na literatura sobre princípios de ligação tratam-nos como epifenômenos de requerimentos de PF. Por exemplo, para Nunes (2004), o Princípio C está relacionado ao Axioma da Correspondência Linear (Kayne, 1994): se o mesmo elemento ocorre mais de uma vez na estrutura, não há como determinar qual

⁴⁰No caso deste trabalho, a discussão sobre o conteúdo destes DPs será realizada nos próximos capítulos.

antecede qual na relação de c-comando, impossibilitando a determinação de uma ordem linear par a estrutura. No caso do Princípio A, foi mostrado que há um potencial problema com Caso e Rotulação: um argumento sem referências não pode ser alvo de uma sonda-Caso e isso ocasionaria problemas para Rotulação (Saito, 2014). Isso será mostrado adiante como sendo algo que acarreta problemas para PF e não para LF, e pode-se contornar esses problemas por meio de incorporação, o que também explica a dependência morfológica das marcas decausativas.

Da discussão a respeito dos Perfis Conceituais realizada anteriormente, é possível considerar que, no que diz respeito à interpretação, é crucial que a estrutura siga o que é requerido pelo perfil conceitual da raiz do verbo e que, conseqüentemente, haja um argumento em cada posição temática projetada. Se o argumento em uma posição temática é não-referencial, simplesmente irá indicar ao componente Conceitual-Intencional que não há uma entidade no mundo relacionada com o papel temático do dado evento.

3.3.2.1 A Condição de Impenetrabilidade das Fases

Retomemos a estrutura proposta para a derivação de anticausativos:

Suponhamos que a derivação de anticausativos dessa forma siga como o descrito na seção anterior: em LF a variável não ligada será interpretada como expletivo, absorvendo o papel temático externo do verbo. Ainda assim algo deve explicar como que o argumento interno nesse caso é o que se move para a posição de sujeito (EPP).

O problema da estrutura transitiva para anticausativos é que esta apresenta o núcleo de fase *v*. Quando *v* projeta seu argumento externo, os elementos c-comandados por *v* sofrem Spell-Out e passam a não ser mais acessíveis pelo sistema computacional ou, ao menos, não enquanto um objeto divisível (ver Matushansky,

2006). Nesse caso o argumento interno não pode mover-se à posição de sujeito e o argumento externo, a variável, não possui os traços necessários para satisfazer EPP (fi-defectivo). A derivação de anticausativos seria, portanto, agramatical.

Por outro lado, há evidências no trabalho de Sigurðsson (2000, 2003) e Marantz (2006) de que o Caso nominativo pode ser atribuído dentro do domínio de vP . Se assumimos que Caso é uma consequência dos requisitos de Agree e que v é um núcleo que entra em relação de Agree com seu argumento externo (Legate 2003, Wurmbrand 2006), é possível explicar que o argumento interno de uma estrutura anticausativa é alçado para uma posição acima do argumento externo de forma a satisfazer os requisitos de v . A realização dessa operação de Agree com v desencadeia o Spell-Out do conteúdo c-comandado pelo núcleo da fase verbal, v . Nesta implementação, o argumento que atua como alvo em Agree- v fica disponível para satisfazer EPP em Spec de T.

Cabe ressaltar que no momento em que o argumento interno se move para realizar Agree com v , não há valoração dos traços- $\bar{f}$ i da variável por este argumento interno. Conforme apontado em Schäfer (2007), isso violaria um princípio de prevenção de "ambiguidade letal" (cf. McGinnis, 2004) que impede a ligação entre dois especificadores do mesmo núcleo. Os traços- $\bar{f}$ i da variável, no entanto, estão sujeitos a receberem um valor por meio de cópia de traços pós-sintaticamente, o que permite concordância da variável com o sujeito (argumento interno), como visto em português abaixo:

(115) a. O Pedro se machucou.

- b. Eu **me** machuquei.
- c. Nós **nos** machucamos.

Lidamos com estes processos a seguir.

3.3.2.2 Itens de Vocabulário

No caso de construções reflexivas, a concordância entre as marcas e o antecedente vista em algumas línguas (como o português) pode ser explicada pela própria valoração dos traços de pessoa da variável pelo antecedente. No entanto, no caso das marcas em verbos anticausativos, seus traços não podem ser valorados pelo argumento interno (que é promovido a sujeito) em nenhum momento da sintaxe estrita: nem quando o argumento interno está *in situ*, pois não há c-comando entre este e a variável e nem quando o argumento interno se move para satisfazer Agree-v, pois violaria o princípio de McGinnis (1999, 2004).

Este princípio está relacionado a um problema de interpretação, o que significa que nada impede que ele não se aplique após o Spell Out de uma dada estrutura. Dentro do modelo da Morfologia Distribuída, muitos trabalhos propuseram que os fenômenos morfológicos de concordância vistos em diversas línguas podem ser derivados no caminho entre o Spell Out da sintaxe estrita até a Inserção Vocabular (cf. Noyer 1997, Pfau 2006, Bobaljik 2008, Kramer 2009, entre outros). Para Noyer (1997), traços de um nó terminal podem ser copiados para outro gerando os efeitos de concordância vistos entre gênero, número e pessoa em muitas línguas. Pfau (2006) mostra que esse tipo de sistema pode dar conta de alguns efeitos de processamento relacionados a concordância, como: *A maior parte das pessoas são inteligentes* vs. *A maior parte das pessoas é inteligente*.

Esse sistema de cópia de traços pode valorar os traços de pessoa do argumento externo dos verbos anticausativos após Spell Out. Isso garante à estrutura a correta interpretação anticausativa em LF e ao mesmo tempo a concordância entre o sujeito e a variável vista em algumas línguas.

Para anticausativos, os expoentes fonológicos inseridos para a variável que tem seus traços valorados pós-sintaticamente serão os mesmos que os inseridos no caso de uma variável que tenha seus traços valorados durante a derivação sintática pré-Spell Out, como no caso das construções reflexivas. Ambas estão sujeitas à inserção de conteúdo fonológico pelos mesmos Itens de Vocabulário dado seu estatuto de variáveis.

Variáveis (anáforas) distinguem-se de outros tipos de nomes, tais como expressões referenciais, por apresentarem um conjunto de traços que não é originário da numeração. Essa diferença é importante no momento da Inserção Vocabular, uma vez que as línguas distinguem fonologicamente anáforas de outras expressões. Para representar essa diferença, os Itens de Vocabulário que dirigem a inserção dos expoentes de uma variável apresentam sublinhados os valores de traços obtidos durante a derivação:

- (117) a. Pss: [locutor][participante][pl] *Valores originários da numeração*
 b. Pss: [locutor][participante][pl] *Valores obtidos na derivação*

Línguas eslavicas, como o russo, não parecem apresentar esse tipo de concordância em nenhum tipo de anáfora (ver também Faltz, 1977 e Geniusienie, 1987). Os exemplos abaixo mostram anáforas reflexivas plenas (a,b), anáforas afixais em reflexivas (c, d) e em anticausativos (e, f) e na primeira e terceira pessoas e não há mudanças em suas formas:

- (118) a. **Ja** videl sebja skachatj besplatno mp3
 I saw REFL baixar grátis mp3.
 "Eu me vi baixando mp3 grátis."

- b. **On** videl **sebja** skachat besplatno mp3
 Ele viu REFL baixar grátis mp3.
 "Ele se viu baixando mp3 grátis."
- c. **Ja** umyl-**sja**.
 Eu lavei-SE.
 "Eu me lavei."
- d. **On** umyl-**sja**.
 Ele lavou-SE.
 "Ele se lavou."
- e. **Ja** prosnul-**sja**.
 Eu acordei-SE.
 "Eu acordei."
- f. **On** prosnul-**sja**.
 Ele acordou-SE.
 "Ele acordou."

Tal comportamento sugere que a forma fonológica da variável é sub-especificada para os traços de pessoa, embora estes sejam necessários em LF para a interpretação anafórica nos casos de reflexividade. Os Itens de Vocabulário nesses casos devem inserir as formas *-sja* ou *sebja* baseando-se apenas em seu estatuto de variáveis (bem em sua natureza afixal ou não, ver seção 3.4.3). O sublinhado vazio na regra de Item de Vocabulário indica que o expoente fonológico está especificado para qualquer valor de traço de pessoa que tenha sido obtido no curso da derivação:

- (119) a. /sja/ → Pss: _____ / afixo (ver 3.4.3)
 b. /sebja/ → Pss: _____

3.3.3 Algumas Observações sobre Marcas Causativas

Até o momento, anticausativos foram analisados como verbos transitivos marcados com um expletivo (variável não-ligada) na posição de argumento externo, o que deriva um evento intransitivo em uma sintaxe transitiva, contemplando os requisitos conceituais da raiz verbal. Nesta seção mencionam-se algumas palavras sobre a Morfologia Causativa.

Na literatura, há diversas abordagens a respeito das marcas causativas entre as línguas, especialmente dialogando com as generalizações em Pylkkänen (2002). Há grande discussão a respeito da relação da semântica das marcas causativas com a semântica dos verbos com que se relacionam, algo ao qual não será possível dedicar atenção no curso deste trabalho. As marcas causativas são interessantes, por outro lado, na medida em que apresentam um contraste claro com o que foi dito aqui com relação às marcas decausativas, justificando análises diferentes para cada uma delas.

Aqui assumo que marcas causativas não são projetadas pelo verbo, mas sim são predicados expressos pelo núcleo Cause que se concatena externamente ao verbo.

Essa estrutura é suficiente para dar conta de dois fatos. O primeiro é o de que marcas causativas não selecionam uma estrutura sintática específica (ver Lyutikova & Tatevosov 2009), ocorrendo tanto em verbos intransitivos como transitivos, conforme se ilustra nos dados do turco e do francês abaixo:

- (121) a. Kahve-de oturanlar kitab oku-du.
 Cafe-em sentar.PART.ACU livro ler-PRET.
 "As pessoas sentadas no café leem livros."
- b. Öğrenciler kahve-de oturanlar-a kitap oku-t-tu.
 Estudantes.NOM cafe-em sentar.PART-DAT livro ler-CAUS-PRET.
 "Os estudantes fazem as pessoas sentadas no café lerem livros."
- c. Yaşlanma dur-uyor!
 Envelhecimento.NOM parar.PRES.
 "O envelhecimento está parando."
- d. Bu yiyecekler yaşlanma-yı dur-dur-uyor!
 Essa comidas.NOM envelhecimento-ACU parar-CAUS-PRES.
 "Esses alimentos param o envelhecimento."

- (122) a. Je lave la voiture.
 "Eu lavo o carro."
- b. Je fais laver la voiture à Paul.
 Eu CAUS lavar o carro a Paul.
 "Eu faço Paul lavar o carro."
- c. L'eau bout a 100°C.
 "A água ferve a 100°C."
- d. Je fais bouillir l'eau dans une casserole.
 Eu CAUS ferver a'água em uma caçarola.
 "Eu ferveo a água em uma caçarola."

O segundo é o de que marcas Causativas, como predicados, podem ter seu argumento reduzido (decausativizado, passivizado) pela mesma marca decausativa/passiva que decausativiza/passiviza os verbos.

- (123) a. Le riz se fait bouillir dans de l'eau salée.
 O arroz SE CAUS ferver na de a'água salgada.
 "O arroz foi fervido na água salgada."
- b. Kahve-se oturanlar oku-t-ul-du.
 Cafe-em sentar.PART.PL.NOM ler-CAUS-DECAUS-PRET.
 "As pessoas sentadas no café foram levadas a ler."

Nota-se que, se as marcas causativas não fossem consideradas como externas ao verbo, verbos transitivos não poderiam tomar esse tipo de marca por conta do argumento agentivo já haver sido tomado pelo argumento externo do verbo. Além disso, o estatuto argumental das marcas decausativas/passivas as fazem ser passíveis de ocorrer como argumentos de *Cause*.

3.4 Dependência Morfológica

Na seção anterior foi mencionado que a violação do Princípio A ocasionada pela presença de uma variável não-ligada na posição de argumento externo pode ser

um problema maior para PF do que para LF. No caso de LF, assumimos que o componente Conceitual-Intencional lida com a variável não-ligada interpretando-a como um expletivo semântico. Para PF, no entanto, o problema está relacionado ao fato de que as variáveis não ligadas, por não apresentarem valores de traços-fi, não são passíveis de obter Caso.

Esta seção discute a propriedade da Dependência Morfológica típica às marcas Decausativas como uma forma de contornar seu estatuto de argumentos sem-Caso. Primeiramente faço algumas observações com relação à abordagem de Caso adotada, envolvendo Rotulação (Chomsky 2013, Saito 2014). Feito isso, discuto duas formas pelas quais variáveis podem entrar no domínio morfológico do verbo: por deslocamento local e (Pseudo-)Incorporação.

3.4.1 Caso e Rotulação

O estatuto do Caso na Teoria Gerativa está muito longe de ser algo facilmente explicável (ver Bobaljik & Wurmbrand, 2008). Dentro da teoria de Regência & Ligação (Government & Binding), a Teoria do Caso atuava como um módulo que motivaria operações de movimento e como condição de visibilidade dos papéis-temáticos em LF. Dentro do Programa Minimalista, especialmente no contexto do modelo de Agree (Chomsky 2000, 2001), Caso foi tomado como contraparte da valoração de traços: quando um DP valora os traços-fi de um núcleo, Caso é atribuído a tal DP. Em Chomsky (2008), Caso foi considerado como um ativador de uma relação Agree: α pode participar em Agree se e somente se houver um traço não-valorado. Como DPs apresentam traços-fi, eles precisam de algum outro traço não-valorado para ingressar em uma relação de Agree. Este traço é Caso.

Enquanto estas discussões fazem parte do que se entende por Caso em Sintaxe, trabalhos como McFadden (2004), Bobaljik (2008), Caha (2009) mostram que caso Morfológico não parece necessariamente acompanhar o que se prevê em termos de Caso Sintático. Mais ainda, caso morfológico parece estar mais relacionado a outros algoritmos, relacionados a hierarquias e localidade. Portanto, se o sistema Agree já é suficiente para motivar os movimentos durante a derivação sintática, qual é a necessidade do primitivo Caso?

Saito (2014) traz uma interessante consideração ao relacionar a ausência de concordância em termos de traços-fi em japonês (Saito 2007; Takahashi 2008) e o

scrambling da língua. Levando em conta a condição de ativação em Chomsky (2008), se não há Agree motivado por traços-*fi* em japonês, por que argumentos moveriam para posições denominadas posições de Caso? Tomando a proposta de Boskovic (2007) de que DPs apresentam traços de caso não valorados, atuando como sondas, é possível contornar a condição de ativação de Chomsky (2008). A questão, então, seria por que os DPs em japonês sondam um valor para Caso?

Em Chomsky (2013) há a reflexão de que operações de Concatenação (*Merge*) sempre acarretam em Rotulação (*Labeling*). Nesse caso, o problema é determinar qual o rótulo dado ao resultado de uma concatenação. Normalmente núcleos são o padrão: um núcleo sempre projeta, atribuindo seu rótulo a qualquer concatenação em que participe. No entanto há duas situações ambíguas: a primeira é quando dois núcleos se concatenam e a segunda, quando dois sintagmas se concatenam.

Para Chomsky (2013), nos casos de ambiguidade, o algoritmo de rotulação não é capaz de estabelecer um rótulo e para a boa formação da sentença, um dos elementos numa concatenação ambígua deve mover-se de tal posição:

Baseando-se no fato geralmente observado nas línguas de que um DP em uma posição de Caso nunca projeta seu Rótulo, Saito (2014) propõe que Caso pode ser compreendido como um dispositivo anti-Rotulação.

De acordo com o autor, o fato de que Japonês não apresenta concordância em termos de traços-fí permite que mais de um DP mova-se para uma posição de Caso, gerando *scrambling* na língua, um fenômeno comumente observado (Kuroda 1988):

- (126) Bunmeikoku-ga dansei-ga heikinzyumyoo-ga mizika-i
 Civilizado.país-NOM homem-NOM expectativa.de.vida-NOM curta-PRES.
 "É em um país civilizado que a expectativa de vida do homem é curta."
 (Saito, 2014: 1a)

3.4.2 O Problema em não se ter Caso

Anteriormente assumimos que a fase encabeçada por *v* é estabelecida no momento em que um elemento entra em relação de Agree com o núcleo *v*. Sendo assim, a estrutura desta fase, para anticausativos segue abaixo:

Se consideramos Rotulação como relacionada a Caso e que Caso é atribuído ao argumento interno de um verbo anticausativo quando este entra em uma relação de Agree com v , a estrutura levando em conta o que se disse na seção anterior segue abaixo:

Como vemos, se variáveis são DPs (Heinat 2006, Reuland 2001), é impossível estabelecer um Rótulo no ponto de concatenação da variável com v : tanto vP como Variável na árvore acima são sintagmas. Quando o argumento interno se move para valorar os traços- f_i de v também é impossível determinar um Rótulo, devido ao fato deste argumento concatenar-se em um ponto cujo rótulo também é indefinido.

Nota-se que o algoritmo de Rotulação não conseguirá atribuir um rótulo para as demais concatenações na estrutura até que seja resolvido o problema da ausência de caso da Variável. Esse problema, no entanto, não pode ser resolvido por simples movimento na sintaxe, uma vez que não há traços formais que motivem algum tipo de movimento dessa variável para outra posição.

Antes de propor a solução para o problema da Rotulação, no entanto, cabe levantar uma questão mais importante: quais problemas a indefinição dos Rótulos apresentam para a derivação?

Tomemos três considerações: (i) a de que Rótulos são requisitos para a interpretação da estrutura nas interfaces (PF/LF), conforme assumido em Chomsky (2013), (ii) a proposta de Collins (2002) de que é possível determinar qual nó está projetando por verificar qual a saturação de cada nó em uma relação de merge (concatenação), não justificando a necessidade de rótulos ao menos na derivação sintática estrita (antes do Spell-Out) e (iii) a propriedade da inserção tardia de conteúdo fonológico na estrutura, típica da Morfologia Distribuída, de forma que a partir de um ponto na derivação a caminho de PF, traços formais deixam de ser visíveis.

Se as três considerações acima estão, ao mesmo tempo corretas, conclui-se que os Rótulos podem ser cruciais para a derivação entre a inserção de conteúdo fonológico na estrutura e a interface com PF, momento no qual os traços formais não estão mais visíveis para a derivação, impossibilitando a definição de qual nó é saturado e qual não o é. Nota-se que no caminho para LF, os traços formais continuam presentes e a noção de saturação dos nós seria a utilizada para a interpretação em LF, se pensarmos em termos de semântica de predicados.

Além disso, uma das soluções que Chomsky (2013) apresenta para contornar o problema da ambiguidade na determinação dos rótulos é o movimento de um dos elementos ambíguos. Considerando que movimento é, na verdade, uma metáfora para cópia e re-concatenação, a ambiguidade permaneceria para fins de rotulação, ao menos no caminho até LF, em que as cópias são interpretadas em sua posição original (cf. Hornstein 1999, 2001, Nunes 2004, entre outros). Por outro lado, no caminho para PF, apenas as cópias superiores e aquelas em domínio morfológico (segundo Boeckx, Hornstein & Nunes, 2007) seriam realizadas, e nesse caso, sim, movimento (e incorporação) poderão ter um efeito significativo com relação à solução das ambiguidades para o algoritmo de rotulação: se um nó não é realizado fonologicamente, ele é invisível para o algoritmo.

Para PF os rótulos seriam a única forma de informar quais tipos de constituintes morfossintáticos estão sendo enviados para a interpretação no componente Articulatório-Perceptual. Entre os argumentos importantes para Inserção Tardia, fornecidos em Marantz (1997), está o de que a estrutura prosódica é construída a partir da estrutura de constituintes sintáticos⁴¹. Sendo assim, o tipo de informação veiculado pelos rótulos é relevante para PF e o algoritmo de rotulação surge, provavelmente, para satisfazer a necessidade dessa informação que não pode ser obtida a partir do estabelecimento do que é saturado ou não por conta da inacessibilidade dos traços formais após a inserção vocabular.

Se essas considerações estão corretas, é possível propor que cada nó terminal recebe um rótulo no momento da inserção vocabular, e tal rótulo é estabelecido de acordo com os traços presentes nos nós. Com o estabelecimento destes rótulos, o algoritmo se aplica da forma como é proposta: nós terminais sempre projetam seu rótulo. A projeção é interrompida quando (i) o algoritmo encontra outro nó terminal

⁴¹ Ambas não coincidem, mas é crucial que a primeira seja mapeada na segunda para que sejam derivados os efeitos desejados.

ou (ii) quando um nó (não-terminal) está marcado com um traço de Caso, impedindo a extensão da projeção.

Voltando às marcas decausativas, o que ocorrerá após a inserção de conteúdo fonológico em uma estrutura com um verbo anticausativo será a impossibilidade de determinar um rótulo para a concatenação da variável (marca decausativa) com vP : por se tratar de uma concatenação envolvendo dois sintagmas (DP e vP) realizados fonologicamente nesta posição, a ambiguidade seria solucionada apenas se o DP apresentasse o traço Caso, que, neste tipo de construção é atribuído ao Argumento Interno que se desloca sobre a variável:

Existem duas soluções para o problema, que se traduzem em duas diferentes maneiras de a variável se juntar ao domínio morfológico de outro constituinte, explicando a sistemática dependência morfológica das marcas decausativas. Nas próximas seções abordamos cada uma.

3.4.3 Deslocamento local

Como já dito, as ambiguidades a que o algoritmo de rotulação está sujeito ao longo da estrutura podem ser solucionadas de duas formas: (i) por atribuição de Caso a um sintagma (Saito, 2014) e (ii) pelo movimento de um sintagma a uma posição não ambígua. Lembrando que este movimento (cópia + re-concatenação) deve implicar na não-realização fonológica da cópia inferior ou então que se trate de outro processo de deslocamento que não envolve cópias.

Movimentos que envolvem cópias e atribuição de Caso são processos derivados na sintaxe estrita, previamente ao Spell-Out que encaminha a estrutura às duas interfaces diferentes: LF e PF. Como assumimos anteriormente, nada impede, em sintaxe estrita, que a marca decausativa (uma variável não ligada, portanto sem Caso) seja derivada, contanto que haja um argumento interno que entre em Agree com v . O

problema desta derivação ocorrerá após a inserção de conteúdo fonológico, conforme apontado na seção anterior. Nesse estágio da derivação, não haverá a possibilidade da aplicação de movimento (cópia + re-concatenação) ou atribuição de Caso, o que ocasionaria a agramaticalidade da estrutura.

Para a Morfologia Distribuída, no entanto, há uma alternativa. Esta é chamada de deslocamento local, uma operação disponível após a inserção de material fonológico e desencadeada pela própria constituição morfo-fonológica adquirida por um nó terminal após a Inserção Vocabular (ver Embick & Noyer, 1999). deslocamento local envolve a transposição de um nó terminal para o domínio de outro imediatamente adjacente:

(130) *deslocamento local*

- a. [X [Y [Z]]] Estrutura de Constituintes
- b. [X [Y * Z]] Deslocamento Possível-1
- c. [X * Y [Z]] Deslocamento Possível-2
- d. [X * Z [Y]] Deslocamento Impossível

Esta operação não segue os mesmos princípios do movimento em sintaxe, que se orienta por checagem de traços, e não apresenta os mesmos efeitos do mesmo. Da mesma forma que movimento é uma metáfora para a realização de um mesmo elemento em duas posições diferentes na estrutura sintática, deslocamento local pode ser compreendido como uma metáfora para a simples reanálise de um elemento como parte do mesmo domínio de seu elemento adjacente. Dessa forma, a mesma projeção que domina um nó terminal X, dominará um nó terminal Y que se desloca para tal domínio. Como deslocamento local não envolve cópias, o problema da rotulação gerado por marcas decausativas é solucionado.

Para ilustrar isso, tomemos a sentença do português *a porta se abriu*. Trata-se de uma ocorrência da marca *se* mais comum em português europeu, mas a sentença não deixa de ser interpretada como anticausativa em português brasileiro. O output da derivação sintática estrita, anterior à Inserção Vocabular, segue abaixo, tendo em conta que os rótulos presentes são apenas abreviações tanto da estrutura envolvida como do conteúdo dos nós terminais em termos de traços.

Com a Inserção Vocabular, a marca *se* seria inserida no nó terminal da variável $DP_{[Pss: ___]}$. Caso esta marca não sofra deslocamento local, o algoritmo de rotulação aplicado após a Inserção Vocabular não será capaz de aplicar rótulos para os níveis hierárquicos acima da variável, por haver ambiguidade entre DP e vP .

No entanto, se *se* é um expoente fonológico marcado para ser analisado dentro do domínio do elemento fonologicamente realizado adjacente, a rotulação da estrutura hierárquica é possível:

(133) a. *Inserção Vocabular e Previsão de Rotulação*

- b. *Apagamento dos Nós sem Exponência Fonológica:*

- c. *deslocamento local (DL) e Rotulação:*

Dentro do modelo da Morfologia Distribuída, deslocamento local tem sido considerado a operação que tipicamente deriva Clíticos em oposição ao Movimento de Núcleo, que deriva Afíxos. Trata-se de um mecanismo conveniente se consideramos a própria definição tradicional das marcas decausativas de línguas como as Românicas e a Eslavas como clíticos⁴². Em línguas Germânicas, por outro lado, como o alemão, holandês, dinamarquês, entre outras, ao invés de clíticos propriamente, as marcas decausativas são consideradas pronomes fracos (Cardinaletti & Starke, 1996; Schäfer, 2007). Na presente proposta, no entanto, identificamos ambas as formas como sendo derivadas via deslocamento local. A diferença entre Clíticos e Pronomes fracos será relevante no próximo capítulo.

3.4.4 Pseudo-Incorporação

Deslocamento local é a solução para os problemas relacionados à existência de uma variável sem Caso realizada fonologicamente, no caso das construções anticausativas, quando essa variável ocorre como um clítico ou um pronome fraco. Nesta seção aborda-se o processo de afixação que gera anticausativos como os vistos em turco, georgiano e russo abaixo:

⁴²Ver DeSchepper (2007) para uma compilação dos argumentos que acarretam em tal classificação.

- (134) a. Kapi aç-ıl-dı.
Porta.NOM abrir-DECAUS-PRET.
- b. Kar-i da-i-gh-a.
Porta-ABS PVB-DECAUS-abrir-3s.
- c. Dverj otkry-la-sj.
Porta.NOM abrir-PRET.FEM-DECAUS.
"A porta (se) abriu."

Afixos podem ser derivados por Movimento de Núcleo (Marantz 1988, Baker 1988, Embick & Noyer 1999). No entanto, o simples movimento de núcleo não é aplicável no caso das marcas decausativas. Como essas marcas são geradas na posição de argumento externo de verbos transitivos, uma posição de especificador, o movimento dos núcleos nessa posição está impedido pelo *Head Movement Constraint* (Travis, 1984):

(135) *Head Movement Constraint*:

Um núcleo X^0 deve mover-se apenas ao núcleo Y^0 que o rege propriamente.

Esta condição, já estabelecida na teoria e mantida mesmo em versões recentes de abordagens de movimento de núcleo (Matushansky 2006, Roberts 2010), não permite, por exemplo, que a marca decausativa - na posição de argumento externo do verbo - incorpore-se a nenhum dos núcleos referentes à morfologia verbal: *Voice/v*, V^0 e T^0 (T^0). Isso porque a posição de especificador não é propriamente regida por nenhuma dessas categorias.

Tal impedimento pode ser considerado um importante fator para a raridade de teorias que considerem os afixos decausativos e passivos como sendo argumentos verbais. Em Harley (2012), por exemplo, é assumido que a análise das marcas passivas afixais da língua hiaki poderia ser argumental não fosse o *Head Movement Constraint*, que leva a autora a propor uma análise da marca como sendo o expoente de uma categoria funcional *Voice* que não projeta argumentos externos. No entanto, como foi apresentado nas primeiras seções deste capítulo, esse tipo de análise - se aplicado a anticausativos - além de não dar conta propriamente da direcionalidade das

alternâncias, deixa de capturar propriedades como a dependência morfológica, bastante sistemática nas marcas decausativas.

Aqui apresenta-se uma alternativa que (i) garante a análise argumental das marcas decausativas afixais, preservando as explicações das propriedades da direcionalidade das alternâncias e dependência morfológica, (ii) garante sua incorporação ao domínio verbal previamente à inserção de vocabulário e (iii) não viola o *Head Movement Constraint*.

Pseudo-Incorporação é um fenômeno apresentado inicialmente em Massam (2001). Na língua polinésia *niuano*, um sintagma nominal pode formar uma unidade morfológica em conjunto com o verbo. Para ilustrar, a ordem normal da língua (V(partículas)SO) é vista em (a) abaixo. Em (b) é mostrado o caso de Pseudo-Incorporação, onde a ordem é VO(partículas)S:

- (136) a. Takafaga tūmau nī e ia e tau ika.
 Caçar sempre EMPH ERG ele ABS PL peixe.
 "Ele sempre está caçando peixes."
- b. Takafaga ika tūmau nī a ia.
 Caçar peixe sempre EMPH ABS ele.
 "Ele sempre está pescando."

(Massam, 2001: 5)

Em (b) acima, o fenômeno de Pseudo-Incorporação é evidenciado pela ordem de palavras, que somente é possível se o verbo e o objeto formam um único constituinte. De acordo com Massam (2001), derivação sintática deste tipo de incorporação envolve a concatenação de um NP diretamente com o verbo. Para Öztürk (2005), se assumimos um modelo de atribuição temática neo-davidsoniano (Lin 2001, Borer 2004), em que os papéis temáticos são projetados por categorias funcionais respectivas, pode-se dizer que o NP não apresenta nenhum papel temático no momento em que se concatena com o núcleo verbal no caso de Pseudo-Incorporação. Pseudo-Incorporação envolve a incorporação de NP a V em uma posição muito baixa na estrutura.

Essa concepção de Pseudo-Incorporação é especialmente interessante por permitir que agentes possam ser pseudo-incorporados ao verbo: um fenômeno bastante produtivo em línguas como o turco.

Assim como em niuano, turco permite que NPs sejam pseudo-incorporados ao verbo. Um diagnóstico para isso é o de que nomes nus pré-verbais não podem ser co-referidos.

- (137) a. *Ali kitap okudu. Rengi kırmızıydı.
 Ali livro leu. Cor vermelha.era.
 b. Ali kitab-ı okudu. Rengi kırmızıydı.
 Ali livro-ACU leu. Cor vermelha.era.
 "Ali leu o livro. Era vermelho."

(Öztürk, 2005: 13)

Outra característica notável dos nomes pseudo-incorporados é a de que eles não apresentam estatuto semântico de argumentos (ver também Dayal, 2003). Essa característica é observada em turco por meio da passivização. A passivização de um verbo com um NP pseudo-incorporado sempre é interpretada como uma passiva impessoal (passiva de intransitivo):

- (138) a. Ali kitap oku-du.
 Ali livro ler-PRET.
 "Ali fez a leitura de um livro."
 b. Oda-da kitap oku-n-du.
 Quarto-LOC livro ler-PASS-PRET.
 "Houve leitura de livro no quarto."
 * "Um livro foi lido no quarto."
 c. İnsanlar koş-tu.
 Pessoas correr-PRET.
 "As pessoas correram."
 d. Koş-ul-du.
 Correr-PASS-PRET.
 "Houve corrida."

Pseudo-Incorporação em turco também pode se estender a NPs que desempenham papéis temáticos agentivos, como se observa abaixo:

- (139) a. Ari Ali-yi sok-tu.
Abelha Ali-acupicar-pret.
"A Abelha picou Ali."
b. Ali-yi ari soktu.
Ali-ACU abelha picar-PRET.
"Ali foi picado por abelha."
- (140) a. Polis Mehmet-i tutukla-dı.
Polícia Mehmet-ACU prender-pret.
"A polícia prendeu Mehmet."
b. Mehmet-i polis tutukla-dı.
Mehmet-ACU polícia prender-PRET.
"Mehmet foi preso por polícia."
- (141) a. Çocuk bahçe-de oyn-uyor.
Criança jardim-loc brincar-pres.
"A criança brinca no jardim."
b. Bahçe-de çocuk oyn-uyor.
Jardim-loc criança brincar-pres.
"Há criança brincando no jardim."

Curiosamente, nomes pseudo-incorporados estão em distribuição complementar com marcas passivas/decausativas:

- (142) a. Arı Ali-yi sok-tu.
Abelha Ali-ACU picar-PRET.
"A abelha picou Ali."
b. Ali bu arı tarafından sok-ul-du.
Ali essa abelha por picar-PASS-PRET.
"Ali foi picado por essa abelha."
c. Ali-yi arı sok-tu.
Ali-acu abelha picar-PRET.
"Ali foi picado por abelha."

- d. *Ali arı sok-ul-du.
Ali abelha picar-PASS-PRET.

De acordo com Öztürk (2005), estes fenômenos sugerem que o papel temático associado aos nomes Pseudo-Incorporados é uma consequência do movimento do complexo V+NP, obtido em uma posição baixa, a posições temáticas. Abaixo seguem ilustrações do processo:

(143) *Pseudo-Incorporação de Temas:*

(144) *Pseudo-Incorporação de Agentes:*

Se, como apresentado anteriormente, os nomes pseudo-incorporados estão em distribuição complementar com marcas passivas/decausativas na língua, é possível considerar ambos sendo derivados da mesma forma: incorporam-se ao verbo em uma posição muito baixa na estrutura e posteriormente movem-se a uma posição temática.

A interpretação semântica de sentenças com agentes pseudo-incorporados é muito semelhante à de anticausativas. Ambas limitam o conjunto de entidades que podem ser desencadeadoras dos eventos. No primeiro caso, as sentenças descrevem um evento cujo desencadeador é uma entidade que pode ser classificada pelo nome pseudo-incorporado. No segundo caso, das anticausativas, descreve-se um evento cujo desencadeador é inexistente, dado o caráter expletivo das marcas. No caso de passivas, que são abordadas no Capítulo 5, a leitura pode ser a de que o evento foi possivelmente desencadeado por qualquer entidade (interpretação genérica das marcas passivas). Essa propriedade de limitação dos possíveis argumentos de um evento característica dos nomes pseudo-incorporados é descrita em detalhe em Dayal (2003).

3.4.5 Marcas Decausativas como Variáveis Pseudo-Incorporadas

No caso de nomes pseudo-incorporados serem realmente conforme descritos em Dayal (2003), limitando o conjunto de entidades que podem desempenhar o papel temático aos quais estão associados, se uma variável não-ligada pseudo-incorporou-se ao verbo, a interpretação será a de que não há entidade que possa desempenhar o papel temático ao qual o conjunto V+Variável está associado⁴³. Se estas considerações estiverem corretas, há - no entanto - dois problemas a serem solucionados.

O primeiro deles diz respeito à inadequação de certas leituras para sentenças como a abaixo:

(145) Ari sok-ul-du.

Abelha picar-DECAUS/PASS-PRET.

* "A abelha picou." (A abelha iniciou um evento de picar)

"A abelha foi picada."

⁴³Variáveis são representadas aqui como DPs por conta de constituírem-se de traços-*fi* não valorados e interpretáveis (Pesetsky & Torrego, 2005). A possibilidade dessas variáveis serem pseudo-incorporadas não significa que DPs podem em geral ser pseudo-incorporados: pseudo-incorporação normalmente está relacionada a nomes-nus. Entre uma variável não-ligada e um nome nu há a semelhança no sentido de não-referencialidade, o que é crucial para a correta interpretação de um elemento pseudo-incorporado. Nesse sentido, uma variável ligada por um elemento referencial jamais poderia ser pseudo-incorporada.

A leitura não aceita nessa construção é a de que a marca passiva/decausativa é o argumento interno do verbo. Nesse caso, se a marca é decausativa, o esperado é que o argumento interno tenha sido expletivizado da mesma forma que ocorre quando a marca ocorre na posição de argumento externo.

A leitura rejeitada no caso dos dados acima pode estar relacionada a um princípio geral de que todo verbo deve apresentar um argumento interno interpretável. Isso se aplica mesmo no caso de verbos inergativos, se tomamos análises como Hale & Keyser (1994) como verdadeiras: tais verbos seriam formados a partir de um argumento interno que sofre *conflation* com um núcleo verbal leve.

O que pode ocorrer em algumas línguas são antipassivas, ou usos deobjetivais da marca passiva (ver Polinsky, 2005), em que a marca suprime, em algum sentido, o objeto do verbo. Isso ocorre, por exemplo em Georgiano (ver Tuite, 2002):

- (146) Mdivan-i pul-s i-zhl-ev-a.
 Secretária-NOM dinheiro-ACU DEC/PASS-dar-TEMA-3s.
 "A secretária está dando dinheiro (a qualquer um)."

A sentença acima envolve um verbo bitransitivo, *zhlev* (dar), que obrigatoriamente projeta dois objetos, o direto e o indireto. Uma forma de suprimir o objeto indireto deste verbo é utilizar a marca reflexiva/passiva/decausativa da língua, a vogal pré-radical -i-. A leitura é a de que qualquer entidade pode ser o objeto indireto do evento. Essa possibilidade, no entanto, está mais relacionada à uma interpretação passiva da marca -i-, se entendermos que marcas passivas são argumentos arbitrários/genéricos (ver Capítulo 5).

A língua também apresenta o que podem ser considerados indícios de supressão de objetos diretos:

- (147) Sup-shi rat'om i-purtx-eb-it?
 Sopa-em por-que DEC/PASS-cuspir-TEMA-2pl.
 "Por que você está cuspiando na sopa?"

O verbo cuspir em georgiano é transitivo, e só não ocorre com a marca -i- quando ocorre com um objeto não cognato com o verbo:

- (148) Drak'on-i tsetsxl-s a-purtx-eb-s.
 Dragão-NOM fogo-ACU NEUT-cuspir-TEMA-3s3s.
 "O dragão cospe fogo."

Acredita-se que a marcação com *-i-* de verbos como *cuspir* em georgiano está na verdade relacionada a uma restrição característica em línguas sul-caucasianas (ver também Öztürk & Taylan, 2012) para com objetos cognatos. Nesse caso, *-i-* seria não um supressor do objeto, mas uma anáfora referindo-se à raiz do verbo. Esse tipo de estratégia da língua parece também ocasionar alguns outros fenômenos, como o uso de *-i-* enquanto marca de aspecto em verbos atélcos (Lazzarini-Cyrino 2011, 2012). Antes de discutir esses fenômenos, enunciemos o próximo problema.

O segundo problema está relacionado à valoração dos traços da variável pseudo-incorporada por um argumento do verbo. Por exemplo, se a variável é concatenada ao verbo antes da concatenação de núcleos temáticos, por que ela não é valorada pelo argumento interno do verbo na configuração vista abaixo:

Uma propriedade crucial da pseudo-incorporação (Massam 2001, Dayal 2003) é a de que NPs pseudo-incorporados não estão ancorados no discurso e nem na estrutura de eventos enquanto argumentos. Isso é representado por sua posição sintática abaixo de quaisquer categorias funcionais. Acredita-se que essas características atuem como impedimentos para a valoração de qualquer variável pseudo-incorporada por um elemento fora do domínio do núcleo verbal⁴⁴.

É necessário notar, por outro lado, a possibilidade de variáveis pseudo-incorporadas serem valoradas por outros nomes dentro do núcleo verbal. Retomemos a seguinte sentença em georgiano:

⁴⁴ Ver nota anterior.

- (150) Sup-shi rat'om i-purtx-eb-it?
 Sopa-em por-que DEC/PASS-cuspir-TEMA-2pl.
 "Por que você está cuspiando na sopa?"

Foi sugerido que o morfema sincrético *-i-* ocupa, na verdade, uma função anafórica, referindo-se ao radical nominal do verbo *cuspir*. Como mencionado, essa é uma estratégia comum nas línguas sul-caucasianas que parecem evitar objetos cognatos. Tendo isso em conta, como *-i-* atuaria como uma anáfora?

Suponhamos que o verbo cuspir em georgiano seja formado a partir da categorização verbal de um núcleo nominal:

O resultado será um núcleo verbal complexo que, para fins de derivação sintática, comporta-se como um único núcleo com um feixe de traços englobando todos os traços de todos os sub-núcleos (Matushansky 2006). Nesse sentido, é possível dizer que o núcleo verbal apresenta traços-fi.

Se uma variável é pseudo-incorporada a esse núcleo verbal, seria possível que os traços-fi do núcleo a valorassem e se derivasse um verbo como *i-purtx-eb* (*cuspir* intransitivo). Esse complexo se deslocaria à Spec de TemaP para receber o papel temático respectivo, derivando a sentença propriamente.

Essa ideia apresenta, entre outras possíveis complicações, a de que verbos anticausativos não seriam derivados quando o verbo é denominal. Por outro lado, é um caminho interessante de análise da seguinte ocorrência da vogal pré-radical *-i-*:

- (152) a. Mama-chemi dzalian musha-ob-s.
 Pai-meu muito trabalhar-TEMA-3s.
 "Meu pai trabalha muito."
 b. Mama-chemi dzalian i-musha-eb-s.
 Pai-meu muito REFL-trabalhar-TEMA-3s.

"Meu pai trabalhará muito."

- c. Mamam-chemma dzalian i-musha-a.
 Pai.ERG-meu.ERG muito REFL-trabalhar-3s.AOR.
 "Meu pai trabalhou muito."

Verbos atélicos, normalmente inergativos (atividades), em georgiano (e outras línguas sul-caucasianas) formam tempos com aspecto perfectivo com a marca -i-. É importante ter em conta que a marca -i- está substituindo, nesses verbos, o que em outros verbos é feito pelo *preverbo*. O *preverbo* é um prefixo de direcionalidade de verbos de movimento que foi sendo aplicado a verbos transitivos e inacusativos da língua como marca de aspecto perfectivo. Trata-se de um processo comum entre as línguas, visto nas línguas eslavicas e no grego, por exemplo. O fato é que a presença desses preverbos em verbos atélicos retira sua atelicidade:

- (153) Chem megobreb-ma tsa-tamash-en dila-ze.
 Meu.ERG amigos-ERG PVB-trabalhar-AOR.3s manhã-em.
 "Meus amigos começaram a trabalhar hoje de manhã."

Acredita-se, portanto, que, para preservar a atelicidade do verbo nos tempos perfectivos, a língua recorra à estratégia de transitivizar o verbo adicionando a ele um objeto cognato, que só pode ser expresso na língua por meio de uma variável co-indexada ao nome do qual deriva o verbo inergativo⁴⁵. Dessa forma, é possível pensar que o mesmo processo que detransitiviza verbos como *cuspir* é o que deriva o aspecto perfectivo dos verbos inergativos na língua.

Se essa análise para o -i- anafórico do georgiano for verdadeira, o que parece ser possível é que variáveis dentro do domínio morfológico do verbo só podem ter seus traços valorados por um alvo que esteja dentro deste mesmo domínio morfológico.

3.4.6 Ordem de Morfemas

É importante que levemos em conta algumas considerações com relação à ordem dos morfemas dentro do verbo no caso de pseudo-incorporação. O que ocorre

⁴⁵Considerando a derivação de verbos inergativos proposta em Hale & Keyser (1994).

na maior parte das línguas com relação às marcas decausativas (e passivas/reflexivas) afixais é a tendência de se realizarem imediatamente antes ou após a base verbal. Por outro lado, algumas línguas apresentam interação dessas marcas com marcas de tempo/aspecto (grego e albanês) e outras, como o russo e línguas escandinavas (dinamarquês, sueco e norueguês) apresentam a marca após os afixos de tempo/aspecto. Para dar conta destas possibilidades de distribuição, é preciso entender como nomes pseudo-incorporados se distribuem em termos de ordem de palavras entre as línguas.

Um caso bastante permissivo é o da língua *tukang besi*, abordada em Barrie (2011). Nesta língua, a marca perfectiva *mo*, pode ocorrer em diferentes posições em um verbo com um nome pseudo-incorporado, mesmo entre o verbo e esse nome:

- (154) a. no-sai-kuikui-mo.
3sg-fazer-bolo-PERF.
"Ele fez bolos."
b. no-sai-mo-kuikui.
3sg-fazer-PERF-bolo.
"Ele fez bolos."
c. Mbea-mo no-sai-kuikui.
Neg-perf 3sg-fazer-bolo.
"Ele não mais faz bolos."
d. *No-tutu-kabali-mo-mohama.
3sg-bater-machete-perf-afiada.
("Ele fez machetes afiadas.")

(Cf. Barrie, 2011: 16d)

Os dados ilustram que a marca perfectiva, um expoente possível de T, pode ocorrer em diferentes posições, mesmo entre o verbo e seu nome pseudo-incorporado. O que não pode ocorrer, no entanto, é que a marca ocorra dentro da própria estrutura do NP pseudo-incorporado, como se observa em (d).

O importante desses dados é que apesar do complexo envolvendo a base verbal e o nome pseudo-incorporado constituírem um objeto indivisível em termos de derivação sintática, sua estrutura interna é visível a outros elementos que se incorporem nele. Por outro lado, a estrutura interna do NP pseudo-incorporado não é

visível para esses outros elementos e possivelmente nem mesmo a estrutura do núcleo verbal, no caso de se tratar de um verbo denominal, deadjetival, etc⁴⁶.

É possível compreender os diferentes níveis de acessibilidade por meio de uma teoria de Spell-Out que reconheça dois tipos de fases: fases que implicam em um Spell-Out total, em que o conteúdo deixa de ser acessível tanto para a sintaxe estrita como para operações pós-sintáticas e fases em que o Spell-Out é parcial: o conteúdo não é acessível para a sintaxe, mas é acessível para operações pós-sintáticas. Esse tipo de proposta faz sentido em uma teoria radical de ciclicidade (Legate 2003, Marantz 2006, Matushansky 2006), em que cada vez que um núcleo é concatenado à estrutura, forma-se uma fase.

Assumo aqui um mecanismo para diferenciar esses dois tipos de Spell-Out. Seguindo Matshansky (2006), todo movimento de núcleo desencadeia uma fase, conforme se ilustra abaixo:

Matushansky (2006) iguala movimento de núcleo a movimento de sintagmas sob o ponto de vista da sintaxe: ambos são desencadeados por Agree⁴⁷. A diferença está no tamanho do constituinte movido, de forma que movimento de sintagmas está movimento de núcleo da mesma forma que *pied piping* está para movimento de sintagmas. Todo movimento de núcleo é desencadeado por um núcleo sonda que toma como alvo outro núcleo. Se as condições da estrutura permitirem que esse núcleo se desloque independentemente do sintagma em que está incluído, o movimento de núcleo ocorre: o núcleo-alvo é concatenado sobre o núcleo-sonda. Essa concatenação ainda não implica em incorporação morfológica:

⁴⁶ Não foi encontrado, nas línguas observadas, nenhum caso de marca decausativa, passiva, reflexiva afixal que intervenha entre uma base nominal e um afixo verbalizador.

⁴⁷ Ver também Pesetsky & Torrego (2005).

Configurações como as acima são consideradas como desencadeadoras de Spell-Out: a estrutura é "liberada" da sintaxe estrita e está sujeita a processos pós-sintáticos. Nesse estágio, o que ocorre é a concatenação morfológica (M-merger) de Z^0 para X^0 , resultando na estrutura abaixo:

A contrapartida desse Spell-Out, no entanto, é que a estrutura deixa de ser acessível como tal na sintaxe. Com a satisfação da relação de Agree com X^0 , X^0 torna-se o núcleo de uma fase, desencadeando o Spell-Out. Assumimos aqui que todo elemento saturado em termos de traços (apresentam todos seus traços valorados) sofre Spell-Out completo, sendo encaminhado para todas as interfaces LF e PF, e torna-se inacessível na sintaxe e na pós-sintaxe em estágios subsequentes da derivação. O resultado da concatenação morfológica (m-merger) também é inacessível na sintaxe, mas acessível na pós-sintaxe até que todos os traços estejam saturados (Spell-Out parcial).

Tendo em conta esse mecanismo, analiso a seguir a distribuição das marcas decausativas afixais em russo e grego.

3.4.6.1 O Afixo -sj(a) em Russo

Em russo a marca decausativa é o afixo -sj(a): ocorre como -sj após vogais e como -sj(a) após consoantes. Essa marca sempre ocorre após a flexão temporal e de concordância dos verbos:

- (158) a. Otkryva-et-sja.
abrir-PRES.3S-DECAUS.
- b. Otkryva-jut-sja.
abrir-PRES.3PL-DECAUS.
- c. Otkryva-lo-sj.
abrir-PRET.NEUT-DECAUS.
- d. Otkryva-li-sj.
abrir-PRET.PL-DECAUS.

O fato do morfema anterior à marca decausativa englobar marcas de tempo e de concordância com o sujeito sugerem que se trata de um expoente de uma categoria como T. No entanto, para esse tipo de ordenamento ocorrer segundo a proposta que se traz nestas seções é necessário que a estrutura do núcleo verbal complexo $V^0 = [V \text{ DP}]$ seja acessível quando tal núcleo é afixado a T^0 .

Alguns estudos (Pesetsky & Torrego 2005, Panagiotidis 2010) sugerem que o traço que categoriza verbos como tais envolvem uma semântica de extensão no tempo que depende de informações das categorias temporais para serem propriamente interpretados. Sendo assim, um núcleo V^0 nunca estará saturado até que esteja em uma relação de Agree com T^0 . Isso faz com que a estrutura de núcleos verbais complexos (envolvendo elementos incorporados) seja sempre acessível para operações pós sintáticas até que este concatene-se com T^0 .

Nesse caso, o que pode-se dizer do Russo é que sua morfologia verbal exige que adjacência de T^0 e V^0 , ocasionando dois graus *m-merger* no caso de anticausativas⁴⁸, conforme se ilustra abaixo:

⁴⁸Também passivas e reflexivas.

Quando o núcleo complexo Vo concatena-se a To, ocorre o m-merger que afixa Vo a To, tornando este um núcleo complexo. Como a estrutura de Vo é visível no momento da aplicação de m-merger, e há uma exigência morfológica de irmandade entre To e Vo enquanto nós terminais, há a aplicação de um segundo m-merger, afixando o nó terminal To ao nó terminal Vo.

As causas dessa exigência morfológica não são claras, mas é importante ter em conta que esse tipo de exigência é comum em línguas indo-européias. De forma idêntica ao russo são as línguas escandinavas: dinamarquês, norueguês e sueco. A marca passiva/decausativa *-s* sempre ocorre após a marca de pretérito *-de*:

(160) a.	åbne-de-s	(dinamarquês)
	abrir-PRET-PASS.	
b.	öppna-de-s	(sueco)
	abrir-PRET-PASS.	
d.	åpne-de-s	(norueguês - bokmål)
	abrir-PRET-PASS.	

Na seção seguinte abordamos o fenômeno de fusão de T com o nome pseudo-incorporado.

3.4.6.2 Fusão de T^o e DP_[Pss: _]: O paradigma Não-Ativo em Grego

Se olharmos para o paradigma de concordância dos verbos no presente em grego moderno, é possível que consideremos que a língua apresenta marcas equipolentes de valência verbal. A concordância dos verbos na língua apresenta dois diferentes paradigmas, o ativo e o não-ativo. Na literatura, como discutido nas primeiras seções, já foi considerado que a concordância não-ativa é consequência de um *v* que não projeta argumentos externos e a concordância ativa, de um que projeta. Esse tipo de análise apresenta alguns problemas empíricos que nunca foram solucionados por considerar que a concordância não-ativa em grego é, na verdade, o resultado da fusão dos traços da marca decausativa aos traços de concordância verbal.

<i>pleno</i> (lavar)	Ativa	Não Ativa
1 sg	plen- o	plen- ome
2 sg	plen- is	plen- ese
3 sg	plen- i	plen- ete
1 pl	plen- ume	plen- omaste
2 pl	plen- ete	plen- este
3 pl	plen- un	plen- onde

Tabela 12 - Concordância no Presente em Grego Moderno

Enquanto no presente os dois paradigmas podem sugerir equipolência, os paradigmas do aoristo mostram claramente que há uma marca específica *-ik-* que pode ser considerada como a realização da marca decausativa:

<i>pleno</i> (lavar)	Ativa	Não Ativa
1 sg	é-plin- a	plith- ik-a
2 sg	é-plin- es	plith- ik-es
3 sg	é-plin- e	plen- ik-e
1 pl	plin- ame	plith- ik-ame
2 pl	plin- ate	plith- ik-ate
3 pl	plin- am	plith- ik-am

Tabela 13 - Concordância no Aoristo em Grego Moderno

Podemos considerar que a concordância não-ativa interage com o conteúdo da categoria temporal. Se o tempo for presente, há fusão de T com a variável pseudo-incorporada. Se o tempo for aoristo, a fusão não ocorre:

(161) *Presente*:

(162) *Aoristo*:

Em albanês a distribuição dos paradigmas ativo e inativo é muito semelhante a do grego (ver Kallulli 2006, Manzini, Roussou & Savoia 2009, entre outros). É interessante que da mesma forma que em grego, no aoristo, é possível isolar a marca decausativa do albanês, que se encontra em posição pre-verbal (a) e (c) abaixo. No presente, como esperado, a marca encontra-se amalgamada à marca de concordância como ilustrado em (b) e (d).

- (163) a. u hënger
 DECAUS comer.3s.AOR
- b. ha-hej
 comer-3s.PRES.DECAUS.
- c. u hap
 DECAUS abrir.3s.AOR.
- d. hap-et.
 abrir-3s.PRES.DECAUS.

3.5 Síntese

O presente capítulo trouxe algumas observações a respeito das alternâncias de valência, em especial aquelas que derivam verbos anticausativos no sentido clássico (Nedjalkov & Silnickij, 1969): alternâncias direcionais decausativas. Foi visto que alternâncias de valência ocorrem em dois grandes tipos: direcionais e não direcionais. Compreender a diferença entre esses dois super-tipos é crucial para analisar de forma empiricamente satisfatória as marcas decausativas.

Anticausativos são a contraparte intransitiva marcada de uma alternância direcionada, e não compartilham da mesma estrutura dos membros intransitivos de alternâncias lábeis ou equipolentes. A principal conclusão a que se chegou aqui com relação a alternâncias direcionais é a de que suas marcas ocorrem para preservar a

estrutura de argumentos projetada pelo verbo. Dessa forma, tanto marcas decausativas como causativas não alteram a transitividade sintática do verbo. Consequentemente, anticausativos são sintaticamente transitivos e causativos são sintaticamente intransitivos.

A transitividade sintática dos anticausativos é facilmente observada nos dados do alemão trazidos em Schäfer (2007). Dado o sincretismo entre as marcas decausativas e anáforas reflexivas, ele propõe que ambas as marcas são expoentes fonológicos da mesma categoria: variáveis. A diferença entre essas marcas é que as decausativas são variáveis que não têm seus traços-fi valorados no curso da derivação sintática no sentido estrito. Dessa forma, são encaminhadas a LF sem informação referencial e recebem interpretação expletiva. Isso ocasiona a leitura intransitiva dos verbos anticausativos.

Dada a ausência de Caso em variáveis não-valoradas, foi mostrado - baseando-se em Saito (2014) - que essas variáveis ocasionam problemas para a Rotulação (Chomsky, 2013). A única forma de solucionar esses problemas é com a junção da variável ao domínio morfológico do verbo, o que explica a sistemática dependência morfológica das marcas decausativas entre as línguas.

Foi mostrado que há duas formas para que a marca decausativa se junte ao domínio morfológico do verbo. A primeira é por deslocamento local, uma operação morfo-fonológica dada após a Inserção Vocabular. Através desse processo, a variável é cliticizada ao verbo, deixando sua posição argumental em que ocasionava ambiguidade ao algoritmo de rotulação. A outra possibilidade é Pseudo-Incorporação (Massam 2001, Öztürk 2005), em que a variável é afixada ao categorizador verbal antes que sejam atribuídos papéis temáticos. Como parte do domínio morfológico verbal (Marantz 2006, Matushanksy 2006), essa afixação não traz problemas para o algoritmo de rotulação.

Nos próximos capítulos serão mostradas as diferenças que as línguas apresentam quando variáveis são incorporadas ao verbo por deslocamento local e Afixação (pseudo-incorporação/movimento de núcleo) no que diz respeito a sua distribuição em construções reflexivas e passivas/impessoais.

CAPÍTULO 4

Uma Análise Transitiva para Construções Reflexivas

Neste capítulo, analisa-se o compartilhamento das marcas decausativas com contextos reflexivos. Essas marcas têm sido compreendidas neste trabalho como variáveis não-ligadas, no caso de anticausativos, e ligadas, no caso de verbos reflexivos. Assim como ocorre com os anticausativos, há um histórico de análises intransitivas para as construções reflexivas, provindo de trabalhos como Bouchard (1984), Grimshaw (1982), Marantz (1984), entre outros. Dessa forma, cabe apresentar em detalhes as vantagens de se analisar construções reflexivas como sintaticamente transitivas.

O objetivo deste Capítulo, portanto, é discutir essas abordagens intransitivas trazendo fenômenos empíricos de diversas línguas para mostrar, juntamente com Alboiu, Barrie & Frigeni (2004), que o estatuto das construções reflexivas é, na verdade, paradoxal entre inacusativo e inergativo, o que pode ser explicado com uma análise transitiva.

Na primeira seção, trago o Paradoxo Inacusativo-Inergativo, mostrando fenômenos que sugerem que reflexivos podem ser considerados, na mesma língua, tanto inacusativos como inergativos. O Paradoxo é, então, solucionado na segunda seção por meio de uma análise transitiva. Mostro que essa análise tem o bônus de explicar a distribuição das marcas reflexivas em construções de ECM translinguisticamente, por meio da oposição entre clíticos/pronomes fracos e afixos. Na terceira seção são apresentadas as diferenças na derivação de marcas reflexivas afixais da que se dá nos afixos decausativos: estes são derivados por Pseudo-Incorporação, aqueles, por simples Movimento de Núcleo. Ao final, são trazidas algumas reflexões com relação ao problema das diferenças de distribuição entre marcas reflexivas morfológicamente dependentes e independentes entre as línguas.

4.1 O Paradoxo Inacusativo-Inergativo⁴⁹:

Dado o fato de que, em muitas línguas, marcas reflexivas são compartilhadas entre construções com verbos anticausativos e passivas, contextos canonicamente analisados como intransitivos na literatura gerativa, são recorrentes as propostas que consideram construções reflexivas com tais marcas como sendo intransitivas também. As teorias variam, no entanto, com relação ao lugar de detransitivização dos verbos reflexivos: se no léxico (Chierchia 1989, Grimshaw 1982) ou na Sintaxe (Marantz, 1984). Também variam no tipo de intransitivo que consideram os verbos dessas construções: se inacusativos (Embick 1998, Grimshaw 1990, Kayne 1988, Kallulli 2006, Marantz, 1984, entre muitos outros) ou inergativos (Chierchia 1989, Grimshaw 1982, Reinhart 1997, etc.).

Nesta seção, são apresentadas as evidências encontradas entre as línguas que motivam as propostas dos trabalhos mencionados acima. Assim como Alboiu, Barrie & Frigeni (2004), sugiro, nas seções seguintes, que a dificuldade em se determinar qual tipo de intransitivos verbos reflexivos são está relacionada ao fato de que reflexivos não são, de forma alguma, intransitivos. Começemos por examinar a Análise Inacusativa dos Reflexivos.

4.1.1 Reflexivos são Inacusativos

O primeiro sintoma de inacusatividade que pode-se atribuir aos verbos de construções reflexivas está relacionado a seu sincretismo com verbos anticausativos (que são considerados inacusativos), como apontado em Marantz (1984). Isso ocorre em quase todas as línguas observadas neste trabalho. As únicas exceções são verificadas em turco e com o afixo escandinavo⁵⁰ -s, conforme se observa na tabela a seguir:

⁴⁹ Este termo é emprestado de Alboiu, Barrie & Frigeni (2004), onde é discutida a natureza ambígua de construções reflexivas. Apesar de sua análise também ser transitiva, ela apresenta bastantes diferenças em relação à proposta neste capítulo. Os autores pautam sua proposta na teoria de cópias em Hornstein (1999, 2001). Em Lazzarini-Cyrino (2012) há uma versão da análise do SPR baseada nessa proposta.

⁵⁰ Dinamarquês, Norueguês e Sueco.

Língua	Reflexiv a	Decausativ a	Língua	Reflexiv a	Decausativ a
Românicas	SE	SE	Turco	-In/-n	-Il/-n
Russo	-sja	-sja	Hebraico	<i>hitpael</i>	<i>hitpael</i>
Tcheco, Macedônio, Croata	se	se	Árabe	ta-	ta-
Polonês	się	się	Georgiano, Megreliano , Laz	-i-	-i-
Alemão	sich	sich	Fula	-ade	-ade
Holandês	zich	zich	Toba	-n	-n
Escandinava s	sig	sig/-s			
Islandês	-st	-st			
Grego, Albanês	<i>agree</i>	<i>agree</i>			

Tabela 14 - Marcas Reflexivas e Decausativas entre as Línguas

O outro fenômeno frequentemente tomado como evidência para o tratamento de reflexivos como transitivos é a seleção de auxiliares nos tempos compostos em francês e italiano. Nessas línguas, o passado pode ser formado com um auxiliar e um particípio. Há, no entanto, duas opções de auxiliares. Uma é *essere* (italiano) ou *être* (francês), significando *ser/estar*, e a outra é *avere* (italiano) ou *avoir* (francês), significando *ter/haver*. Enquanto a última é vista em verbos inergativos e transitivos, a primeira é vista em inacusativos e também em reflexivos:

(164) *Italiano*:

- a. Gianni è arrivato.
Gianni é chegado.
"Gianni chegou."

Inacusativo - *essere*

- b. Gianni si è lavato. Reflexivo - *essere*
 Gianni SE é lavado.
 "Gianni se lavou."
- c. Gianni ha lavorato. Inergativo - *avere*
 Gianni há trabalhado.
 "Gianni trabalhou."
- d. Gianni ha letto un libro. Transitivo - *avere*
 Gianni há lido um livro.
 "Gianni leu um livro."

(165) *Francês*:

- a. Jean est arrivé. Inacusativo - *être*
 Jean é chegado.
 "Jean chegou."
- b. Jean s'est lavé. Reflexivo - *être*
 Jean SE.é lavado.
 "Jean se lavou."
- c. Jean a travaillé. Inergativo - *avoir*
 Jean há trabalhado.
 "Jean trabalhou."
- d. Jean a lu un livre. Transitivo - *avoir*
 Jean há lido um livro.
 "Jean leu um livro."

A outra evidência, também do francês, encontrada em Kayne (1975), envolve as construções causativas na língua. Nessas construções o sujeito do verbo causativizado pode ser introduzido pela preposição *à* se o verbo for transitivo ou inergativo. Se o verbo é reflexivo ou inacusativo, o sujeito é introduzido sem a preposição.

- (166) a. Jean fait travailler à Paul. Inergativo - *à*
 Jean fez trabalhar a Paul.
 "Jean fez Paul trabalhar."

- b. Jean fait laver la voiture à Paul. Transitivo - à
 Jean fez lavar o carro a Paul.
 "Jean fez Paul lavar o carro."
- c. Jean fait arriver Paul. Inacusativo
 Jean fez chegar Paul.
 "Jean fez Paul chegar."
- d. Jean fait se laver Paul. Reflexivo
 Jean fez SE lavar Paul.
 "Jean fez Paul se lavar."

4.1.2 Reflexivos são Inergativos

As evidências apresentadas na seção anterior ainda são consideradas em diversas propostas defendendo a Análise Inacusativa dos Reflexivos (Kallulli 2006, Doron 2013). Apesar disso, alguns fenômenos trazidos em Reinhart & Sioni (2004) evidenciam que reflexivos, na verdade, parecem comportar-se como verbos inergativos.

Um desses fenômenos é visto também em italiano e francês. Trata-se da cliticização com *ne/en*, que é considerada um teste fundamental de inacusatividade (ver Burzio 1982). Se reflexivos são inacusativos, portanto, deveriam também aceitar a cliticização com *ne/en*. Entretanto, isso não ocorre:

- (167) a. Ne sono arrivati tre. (italiano)
 NE são chegados três.
 "Três deles chegaram."
- b. *Se ne sono vestiti tre.
 Três NE são vestidos três.

(168) *Francês*:

- a. Il en est arrivé trois. (francês)
 EXP EN é chegado três.
 "Três deles chegaram."
- b. *Il s'en est lavé trois.
 EXP SE.EN é lavado três.

Outra evidência provém do russo. Nessa língua, sujeitos pós-verbais de verbos inacusativos em contextos de negação podem ocorrer no caso genitivo. O mesmo não é real para inergativos, transitivos e nem reflexivos⁵¹.

- (169) a. Ne objavilo-sj student-ov.
 Não aparecer-SE estudante-GEN.PL.
 "Os estudantes não apareceram."
- b. *Ne pomylo-sj student-ov.
 Não lavaram-SE estudante-GEN.PL.
- c. *Ne rabotali student-ov.
 Não trabalharam estudante-GEN.PL.
- d. *Ne prochitali knigu student-ov.
 Não leram livro estudante-GEN.PL.

A última evidência que trago nesta seção é relacionada à ordem VS em hebraico. Enquanto em hebraico clássico essa era a ordem canônica, em hebraico moderno essa ordem só é permitida para inacusativos. Veja abaixo:

- (170) a. Nisbar masehu.
 Quebrou algo.
 "Algo quebrou."
- b. *Hitlabsu salos dugmaniyot ba-knisa.
 Vestiram.se três modelos na-entrada.
- c. *Radku slosa yeladin ba-mesiba.
 Dançaram três meninos na-festa.

Baseando-se nas evidências apresentadas nesta seção, a análise inergativa dos reflexivos é proposta. Nota-se, no entanto, que todas as evidências de inergatividade dos reflexivos também podem servir de evidência de transitividade, uma vez que

⁵¹ O dado do russo é interessante também na medida em que mostra, como inacusativo, um verbo anticausativo, marcado com o morfema sincrético *-sja*. Esse mesmo morfema ocorre em reflexivos e a ocorrência do sujeito genitivo distribui-se de forma diferente, mostrando realmente que o sujeito das construções ocupam posições diferentes.

simplesmente mostram a natureza de argumento externo do sujeito desses verbos. Na seção seguinte discuto a possibilidade da análise transitiva.

4.2 A Análise Transitiva dos Reflexivos

Nos últimos capítulos foi assumido que marcas reflexivas, como anáforas, são DPs defectivos em termos de traços-fi, mais especificamente, traços de pessoa (Bouchard 1984, Chomsky 1981 e, mais recentemente, Heinat 2006 e Reuland 2001). Dentro do Programa Minimalista essa defectividade se traduz em termos de traços-fi não valorados. Sendo assim, DPs podem atuar como sondas, sendo valorados por outro elemento que contenha um conjunto já valorado de traços-fi.

De acordo com Heinat (2006), anáforas e pronomes se diferem em sua estrutura. Pronomes são considerados DPs que contém um NP como complemento. Como NPs apresentam traços-fi valorados (cf. Pesetsky & Torrego 2005) e DPs não, a concatenação de ambos (cf. Reuland 2001, 2011) valora os traços-fi do DP. Sendo assim, os traços-fi de um pronome não são valorados por outro argumento na estrutura. Já anáforas se constituem apenas de DPs. Estes DPs requerem outro argumento na estrutura, seu antecedente, para terem seus traços-fi valorados.

Como visto no capítulo anterior, anticausativos na presente proposta são considerados transitivos, tendo uma anáfora na posição de argumento externo. Essa anáfora não apresenta antecedente em posição A, o que a impede de ter seus traços de pessoa valorados. Sendo assim, anticausativos e reflexivos podem ser considerados transitivos com uma anáfora ocupando uma das posições argumentais. Dessa forma, não há necessidade de tomar o sincretismo entre ambos como evidência para a intransitividade (e conseqüente inacusatividade) das construções reflexivas.

Mais ainda, como apontado ao final da seção anterior, as evidências de inergatividade dos verbos reflexivos não excluem que a análise possa também ser transitiva. Sendo assim, os dados trazidos aqui também podem evidenciar a transitividade dos reflexivos. Vejamos o caso dos sujeitos genitivos em Russo:

- (171) a. Ne objavilo-sj student-ov.
 Não aparecer-SE estudante-GEN.PL.
 "Os estudantes não apareceram."

- b. *Ne pomylo-sj student-ov.
 Não lavaram-SE estudante-GEN.PL.
- c. *Ne rabotali student-ov.
 Não trabalharam estudante-GEN.PL.
- d. *Ne prochitali knigu student-ov.
 Não leram livro estudante-GEN.PL.

Além de serem agramaticais com reflexivos, são agramaticais não somente com inergativos, mas também com intransitivos. O mesmo se aplica à cliticização com *ne/en*:

- (172) a. *Ne hanno letto il libro tre. (italiano)
 NE HÁ.PL lido o livro três.
- b. *Il en ont lu le livre trois. (francês)
 EXP EN HÁ.PL lido o livro três.

No caso do Hebraico, Doron (2000) nota que a ordem VS é somente possível com um constituinte pre-verbal. Dessa forma, há um debate no que diz respeito à possibilidade da língua ser considerada V2 ou não. De qualquer forma, isso mostra que a ordem VS não pode ocorrer normalmente com verbos transitivos.

Tendo dito isso, restam apenas duas evidências a favor da intransitividade (e inacusatividade) dos verbos reflexivos: (i) seleção de auxiliares e (ii) causativos em francês. Ambas serão discutidas na presente seção e será apresentado um bônus para a análise transitiva, que é a possibilidade de se dar conta da existência ou não, em uma língua, de marcas reflexivas em contextos de ECM.

4.2.1 Caso e Seleção de Auxiliares

Os dados de seleção de auxiliares do francês e italiano apresentados anteriormente encontram-se repetidos abaixo:

(173) *Italiano*:

- a. Gianni è arrivato. Inacusativo - *essere*
 Gianni é chegado.

- "Gianni chegou."
- b. Gianni si è lavato. Reflexivo - *essere*
 Gianni SE é lavado.
 "Gianni se lavou."
- c. Gianni ha lavorato. Inergativo - *avere*
 Gianni há trabalhado.
 "Gianni trabalhou."
- d. Gianni ha letto un libro. Transitivo - *avere*
 Gianni há lido um livro.
 "Gianni leu um livro."

(174) *Francês:*

- a. Jean est arrivé. Inacusativo - *être*
 Jean é chegado.
 "Jean chegou."
- b. Jean s'est lavé. Reflexivo - *être*
 Jean SE.é lavado.
 "Jean se lavou."
- c. Jean a travaillé. Inergativo - *avoir*
 Jean há trabalhado.
 "Jean trabalhou."
- d. Jean a lu un livre. Transitivo - *avoir*
 Jean há lido um livro.
 "Jean leu um livro."

Algumas línguas germânicas - aqui representadas por alemão e holandês - contrastam, no entanto, com a distribuição vista em francês e italiano. Nessas línguas os verbos com marcas reflexivas selecionam os mesmos auxiliares de verbos transitivos e inergativos (*haben*, alemão, e *hebben*, holandês). Inacusativos, por outro lado, selecionam os auxiliares *sein* (alemão) e *zijn* (holandês):

(175) *Alemão*:

a.	Jan ist angekommen.
Jan é chegado.
"Jan chegou."	Inacusativo - <i>sein</i>
b.	Jan hat sich gewaschen.
Jan há SE lavado.
"Jan se lavou."	Reflexivo - <i>haben</i>
c.	Jan hat gearbeitet.
Jan há trabalhado.
"Jan trabalhou."	Inergativo - <i>haben</i>
d.	Jan hat ein Buch gelesen.
Jan há um livro lido.
"Jan leu um livro."	Transitivo - <i>haben</i>

(176) *Holandês*:

a.	Jan is aangekomen.
Jan é chegado.
"Jan chegou."	Inacusativo - <i>zijn</i>
b.	Jan heeft zich gewassen.
Jan há SE lavado.
"Jan se lavou."	Reflexivo - <i>hebben</i>
c.	Jan heeft gewerkt.
Jan há trabalhado.
"Jan trabalhou."	Inergativo - <i>hebben</i>
d.	Jan heeft en boek gelezen.
Jan tem um livro lido.
"Jan leu um livro."	Transitivo - <i>hebben</i>

Mais ainda, há um contraste entre inacusativos e anticausativos nessa língua, também mostrado no capítulo anterior. Enquanto verbos inacusativos sem nenhuma marca ocorrem com os auxiliares *sein* (alemão) e *zijn* (holandês), anticausativos comportam-se como os outros verbos, ocorrendo com o auxiliar *haben* (alemão) e *hebben* (holandês):

(177) *Alemão:*

- a. Jan ist angekommen. Inacusativo - *sein*
 Jan é chegado.
 "Jan chegou."
- b. Die Tür hat sich geöffnete. Anticausativo - *haben*
 A porta há SE aberta.
 "A porta (se) abriu."

(178) *Holandês:*

- a. Jan is aangekomen. Inacusativo - *zijn*
 Jan é chegado.
 "Jan chegou."
- b. De deur heeft zich geopend. Anticausativo - *hebben*
 A porta há SE aberto.
 "A porta (se) abriu."

Desses fenômenos é possível obter a conclusão de que a seleção de auxiliares não é um fenômeno que possa evidenciar de forma suficiente a intransitividade de verbos reflexivos. Mas mesmo assim, algo deve ser dito sobre as diferenças na distribuição das marcas reflexivas das línguas românicas (italiano/francês) e germânicas (alemão/holandês).

A seleção de auxiliares em italiano e francês tem sido evidência para a intransitividade de reflexivos e anticausativos (Kayne 1975, Burzio, 1982), associando-os a verbos que não atribuem Caso acusativo. Por outro lado, os fenômenos do holandês e alemão evidenciam que anticausativos e reflexivos nessas línguas são formados por verbos que atribuem Caso acusativo (cf. Schäfer 2007).

Se consideramos que marcas decausativas e reflexivas são argumentais, como se tem feito neste trabalho, todo verbo reflexivo e anticausativo é sintaticamente transitivo. Isso significa que todos eles têm a capacidade de atribuir Caso acusativo. Nesse caso, consideremos a relação entre a valoração de traços-fi e a contrapartida da atribuição de Caso proposta desde a postulação inicial do modelo Agree (ver Chomsky 2001; Chomsky 2008). Nesse contexto é possível propor que transitividade sintática está relacionada à existência de dois núcleos funcionais que servem como sondas para traços-fi. Isso remete à proposta do capítulo anterior que (i) assume uma

estrutura sintática neo-davidsoniana em que cada núcleo funcional que sonda traços- $\bar{f}$ i é responsável pela atribuição temática a seu especificador, e (ii) assume que Caso nominativo é atribuído ao argumento que checa os traços- $\bar{f}$ i com o nó que projeta o argumento externo do verbo, e não ao argumento que checa EPP em Spec de T (cf. Legate 2003, Marantz 2006, Sigurdsson 2003). A estrutura de um verbo transitivo nesses moldes é apresentada abaixo:

Abaixo representa-se a formação de tempos compostos nas línguas em questão. Há um particípio, suas respectivas projeções temáticas para Agente e Tema do evento e um núcleo auxiliar. Enquanto o particípio permanece *in situ*, os núcleos temáticos sofrem movimento de núcleo ao auxiliar e subsequentemente a T (não representado aqui):

O complexo [Agente+Tema+Aux] sofre fusão e o auxiliar realizado fonologicamente dependerá dos traços presentes no nó terminal resultante. A decisão entre os auxiliares do grupo *ser/estar* e do grupo *ter/haver* está relacionada, portanto, ao número de conjuntos de traços- $\bar{f}$ i presentes no complexo. Se apenas um conjunto

de traços está presente, formas *ser/estar* são inseridas. Se mais de um está presente, *ter/haver* ocorre.

Este sistema consegue prever o padrão das línguas germânicas. Para reflexivos, a anáfora toma o valor do argumento externo do verbo e, portanto, pode valorar o núcleo Tema:

Apesar de apresentarem o mesmo valor, serão dois diferentes conjuntos de traços-fi disponíveis no momento da Inserção Vocabular para nó resultado da fusão de [Agente+Tema+Aux], acarretando na inserção de auxiliares do tipo *ter/haver*: *haben*, alemão e *hebben*, holandês. Para anticausativos, deve-se levar em conta a operação pós-sintática de cópia de traços (Noyer, 1997) do sujeito (Arg.Int.) para a variável, ocasionando o efeito de concordância entre o sujeito e a marca decausativa. Essa operação também pode se aplicar para copiar os valores da variável para o nó Tema. Na ilustração abaixo, setas pontilhadas representam a cópia de traços pós-sintática e a seta inteira representa a valoração via Agree em sintaxe estrita⁵²:

⁵² Nota-se, no entanto, que a valoração dos traços-fi de um núcleo temático via cópia de traços (pós-sintática) não é capaz de fornecer Caso à variável. Caso só pode ser obtido via Agree em sintaxe estrita e, dadas considerações sobre Rotulação do capítulo anterior, a variável não sobrevive na estrutura anticausativa se não se juntar ao domínio morfológico do verbo por Deslocamento Local.

Inergativos, seguindo a proposta de Hale & Keyser (1994), podem ser compreendidos como o resultado de uma operação morfológica (*conflation*) entre um núcleo verbal leve DO e um núcleo nominal. Esse complexo deve se associar ao núcleo Tema para obter o significado adequado. Essa associação também valora os traços-fi do núcleo Tema, obtendo-se a mesma seleção de auxiliares obtida por transitivos, reflexivos e anticausativos.

Agora vejamos o caso da seleção de auxiliares em italiano e francês. As variáveis nessas línguas não parecem ser capazes de transmitir os traços-fi com que foram valoradas. Tomemos como hipótese a de que elas nunca são capazes de, por elas mesmas, valorar um núcleo temático. Assim, toda vez que variáveis ocorrem em uma posição argumental, o núcleo temático correspondente permanecerá sem nenhum valor. Isso ocasiona a inserção de formas *ser/estar* ao invés de *ter/haver* onde a variável ocorre: anticausativos e reflexivos. Por outro lado, se essas variáveis vêm acompanhadas de um adjetivo, como *stesso* em italiano ou *même* em francês, o complexo pode valorar um núcleo temático. Vejamos primeiro a derivação de reflexivos e anticausativos com a variável SE:

(184) *Reflexivos*:

(185) *Anticausativos*:

Essa restrição aplica-se somente às variáveis clíticas. Quando a anáfora é um complexo envolvendo a variável e um adjetivo (*sé stesso*, *lui-même*), o núcleo temático é valorado, o complexo recebe Caso e o auxiliar selecionado é do tipo *ter/haver* (*avere* e *avoir*). Veja abaixo os exemplos do italiano:

- (186) a. I giudici hanno criticato se stess-i.
Os juízes há.PL criticado se adj-MASC.PL.
"Os juízes criticaram a si próprios."
- b.* I giudici sono criticati se stess-i.
Os juízes são criticados se adj-MASC.PL.

Essa distribuição nos permite chegar à seguinte generalização: clíticos anafóricos não são capazes de valorar um núcleo temático e receber Caso por consequência. Por outro lado, pronomes fracos e formas mais complexas (DPs plenos) são capazes de fazer essa valoração em Sintaxe estrita, como se observa nos exemplos

acima e na seleção de auxiliares das línguas germânicas. Tal generalização, no entanto, deve ser explicada em termos teóricos.

Se consideramos que Caso é um traço a serviço da desambiguação do algoritmo de rotulação no caminho para PF (cf. Saito 2014), podemos observar qual tipo de elemento que ele impede de projetar o rótulo: sintagmas e não núcleos.

Núcleos são naturalmente desambiguizados por meio da operação pós-sintática *m-merger*, que desloca um núcleo ao domínio morfológico de outro. Esse deslocamento preserva o rótulo do núcleo que hospeda o núcleo deslocado. Sintagmas, por outro lado, não estão sujeitos a esse tipo de operação e, para garantir seu correto processamento em PF, a Sintaxe os marca com Caso nas posições argumentais. Sendo assim, Caso é um traço que ocorre somente em sintagmas. Para garantir tal comportamento, podemos assumir que esse traço em sua forma não-valorada surge no momento da concatenação de um núcleo D^0 com seu complemento. O traço não estará presente em nenhum nó terminal, mas sim na projeção gerada por essa concatenação⁵³.

Clíticos que ocupam posições argumentais são tradicionalmente considerados como elementos híbridos entre sintagmas e núcleos, constituindo-se apenas de um nó-

⁵³ Se caso não é um traço de nó-terminal, podemos assumir que ele é irrelevante para a interpretação em LF, sendo, portanto irrelevante seu estatuto enquanto interpretável/não interpretável. Além disso, por ser um dispositivo a serviço de PF, assim como as epênteses em Morfologia Distribuída, não há violação da Condição de Inclusividade (ver Chomsky, 1995 e Bobaljik, 2002).

terminal, mas sendo projetados como sintagmas (Kayne 1975, Sportiche 1989)⁵⁴. Como não envolvem concatenação com nenhum complemento, clíticos não apresentam em nenhum momento da derivação o traço de Caso (não-valorado). Sendo assim, não estão sujeitos à checagem de Caso e não valoram nenhum núcleo temático. Em contrapartida, no entanto, esses elementos sempre devem sofrer Deslocamento Local de sua posição argumental, pois, acarretam problemas para rotulação nessa posição.

Pronomes fracos, como é o caso de *zich* e *sich* do holandês e do alemão respectivamente, são formas mais complexas. Já desde Cardinaletti (1994), Cardinaletti & Starke (1996) e, mais recentemente, Reuland (2011), pronomes fracos são categorias complexas, envolvendo mais de um núcleo. Heinat (2006) propõe que anáforas reflexivas são DPs que não apresentam NPs como complemento, mas que compõem-se com uma raiz:

O autor não está preocupado em diferenciar clíticos e pronomes fracos, no caso, e suas conclusões se aplicam principalmente a uma língua em que a marca reflexiva é um pronome fraco (sueco). Sendo assim, tendo em conta o que foi dito anteriormente, podemos estabelecer que a diferença entre clíticos e pronomes fracos é a de que clíticos são apenas um núcleo D^0 , e pronomes fracos envolvem a concatenação de um núcleo D^0 e uma raiz, o que já é suficiente para a marcação desse constituinte pelo traço [Caso: ____]:

⁵⁴ Assume-se essa análise para clíticos anafóricos, que também, conforme (Heinat, 2006), são formas estruturalmente defectivas, não contendo um complemento nominal. Clíticos pronominais contêm complementos e estão sujeitos à Caso, conforme ilustrado pela seleção de auxiliares abaixo:

L'ha/*l'è baciato.
CL.3S.há/CL.3S.é beijado.
"Ele/ela a/o beijou."

Seguindo a mesma lógica, constituintes maiores que pronomes fracos também receberão o traço [Caso: ____] e selecionarão auxiliares diferentes de *ser/estar*, conforme se observa nos dados do italiano com *se stesso* repetidos abaixo:

- (191) a. I giudici hanno criticato se stess-i.
 Os juízes há.PL criticado se adj-MASC.PL.
 "Os juizes criticaram a si próprios."
- b.* I giudici sono criticati se stess-i.
 Os juizes são criticados se adj-MASC.PL.

4.2.2 O Caso das Reflexivas em Georgiano

Uma consequência do que foi dito na seção anterior é a de que núcleos temáticos podem ir a LF sem a necessidade de estarem valorados com os traços-fi de um argumento. Por um lado, é assumido que o núcleo temático que projeta o argumento externo (aqui denominado Agente) deve ser valorado para desencadear o *Spell-Out* total da fase verbal. No entanto, o núcleo que projeta o argumento interno (Tema), no caso de sentenças reflexivas em línguas com clíticos anafóricos permanece sem ser valorado até o fim da derivação, ocasionando a inserção de auxiliares como *essere/avoir* (italiano/francês).

Aqui assumo que a valoração dos traços-fi dos núcleos temáticos não é necessária para a adequada interpretação da sentença em LF. No entanto, um núcleo temático sem os devidos valores para seus traços corre o risco de não ser elegível para a Inserção Vocabular (ausência de Itens de Vocabulários específicos para os não-valores de seus traços), causando problemas em PF.

Se consideramos com Baker (2013) que núcleos que projetam argumentos apresentam como expoentes marcas de concordância, e se consideramos que núcleos como Tema são o *locus* da concordância com objeto⁵⁵, as línguas serão diferentes no

⁵⁵ Para Baker (2013), o locus da concordância com objeto é, na verdade, *v* (que seria traduzido por Agente no presente modelo), e a concordância com sujeito é sempre dada em T. Neste trabalho, no entanto, dadas as evidências do georgiano e o modelo de atribuição de Caso em Spec de Agente (Spec de *v*), assume-se que a concordância de objeto é dada no núcleo Tema.

que diz respeito à exponência fonológica desse núcleo. Uma língua sem concordância com objeto pode apresentar um expoente fonológico zero para qualquer valor de Tema, sem ocasionar, dessa forma, nenhum problema caso este não apresente nenhum valor em seus traços-fi. Por outro lado, uma língua que apresente concordância com objeto deverá sempre apresentar um valor em Tema, e esse é o caso do georgiano que quero ilustrar nesta seção.

O que ocorre com o georgiano no que diz respeito a reflexividade é que essas construções sempre apresentam o nome *tav* (literalmente significando *cabeça*) além da anáfora em si. Esta pode ser tanto o afixo *-i*⁵⁶, compartilhado com anticausativos e passivos, ou um pronome possessivo:

- (192) a. Mariam-i tav-s i-kritik-eb-s.
 Maria-NOM *tav*-ACU VPR-criticar-TEMA-3s3s.
 "A Maria se critica."
- b.* Mariam-i i-kritik-eb-s.
 Mariam-NOM VPR-criticar-TEMA-3s3s.
- c. Mariam-i tavis⁵⁷ tav-s kritik-eb-s.
 Maria-NOM 3sg.REFL.POSS.ACUTav-ACU criticar-TEMA-3s3s.
 "Maria se critica."
- d. Shen tav-s kritik-eb.
 2sg.POSS.ACU *tav*-ACU criticar-TEMA.
 "Você se critica."

Na reflexivização de um argumento aplicativo, no entanto, o nome *tav* não ocorre:

- (193) a. Mariam-i saxl-s i-shen-eb-s.
 Maria-NOM casa-ACU VPR-construir-TEMA-3s3s.
 "A Maria está construindo uma casa para si."
- b.* Mariam-i saxl-s tav-s i-shen-eb-s.
 Maria-NOM casa-ACU *tav*-DAT⁵⁸ VPR-construir-TEMA-3s3s.

⁵⁶ Glosado aqui como VPR (vogal pré-radical).

⁵⁷ Georgiano apresenta um expoente específico para a pronomes possessivos anafóricos de 3ª pessoa. O expoente para pronomes possessivos não-anafóricos de 3ª pessoa é *misi*.

As diferenças entre a reflexivização do direto objeto e do argumento aplicativo em georgiano fazem com que o morfema *-i-* seja considerado algo com um estatuto não claro no que diz respeito a reflexivização (Amiridze, 2006). No entanto, o comportamento da marca torna-se mais claro ao se considerarem dois fatos: (i) assim como em francês e italiano, a variável *-i-* em georgiano é um núcleo simples⁵⁹, não estando sujeita ao traço [Caso: ____] e (ii) como o georgiano é uma língua com concordância de objeto⁶⁰, o núcleo Tema deve ser valorado para apresentar um expoente fonológico adequado. Esses dois fatos fazem com que, no caso de reflexivização do objeto direto, a marca reflexiva seja sempre um DP complexo, sujeita a [Caso: ____]. E o que diferencia *-i-* + *tav* de POSS + *tav* é que o primeiro envolve afixação do núcleo D^o ao verbo.

Argumentos aplicativos, por outro lado, não alteram a concordância exigida pelo verbo:

- (195) a. Shen-s g-xatav-s.
 Você-acu 2s.obj-desenhar-3s.
 "Ele te desenha."
 b. Shen-s g-i-xatav-s.
 Você-acu 2s.obj-vpr-desenhar-3s.

⁵⁸ O caso acusativo e dativo é sincrético em georgiano e em outras línguas sul-caucasianas. A desambiguação pode ser feita ao colocar a sentença no aoristo, em que o sistema de casos se alterna para ERG/ABS. Dessa forma, o objeto indireto se mantém com a marca *-s*, enquanto o direto recebe a marca de caso absoluto *-i*.

⁵⁹ Diferentemente do clítico *se*, no entanto, a marca *-i-* é um afixo e não está sujeita a deslocamento local, mas a movimento de núcleo, conforme se esclarecerá posteriormente.

⁶⁰ Ver Anderson (1982), Halle & Marantz (1993), Bejar (2003) entre outros.

"Ele te desenha para ele próprio."

c.* Shen-s i-xatav-s.

Você-ACU VPR-desenhar-3s.

Isso indica que os núcleos que licenciam argumentos aplicativos na língua não precisam ser valorados por traços-fi, sendo assim, não há problemas na ocorrência do núcleo D⁰ (sem *tav*) como marca reflexiva para esses argumentos.

4.2.3 Causativos em Francês

Como mencionado anteriormente, construções causativas em francês foram consideradas (Kayne 1975, Reinhart & Siloni 2004) uma evidência para a intransitividade dos reflexivos. Os dados são repetidos abaixo:

(196) a.	Jean fait travailler à Paul.	Inergativo - à
	Jean fez trabalhar a Paul.	
	"Jean fez Paul trabalhar."	
b.	Jean fait laver la voiture à Paul.	Transitivo - à
	Jean fez lavar o carro a Paul.	
	"Jean fez Paul lavar o carro."	
c.	Jean fait arriver Paul.	Inacusativo
	Jean fez chegar Paul.	
	"Jean fez Paul chegar."	
d.	Jean fait se laver Paul.	Reflexivo
	Jean fez SE lavar Paul.	
	"Jean fez Paul se lavar."	

Nesta seção mostro que o fenômeno da ausência da preposição *à* para o agente do verbo reflexivo *laver* está relacionada ao fato de que o clítico reflexivo *se* em francês não é capaz de receber Caso, conforme proposto anteriormente.

Assumamos que em Francês haja um algoritmo de marcação de caso (McFadden, 2004; Caha, 2009) que fornece o valor nominativo [NOM] ao argumento

mais acima na estrutura e o valor acusativo [ACC] ao argumento mais abaixo⁶¹. Argumentos entre essas posições são marcados como oblíquos. Dessa forma, em construções Causativas envolvendo verbos transitivos, os valores [NOM] e [ACU] não estão disponíveis para o argumento externo do verbo principal (transitivo), fazendo com que este ocorra na forma oblíqua da língua, acompanhado pela preposição *à*⁶².

O mesmo padrão se observa em turco, em que os agentes dos verbos causativizados ocorrem no caso dativo:

- (198) Öğrenciler kahvede oturanlar-a kitap oku-t-tu.
 Estudantes café.LOC sentados-DAT livro ler-CAUS-PRET.
 "Os estudantes fizeram as pessoas sentadas no café lerem livros."

De volta ao francês, no que diz respeito aos reflexivos, a variável *se* não é visível para o algoritmo de Caso porque ela não entra em Agree com o núcleo Tema.

⁶¹ Por simplicidade, assume-se aqui que os valores específicos para as marcas de caso são obtidos pós-sintaticamente. Durante a derivação, os DPs apenas recebem um valor [CASO] para seu traço [Caso: ____] que depois é especificado pós-sintaticamente por meio de um algoritmo. Os mesmos efeitos podem ser obtidos em uma teoria como Boskovic (2007), em que Caso é um traço do argumento que é valorado dentro de um domínio específico, tal como T (nominativo) ou Tema (acusativo). É importante apenas considerar que caso acusativo seria dependente da prévia atribuição de caso nominativo ou valoração dos traços-fi do núcleo temático Agente.

⁶² Há também clíticos dativos em francês, e eles ocorrem nesses casos como o agente (argumento externo) do verbo transitivo:

J'essaierai de faire lui laver les mains.
 Eu.tentarei de fazer lhe lavar as mãos.
 "Eu tentarei fazê-lo lavar as mãos."

Dessa forma, quem toma o caso acusativo é o argumento mais baixo acessível para o algoritmo: o argumento externo do verbo reflexivo.

Curiosamente, o mesmo ocorre em turco:

(199) Öğretmen çocuklar-ı yıka-n-dır-dı.

Professor crianças-ACU lavar-REFL-CAUS-PRET.

"O professor fez as crianças se lavarem."

4.2.4 Reflexividade em Contextos de ECM

Uma propriedade das marcas reflexivas em algumas línguas é que elas podem ocorrer em contextos de ECM. Nesse caso, a marca reflexiva é um argumento do predicado secundário, e não do verbo principal, embora tome a forma da marca reflexiva morfológicamente dependente compartilhada também com contextos anticausativos e passivos. Os exemplos abaixo são, respectivamente, do holandês, português e polonês:

(200) a. Jan hoorde zich zingen.

Jan ouviu SE cantar.

"Jan se ouviu cantando."

b. O João se acha inteligente.

c. Maria uważa się za piękną.

Maria considera SE por bonita.

"Maria se considera bonita."

Há duas análises possíveis para esse tipo de construção. A primeira e mais simples é a transitiva. Envolve considerar que a marca reflexiva é uma variável que se liga ao argumento externo do verbo principal. Como se trata de uma construção envolvendo *small clause*, o domínio de ligação é o mesmo para o argumento externo e a variável.

A outra análise possível é a vista em Marantz (1984) e em Reinhart & Siloni (2004). Envolve considerar que o verbo e o predicado secundário formam um predicado complexo, que é reduzido em termos de valência com a marca reflexiva: trata-se de uma análise intransitiva.

É notável, no entanto, que algumas línguas não permitem que suas marcas reflexivas morfologicamente dependentes (as compartilhadas com anticausativas, passivas, etc.) ocorram nesses contextos. A marca morfologicamente independente ocorre nesses casos. Os dados abaixo são do russo:

- (201) a.* On schitaet-**sja** umnoj.
 Ele considera-SE inteligente.
- b. On schitaet **sebj**a umnoj.
 Ele considera REFL inteligente.
 "Ele se considera inteligente."

Independentemente da análise que se toma para o fenômeno, deve-se explicar porque algumas línguas o permitem e outras não. Para Reinhart & Siloni (2004) essas diferenças são derivadas do parâmetro Léxico-Sintaxe. Algumas línguas apresentam suas marcas reflexivas/decausativas derivadas no Léxico como o *output* de uma operação denominada Redução (ver Chierchia, 1989). Se elas são derivadas no Léxico, não podem envolver dois predicados, sendo impossível de ocorrer - portanto - em construções de ECM. Em outras línguas essa marca é derivada na Sintaxe, onde é possível reduzir um predicado complexo, possibilitando a reflexivização em ECM.

Há alguns trabalhos mostrando que o Parâmetro Léxico-Sintaxe não deriva todas as suas previsões trans-linguisticamente (Hron 2006, Lazzarini-Cyrino 2013). Do Parâmetro espera-se que a redução dada no Léxico não permita reflexivização em ECM e dativa, mas permita nomes reflexivos. Redução dada na Sintaxe, por outro lado, permite reflexivização em ECM e dativa, mas não permite nomes reflexivos. No entanto essas previsões não são vistas em toda língua. Por exemplo, tcheco (Hron, 2006) permite reflexivização em ECM e dativa, e também permite nomes reflexivos. Georgiano, por outro lado, não permite reflexivização em ECM, nem nomes reflexivos, mas permite a reflexivização dativa com a marca -i-, vista anteriormente.

Tendo em conta a reflexivização em ECM, propõe-se aqui outra abordagem. Como mencionado em Reinhart & Siloni (2005), reflexivização em ECM é comum em línguas em que as marcas reflexivas são clíticas. Minha formulação para esse fenômeno, no entanto, é a de que reflexivização em ECM somente pode ocorrer em línguas em que a marca reflexiva adentra o domínio morfológico do verbo por meio

e. *Rotulação:*

$[_{TP} [_{DP} \text{O João}] * [_{T} \text{viu se}]]$

Para casos de reflexividade em ECM, consideremos a seguinte estrutura:

A variável ($DP_{[Pss: X]}$) é linearmente adjacente tanto ao predicado (Pred) como ao verbo principal na estrutura no momento da inserção vocabular. No entanto a regra de Deslocamento Local supõe uma direção, que no caso das variáveis tem sido observada como deslocamento ao elemento à esquerda. Dessa forma, no caso de ECM, o deslocamento se dá ao verbo principal por conta da direção padrão da operação.

(204) a. O João [se considera] inteligente.

b. *Adjacência Linear:*

$[[[O \text{ João}] * [\text{considera} * [\text{se} * [\text{inteligente}]]]]]$

c. *Deslocamento Local:*

$[[[O \text{ João}] * [[\text{considera se}] * [\text{inteligente}]]]]]$

d. *Rotulação:*

$[_{TP} [_{DP} \text{O João}] * [_{T} [_{T} \text{considera se}] * [_{Pred} \text{inteligente}]]]$

Para línguas em que a marca reflexiva não ocorre em contextos de ECM, proponho, na seção seguinte, que suas variáveis não adentram o domínio morfológico verbal pós-sintaticamente, mas sim durante a derivação sintática estrita. Para anticausativos, foi mostrado, no último capítulo, que a marca afixal é derivada por pseudo-incorporação. Dado seu caráter não-argumental, variáveis Pseudo-

Incorporadas, no entanto, não podem ser valoradas por um DP fora do domínio morfológico do verbo. Portanto, a derivação de marcas reflexivas afixais se dá por incorporação (movimento de núcleo) da variável a partir de sua posição temática. Isso é discutido na próxima seção.

4.3 Marcas Reflexivas Afixais

No capítulo anterior, foi mencionado um importante fato acerca de nomes pseudo-incorporados: eles nunca são interpretados como referenciais (Massam 2001, Dayal 2003). Dessa forma, se consideramos, paralelamente às marcas decausativas, que marcas reflexivas afixais são pseudo-incorporadas ao verbo ocorrerá que elas não poderão tomar um DP referencial como antecedente, impedindo a reflexivização.

Por conta dessa restrição, marcas reflexivas afixais são derivadas por movimento de núcleo a partir de sua posição temática, indicado abaixo pela seta.

Nota-se que a incorporação da variável na posição de argumento interno não viola o Head Movement Constraint, ao contrário do que ocorreria caso a incorporação fosse a partir do argumento externo. A incorporação da variável se dá após a formação do núcleo complexo $[V+\text{Tema}]^\circ$, que tem sua estrutura inteiramente representada acima. Núcleos complexos contam como um único núcleo para efeitos de movimento de núcleo por conta do que foi dito no capítulo anterior acerca de sua invisibilidade na sintaxe estrita: segundo Matushansky (2006), movimento de núcleo implica em *Spell-Out* ao menos parcial da estrutura, de forma que para a sintaxe o

resultado do movimento de núcleo é um único feixe de traços, embora na pós-sintaxe essa estrutura nuclear possa ser manipulada.

Movimentos de núcleo na sintaxe não devem ser diferentes de outros movimentos no que diz respeito a seu gatilho. Como proposto em Marantz (1988), qualquer relação sintática entre dois constituintes pode ser substituída pela afixação do núcleo de um constituinte ao núcleo de outro, contanto que não haja violações no que diz respeito ao Head Movement Constraint. Isso se traduz em Pesetsky & Torrego (2005), bem como em Matushansky (2006), pela exigência de uma relação sonda-alvo também para movimento de núcleo.

Dessa forma, é possível estabelecer que afixos reflexivos sofrem movimento de núcleo a $[\text{Tema}+\text{V}]^0$ para valoração de traços. A natureza desses traços não é clara no momento, mas os efeitos da existência desse tipo de relação se observam na impossibilidade de afixos reflexivos ocorrerem em contextos de reflexivização em ECM: nesses casos não há relação temática entre a variável e o verbo principal.

Além disso, a incorporação da variável ao verbo principal no caso de reflexivização em ECM viola o Head Movement Constraint: o núcleo do predicado secundário é o que propriamente rege a variável, como se observa abaixo:

Por outro lado, a afixação da variável ao predicado secundário também não se verifica por conta de não haver reflexivização deste predicado, o que provavelmente não licencia os mesmos traços que acarretariam na afixação da variável ao núcleo $[\text{Tema}+\text{V}]^0$.

Portanto, em uma língua como o russo, que apresenta uma anáfora reflexiva afixal (*-sja*) e outra que é morfologicamente independente (*sebja*), apenas a segunda é capaz de ocorrer em contextos de ECM.

- (207) a.* On schitaet-**sja** umnoj.
 Ele considera-SE inteligente.
- b. On schitaet **sebja** umnoj.
 Ele considera REFL inteligente.
 "Ele se considera inteligente."

Analisar marcas reflexivas e decausativas afixais como sendo derivadas por dois processos de incorporação distintos pode não parecer desejável do ponto de vista de elegância da teoria. No entanto, essa diferença encontra base empírica nas línguas, conforme vemos nas seções a seguir com as línguas escandinavas e o turco.

4.3.1 O Afixo -s e o Pronome *sig*⁶³ nas Línguas Escandinavas

As línguas escandinavas (Dinamarquês, Sueco e Norueguês) apresentam duas marcas sincréticas relacionadas a anticausativos. A primeira e mais comum é o pronome fraco *sig* e a outra, menos comum, é o afixo -s. Enquanto *sig* é sincrético com reflexivas e anticausativos, -s é sincrético com construções passivas/impessoais e anticausativos⁶⁴. Veja abaixo os exemplos do dinamarquês:

- (208) a. Dør-en åbne-s.
 Porta-DEF abre-SE
 "A porta se abre"
- b. Der passe-s på bornene.
 Exp cuidar-SE de crianças.
 "Cuida-se das crianças."
- c. Dør-en åbner sig.
 Porta-DEF abre SE.
 "A porta abre."
 * "A porta é aberta/Abre-se a porta."

⁶³ A grafia *sig* representa as duas possíveis realizações do pronome nessas línguas: *sig* ou *seg*.

⁶⁴ Para detalhes sobre as marcas nessas línguas ver Lundquist (2011), Müller & Ørsnes (2013), Schadler (2009) e Steblin-Kamenskij (1953).

- d. Lars barberer sig.
Lars barbeia SE.
"Lars se barbeia."
- e. Lars barbereg-s.
Lars barbeia-SE.
"Lars é barbeado./Barbeia-se o Lars."
* "Lars se barbeia."

Se consideramos que marcas passivas/impessoais também são variáveis (ver próximo capítulo), torna-se simples dar conta da distribuição das marcas *-s* e *sig*. Um fato importante relacionado às marcas *sig* é que são pronomes fracos, sofrendo Deslocamento Local ao invés de pseudo-incorporação ou movimento de núcleo. Isso pode ser evidenciado pelas construções de ECM:

- (209) Lars anser sig intelligent. (sueco)
Lars considera SE inteligente.
"Lars se considera inteligente."

Por outro lado, a impossibilidade do afixo *-s* ocorrer em construções reflexivas mostra que as línguas escandinavas não apresentam o mesmo tipo de propriedade que línguas como o russo apresentam na relação entre variáveis e o núcleo Tema que permite movimento de núcleo. No entanto, a língua permite pseudo-incorporação de variáveis, o que é evidenciado pela existência de construções passivas/impessoais e reflexivas com a marca *-s*.

A incapacidade de *sig* ocorrer em construções passivas está relacionada a uma propriedade geral de pronomes fracos, que não ocorrem nessas construções⁶⁵ e isso será explicado no próximo capítulo.

4.3.2 Sufixos Reflexivos vs. Passivos/Decausativos em Turco

O outro fenômeno interessante de se observar com relação à diferença entre incorporação e pseudo-incorporação diz respeito ao SPR em turco. Nessa língua, marcas reflexivas são relativamente diferentes das marcas passivas/impessoais e

⁶⁵ Essa generalização foi apresentada nos primeiros capítulos.

decausativas. Marcas reflexivas ocorrem como *-In*, enquanto que marcas passivas/impessoais e decausativas ocorrem como *-Il*. As marcas são sincréticas em contexto pós-vocálico, em que ambas ocorrem como *-n*, mas trata-se de uma alomorfia fonologicamente condicionada.

Não há pronomes fracos ou clíticos na língua que possam se incorporar pós-sintaticamente ao verbo. Há apenas a forma independente reflexiva *kendi*, em distribuição complementar com o sufixo *-In*:

- (210) a. Mehmet yıka-n-ıyor.
Mehmet lavar-REFL-PRES.
"Mehmet está se lavando."
b. Mehmet kendi-si-ni yık-ıyor.
Mehmet refl-3S-ACU lavar-PRES.
"Mehmet está se lavando."

Como dito anteriormente, as marcas passivas e decausativas são formadas pelo sufixo *-Il*. Este pode ser sincrético com as marcas reflexivas em dois casos: (i) após uma vogal, tornando-se *-n*, como ocorre com a marca reflexiva, ou (ii) após uma sílaba contendo o fonema *l*, a marca torna-se *-In*, idêntica à marca reflexiva. Portanto o sincretismo é fonologicamente condicionado. Veja exemplos abaixo:

- (211) a. Mehmet yıka-n-ıyor.
Mehmet lavar-PASS-PRES.
"Mehmet está sendo lavado."
"Mehmet está se lavando." (por alomorfia fonológica)
b. Bulgaristan'da türkçe bil-in-ir.
Bulgaria.LOC turco saber-PASS-AOR.
"Sabe-se turco na Bulgária."
c. Kapı aç-ıl-ma-dı.
Porta abrir-PASS-NEG-PRET.
"A porta não (se) abriu."

A diferença estrutural entre pseudo-incorporação e movimento de núcleo é capaz de dar conta da distribuição das marcas reflexivas e

decausativas/passivas/impessoais em turco. Como foi visto no capítulo anterior, pseudo-incorporação envolve a irmandade da variável com o núcleo verbal:

Como os Itens de Vocabulário podem se aplicar a ambientes estruturais específicos (Bobaljik 2013, Harley & Noyer 1999), é possível que a marca -Il do turco esteja especificada para o contexto de irmandade com o núcleo verbal, indicando pseudo-incorporação:

$$(213) /Il/ \rightarrow [Pss: ___] / V^0 ___$$

Para os demais contextos de afixação, que vão referir-se a reflexivização, a marca -In se aplica:

$$(214) /In/ \rightarrow [Pss: ___] / X^0 ___$$

Através desses fenômenos do turco e das línguas escandinavas é possível concluir que é plausível que haja diferença na posição em que as marcas reflexivas e decausativas/passivas/impessoais são geradas. Nota-se que outras análises teriam que tratar as marcas reflexivas como portando um conteúdo distinto das decausativas (e passivas/impessoais), o que poderia prejudicar na análise do sincretismo.

4.4 Marcas Reflexivas Dependentes e Independentes

Esse capítulo esteve concentrado até o momento na distribuição e no estatuto das marcas reflexivas morfológicamente dependentes entre as línguas. No entanto, deve-se apontar que línguas que apresentam esse tipo de marcas reflexivas também apresentam marcas reflexivas que são morfológicamente independentes. Estas não são sincréticas com marcas decausativas (nem passivas/impessoais) dado o fato de que são morfológicamente independentes.

No decorrer do capítulo foi possível ver alguns exemplos dessas marcas. Em italiano, *se stesso*, em francês, *lui-même*, em russo, *sebja*, em georgiano, a estratégia POSS+*tav* e em turco, *kendi*. A questão que deve se levantar neste momento é o que faz essas marcas morfologicamente independentes serem inseridas no lugar das marcas dependentes.

Vimos, por exemplo, que variáveis morfologicamente dependentes não podem ocorrer em contextos de ECM caso adentre o domínio morfológico do verbo durante a derivação sintática via Movimento de Núcleo. No entanto, deve haver uma propriedade que deriva o Movimento de Núcleo dessas variáveis bem como a inserção de um expoente fonológico marcado para Deslocamento Local ao invés da variável morfologicamente independente.

Lubowicz (1999) propõe que há uma diferença relacionada a foco sobre atividade versus foco sobre objeto trazida por construções reflexivas. Abaixo seguem características semânticas e sintáticas que podem ser observadas trans-linguisticamente entre as marcas dependentes e independentes (doravante *se* e *SE*, respectivamente, conforme Lazzarini-Cyrino, 2012)⁶⁶:

(215) a. Marcas *se*:

- (i) Podem ocorrer em anticausativos;
- (ii) Dependendo da língua não ocorrem em contextos de ECM.
- (iii) Não podem ser realizadas em coordenação com outros DPs.
- (iv) Com exceção de pronomes fracos, não podem ser realizados como complemento de preposição.
- (v) Estão relacionadas a foco sobre atividade.

b. Marcas *SE*:

- (i) Não ocorrem em anticausativos;
- (ii) Sempre podem ocorrer em contextos de ECM;
- (iii) Podem ser realizadas em coordenação com outros DPs;
- (iv) Podem ser realizadas como o complemento de preposição;
- (v) Estão relacionadas a foco sobre atividade.

⁶⁶ Essas propriedades estão compiladas desta forma em Lazzarini-Cyrino (2012), mas estão baseadas no trabalho de Lubowicz (1999), Kapitonov (2008) e nas observações sobre as marcas de anticausativos vistas no capítulo anterior.

As propriedades em (i) e (ii) foram explicadas no capítulo anterior e neste, respectivamente. Formas livres não podem ocorrer em anticausativos por conta dos problemas de rotulação que desencadeariam. Afixos não podem ocorrer em contextos de ECM por conta de restrições derivadas do Movimento de Núcleo.

A propriedade (iii) se refere à diferença entre formas livres e formas presas. Clíticos, affixos e pronomes fracos estão sob o domínio morfológico de uma palavra e não podem ser coordenados por si só: a coordenação deve envolver uma outra palavra que os possa carregar (ver também Cardinaletti & Starke 1996). Da mesma forma a propriedade (iv) relaciona-se a propriedades estruturais de clíticos/afixos e pronomes fracos versus a de formas livres.

A tabela abaixo ilustra essas primeiras quatro propriedades trans-linguisticamente. Cada tipo morfológico está preenchido com um tom diferente para indicar que as predições a seu respeito são seguidas, ao menos neste conjunto de línguas⁶⁷:

Língua	Marca	Antic.	ECM	Coord.	PP	Tipo
Português	se	x	x			<i>clítico</i>
	si próprio		x	x	x	<i>forma livre</i>
Italiano	si	x	x			<i>clítico</i>
	se stesso		x	x	x	<i>forma livre</i>
Francês	se	x	x			<i>clítico</i>
	lui-même		x	x	x	<i>forma livre</i>
Grego	<i>agreement</i>	x				<i>afixo</i>
	to eafto tu		x	x	x	<i>forma livre</i>
Albanês	<i>agreement</i>	x				<i>afixo</i>
	vetë		x	x	x	<i>forma livre</i>
Holandês	zich	x	x		x	<i>pronome fr.</i>
	zichzelf		x	x	x	<i>forma livre</i>
Russo	-sja	x				<i>afixo</i>
	sebja		x	x	x	<i>forma livre</i>
Tcheco	se	x	x			<i>clítico</i>
	sebe		x	x	x	<i>forma livre</i>
Polonês	się	x	x			<i>clítico</i>
	siebie		x	x	x	<i>forma livre</i>
Sueco	sig	x	x		x	<i>pronome fr.</i>
	sig själv		x	x	x	<i>forma livre</i>

⁶⁷ Na verdade mais línguas comportam-se como o previsto, mas não foram incluídas na tabela por uma questão de espaço. Concretamente, as línguas românicas como espanhol e romeno, as germânicas alemão, dinamarquês, norueguês e islandês, as eslavas croata, macedônio e búlgaro, bem como outras línguas não indo-europeias como árabe, fula, toba e yakut.

Georgiano	-i- (+tav)	x	--			<i>afixo</i>
	poss+tav		x	x	x	<i>forma livre</i>
Laz	-i-	x	--			<i>afixo/clítico</i>
	tav		x	x	x	<i>forma livre</i>
Turco	-In-	x	--			<i>afixo</i>
	kendi		x	x	x	<i>forma livre</i>
Hebraico	<i>hitpael</i>	x	--			<i>afixo</i>
	ec 'acmo		x	x	x	<i>forma livre</i>

Tabela 15 - Marcas Reflexivas Dependentes e Independentes entre as Línguas.

A propriedade (v), relacionada a foco, é a que desambigua os contextos normais de ocorrência das variáveis: aqueles não envolvendo anticausativas, ECM, coordenação e sintagmas preposicionais. Trata-se de uma propriedade que associa foco sobre atividade à dependência morfológica das marcas e foco sobre objeto à sua independência. Isso é primariamente baseado nas observações de Lubowicz (1999) para o polonês, mas pode se estender para as outras línguas.

Questões sobre o evento são normalmente respondidas com o verbo+forma-dependente, e questões sobre os participantes do evento são repondidas com a forma reflexiva plena. Tomemos os dados abaixo do russo⁶⁸:

- (216) a. Ja breju sebja.
Eu barbeio SE.
"Eu barbeio A MIM MESMO."
- b. Ja breju-sj.
Eu barbeio-se.
"Eu ME BARBEIO."
- c. Kto ty brëshj utrom? - Sebja.
Quem tu barbeia manhã? - SE.
"Quem você barbeia de manhã? - A mim mesmo."
- d. Chto ty delaeshj utrom? - Breju-sj.
Que tu faz manhã? - Barbeio-se.
"O que você faz de manhã? - Me barbeio."

Esses testes podem ser bastante eficientes e, conseqüentemente, pode ser possível relacionar as operações de Movimento de Núcleo e Deslocamento Local à

⁶⁸ Cf. Kapitonov (2008).

ausência de um traço de foco para a variável (cf. Lazzarini-Cyrino, 2012). No entanto, é importante notar que a maior parte das línguas observadas não permitem marcas reflexivas dependentes com todos os verbos. Isso ocorre mesmo em russo:

- (217) a. Ja breju-sj.
Eu barbeio-*se*.
"Eu me barbeio."
b.* Ja vizhu-sj.
Eu vejo-*se*.
c. Ja vizhu sebja.
Eu vejo SE.
"Eu me vejo."

Por conta disso, alguns autores em propostas diferentes (por exemplo, Kemmer, 1993 e Doron, 2013) propuseram que construções reflexivas com marcas dependentes não são reflexivas de fato. Trata-se, na verdade, de construções denominadas Médias, da noção clássica de Voz Média. Para Kemmer (1993), a morfologia marca um domínio semântico especial que não é transitivo e envolve um certo tipo de reflexividade inerente. Esse é o Domínio Médio, que envolve eventos de movimento translacional e não-translacional, de cuidado pessoal, ações inerentemente recíprocas, etc.

Um problema curioso desse domínio enquanto um domínio sintaticamente intransitivo é o seguinte paradoxo. Tomemos o fato de que línguas como o holandês constituem um contra-argumento para análises intransitivas dos reflexivos por conta da seleção de auxiliares indetificar-se com a dos verbos transitivos (verbos do tipo *ter/haver*).

- (218) a. Jan is aangekomen.
Inacusativo - *zijn*
Jan é chegado.
"Jan chegou."
b. Jan heeft zich gewassen. Reflexivo - *hebben*
Jan há SE lavado.
"Jan se lavou."

- c. Jan heeft gewerkt. Inergativo⁶⁹ - *hebben*
 Jan há trabalhado.
 "Jan trabalhou."
- d. Jan heeft en boek gelezen. Transitivo - *hebben*
 Jan tem um livro lido.
 "Jan leu um livro."

Tendo isso em conta, consideremos que essas mesmas marcas reflexivas do holandês que desencadeiam a mesma seleção de auxiliares de verbos transitivos são tão restritas ao denominado *Domínio Médio* quanto a marca *-sja* do russo:

- (219) a. Maria ziet zichzelf.
 Maria vê SE.
 "A Maria se vê."
- b.* Maria ziet zich.
 Maria vê *se*.
- c. Maria wast zich.
 Maria lava *se*
 "A Maria se lava."
- d. Maria wast zichzelf.
 Maria lava SE.
 "A Maria se lava."

Em francês e italiano, por outro lado, os auxiliares sugerem que o verbo reflexivo é intransitivo (inacusativo).

(220) *Italiano*:

- a. Gianni è arrivato. Inacusativo - *essere*
 Gianni é chegado.
 "Gianni chegou."

⁶⁹ Considerar sempre que inergativos não são genuinamente intransitivos, cf. Hale & Keyser (1994).

b.	Gianni si è lavato.
Gianni SE é lavado.
"Gianni se lavou."	Reflexivo - <i>essere</i>
c.	Gianni ha lavorato.
Gianni há trabalhado.
"Gianni trabalhou."	Inergativo - <i>avere</i>
d.	Gianni ha letto un libro.
Gianni há lido um livro.
"Gianni leu um livro."	Transitivo - <i>avere</i>

(221) *Francês*:

a.	Jean est arrivé.
Jean é chegado.
"Jean chegou."	Inacusativo - <i>être</i>
b.	Jean s'est lavé.
Jean SE.é lavado.
"Jean se lavou."	Reflexivo - <i>être</i>
c.	Jean a travaillé.
Jean há trabalhado.
"Jean trabalhou."	Inergativo - <i>avoir</i>
d.	Jean a lu un livre.
Jean há lido um livro.
"Jean leu um livro."	Transitivo - <i>avoir</i>

No entanto, a mesma restrição vista em russo e holandês não é verificada em francês e italiano:

(222) a.	Gianni si è lavato.
Gianni <i>se</i> é lavado.
"Gianni se lavou."	(italiano)
b.	Jean s'est lavé.
Jean <i>se.é</i> lavado.
"Jean se lavou."	(francês)

- c. Gianni si è visto. (italiano)
 Gianni *se* é visto.
 "Gianni se viu."
- d. Jean s'est vu. (francês)
 Jean *se*.é visto.
 "Jean se viu."

Por conta desse paradoxo e dos outros fenômenos apresentados neste capítulo evidenciando a transitividade das construções reflexivas, não considero neste trabalho que o Domínio Médio possa apresentar alguma influência na valência sintática do verbo. No entanto, a descrição é interessante e pode trazer luzes no que diz respeito à oposição entre foco sobre atividade vs. sobre objeto.

Duas outras propostas também são interessantes e relacionam-se entre si. Haspelmath (2005b) traz dados quantitativos de diversas línguas sobre a distribuição de marcas reflexivas dependentes e independentes (introvertidas e extrovertidas, respectivamente). O autor mostra que marcas reflexivas dependentes ocorrem em verbos que são mais frequentemente utilizados em contextos reflexivos do que não-reflexivos. E marcas independentes seguem o oposto. A outra proposta é a vista em Geurts (2004). Ele considera a distribuição das marcas reflexivas *zich* e *zichzelf* do holandês em função do *Eyeblink Index* (Beaver, 1993). Um baixo índice ocorre quando a construção não é surpreendente. Neste caso, *zich* ocorre para um baixo *Eyeblink Index* com relação a eventos reflexivos e *zichzelf* ocorre para um alto índice.

Essas propostas são relacionadas a uso e não podem ser implementadas em um modelo de competência como o proposto nesta tese. No entanto, é possível associar a noção de foco sobre objeto a isso. Dessa forma, uma variável marcada com um traço de FOCO envolveria algum tipo de marcação semântico-pragmática. Para algumas línguas tais como as românicas, laz, georgiano e eslavas, esse traço somente tem efeitos informacionais.

Para as outras línguas, no entanto, formando o grupo maior (holandês, alemão, russo, hebraico, turco, etc.), esse traço também está relacionado a uma propriedade pragmática como o *Eyeblink Index*. Dessa forma, nesse tipo de língua, uma marca reflexiva sem o traço FOCO em um evento que não é frequentemente denotado como reflexivo causaria algum tipo de incompatibilidade semântica/pragmática.

É importante notar que a oposição entre línguas de Deslocamento Local e Movimento de Núcleo no que diz respeito à derivação da dependência morfológica das marcas reflexivas não parece influir na maior ou menor restrição dessas marcas com certos tipos de verbos. Línguas românicas apresentam sua marca *se* derivada via Deslocamento Local e, como dito, fazem parte do grupo de línguas irrestritas com relação ao uso de tal marca. Holandês e outras línguas germânicas também derivam suas marcas reflexivas dependentes por Deslocamento Local, mas essas marcas ocorrem somente em um conjunto restrito de verbos.

Essa diferença poderia ter relação com a distinção entre clítico e pronome fraco. No entanto, mesmo comparando entre as línguas de pronome fraco, alemão é menos restrito que holandês (cf. Reuland 2011), o que torna o problema ainda distante de ser solucionado por via puramente estrutural. Veja abaixo os dados do alemão:

- (223) a. Marie wäscht sich.
 Maria lava se.
 "A Maria se lava."
 b. Marie seht sich.
 Maria vê se.
 "A Maria se vê."

4.5 Síntese

A análise transitiva das construções reflexivas da forma como proposta nesse capítulo é capaz de dar conta dos mesmos fenômenos utilizados como evidência para a intransitividade dessas construções. Para essa análise é fundamental que as marcas reflexivas sejam analisadas como DPs simples, que não tomam NPs como complementos e que, portanto, entram na numeração sem apresentarem traços de pessoa valorados (Heinat 2006, Reuland 2001). Isso iguala o estatuto dessas marcas ao das marcas decausativas, abordadas no capítulo anterior. No caso das marcas reflexivas, no entanto, há a valoração dos traços de pessoa desses DPs pelos argumentos externos dos verbos em que se encontram.

Esses DPs podem ser realizados como afixos, clíticos ou pronomes fracos. Cada tipo morfológico apresenta particularidades na sua distribuição em contextos de ECM e com relação à marcação de Caso.

(224) Clíticos:

- (i) Podem ocorrer em contextos de ECM.
- (ii) Não estão sujeitos a marcação com Caso, selecionando auxiliares do tipo *ser/estar* (visto em francês e italiano).

(225) Pronomes Fracos:

- (i) Podem ocorrer em contextos de ECM.
- (ii) Estão sujeitos a marcação com Caso, selecionando auxiliares do tipo *ter/haver* (visto em holandês e alemão, bem como em outras línguas).

(226) Afixos:

- (i) Não ocorrem em contextos de ECM.
- (ii) Sua relação com a marcação de Caso só trouxe efeitos relevantes em georgiano.

A propriedade em (i) foi relacionada ao momento da derivação em que essas marcas passam a ser analisadas dentro do domínio morfológico do verbo. No caso de clíticos e pronomes fracos, esse momento é após a Inserção Vocabular, por meio de Deslocamento Local, uma operação orientada a localidade, permitindo a ocorrência das marcas em contexto de ECM. No caso de afixos, o momento é durante a derivação sintática estrita, por meio de Movimento de Núcleo, uma operação orientada a relação sonda-alvo, não permitindo a ocorrência das marcas em ECM.

A outra propriedade, em (ii), está relacionada à estrutura interna das marcas reflexivas. Clíticos apresentam apenas um núcleo, D^0 , o que não permite ao sistema a atribuição de um traço de Caso não valorado para ativar sua concordância com os núcleos temáticos. Isso desencadeia a seleção de auxiliares intransitivos (*ser/estar*), vista em línguas como o italiano e o francês. Pronomes fracos são constituídos pelo núcleo D^0 e por uma raiz (Heinat, 2006), o que acarreta na atribuição de um traço de Caso não-valorado que ativa o DP para concordância com o núcleo temático. Isso é refletido na seleção de auxiliares transitivos (*ter/haver*), ilustrada pelo alemão e holandês nesse capítulo.

Essa diferença entre clíticos e pronomes fracos será relevante no próximo Capítulo para dar conta da distribuição da marca reflexiva/decausativa em contextos passivos/impessoais.

CAPÍTULO 5

Construções Passivas e Impessoais

Nos dois últimos capítulos concentramo-nos em casos em que a ocorrência de uma mesma marca em diferentes contextos pode ser explicada pelo fato dessa marca corresponder, abstratamente, a um elemento que não apresenta traços de pessoa valorados na numeração. Dessa forma, esse elemento, que se configura como uma variável, apresenta sua interpretação dependente da valoração desses traços no decorrer da derivação sintática. Se esses traços são valorados por outro argumento do verbo, obtém-se uma construção reflexiva. Se esses traços não são valorados, o que ocorre caso a variável ocupe a posição de argumento externo, a variável atua como expletivo, absorvendo o papel temático externo do verbo, derivando-se - portanto - um verbo anticausativo.

Neste capítulo abordamos a extensão do sincretismo para o denominado Domínio Passivo. No primeiro capítulo, foi mencionado que o SPR pode se estender a construções ditas Passivas Deagentivas, Passivas Impessoais e Passivas Canônicas. Aqui é feita uma recharacterização desses contextos. O domínio passivo é visto como decorrente da ocorrência de um elemento que apresenta um traço que o permite ser interpretado como um argumento do verbo (+HUMANO), mas não apresenta valores para traços de pessoa. Esse elemento configura, em termos abstratos, a marca passiva/impessoal que tem seu expoente fonológico compartilhado no SPR, devido à mesma caracterização variável dos traços de pessoa vista nas marcas de reflexivos e anticausativos. Dessa forma, Passivas e Impessoais serão identificadas como o mesmo tipo de construção, formadas por esse elemento na posição de argumento externo. Suas diferentes classificações estão relacionadas a diferentes contextos em que esse tipo de configuração pode ocorrer: em verbos transitivos, em verbos intransitivos e com a presença de um elemento introduzido por preposição/caso oblíquo que especifique a interpretação dessa marca, o denominado Agente da Passiva.

Além disso, considera-se também uma outra extensão do SPR, mais rara, que parece estar relacionada a esse tipo de marca contendo o traço +HUMANO: as de-objetivais.

Este Capítulo está dividido em 5 seções. Na primeira, as extensões do SPR que julgam-se estar relacionadas ao Domínio Passivo são apresentadas e descritas. Em seguida, na seção 5.2, propõe-se uma análise para as marcas vistas nessas construções que dê conta (i) de suas possibilidades de interpretação e (ii) de seu caráter variável, que justifica sua ocorrência como um contexto do SPR. A terceira seção aborda particularidades das marcas de SPR afixais, que parecem ter uma distribuição menos sistemática, relacionada a características morfológicas dos verbos. Além disso é discutido o importante fato de que passivas formadas com marcas de SPR afixais são as que tipicamente permitem a ocorrência Agentes da Passiva. Na seção 5.4 são debatidos alguns casos de construções de-objetivais, quais os desafios postos por essas construções e como elas podem ser compreendidas levando-se em conta a análise para passivas/impessoais proposta aqui. O capítulo é encerrado com uma síntese das conclusões a que se chegou até o momento.

5.1 Outras Extensões do SPR

Esta primeira seção do capítulo pretende ser mais descritiva, mostrando os outros contextos para os quais o SPR se estende além de verbos anticausativos e reflexivos. Essas extensões estão divididas em três grupos: passivas, impessoais e de-objetivais. Neste primeiro momento, o enfoque é dado para as distinções entre esses grupos, obtendo-se algumas considerações tipológicas.

5.1.1 As Extensões

Como dito, são três os grupos de construções nos quais a marca vista em anticausativos e reflexivos também pode ocorrer. O primeiro é o grupo das construções Passivas, cobrindo construções que projetam o agente da passiva por meio de um sintagma preposicional (*by-phrase*) e construções que não o projetam. É importante ressaltar que todas as considerações aqui realizadas a respeito de construções passivas aplicam-se àquelas em que os verbos são marcados por marcas decausativas e/ou reflexivas. Construções passivas derivadas de outras formas podem não se comportar

da forma descrita aqui⁷⁰. O segundo grupo consiste de construções Impessoais. Nesse caso, a marca decausativa/reflexiva pode impessoalizar o sujeito de verbos transitivos sempre que as construções Passivas (primeiro grupo) ocorrer na língua. No entanto, outros fatores interagem de forma a permitir ou não a impessoalização de verbos intransitivos, inacusativos e inergativos, com essas marcas. O último grupo envolve contextos menos frequentes, os De-objetivais (ver Haspelmath & Müller-Bardey, 2005). Esse grupo é dividido em de-objetivais *de fato* e de-objetivais *cognatos*.

5.1.1.1 Passivas

O compartilhamento da marca decausativa com construções passivas é muito comum e há apenas uma língua entre as observadas em que isso não ocorre de forma alguma: fula. Nessa língua, anticausativos e reflexivos recebem uma marca (voz média, MED) e construções passivas recebem outra marca (voz passiva, PASS)⁷¹.

- (227) a. 'O-6esd-ii sheede.
3s-aumentar-AT⁷² preço.
"Ele aumentou o preço."
b. Sheede 6esd-ake.
Preço aumentar-MED.
"O preço aumentou."
c. Sheede 6esd-aama.
Preço aumentar-PASS.
"O preço foi aumentado."
d. 'O-loot-ii biyiko
3s-lavar-AT criança.
"Ela lavou a criança."

⁷⁰ Outras formas de derivação de construções passivas incluem a formação com participios e verbos auxiliares, vista em várias línguas indo-europeias; a formação com marcas de alternâncias equipolentes, vista em persa, hindi e urdo, bem como formações que não envolvem marcação morfológica, como as passivas em yorubá, mandarim, cantonês, tailandês, etc.

⁷¹ Esses dados foram extraídos de Embick (2004) e compilados da forma como está apresentada.

⁷² Em fula, da mesma forma que o grego moderno (ver Capítulo 3), as marcas de voz estão associadas a tempo/aspecto. Dessa forma, a voz ativa pode ser analisada como a voz não-marcada da língua. Essa análise foi feita em meu relatório de qualificação mas está omitida aqui por razões de espaço e relevância. A evidência é a mesma do grego: há alternâncias lábeis na língua e ambos os membros apresentam voz ativa. Para acesso a diversos dados da língua, ver Gamble et al. (1993: p.59-66).

- e. 'O-loot-ake.
3s-lavar-MED.
"Ela se lavou."
- f. 'O-loot-aama.
3s-lavar-PASS.
"Ela foi lavada."

Em Hebraico, por outro lado, apesar de existir um padrão vocálico e prefixal específico que forma construções passivas, o padrão *hitpael* - que deriva verbos anticausativos e reflexivos - também ocorre em construções passivas. Por conta se tratarem de construções passivas com marcas reflexivas/anticausativas, Doron (2003, 2013) as denomina construções médio-passivas. Ainda de acordo com a autora, os verbos que podem ocorrer nessas construções são os mesmos verbos que podem ser sujeitos a alternâncias decausativas. Com exceção dos verbos elegíveis para esse tipo de construção e da exponência fonológica das marcas envolvidas, não há outras diferenças entre construções médio-passivas e passivas comuns: ambas envolvem uma marca no verbo e permitem a projeção do agente da passiva.

- (228) a. Dani nircax al-yedey dina. (médio-passiva)
Dani assassinar.MED-PASS por Dina.
"Dani foi assassinado por Dina."
- b. Ha-kluv rutax al-yedey Elmer. (passiva)
Gaiola soldar.PASS por Elmer.
"A gaiola foi soldada por Elmer."

(Cf. Doron, 2013: 33b, 4a)

Construções passivas são diferentes de anticausativos no sentido da supressão semântica do argumento (cf. Shibatani 1985, Geniusiene 1987 e Doron 2013). Verbos anticausativos suprimem seu argumento externo sintaticamente e semanticamente, retirando qualquer possibilidade de referência a um desencadeador do evento. Verbos em construções passivas, por outro lado, podem suprimir sintaticamente o argumento externo não realizando-o ou destituindo-o da posição de sujeito. Semanticamente, no entanto, esses argumentos são interpretados.

A interpretação do argumento externo em construções passivas sem considerar o agente da passiva é sem referência a uma entidade específica (interpretação genérica, cf. Giancalone-Ramat & Sansò 2011; Sigurðsson & Egerland 2009). Essa entidade, no entanto, deve apresentar as características necessárias para desencadear um evento como agente.

Abaixo seguem exemplos de construções passivas realizadas com a mesma marca vista em anticausativos e/ou reflexivos⁷³:

(229) *Italiano*

- a. Si annota il trasferimento solo sul foglio complementare.
SE anota a transferência só na folha complementar.
"A transferência é anotada somente na folha complementar."
- b. Bruciata come se bruciavano le streghe e gli eretici.
Queimada como SE queimavam as bruxas e os hereges.
"Queimada como as bruxas e os hereges eram queimados."

(Giacalone Ramat & Sansò, 2011: 43, 45)

(230) *Turco*

- a. Somali madencilere ilk ödemeler yap-ıl-dı.
Soma.de mineiros primeiro pagamento fazer-SE-PRET.
"Os primeiros pagamentos aos mineiros de Soma foram feitos."
- b. Bedelli askerlik için son söz söyle-n-di.
Serviço militar para última palavra dizer-SE-PRET.
"Foi dita a última palavra em prol do serviço militar."

(231) *Georgiano*

- a. Absurdistan-i italiur ena-ze i-targmneb-a.
Absurdistan-NOM italiano língua-em SE-traduzir-3s.
"'Absurdistão' está sendo traduzido para o Italiano."
- b. T'ot'i brazilisk'en i-xedeb-a.
Totti Brasil.para SE-cogitar-3s.
"Totti está sendo cogitado para o Brasil."

⁷³ Essas marcas serão, doravante, glosadas como SE, independentemente da língua.

(232) *Português:*

- a. Na bolívia, constroem-se casas com garrafas.
- b. Não se fazem motocicletas como antigamente.

Para algumas línguas é possível que o agente da passiva seja projetado, especificando qual tipo de agente desencadeou o evento.

(233) *Georgiano:*

- a. Pul-i gamo-i-gzavneb-a mdivn-is mier.
Dinheiro-NOM PVB-SE-enviar-3s secretária-GEN por.
"O dinheiro será enviado pela secretária."
- b. Xid-i da-i-ng-r-a mtavrob-is mier.
Ponte-NOM PVB-SE-demolir-3s governo-GEN por.
"A ponte será demolida pelo governo."

(234) *Grego*

- a. I xristianikí póly tis Syrías pou katastraf-ike apo
A cristã cidade da Síria que destruir-SE.3s por
tous andifronvés.
os dissidentes.
"A cidade cristã da Síria que foi destruída pelos dissidentes."
- b. I istoria graf-ete apo tous nikites.
A história escrever-NACT.3s por os vencedores.
"A história é escrita pelos vencedores."

No entanto, muitas línguas não permitem agentes da passiva em passivas formadas com a marca compartilhada com reflexivos e/ou anticausativos. Línguas românicas, como o português, e algumas eslavicas, como o croata, são exemplos disso:

- (235) a.* O livro se escreveu por um autor Russo.
- b.* Most se proektira od inženjera.
 Ponte SE projeta por engenheiro.

Isso normalmente ocorre quando a marca sincrética é um clítico em vez de um afixo. Todas as línguas observadas que permitem projeção de agentes da passiva formam suas passivas com uma marca de SPR afixal:

Língua	Passiva?	AP?	Afixo?	Língua	Passiva?	AP?	Afixo?
Românicas (SE)	sim	não	não	Grego (conc.)	sim	sim	sim
Polonês (się)	sim	não	não	Albanês (conc.)	sim	sim	sim
Tcheco (se)	sim	não	não	Islandês (-st)	sim	não	*
Croácia (se)	sim	não	não	Georgiano (-i-)	sim	sim	sim
Russo (-sja)	sim	sim	sim	Laz (-i-)	sim	não	*
Escandinavas (-s)	sim	sim	sim	Turkish (-ll/-n)	sim	sim	sim
Escandinavas (sig)	não	--	--	Hebraico (hitpaél)	sim	sim	sim
Alemão (sich)	não	--	--	Fula (-ade)	não	--	--
Holandês (zich)	não	--	--				

Tabela 16 - Agentes da Passiva entre as Línguas

Há duas aparentes exceções à generalização *se afixo, projeta agente da passiva*: islandês e laz. Sobre islandês, é importante esclarecer que sua marca *-st* também pode ocorrer em contextos de ECM:

- (236) a. Hann telur **sig** vera serkan.
 Ele considera se ser forte.ACU.
 "Ele se considera forte."
- b. Hann tel-**st** vera sterkur.
 Ele considera-SE ser forte.NOM.
 "Ele se considera forte."

Se levamos em conta as observações do último capítulo, que sugerem que se a marca reflexiva (sincrética com anticausativos) ocorre em contextos de ECM, sua dependência morfológica é necessariamente derivada por processos pós-sintáticos.

Dessa forma, o aparente *afixo* *-st* em islandês é derivado da mesma forma que um clítico. Isso obedece, portanto, à generalização: islandês não permite agentes da passiva com a marca passiva *-st* pois essa marca é clítica e não afixal.

- (237) a. Hundurinn var drepinn af lögreglunni.
 Cão.NOM.DEF foi morto pela polícia.
 "O cão foi morto pela polícia."
- b. Hundurinn drap-st (*af lögreglunni).
 Cão.NOM.DEF morrer-SE (*pela polícia).
 "O cão foi morto (*pela polícia)."

Com relação ao Laz, no entanto, não é possível chegar à mesma conclusão porque a língua não permite construções de ECM de forma geral. Dessa forma, não é possível testar o comportamento clítico da marca *-i-* em construções reflexivas.

5.1.1.2 Impessoais

Construções impessoais são muito similares às construções passivas no sentido de que se utilizam da mesma marca que ocorre em anticausativos e/ou reflexivos para suprimir sintaticamente o argumento externo do verbo, fazendo com que este apresente uma interpretação genérica. Em certos casos é possível dizer que não há limite entre o impessoal e o passivo. Há, no entanto dois casos em que convém diferenciar essas duas construções.

O primeiro é com relação à interpretação inclusiva que essas construções podem apresentar, reconhecida em diversos trabalhos para diversas línguas. Isso será abordado posteriormente. A segunda, é com relação à ocorrência de passivas em verbos intransitivos, ocasionando uma leitura impessoal. Isso é possível em algumas línguas e, para alguns autores como Giancalone Ramat & Sansò (2011) e Doron (2013), contextos impessoais incluem somente contextos em que a marca passiva ocorre em situações que não envolvem transitividade canônica do verbo: intransitivos, reflexivos e recíprocos.

A tabela abaixo mostra a extensão da marca sincrética de verbos anticausativos/reflexivos para passivas e para impessoais em diversos grupos: transitivos, inergativos, inacusativos, reflexivos e recíprocos:

Língua	Passivas	I. Trns.	I. Inac.	I. Inrg.	I. Repl.	I. Rec.	Ag.Pas.
Românicas (SE)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não
Francês (SE)	sim	não	não	não	não	não	não
Polonês (się)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não
Tcheco (se)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não
Croata (se)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não
Russo ⁷⁴ (-sja)	sim	sim	--	--	--	--	sim
Escand. (-s)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Escand. (sig)	não	não	não	não	não	não	--
Alemão (sich)	não	não	não	não	não	não	--
Holandês (zich)	não	não	não	não	não	não	--
Islandês (-st)	sim	sim	não	não	não	não	não
Grego (conc.)	sim	sim	não	não	não	não	sim
Albanês (conc.)	sim	sim	não	não	não	não	sim
Georgiano (-i-)	sim	sim	não	não	não	não	sim
Laz (-i-)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	não
Turco (-Il/-n)	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Hebraico (hitpa'el)	sim	sim	não	não	não	não	sim
Fula (-ade)	não	não	não	não	não	não	--

Tabela 17 - Extensão da Marca Decaustiva para Passivas entre as Línguas

⁷⁴ Construções impessoais intransitivas em russo são possíveis na verdade. No entanto ocorrem apenas em contextos modais (Impessoais Modais, cf. Creissels, 2008):

Mne idet-sja legko.
Mim vai-se facilmente.
"Para mim é fácil ir."

A tabela mostra uma série de acarretamentos na distribuição da marca decausativa/reflexiva para contextos passivos/impessoais. O primeiro deles é o de que se a marca não se estende para passivas, não ocorrerá em nenhum outro contexto impessoal (Fula, Alemão, Holandês, Escandinavas com *sig*). O outro acarretamento importante é o de que se a marca ocorre em construções passivas, ela ocorre em impessoais transitivas (envolvendo leituras inclusivas). Além disso, impessoais intransitivas (e reflexivas, recíprocas) tendem a formar um grupo à parte que pode ocorrer como um todo nas línguas ou não.

Abaixo seguem alguns exemplos dessas construções impessoais:

(238) *Inacusativos Impessoais*:

- a. Ham ini-s, i-gur-en. (laz)
Esse frio-LOC, SE-morre-IMPF.
"Nesse frio, alguém pode morrer."
- b. Come comportarsi quando si viene preso. (italiano)
Como comportar-SE quando se AUX preso.
"Como se comportar quando se é preso."
- c. Det skulle resa-s till Stockholm och gå-s på teate⁷⁵. (sueco)
EXPL MOD viajar-SE para Estocolmo e ir-SE ao teatro.
"Viajaríamos a Estocolmo e iríamos ao teatro."

(239) *Impessoais Inergativos*

- a. Der danse-s. (dinamarquês)
EXPL dança-SE.
"Dança-se."
- b. Trabalha-se muito nesta cidade. (português)
- c. Bunun hakkında konuş-ul-uyor. (turco)
Isso.GEN sobre falar-SE-PRES.
"Fala-se sobre isso."

⁷⁵ Larsson (2009: 7:94).

(240) *Impessoais Reflexivos e Recíprocos:*

- a. Bu arenada her zaman döv-üş-**ül**-müş-tür. (turco⁷⁶)
 Essa arena.LOC todo tempo bater-RECIP-**SE**-EVID-GEN.
 "As pessoas sempre se combateram nesta arena."
- b. Per non sputarsi quando ci **si** guarda il specchio. (italiano⁷⁷)
 Para não cuspir-SE quando REF SE olha no espelho
 "Para não cuspir em si mesmo quando se olha no espelho."
- c. Tesko mi je natjerati se oprati sebe. (croata)
 Difícil me é fazer SE lavar refl.
 "É difícil para mim fazer alguém se lavar."

5.1.1.3 De-objetivais

Construções de-objetivais constituem a extensão menos comum do sincretismo passivo-reflexivo. Segue abaixo um exemplo:

- (241) a. Kot dzjare kago-nibudzj. (bielo-russo)
 Gato arranha alguém.
 "O gato está arranhando alguém."
- b. Kot dzjare-cca.
 Gato arranha-SE.
 "O gato está arranhando."
- (Geniusiene, 1987: 35)

De acordo com Haspelmath (2005b), esse tipo de construção não é comum entre as línguas e, quando ocorrem, ocorrem em verbos em que o agente apresenta algum grau de afetação pelo evento. Para Geniusiene (1987), que chama esses contextos de *usos absolutos de marcas reflexivas*, essas construções se subdividem em dois tipos: aqueles em que animais são os sujeitos e aquelas em que humanos são os sujeitos. Em línguas eslavicas orientais e bálticas, em que as marcas decausativas/reflexivas/passivas são afixais, ambos os tipos de sujeitos são vistos. Em outras línguas eslavicas, em que as marcas são clíticos, apenas sujeitos humanos são encontrados:

⁷⁶ Göksel & Kerslake (2005: 69).

⁷⁷ Adapted from Giacalone Ramat & Sansò (2011: 47).

(242) a. Toj buta vsichki. (búlgaro)

Ele empurra todos.

"Ele empurra todos."

b. Toj se buta.

Ele SE empurra.

"Ele empurra todos/qualquer-um."

(Geniusenie, 1987: 37)

Para DeSchepper (2010), essa classe de verbos pode ser analisada da mesma forma que autocausativos⁷⁸ (mover-se, pular, etc.): tendo algum tipo de significado reflexivo. Isso também é proposto em Fried (2006), dado o fato de que construções de-objetivais ocorrem apenas com marcas reflexivas morfologicamente dependentes, que não carregam foco sobre objeto.

No entanto, é importante ter em conta dois fatos. O primeiro é que construções de-objetivais vistas em línguas como búlgaro, eslovaco, etc. aparentam ter um objeto e a interpretação dele parece estar ligada a um quantificador universal fonologicamente não realizado. Por exemplo, o dado do búlgaro visto acima pode ser parafraseado como: *para todo x, se x é humano, x é empurrado pelo sujeito*. O mesmo é visto com os exemplos abaixo em outras línguas:

(243) a. Všetkých bije. (eslovaco)

Todos.ACU bate.

"Ele bate em todos."

b. On sa bije.

Ele SE bate.

"Ele bate em todos."

(cf. Geniusiene, 1987: 36)

(244) a. Pojken slår barn. (sueco)

Garoto.def bate crianças.

"O garoto bate em crianças."

⁷⁸ Autocausativos são uma classe de verbos reflexivos em que o sujeito desencadeia uma mudança de estado/posição em si próprio.

- b. Pojken slâ-s.
Garoto bate-SE.
"O garoto bate em todos."

(cf. Geniusiene, 1987: 38)

- (18) a. Sobaka kusaet gostjax. (russo)
Cachorro morde visitantes.
"O cachorro morde as visitas."
b. Sobaka kusaet-sja.
Cachorro morde-SE.
"O cachorro morde todos."

O segundo fato é que, em algumas línguas, pode haver outra leitura para essas construções: leituras cognatas. Esse tipo de comportamento foi apresentado no Capítulo 3 e foi observado em georgiano:

- (245) a. Drak'oni tsetsxls a-purtx-eb-s.
Dragão fogo NEUT-cuspir-TEMA-3S3S.
"O dragão cospe fogo."
b. Supshi rat'om i-purtx-eb-it?
Sopa.em por-que SE-cuspir-TEMA-2P.
"Porque vocês estão cuspiendo na sopa?"

O verbo *cuspir* (*apurtxeb*) em georgiano é transitivo, significando "cuspir algo". Quando se quer dizer que alguém está cuspiendo um cuspe, isso pode ser feito pela ocorrência da vogal sincrética *-i-*. De acordo com Tuite (2004), esses verbos também apresentam uma leitura de iteração do evento denotado. Por exemplo:

- (246) a. Tambak'os ghec'-av-s.
Tabaco mastigar-tema-3s3s.
"Ele está mastigando tabaco."
b. I-ghec'-eb-a.
SE-mastigar-tema-3s.
"Ele está mastigando (continuamente)."

Essa estratégia também forma, como dito no Capítulo 3, os tempos perfeitos de verbos inergativos:

- (247) a. Is musha-ob-s.
 Ele trabalhar-TEMA-3S.
 "Ele trabalha."
- b. Is i-musha-eb-s.
 Ele SE-trabalhar-TEMA-3S.
 "Ele trabalhará."
- c. Is i-musha-s
 Ele SE-trabalhar-3S.
 "Ele trabalhou."

Esses fenômenos serão abordados mais adiante no capítulo. Por ora é importante levar em conta que há dois tipos de usos de-objetivais da marca sincrética decausativa/reflexiva/passiva. O primeiro é aquele em que o objeto suprimido está ligado a algum tipo de quantificador universal e o segundo, aquele em que o objeto suprimido é cognato ao verbo.

5.1.2 Algumas Considerações Tipológicas

Como visto nas tabelas apresentadas nas últimas subseções, o sincretismo passivo-reflexivo pode se estender ao domínio Passivo e, a partir deste, formar construções impessoais transitivas e intransitivas, além de construções de-objetivais. No entanto, algumas línguas observadas não apresentam a extensão do sincretismo para este domínio Passivo e, consequentemente, não apresentam sua marca nos contextos mencionados. Outras apresentam a marca em passivas e impessoais transitivas, mas não em impessoais intransitivas e/ou de-objetivais. Aqui trago algumas características das línguas observadas, as quais considero que possam interagir com a marcação destes contextos e ajudar-nos a compreender a distribuição do sincretismo.

No Capítulo 2 foi mencionado que a extensão do domínio do SPR ao domínio Passivo interage com três características sintáticas da língua. Essas são condições necessárias, mas não suficientes para a extensão da marcação ao domínio Passivo.

A primeira característica mencionada foi se a marca recebe Caso estrutural ou não. O diagnóstico principal para isso é a seleção auxiliar. Línguas tais como alemão, holandês e as línguas escandinavas tomam como auxiliar verbos do tipo *ter/haver* em tempos compostos de construções em que a marca sincrética ocorre (reflexivas/anticausativas). Por outro lado, em italiano e francês, o auxiliar para esse tipo de construção é o verbo do tipo *ser/estar*. Isso evidencia que no primeiro caso, as construções com a marca sincrética seguem o padrão de verbos transitivos, atribuindo caso ao sujeito e ao objeto. No segundo caso, o padrão seguido é o inacusativo, em que só o sujeito apresenta Caso. Essa diferença é crucial na medida em que opõe pronomes fracos (primeiro caso) a clíticos (segundo caso). Afixos, por outro lado, não parecem ser facilmente testáveis nesse aspecto e seu teste não será relevante para os propósitos da presente abordagem.

A segunda característica é com relação ao parâmetro *Pro-Drop*. Línguas que não seguem tal parâmetro são aquelas que requerem um DP pleno na posição de sujeito (Spec de T). Isso diferencia francês, alemão, holandês e línguas escandinavas de italiano, português (europeu, ao menos), espanhol, russo, tcheco, etc. Trata-se de uma característica relevante no que diz respeito ao comportamento da passivização/impessoalização de verbos intransitivos.

A terceira característica está relacionada ao estatuto da marca enquanto clítico/pronome fraco vs. afixo.

Abaixo segue a tabela fazendo as comparações entre as línguas com relação a essas características:

Família	Língua	Caso	Tipo	Pro-Drop	Passiva /Impes.	AP	Impess. Intrans.	De-obj.
I.E. Românica	Português (se)	<i>não</i>	<i>clt.</i> ⁷⁹	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
	Espanhol (se)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
	Romeno (se)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
	Italiano (si)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
	Francês (se)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	<i>não</i>
I.E. Germânica	Alemão (sich)	<i>sim</i>	<i>pr.fr.</i> ⁸⁰	<i>não</i>	<i>não</i>	--	--	--
	Holandês (zich)	<i>sim</i>	<i>pr.fr.</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	--	--	--

⁷⁹ Clítico.

⁸⁰ Pronome fraco.

	Norueguês (seg)	<i>sim</i>	<i>pr.fr.</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	--	--	--
	Norueguês (-s)	--	<i>afixo</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>
	Sueco (sig)	<i>sim</i>	<i>pr.fr.</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	--	--	--
	Sueco (-s)	--	<i>afixo</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>
	Dinamarquês (sig)	<i>sim</i>	<i>pr.fr.</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	--	--	--
	Dinamarquês (-s)	--	<i>afixo</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>
	Islandês (sig)	<i>sim</i>	<i>pr.fr.</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	--	--	--
	Islandês (-st)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>	<i>não</i>
I.E. Eslava	Polonês (się)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
	Tcheco (se)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
	Croata (se)	<i>não</i>	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>restr.</i>
	Russo (-sja)	--	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	--	<i>sim</i>
I.E.	Grego (<i>agree</i>)	--	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>
	Albanês (<i>agree</i>)	--	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>não</i>
Túrquica	Turkish (-ll/-n)	--	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
Sul-Caucasiana	Georgiano (-i-)	<i>não</i>	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>
	Laz (-i-)	--	<i>clt.</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>
Semítica	Hebraico (<i>hitpaél</i>)	--	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	<i>sim</i>	--	--
Níger-Congo	Fula (ade-)	--	<i>afixo</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	--	--	--

Tabela 18 - Domínio Passivo em relação a Tipo Morfológico, Caso e Parâmetro Pro-Drop

A tabela permite-nos fazer algumas generalizações. Primeiro consideremos que, com relação à atribuição de Caso, há dois tipos de marcas que seguem um comportamento sistemático: clíticos não recebem Caso, ao contrário de pronomes fracos. As marcas não-afixais das línguas germânicas são todas pronomes fracos e as línguas são todas não-Pro-Drop. Essa combinação parece não permitir a extensão do sincretismo visto entre anticausativas e reflexivas ao domínio Passivo.

O mesmo não é verdadeiro se as marcas são afixos e a língua não é *Pro-Drop*. Isso é visto nas línguas escandinavas (norueguês, sueco, dinamarquês): as marcas afixais ocorrem em contextos passivos. O clítico *-st* do islandês comporta-se como o

se românico: ocorre em passivas. Essa marca, diferentemente de sua contraparte *sig*, não seleciona auxiliares do tipo *ter/haver*. Veja abaixo:

- (248) a. Ríkið **hefur** opnað **sig**.
 Estado há aberto SE.
 "O Estado se abriu."
- b. Stuttri gígaröð **er** opnaði-**st** undir Undirhlíðum.
 Pequena linha-de-crateras é abrir-SE sob Undirhlíðum
 "Uma pequena linha de crateras abriu-se sob Undirhlíðum"

Tanto islandês como francês são línguas não-*Pro-Drop*⁸¹, o que as faz ter uma distribuição muito similar com relação às marcas em questão. Ambas as marcas *-st* e *se* distribuem-se para o domínio Passivo, mas não ocorrem em impessoais intransitivas. Por outro lado, línguas não-*Pro-Drop* com marcas afixais, como as escandinavas, permitem a ocorrência dessa marca afixal em construções impessoais intransitivas.

Clíticos em línguas *Pro-Drop*, como visto nas línguas românicas (exceto francês), eslavas (exceto russo) e laz, sempre podem ocorrer em impessoais intransitivas.

Afixos apresentam uma distribuição menos sistemática, no entanto. Línguas escandinavas e turco, por exemplo, permitem a marca em impessoais intransitivas. No caso do russo, é difícil determinar se a marca ocorre em contextos impessoais intransitivos ou não. Os falantes consideram gramatical a ocorrência da marca passiva-reflexiva *-sja* em inacusativos e inergativos, como visto abaixo:

- (249) a. itti (ir) itti-*sja*
 b. rabotatj (trabalhar) rabotatj-*sja*
 c. letatj (voar) letatj-*sja*
 d. padatj (cair) padatj-*sja*

⁸¹ De forma geral, é possível considerar islandês como uma língua não *pro-drop*. No entanto cabe mencionar que há ocorrências limitadas de sujeitos nulos na língua (ver Holmberg & Platzack 1995, Sigurðsson & Egerland 2009).

No entanto, a leitura desses verbos sempre envolve modalidade e não a leitura impessoal vista nas outras línguas. Essas construções em russo normalmente envolvem sujeitos dativos, como se observa abaixo:

- (250) a. Emu tuda idet-sja legko.
 Ele.DAT lá vai-SE facilmente.
 "É fácil para ele ir para lá."
 b. Mne xorosho rabotaju-sj utrom.
 Eu.DAT bem trabalhar-SE manhã.
 "Eu trabalho bem às manhãs."

Algumas construções impessoais intransitivas com *-sja* são encontradas, no entanto:

- (251) Kuda padaet-sja?
 Aonde cair-SE.
 "Para onde se está indo?"

Grego e albanês não permitem que a marca de *concordância não-ativa* se distribua em impessoais intransitivos também. O mesmo ocorre com o georgiano. Essas línguas, no entanto, apresentam características morfológicas peculiares com relação às suas marcas sincréticas. Grego e Albanês as apresentam como parte do paradigma de concordância verbal, formando um *portmanteau* com a categoria tempo/aspecto. Georgiano, por outro lado, apresenta um sistema muito estrito de concordância em que é necessário que todo argumento interpretado desencadeie concordância em toda sentença, descartando a presença de *-i-* em impessoais intransitivos. Essas características serão explicitadas com detalhe mais adiante.

As observações trazidas aqui mostram-nos que, se a marca não é afixal, sua distribuição para o domínio Passivo pode ser impedida por questões relativas à sua marcação com Caso e parâmetro *Pro-Drop* da língua. O esquema abaixo resume tais acarretamentos:

Tipo Morfológico	Caso	Pro-Drop	Passiva/ Impessoal	Passiva Intransitiva	Exemplos
Clítico	não	sim	sim	sim	Português, Tcheco, Laz
	não	não	sim	não	Francês, Islandês (-st)
Pron. Fraco	sim	sim	não	não	Alemão, Holandês
		não	?	?	<i>sem registro</i>

Tabela 19 - Esquema de Distribuição das Marcas não-Afixais ao domínio Passivo

5.2 Marcas Passivas e Impessoais são Variáveis

Quando mostramos as diferenças entre construções passivas e impessoais, foi mencionada a dificuldade em se estabelecer uma diferença entre as leituras passivas e impessoais para verbos transitivos. A diferença é clara apenas quando a construção apresenta um agente da passiva. A seguir, dados do turco:

- (252) a. Kaybolan küçük Kadir Polis tarafından bul-un-du.
 Perdido pequeno Kadir polícia pela encontrar-SE-PRET.
 "O pequeno Kadir que estava perdido foi encontrado pela polícia."
 b. Kaybolan küçük Kadir bul-un-du.
 Perdido pequeno Kadir encontrar-SE-PRET.
 "O pequeno Kadir que estava perdido foi encontrado."
 "Encontrou-se o pequeno Kadir que estava perdido."

Verbos intransitivos com a marca passiva, no entanto, sempre são interpretados como impessoais.

- (253) a. Her gün dükkana gid-il-di.
 Todo dia loja.para ir-SE-PRET.
 "Ia-se todo dia para a loja."
 b. Alanya Kemer arası 150km koş-ul-du.
 Alanya.para Kemer de 150km correr-SE-PRET.
 "Correu-se 150km de Alanya a Kemer."

Se tomamos línguas em que construções passivas com a marca sincrética não projetam agentes da passiva, torna-se ainda mais difícil estabelecer a diferença entre impessoais e passivas.

- (254) a. Produziu-se muita carne nos últimos anos. *Impessoal ou Passiva?*
 b. Brinca-se muito durante a infância. *Impessoal*
 c. Vai-se à praia durante as férias. *Impessoal*

Mesmo para passivas formadas com participípios, como mostrado no capítulo 2, é difícil estabelecer essa distinção em algumas línguas. Por exemplo, em alemão e holandês, passivas de intransitivos podem ser formadas com a estratégia participial:

- (255) a. Gestern wurde getanzt. (alemão)
 Ontem foi dançado.
 "Dançou-se ontem./Houve dança ontem."
 b. Er wordt door de jonges geflooten. (holandês)
 Expl. foi por os jovens assoviado.
 "Houve assovios pelos jovens."

(Keenan & Dryer, 2007: 44, 47)

Dadas essas semelhanças, nesta seção abordamos o estatuto, em termos teóricos, das marcas compartilhadas com anticausativos e reflexivos em contextos passivos e impessoais. Da mesma forma que foi defendido no decorrer desta tese, nos contextos abordados no presente capítulo, as marcas também são tratadas como variáveis. Mas enquanto para reflexivas, as variáveis apresentam seus traços-fi totalmente valorados, e para anticausativos, nenhum traço-fi é valorado, as construções passivas e impessoais envolvem variáveis que apresentam parte do conjunto de traços-fi com um valor desde a numeração e parte que deve ser valorada no curso da derivação. Concretamente, essas variáveis constituem-se de um feixe de traços-fi contendo o traço +HUMANO, proveniente da numeração, e traços de pessoa não valorados.

5.2.1 O Estatuto das Marcas Passivas/Impessoais.

Muitas propostas para o comportamento de marcas impessoais são encontradas na literatura (Cinque 1988, 1995; Manzini 1986; Rivero 2002, D'Alessandro 2007, entre outros). Todas elas consideram que tais marcas são, de alguma forma, deficientes em termos de traços-fi. Manzini (1986) propõe um sistema para a marca sincrética do italiano *si* em que esta é uma variável que pode ser livre ou ligada e pode ocorrer com a propriedade *passivizadora* ou não, resultando em quatro combinações:

	Livre	Ligada
Não-Passivizadora	Constr. Impessoais	Constr. Reflexivas
Passivizadora	Médias/Anticausativas	Médio-Reflexivas

Tabela 20 - Sistema de Manzini (1986)

Na presente proposta, no entanto, a propriedade passivizadora não é levada em conta. Para substituí-la, propõe-se o seguinte. Se as variáveis são DPs com traços-fi que são valorados no decorrer da sintaxe, isso permite dois resultados: as que apresentam os traços-fi valorados ao fim da derivação, tornando-se anáforas (Capítulo 4) e as que não apresentam nenhum valor ao fim da derivação, tornando-se expletivos e derivando verbos anticausativos (Capítulo 3). Suponhamos, no entanto, que um DP possa vir da numeração com parte de seus traços-fi valorados e parte a ser valorada no decorrer da derivação. Este seria o caso das marcas passivas/impessoais. Para compreender melhor este sistema, lancemos mão da tipologia de pronomes impessoais em Sigurðsson & Egerland (2009).

Para os autores, pronomes impessoais possuem 3 diferentes leituras: **genérica**, **arbitrária** e **específica**.

- (256) a. **Genérica:** leitura +HUMANA não-restrita, pessoas em geral.
- b. **Arbitrária:** leitura +HUMANA não específica, excluindo os participantes (locutor e ouvinte).
- c. **Específica:** leitura +HUMANA específica, referindo-se a um conjunto de indivíduos total ou parcialmente especificado, comumente incluindo o locutor.

Exemplos dessas leituras seguem abaixo, sem considerar, neste momento a marca impessoal compartilhada com contextos passivos, reflexivos e anticausativos.

- (257) a. Para encontrar a estação, **você** primeiro vira à direita. (Genérico)
 b. **pro** Estão em greve no hotel. (Arbitrário)
 c. A gente foi para lá inutilmente. (Específico)

Para se determinar essas diferenças em termos de traços, os autores lançam mão de uma hierarquia de traços⁸². Dessa forma, os traços superiores na hierarquia são menos específicos que os inferiores, mas estes dependem daqueles para ocorrerem. A hierarquia fornecida por Sigurðsson & Egerland (2009) é a que se vê abaixo:

- (258) N/D(P)⁸³
 $\alpha\theta$ ⁸⁴
 β HUMANO
 γ LOCUTOR
 δ OUVINTE
 ...

Da distribuição desses traços com o valor +HUMANO é possível obter os diferentes tipos de pronomes impessoais:

- (259) a. Genérico = +HUMANO...
 b. Arbitrário = +HUMANO, -LOCUTOR, -OUVINTE...
 ca. Específico.1P = +HUMANO, +LOCUTOR, -OUVINTE...
 cb. Específico.2P = +HUMANO, -LOCUTOR, +OUVINTE...
 cc. Específico.3P = +HUMANO, -LOCUTOR, -OUVINTE, +ESPECÍFICO...

⁸² Sobre hierarquia de traços, ver também Harley & Ritter (1998).

⁸³ Os autores assumem que esses traços fazem parte dos NPs. A proposta desta tese, no entanto, baseia-se na proposta de Heinat (2006) de que variáveis são DPs. Sendo assim, fica assumido aqui que: (i) se todos os traços são valorados desde a numeração, trata-se de um NP e (ii) caso contrário, trata-se de um DP.

⁸⁴ O valor θ é responsável por diferenciar DPs/NPs expletivos de não-expletivos.

Ao considerarmos neste sistema as marcas impessoais/passivas sincréticas, abordadas nesta tese, dois fatos são cruciais: (i) existem leituras genéricas, arbitrárias e específicas para essas marcas (propostas em diferentes línguas: Cinque 1995 e D'Alessandro 2007, românicas, Nakipoglu-Demiralp 2001, turco e, Rivero 2002, eslavas) e (ii) essas marcas estão em distribuição complementar com pronomes impessoais nulos ou morfologicamente independentes:

- (260) a. Para encontrar a estação, primeiro você vira à direita.
 b. Para encontrar a estação, primeiro (*você) vira-se à direita.
- (261) a. Trabalham por mim.
 b. Trabalha-se por mim.
- (262) a. A gente foi para lá inutilmente.
 b. (*A gente) Foi-se para lá inutilmente.

Estes dois fatos são suficientes para postularmos que o sistema de Sigurðsson & Egerland (2009) se aplica também às marcas passivas/impessoais morfologicamente dependentes. Se o raciocínio até agora estiver correto, como garantir - então - o sincretismo entre marcas reflexivas, anticausativas e agora as passivas/impessoais?

A resposta para esta pergunta é: garantindo o estatuto dessas marcas como variáveis também em construções passivas e impessoais. Como mencionado no início da seção, não é incomum na literatura a abordagem de marcas impessoais como variáveis. Essa abordagem é especialmente relevante na medida em que há uma alternância entre a leitura genérica e específica (inclusiva) dessas marcas sistematicamente relacionada à delimitação temporal. Essa alternância é observada trans-linguisticamente, conforme se pode constatar na literatura (Cinque 1995, Kratzer, 1995, Nakipoglu-Demiralp 2001, Rivero 2002, etc.)

Sem uma determinada especificação temporal, a interpretação é genérica. Vejamos dados do italiano:

- (263) A Beirut si uccide un innocente ogni minuto.
 Em Beirute SE mata um inocente cada minuto.
 "Em Beirute, mata-se um inocente a cada minuto."

"Em Beirute, um inocente é morto a cada minuto."

(D'Alessandro, 2007: 4.18)

Se há referência temporal e o verbo é inacusativo, psíquico, copular, passivo, de alçamento, ou de movimento, a leitura é inclusiva:

(264)# Oggi a Beirut si è morti inutilmente.

Hoje em Beirute se é morto inutilmente.

"Hoje em Beirute, morreu-se inutilmente."

"Hoje em Beirute, morremos inutilmente."

(Cinque, 1995: 148)

A incompatibilidade pragmática da sentença acima é um indicativo da inclusividade da leitura. Em D'Alessandro (2007), também são mostrados casos em que orações com verbos transitivos recebem interpretação inclusiva:

(265) Da perfetti buongustai, ieri sera si è mangiato caviale.

Como perfeitos gourmets, esta noite SE è comido caviar.

"Como perfeitos gourmets, come-se caviar esta noite."

(D'Alessandro, 2007: 4.35)

A abordagem de D'Alessandro (2007) é especialmente interessante na medida em que associa a sistematicidade dessas alternâncias com a delimitação temporal ao fato das marcas impessoais serem variáveis. Nessa abordagem, as marcas impessoais são elementos que possuem um traço arbitrário (ARB) que, por sua vez, apresenta sub-traços não valorados. Tais traços podem ser valorados pelo conteúdo de uma categoria no topo da estrutura, relativa ao ato de fala (Speech Act)⁸⁵ e que contém traços de LOCUTOR e OUVINTE, ou permanecer sem valor.

De acordo com esse sistema, uma sentença delimitada temporalmente permite que os traços do nó Speech Act valorem os sub-traços da marca impessoal, derivando-se - portanto - as leituras inclusivas. A ausência dessa delimitação, por outro lado, está

⁸⁵ Ver também Bianchi (2003) e Sigurðsson (2004).

associada ao operador genérico (Chierchia 1995, Iatridou et al 2003), que se liga à marca impessoal enquanto variável, impedindo sua valoração pelo nó Speech Act.

É possível implementar o sistema de D'Alessandro (2007) a partir da classificação dos pronomes impessoais de Sigurðsson & Egerland (2009). Nessa classificação, tais pronomes envolvem a ocorrência de um traço +HUMANO⁸⁶ e de traços de pessoa. Pode-se considerar, nesse sentido, que marcas passivas/impessoais compartilhadas dentro do SPR são expoentes de um feixe de traços-fī contendo o valor +HUMANO e não valorado para traços de pessoa.

Isso pode ser ilustrado da forma abaixo:

(266) +HUMANO

Pss: _____

As diferentes interpretações das construções impessoais seriam garantidas pelos valores que Pss:_____ tomaria durante a derivação:

(267) a.	Genérico	=	$\left\{ \begin{array}{l} +\text{HUMANO} \\ \text{Pss: } ______ \end{array} \right\}$
b.	Arbitrário ⁸⁷	=	$\left\{ \begin{array}{l} +\text{HUMANO} \\ \text{Pss: } \underline{-\text{LOCUTOR}, -\text{OUVINTE}} \end{array} \right\}$
ca.	Específico.1P	=	$\left\{ \begin{array}{l} +\text{HUMANO} \\ \text{Pss: } \underline{+\text{LOCUTOR}, -\text{OUVINTE}} \end{array} \right\}$
cb.	Específico.2P	=	$\left\{ \begin{array}{l} +\text{HUMANO} \\ \text{Pss: } \underline{-\text{LOCUTOR}, +\text{OUVINTE}} \end{array} \right\}$
cc.	Específico,3P ⁸⁸	=	$\left\{ \begin{array}{l} +\text{HUMANO} \\ \text{Pss: } \underline{-\text{LOCUTOR}, -\text{OUVINTE}} \end{array} \right\}$

⁸⁶ Reconhece-se que, principalmente no caso de construções passivas, o agente pode não ser humano, como no caso de "O João foi mordido pelo cachorro.". Entretanto, opta-se por manter o traço distintivo da marca passiva/impessoal como +HUMANO por dois motivos: o primeiro é o de que se trata de um traço que caracteriza o agente prototípico. A maior parte dos verbos pode ter um humano como agente. O segundo motivo é que se trata da leitura menos marcada para uma sentença passiva/impessoal. Quando se deseja que o agente não seja humano, projeta-se um Agente da Passiva para exprimir essa diferença.

⁸⁷ Leituras exclusivas podem também estar relacionadas ao Aktionsart verbal (ver D'Alessandro, 2007).

⁸⁸ Esta representação dos traços das marcas impessoais é hipotética e não se tem compromisso no presente trabalho de apresentar uma teoria sobre geometria de traços, ou estrutura dos DPs. Dessa forma, não está representado o traço ESPECÍFICO que deveria remover a ambiguidade entre o conteúdo da marca para a leitura específica de terceira pessoa e o conteúdo para a leitura arbitrária.

Se todas estas considerações estiverem corretas, todas essas ocorrências impessoais são determinadas pelo fato de um DP poder ser inserido na derivação com o traço +HUMANO, mas com traços de pessoa a serem valorados. Caso haja delimitação temporal na sentença, conforme D'Alessandro (2007), os traços de pessoa da marca estarão disponíveis para valoração pelo nó *Speech Act*:

É importante notar que o nó *Speech Act* está em uma posição muito superior para ser sondado pelo DP, caso assumamos a visão tradicional de Agree, em que o alvo deve ser c-comandado pela sonda. No entanto é possível que alguns tipos de sondas possam ter seu domínio para cima na estrutura, atuando inversamente (Gallego & Uriagereka 2006, Wurmbrand 2011). Isso seria válido para relações do tipo operador-variável, antecedente-anáfora, etc. que apresentam uma relevância direta para interpretação semântica (cf. D'Alessandro, 2007).

No caso de uma sentença sem delimitação temporal, o operador genérico (Chierchia 1995, Iatridou et al. 2003) passa a intervir na sondagem entre o DP e *SpeechAct*. Esse operador impede o acesso da sonda ao nó *Speech Act*.

Duas questões merecem atenção, no entanto. A primeira é como que o operador genérico intervém na sondagem dos traços de pessoa presentes em *Speech Act* e a segunda é, como garantir o sincretismo entre todas as ocorrências impessoais da marca de SPR se elas apresentam traços de pessoa diferentes. Como se pode observar em uma língua como o português, as realizações impessoais da marca de SPR, não importando sua interpretação inclusiva, serão sempre como *se*. Por outro lado, as marcas de SPR podem apresentar manifestações diferentes de acordo com os traços de pessoa que tomam em contextos reflexivos e anticausativos (via cópia de traços pós-sintática, conforme explicado no Capítulo 3):

- (270) a. Precisou-se de muita coragem para realizar nosso projeto.
- b.* Precisou-nos de muita coragem para realizar nosso projeto.
- c. Nós nos escutamos na gravação.
- d.* Nós se escutamos na gravação.
- e. Nós nos machucamos.
- f.* Nós se machucamos.

Essas duas questões estão relacionadas entre si e, para respondê-las, é preciso ter em conta um problema. Se variáveis podem ter seus traços de pessoa valorados por um nó *Speech Act*, por que isso não ocorre com as marcas de anticausativos? Essas marcas, como já mencionado, ocorrem na mesma posição que as marcas passivas/impessoais, conforme proposto aqui: argumentos externos. Durante a derivação sintática estrita, nenhum elemento estaria disponível para valorar os traços de pessoa dessas duas marcas, a não ser o nó *Speech Act*, que valoriza a marca passiva/impessoal, mas não valoriza a decausativa.

Uma possível explicação para isso seria pelo fato de que marcas passivas/impessoais apresentam o traço +HUMANO, diferentemente das decausativas. Esse traço permite a interpretação da marca por si só, fazendo com que a não-valorização de seus traços de pessoa acarrete uma interpretação genérica, conforme visto em (41a). Para D'Alessandro (2007), os traços de pessoa das marcas impessoais são, na verdade, sub-traços do traço ARB que as caracteriza. Esses traços de pessoa não são sondas de valores de traços-fi, mas sim de traços logofóricos, que estariam presentes em categorias como *Speech Act*. Em nossa implementação, por outro lado, não é interessante dizer que os traços de pessoa da marca sondam traços logofóricos,

porque isso poderia diferenciá-los dos mesmos traços de pessoa vistos nas marcas decaustivas e reflexivas, tornando difícil a explicação do SPR.

Uma forma de dar conta disso seria assumir que a interação da marca com o nó Speech Act só é possível se essa marca for interpretável em uma posição temática. No caso das marcas impessoais/passivas, essa interpretação é garantida pelo traço +HUMANO, o que não ocorre nas marcas decausativas, que atuam como expletivos.

Retomemos a hierarquia de traços de Sigurðsson & Egerland (2009):

- (271) N/D(P)
 $\alpha\theta$
 β_{HUMANO}
 γ_{LOCUTOR}
 δ_{OUVINTE}
 ...

Essa hierarquia supõe um traço $\alpha\theta$. Esse traço diferencia um expletivo de um DP/NP normal. É possível dizer que o valor desse traço está condicionado ao valor dos traços que ocorrem abaixo dele. Uma marca decausativa, que não apresenta nenhum valor para os traços β_{HUMANO} , γ_{LOCUTOR} , δ_{OUVINTE} , seria uma marca $-\theta$, um expletivo. Esse valor pode se tornar $+\theta$ na medida em que os traços abaixo dele são valorados na sintaxe-estrita.

Para Sigurðsson (2004), traços-fi (no caso, traços de pessoa) têm como função relacionar as informações de um participante do evento (um argumento $+\theta$) ao evento de fala (*Speech Act*). Dessa forma, traços-fi de elementos $+\theta$ sempre estão identificados com os traços de *Speech Act*. Nessa concepção, seguindo também o raciocínio de D'Alessandro (2007), um elemento contendo apenas o traço +HUMANO valorado e nenhum traço de pessoa apresenta duas opções para interagir com o ato-de-fala: (i) ou situa-se dentro do escopo de um operador genérico, no caso de um predicado não-delimitado, sendo interpretado como genérico e, portanto, não havendo necessidade de valores para seus traços de pessoa ou, (ii) na ausência do operador genérico, apresenta seus traços de pessoa valorados pelo próprio ato de fala (*Speech Act*), com proposto.

Tendo em conta, então, as duas primeiras questões. Pelo que se propõe aqui, a interação da marca passiva/impessoal com o operador genérico é de natureza

semelhante à que se verifica com o nó *Speech Act*: é parte do relacionamento de um participante do evento ao evento de fala. Sendo assim, é esperado que o operador genérico dê conta de estabelecer a situação de uma marca impessoal, bloqueando essa relação com o conteúdo dos participantes do ato-de-fala. Isso, em tese, responde a primeira questão.

A segunda questão parece ter relação com a natureza dos valores obtidos em *Speech Act*. Enquanto uma marca reflexiva é obtida com a valoração da variável pelos traços de pessoa de outro argumento do verbo, a interpretação inclusiva da marca impessoal é obtida por meio da valoração dos traços de pessoa da variável pelos valores logofóricos do nó *Speech Act*. Se todas essas considerações estão corretas, é possível que os valores logofóricos de *Speech Act* não tenham a mesma natureza que os valores dos traços de pessoa de um argumento, e que, no momento da inserção vocabular, os itens de vocabulário estejam especificados para o segundo tipo de valor e não para o primeiro. Dessa forma, ocorrem para as marcas passivas/impessoais os expoentes *default* de variáveis:

- (272) a. /me/ → d, Pss: [+loc, -ouv]
 b. /te/ → d, Pss: [-loc, +ouv]
 c. /nos/ → d, Pss: [+ouv, pl]
 d. /se/ → d, Pss: _____

Reconhece-se, no entanto, que essa proposta apresenta um caráter ainda hipotético, que depende de uma pesquisa mais aprofundada a respeito das relações entre os traços e o evento de fala. Dessa forma, uma implementação técnica definitiva para as marcas passivas/impessoais ainda está sujeita a investigação. Por outro lado, as caracterizações para essas marcas aqui propostas estão em função de fenômenos empíricos que devem ser levados em conta. A seguir apresentam-se fenômenos relacionados à extensão do SPR para os contextos passivos/impessoais que podem ser explicados com uma análise nos moldes aqui apresentados.

5.2.2 O Parâmetro Pro-Drop

Foi constatado na Seção 1 que línguas *não-Pro-Drop* não permitem extensão do sincretismo para impessoais intransitivas. A língua que ilustra essa restrição de forma

bastante clara é o francês, já que a marca sincrética *se* na língua pode ocorrer em passivas/impessoais transitivas mas não se estende às intransitivas.

- (273) a. Ce livre se lit souvent. (francês)
 Este livro SE lê frequentemente.
 "Este livro é lido frequentemente."
 b.* S'est tombé au sol.
 SE.é caído ao chão.
 c.* S'est travaillé beaucoup.
 SE.é trabalhado muito.

- (274) a. Na faculdade, lê-se este livro frequentemente.
 b. E caiu-se no chão, pondo-se a chorar.
 c. Trabalhou-se muito naqueles dias.

De forma geral (ver Rizzi, 1982), é possível afirmar que línguas *Pro-Drop* são línguas que permitem a satisfação do EPP com um sujeito fonologicamente não pronunciado. Línguas não-*Pro-Drop*, por outro lado, requerem que a posição de sujeito seja preenchida por um elemento com conteúdo fonológico. Há dois requisitos com relação à posição de sujeito em uma língua não-*Pro-Drop*. O primeiro é relativo ao EPP, de que a posição de sujeito deve ser preenchida. Isso pode ser representado pela necessidade do nó T ser valorado pelos traços-fí de um argumento. O segundo requisito é relativo à realização fonológica do elemento que ocupa a posição de sujeito, que não pode ser nula.

No caso do francês, recordemos que a marca *se* é uma marca não elegível para atribuição de Caso⁸⁹ sendo, portanto, incapaz de valorar os traços-fí do nó *v/Agente* em um verbo transitivo, independentemente de seu valor. Tomemos então o *se* passivo/impessoal, que entra na derivação sintática com os traços [+HUMANO, Pss: ____]. Dada a sua inelegibilidade para Caso, a marca não pode valorar o nó *v/Agente* na posição de argumento externo⁹⁰. Dessa forma, o argumento interno se move e se concatena acima da marca para valorar *v/Agente*.

⁸⁹ Capítulo 4

⁹⁰ Recordar, também, que no presente modelo Caso nominativo é atribuído por *v/Agente* e não por T.

O argumento interno pode, então, ser alçado à Spec de T e satisfazer EPP. Além disso, por não ser - provavelmente - um argumento fonologicamente nulo, também satisfaz o requisito da língua não-*Pro-Drop* de apresentar um elemento pronunciável em Spec de T.

No caso de um verbo intransitivo, no entanto, o único argumento que o verbo apresenta é a marca *se*. A marca *se*, no caso de um verbo intransitivo, apesar de não ser elegível para Agree com nós atribuidores de Caso, pode ocupar a posição de Spec de T. Isso é evidenciado pelo fato de que as passivas/impessoais na língua não deixam de ser agramaticais caso se inclua um expletivo na posição de sujeito:

- (276)* Il s'est travaillé.⁹¹
 EXP SE.é trabalhado.

Se a marca *se* não pudesse ocupar a posição de Spec de T, a numeração poderia incluir um expletivo que ocuparia tal posição e a sentença seria gramatical. Um fenômeno interessante que será detalhado adiante remete à marca -s em línguas escandinavas. Essas línguas não permitem passivas com o pronome fraco *sig*, apenas com o afixo -s. Em impessoais intransitivas, como a língua também não é *Pro-Drop*, o expletivo *der* ocorre:

- (277) Der danse-s.
 Exp dança-PASS.
 "Dança-se."

⁹¹ A sentença é gramatical se considerarmos a leitura para o verbo *se travailler*, um verbo que significa funcionar. Mas essa leitura seria derivada de outra forma.

Este caso só pode ser explicado porque o afixo não está disponível para a posição de Spec de T por ser incorporado ao verbo em uma posição mais baixa na estrutura. Por essa razão, se a numeração inclui o afixo e o expletivo, é possível formar uma sentença impessoal intransitiva. Se a marca for uma forma incorporada pós-sintaticamente, ela concorrerá com o expletivo para a posição de sujeito.

Se a marca passiva/impessoal *se* é capaz de ocupar a posição de sujeito, o que torna as sentenças impessoais com verbos intransitivos agramaticais na língua é o fato de que a marca é deslocada pós-sintaticamente para o domínio morfológico do verbo (Deslocamento Local), deixando não-preenchida e, portanto, não pronunciada, a posição de sujeito no caminho para PF.

5.2.3. Pronomes Fracos e Elegibilidade para Caso

Conforme abordado no capítulo anterior, em se tratando de variáveis, pronomes fracos diferem-se de clíticos no que diz respeito à seleção de auxiliares. Esse fato fez com que se propusesse que pronomes fracos podem entrar em uma relação de Agree com um núcleo que contenha caso (*v/Agente*, por exemplo), enquanto clíticos não.

Sentenças com verbos anticausativos em línguas que os marcam com pronomes fracos são derivadas com sintaxe inacusativa (movimento do argumento interno à posição de sujeito) porque a marca decausativa, gerada na posição de argumento externo, não é capaz de valorar *v/Agente*. Dessa forma, o argumento interno satisfaz esse requerimento, reconcatenando-se sobre a marca, valorando *v/Agente* e alçando-se posteriormente a Spec de T. Isso é possível porque a marca decausativa é uma variável que não apresenta nenhum traço-fí para valorar *v/Agente*. No entanto, o mesmo não se aplica no caso das marcas passivas/impessoais.

Se as marcas passivas/impessoais vêm da numeração com o traço-fí +HUMANO, isso significa que elas são capazes de valorar o nó *v/Agente* se estão na posição de argumento externo. Se isso ocorre, o argumento interno permanece in situ e a marca é alçada à posição de sujeito, satisfazendo EPP.

Nesse ponto surge o mesmo problema visto na seção anterior: as línguas que apresentam pronomes fracos não admitem sujeitos nulos. Em decorrência disso, como as marcas passivas/impessoais sincréticas com as decausativas e reflexivas sofrem Deslocamento Local, elas não podem ocorrer em construções passivas pois violam o requerimento do preenchimento da posição de sujeito em PF. Abaixo, é possível ver a

impossibilidade de leituras passivas em sentenças com a marca sincrética *sig* em dinamarquês:

- (278) a. Han vasked sig og gik til restauranten.
 Ele lavou SE e foi ao restaurante.def.
 "Ele se lavou e foi ao restaurante."
 * "Ele foi lavado e foi ao restaurante."
- b. Dørren åbnede sig og han trådte.
 Porta.DEF abriu SE e ele entrou.
 "A porta (se) abriu e ele entrou."
 * "A porta foi aberta e ele entrou."

É importante ressaltar que se o expoente fonológico da marca passiva/impessoal não sofre deslocamento local, as construções são possíveis. Em francês, construções impessoais com verbos intransitivos podem ser feitas com o pronome impessoal pleno *on*:

- (279) On a travaillé.
 IMP há trabalhado.
 "Trabalhou-se."

O mesmo é possível em dinamarquês com o pronome *man* (e em alemão, com *Man*, holandês, com *men*, islandês com *maður*, etc.)

- (280) a. Man åbnede dørren.
 IMP abriu porta.
 "Abriu-se a porta."
- b. Man gik i skole.
 IMP foi a escola.
 "Foi-se à escola."

Na próxima seção abordamos a derivação e as propriedades das marcas afixais.

5.3 Marcas Afixais

Enquanto as marcas incorporadas ao domínio morfológico do verbo pós-sintaticamente apresentam um comportamento bastante sistemático e dependente de propriedades sintáticas da língua no que diz respeito às extensões de seu sincretismo, marcas afixais apresentam um comportamento menos previsível.

Nesta seção discorro sobre a distribuição potencialmente irrestrita dessas marcas pelo domínio passivo e sobre como, em algumas línguas, essa distribuição pode ser bloqueada por propriedades do comportamento morfológico dos verbos na língua. Concretamente abordaremos os casos do grego/albanês e georgiano, em que a marca sincrética não ocorre em contextos impessoais intransitivos.

Por fim, abordo uma propriedade crucial das passivas formadas por marcas afixais: sua capacidade de projetar agentes da passiva introduzidos por uma preposição. Minha análise relaciona essa propriedade à semântica obtida pela pseudo-incorporação das marcas passivas/impessoais.

5.3.1 Distribuição Sintaticamente Irrestrita

Em dinamarquês e outras línguas escandinavas, conforme já mencionado, além da marca reflexiva/decausativa *sig*, um pronome fraco, há a marca afixal *-s*. Enquanto a marca *sig* não pode se estender para contextos passivos pois violaria os requisitos acerca da posição de sujeito de uma língua não *Pro-Drop*, a marca afixal *-s* se distribui de forma bastante produtiva no domínio Passivo. A marca é compatilhada por verbos anticausativos, verbos passivos transitivos, impessoais intransitivos e mesmo por construções de-objetivais. A pergunta que se faz é: o que ocorre na derivação de marcas desse tipo que as faz não estar sujeitas às restrições vistas com clíticos e pronomes fracos?

Propõe-se aqui que afixos passivos são incorporados ao verbo da mesma forma que marcas decausativas: via pseudo-incorporação. A razão para isso é a mesma que leva à postulação da análise para marcas decausativas: impossibilidade de incorporação de argumentos externos ao verbo, conforme explicado no Capítulo 3.

A análise de Pseudo-incorporação levada em conta neste trabalho, baseada em Öztürk (2005), consiste na concatenação de um NP diretamente ao núcleo verbal. Essa concatenação gera um novo núcleo para a Sintaxe (Matushansky, 2006), de forma que a estrutura desse núcleo complexo é opaca para a Sintaxe estrita e os traços

de cada nó terminal previamente a essa concatenação tornam-se acessíveis à derivação como um único feixe de traços.

Variáveis pseudo-incorporadas não estão disponíveis para ocupar posições como Spec de T, pois são parte do próprio verbo a que se incorporaram. Sendo assim, não competem por essa posição com um expletivo, como ocorre com pronomes fracos e clíticos (visto no caso do francês). Por conta disso, passivas e construções impessoais intransitivas são possíveis com a marca -s nas línguas escandinavas, conforme mostram os dados do dinamarquês abaixo:

- (281)a. *Anticausativa (sig)*
 Dør-en åbner **sig**.
 Porta-DEF abre SE.
 "A porta (se) abre."
 * "A porta é aberta/Abre-se a porta."
- b. *Anticaustiva/Passiva/Impessoal (-s)*
 Dør-en åbne-s.
 Porta-DEF abre-SE
 "A porta se abre"
 "A porta é aberta/Abre-se a porta."
- c. *Impessoal (-s)*
 Der passe-s på bornene.
 EXP cuidar-SE de crianças.
 "Cuida-se das crianças."
- d. *Passiva/Impessoal (-s)*
 Lars barbere-s.
 Lars barbeia-SE.
 "Lars é barbeado./Barbeia-se o Lars."
 * "Lars se barbeia."
- e. *Passiva (-s)*
 Kirk-en bygge-de-s af en privatmand. Passiva
 Igreja-DEF constrói-PRET-SE por um homem-privado.
 "A igreja foi construída por um homem privado."
- f. *Impessoal Intransitiva (-s)*
 Der danse-s.

EXP dançar-SE.

"Dança-se."

5.3.2 Limites Morfológicos

Enquanto, para algumas línguas, a afixação da marca decausativa/reflexiva permite sua extensão para contextos passivos e impessoais de forma irrestrita, há casos em que algumas características morfológicas da língua interagem de forma a restringir os contextos de ocorrência da marca afixal. Nesta seção, discutem-se dois casos, o do grego (e albanês) e o do georgiano. Em ambas as línguas, há sincretismo entre construções reflexivas, anticausativas e passivas/impessoais. No entanto, essas línguas não permitem impessoais intransitivas. A discussão trazida aqui é em termos de caminhos para a explicação dos fenômenos, não sendo fornecidas - portanto - análises propriamente.

5.3.2.1 *Portmanteau* com T

Na Capítulo 3, foi abordada uma característica importante das marcas decausativas em grego (fenômeno que também ocorre em albanês): essas marcas fazem parte de um paradigma de concordância denominado não-ativo. Isso significa que essas marcas formam morfemas *portmanteau* juntamente com os traços de tempo/aspecto e concordância. Isso tem consequências importantes para a distribuição desse paradigma em contextos passivos/impessoais, conforme veremos adiante. Antes da discussão teórica, no entanto, observemos alguns dados:

- (282) a. Edo tron-e poly ta makarónia.
 Aqui comer-3S.AT muito as massas(pl).
 "Aqui come-se muita massa."
 b. Edo trog-onde poly ta makarónia.
 Aqui comer-3P.PASS muito as massas(pl).
 "Aqui come-se muita massa."
 c.* Edo trog-ete poly ta makarónia.
 Aqui come-3S.PASS muito a massa(pl).

(Lavidas & Papangeli 2007: 39, 40a, 40b)

O fenômeno que se observa acima mostra que há duas formas de se construir impessoais em grego: (i) por meio de um *pro* arbitrário, como visto em (58a) e (ii) por meio da concordância passiva do verbo. No primeiro caso, o *pro* ocupa a posição de sujeito, com a qual o verbo concorda. No segundo caso, é o argumento interno do verbo que concorda com este, desencadeando a concordância plural (58b) e a não-concordância dessa forma gera agramaticalidade (58c).

Isso, é claro, se consideramos que o paradigma de concordância passiva (decausativa/reflexiva) é o resultado da fusão dos traços de um argumento pseudo-incorporado do verbo, no caso o externo, com os traços de T (análise para o grego do Capítulo 3). Isso gera uma construção sintaticamente inacusativa, fazendo com que o argumento interno do verbo alce à posição de sujeito desencadeie concordância.

Esses dados também revelam uma outra propriedade importante: os traços do argumento que se fundem com T não são capazes de valorar a concordância deste. Dessa forma, no caso do paradigma de concordância passivo/não-ativo, a satisfação da concordância de T sempre depende da existência de um segundo argumento que ocorra em seu especificador.

No caso da impessoalização de um verbo intransitivo, se o argumento impessoal for pseudo-incorporado, sucederá que não haverá outro elemento na sentença para satisfazer a concordância com T, o que impedirá a ocorrência do paradigma passivo/não-ativo de concordância. Isso justifica a distribuição vista abaixo:

- (283) a.* Tragudá-ete.
Cantar-3s.PASS
- b. Tragudá-i.
Cantar-3s.AT.
"Alguém canta."
- c. Tragud-un.
Cantar-3s.AT.
"Canta-se."

É importante ter em conta, no entanto, que o paradigma de concordância passivo/não-ativo do grego não é *portmanteau* no aoristo, conforme explicado no Capítulo 3. Nesse caso, a marca passiva/decausativa/reflexiva é -ik-:

- (284) a. Katástraf-e.
 destruir-3s.
 b. Katastráf-ik-e.
 destruir-SE-3s.

Sendo assim, uma investigação mais profunda na língua pode apresentar respostas mais claras sobre a impossibilidade da distribuição do sincretismo para impessoais intransitivas. Aqui mostrou-se que o fenômeno do *portmanteau* com T é um possível impedimento.

5.3.2.2 Concordância obrigatória

Em georgiano, da mesma forma que em grego, a marca sincrética -i- não é capaz de desencadear nenhum tipo de concordância. Uma evidência para isto está relacionada ao fato de as reflexivas na língua que são formadas com -i- necessitarem sempre do nome *tav*:

- (285) a. Is tav-s i-k'rit'ik'-eb-s.
 Ele *tav*-ACU SE-criticar-TEMA-3S.
 "Ele se critica."
 b.* Is i-k'rit'ik'-eb-s.
 Ele SE-criticar-TEMA-3S.

Essa necessidade provém do fato de que a posição de argumento interno em georgiano é uma posição de Caso e que apresenta uma concordância própria, o que é evidenciado em verbos inacusativos (a) vs inergativos (b):

- (286) a. Ts'qal-i tb-eb-a.
 Água-NOM esquentar-TEMA-3s.INT
 "A água está esquentando."
 b. Mdivn-i tamash-ob-s.
 Secretária-NOM trabalhar-TEMA-3s.EXT
 "A secretária está trabalhando."

No caso de um verbo transitivo, a marca *-a* não ocorre por estar concorrendo ao mesmo *slot* morfológico que a marca *-s* e, por algum motivo, a marca *-s* tem prioridade na inserção. Esse mesmo tipo de efeito de hierarquia também é visto com a marca de objeto da 2ª pessoa vs. a marca de sujeito da 1ª pessoa:

- (287) a. v-xatav.
1s.suj-desenhar.
"Eu desenho X."
- b. xatav.
desenhar
"Você desenha X."
- c. m-xatav.
1s.obj-desenhar.
"Você me desenha."
- d. g-xatav-s.
2s.obj-desenhar-3s.
"Ele te desenha."
- e.* **v-g-xatav.**
1s.suj-2s.obj-desenhar.
- f. **g-xatav.**
2s.obj-desenhar.
"Eu te desenho."

Logo, da mesma forma que a formação em (e) acima é descartada em detrimento de (f), a formação em (a) abaixo é descartada em detrimento de (b):

- (288) a.* Dato saxl-sq ashen-eb-a-s.
Dato casa-ACU construir-TEMA-3s.obj-3s.suj.
- b. Dato saxl-s ashen-eb-s.
Dato casa-ACU construir-TEMA-3s.suj.
"Dato está construindo uma casa."

É importante observar que a língua apresenta ergatividade cindida, sendo que no aspecto perfectivo, os argumentos externos passam a ser marcados com caso ergativo e os argumentos internos, com caso absolutivo (sincrético com nominativo):

- (289) a. Dato saxl-s ashen-eb-s.
 Dato.NOM casa-ACU construir-TEMA-3s.suj.
 "Dato está construindo uma casa."
 b. Dato-m saxl-i da-ashen-a.
 Dato.ERG casa-ABS PVB-construir-TEMA-3s.obj.
 "Dato construiu uma casa."

Curiosamente, nesta alternância de sistemas de caso, a marca de concordância do verbo passa a ser a marca do objeto *-a*. Essa marca parece ter prioridade sobre a marca do sujeito nesse contexto. Nota-se que em verbos inergativos, cujos sujeitos recebem o caso ERG no aspecto perfectivo a marca de concordância *-s* é a que ocorre, por ser a única disponível⁹²:

- (290) a. Dato-m i-musha-s.
 Dato-ERG *SE*-trabalhar-3s.suj.
 "Dato trabalhou."
 b.* Dato-m i-musha-a.
 Dato-erg *SE*-trabalhar-3s.obj.

Da mesma forma, em verbos anticausativos e construções passivas, independentemente do tempo/aspecto verbal, a marca *-a* ocorre, por ser a única marca disponível⁹³:

- (291) a. K'ar-i i-gh-eb-a.
 Porta-NOM *SE*-abrir-TEMA-3s.obj.
 "A porta abre."

⁹² É importante ter em conta que a formação do aoristo (pretérito perfeito) de verbos inergativos em georgiano é diferente das dos demais verbos, envolvendo a inserção da marca *-i-*. Essa estratégia foi discutida no capítulo 3.

⁹³ Tendo em conta a incapacidade de *-i-* desencadear concordância.

- b. Pul-i gamo-i-gzavn-a mdivn-is mier.
 Dinheiro-NOM PVB-SE-enviar-3s.obj secretária-GEN por.
 "O dinheiro foi enviado pela secretária."

Façamos um contraste entre o georgiano e o laz, uma língua da mesma família em que a marca *-i-* ocorre em impessoais intransitivos. Laz é uma língua que apresenta concordância entre sujeito e objeto, mas é importante que a diferença entre as marcas de objeto e sujeito da terceira pessoa é neutralizada em diversos pontos. O que ocorre é que a terceira pessoa somente exibe uma marca de concordância independente em um contexto: como marca de concordância com o sujeito de verbos transitivos nos tempos de aspecto imperfeito⁹⁴. Abaixo seguem exemplos de construções reflexivas e passivas na língua. Essas construções são distintas no presente e no passado (perfectivo) se identificam:

- (292) a. i-digin-am-s
 se-faz.cócegas-pres-3s.suj
 "Ele faz cócegas em si mesmo."
 b. i-digin-en
 se-faz.cócegas-pres(.3s.obj?)
 "Fazem cócegas nele." (passivo)
 c. i-digin-u
 se-faz.cócegas-pret(.3s?)
 "Ele fez cócegas em si mesmo." ou
 "Fizeram cócegas nele." (passivo)

As marcas de tempo na língua dividem-se em três tipos. No presente (imperfectivo) as marcas podem ser um sufixo temático como *-am* visto em (a) acima, que ocorre somente em verbos transitivos. A marca *-en* é uma marca típica da sintaxe intransitiva (cf. Demirok 2013). Essa marca é *-en* na terceira pessoa e *-er* na primeira e segunda pessoas. O mesmo ocorre no pretérito (perfectivo), com a marca *-u* para terceira pessoa e *-i* para a primeira e segunda pessoas.

⁹⁴ Agradeço à professora Balkiz Öztürk e ao colega Ömer Demirok pelos dados e discussões envolvendo a língua laz e comparações com o georgiano.

Para simplificar a apresentação, tomemos as marcas de pretérito. Estas se distribuem da mesma forma tanto para verbos transitivos como para intransitivos (inergativos e inacusativos):

- (293) a. Koç'i-k disk'a t'ax-u. (Transitivo, 3.suj, 3.obj)
Homem-ERG madeira.ABS quebrar-pret(.3s?).
"O homem quebrou a madeira."
- b. T'k'va sk'u m-dzir-i-t. (Transitivo, 2.suj, 1.obj)
Vocês.ERG nos 1s.OBJ-ver-PRET-PL.
"Vocês nos viram."
- c. Koç'i ghur-u. (Inacusativo, 3.suj)
Homem morrer-PRET(.3s?)
"O homem morreu."
- d. Koç'i-k k'i-u. (Inergativo, 3.suj)
Homem-ERG gritar-PRET(.3s?)
"O homem gritou."

(Cf. Demirok 2013)

É possível analisar a marca -u do laz (bem como -en) como uma marca *default* para aspecto perfectivo. Seu alomorfe -i é uma marca para aspecto perfectivo em contextos em que há [+participante], ou seja, primeira e segunda pessoas, na posição de sujeito. Nota-se que o paradigma de concordância para a primeira e segunda pessoas não depende somente da marca -i. A língua conta com prefixos de concordância que diferenciam a primeira da segunda pessoa:

- (294) a. v-i-ghvar-i.
1s-SE-molhar-PRET(+partic.).
"Eu me molhei."
- b. i-ghvar-i.
SE-molhar-PRET(+partic.).
"Você se molhou."
- c. i-ghvar-u.
SE-molharar-PRET.
"Ele se molhou."

Acredita-se que a possível sub-especificação para concordância de marcas como *-u* (e *-en*) em laz seja o que a distingue do georgiano, permitindo a ocorrência de impessoais intransitivas:

- (295) a. Ham oda-s vorsi i-ncir-en.
 Este quarto-LOC bem SE-dormir-PRES.
 "Dorme-se bem neste quarto."
- b. Ham ini-s i-ghur-en.
 Este frio-LOC SE-morrer-PRES.
 "Neste frio é possível morrer."

Como em georgiano a marca *-i-* não desencadeia concordância e há marcas muito específicas para a terceira pessoa, inclusive específicas para com a natureza do argumento (interno *-a* vs. externo *-s*), é possível que construções impessoais intransitivas violem um requerimento de boa formação de palavra em georgiano que é a existência de marcas de concordância.

As observações trazidas nesta seção, como foi dito no início, não têm a pretensão de oferecer análises para as línguas. Para se chegar a uma resposta definitiva para a impossibilidade das passivas intransitivas tanto em grego (e albanês), quanto em georgiano, seria necessária uma investigação bastante específica nas propriedades de cada língua, algo que renderia um trabalho à parte. Essas observações servem, no entanto, para mostrar que também existem limitações na extensão do sincretismo passivo-reflexivo de marcas afixais mas que essas limitações podem estar relacionadas a propriedades morfológicas dos verbos das línguas.

Na próxima seção, abordamos uma propriedade bastante importante das construções passivas formadas com marcas afixais: a projeção de agentes da passiva.

5.3.3 Projeção de Agentes da Passiva

Uma propriedade importante de construções passivas formadas com marcas afixais, em oposição àquelas com clíticos e pronomes fracos, é a possibilidade de projetarem agentes da passiva (*by-phrases*). Vejamos a comparação abaixo:

Língua	Marca (tipo)	Ag.Pass?	Língua	Marca (tipo)	Ag.Pass?
Românicas	SE (Cl)	não	Russo	-sja (Af)	sim
Croata	se (Cl)	não	Bielo-Russo	-cca (Af)	sim
Tcheco	se (Cl)	não	Albanês	conc. (Af)	sim
Polonês	się (Cl)	não	Grego	conc. (Af)	sim
Islandês	-st (Cl*)	não	Georgiano	-i- (Af)	sim
Laz	-i- (Cl*)	não	Turco	-ll/n- (Af)	sim
Escandinavas	-s (Af)	sim	Hebraico	hitpaél (Af)	sim

Tabela 21 Relação entre Afixos e Agentes da Passiva

Pelo que se vê acima, a distribuição é bastante clara: passivas formadas com clíticos não permitem agentes da passiva e passivas formadas com afixos permitem. Entretanto, se consideramos a questão diacronicamente a generalização não se verifica.

É possível ver casos como os abaixo em registros antigos do português:

(296) a. *Como Josep se conheceu pelos irmãos...*

"Como José foi reconhecido pelos irmãos."

(Sec. XIV, Naro 1976: 789)

b. *Ordenase que viberes sevendão, pela meza da inspeção, eseremeta o dinheiro para os cofres do fisco da cidade de Lisboa.*

(Cyrino 2007: 19, Carta do Marquês de Lavradio, 1770)

O mesmo tipo de fenômeno se verifica em francês. O trabalho de Heidinger & Schäfer (2008) mostra a presença dessas construções em três corpora de datas diferentes, com um declínio da ocorrência quanto mais recente o *corpus*. O mesmo também é atestado em eslavônico (Mariadaga 2010), uma língua ancestral das línguas eslavas. Em macedônio, segundo Mitkovska (1998), há ainda hoje a ocorrência de agentes da passiva em passivas com a marca *se* da língua, porém em contextos

restritos. De acordo com sua descrição, o agente da passiva deve ser somente indiretamente referido como um ser humano⁹⁵:

- (297) a. Ovde od eden pratnik se kazha, deka...
 Aqui por um membro se diz que.
 "Foi dito aqui por um membro (do parlamento) que..."
- b. Toj jazyk se upotrebuva od razlichni narodi.
 Aquela língua se usa por diferentes povos.
 "Aquela língua é falada por diferentes povos."

(Mitkovska 1998: 7-8)

Dados estes fatos diacrônicos, o que se pode concluir é que a ocorrência de agentes da passiva em construções com clíticos não é impossível mas não é *ótima*. Um exemplo curioso de mudança é o que se vê em línguas nórdicas (cf. Ottosson, 2008). Em nórdico antigo, marca *-sk* é vista como uma cliticização do pronome reflexivo *sik*. Essa cliticização preservou-se em islandês⁹⁶ e evoluiu para afixação nas línguas escandinavas. No primeiro caso, agentes da passiva não são permitidos e no segundo, sim:

- (298) a. Hundurinn var drepinn af lögreglunni. (islandês)
 Cão.NOM.DEF foi morto pela polícia.
 "O cão foi morto pela polícia."
- b. Hundurinn drap-st (*af lögreglunni).
 Cão.NOM.DEF morrer-SE (*pela polícia).
 "O cão foi morto (*pela polícia)."
- (299) a. Facebook blir använda av många människor. (sueco)
 Facebook é usado por muitas pessoas.
 "O Facebook é usado por muitas pessoas."

⁹⁵ Alguns falantes de sérvio me comunicaram que a mesma distribuição vista em macedônio é possível em sua língua. Porém, a mesma informação foi negada por outros falantes. Os falantes de croata e búlgaro inquiridos negaram sistematicamente a gramaticalidade dessas sentenças. É importante a investigação desse tipo de fenômeno com as línguas eslavas dos Bálcãs dada a sua proximidade com o eslavônico antigo.

⁹⁶ O caráter clítico da marca *-st* em islandês é evidenciado por sua possibilidade de ocorrer em contextos de ECM, conforme esclarecido no início do capítulo.

- b. Facebook använd-s av många människor.
 Facebook usa-SE por muitas pessoas.
 "O Facebook é usado por muitas pessoas."

Uma forma de explicar a falta de otimidade na projeção de agentes da passiva em construções formadas com clíticos é considerar o que se tem proposto nesta tese: os clíticos são os próprios argumentos agentes da passiva. Retomemos como clíticos são derivados.

Clíticos enquanto marcas de SPR são nós terminais considerados aqui como pertencentes à categoria de determinantes que apresentam traços de pessoa não valorados na numeração. No caso de uma construção passiva, esses elementos adentram a derivação sintática com o traço +HUMANO valorado, mas com traços de pessoa não valorados. Esses elementos ocorrem na posição de argumento externo e estão sujeitos a ter seus traços de pessoa valorados ou não de acordo com o aspecto da sentença. O fato de desses elementos não apresentarem valores para os traços de pessoa desde a numeração os configura como variáveis, ocorrendo a inserção do expoente fonológico clítico. Em sintaxe estrita, tais elementos são os argumentos externos do verbo, e por apresentarem o traço +HUMANO o verbo é interpretado como apresentando um agente, que pode ser genérico, arbitrário ou específico (a depender de seus traços de pessoa). Somente após a inserção de expoente fonológico (Inserção Vocabular) é que esses elementos receberão sua forma clítica e sofrerão deslocamento local para o domínio morfo-fonológico do verbo.

Nesse caso, o verbo apresenta dois argumentos, um argumento interno referencial e um argumento externo interpretado como um dos tipos de impessoal: genérico, arbitrário ou específico. Mas é importante que se reconheça essa propriedade das sentenças passivas formadas com clíticos: elas apresentam dois argumentos. Sendo assim, o papel temático de agente já foi atribuído uma vez, mas a um elemento não totalmente específico. É possível considerar que essa característica cria um ambiente em que a projeção de um agente da passiva seria redundante. Ocorreria que, na interpretação semântica, dois argumentos agentes seriam processados: (i) o argumento externo expresso fonologicamente pelo clítico e (ii) o agente da passiva introduzido por preposição/caso oblíquo. Essa redundância justifica os dois comportamentos vistos diacronicamente: (i) o desaparecimento de agentes da passiva em passivas com clíticos ou (ii) a reanálise dos clíticos como afixos, como

(cf. Geniusiene, 1987: 38)

- (301) a. Sobaka kusaet gostjax. (russo)
 Cachorro morde visitantes.
 "O cachorro morde as visitas."
- b. Sobaka kusaet-sja.
 Cachorro morde-SE.
 "O cachorro morde todos."

Conforme descrito no início do capítulo, construções de-objetivais podem ter a interpretação de que o objeto que se está apagando seja, na verdade, uma espécie de quantificador universal com escopo sobre uma entidade animada, ou mesmo +HUMANO. Há, certamente, outras interpretações para essas construções, mas essa é particularmente interessante de se relacionar à análise de passivas/impessoais aqui proposta.

O problema desse tipo de construção é que ela não se distribui sistematicamente entre as línguas e, salvo em línguas eslavas, tende a ocorrer somente em línguas cujas marcas de SPR são afixais. Essas construções foram detectadas, concretamente, em línguas eslavas, com especial produtividade em russo, que apresenta a marca de SPR -*sja* afixal e escandinavas, com a marca passiva/decausativa afixal -*s*.

Acredita-se que as leituras vistas nos dados acima podem ser derivadas de forma análoga às leituras passivas ou impessoais genéricas: há um operador, do tipo universal, com escopo sobre a variável [+HUMANO; Pss:_____]. Essa variável ocuparia a posição de argumento interno e um operador interviria entre essa posição e o argumento externo, de forma que os traços de pessoa do argumento externo não valorem essa variável.

Para estabelecer esse tipo de análise, no entanto, seria necessário procurar evidências independentes da presença de operadores universais não expressos fonologicamente e interagindo somente com o argumento externo. Além disso, a análise teria mérito se conseguisse associar a produtividade desse fenômeno somente às línguas em que esse tipo de construção de-objetival é também produtivo. Há, portanto, um longo caminho para compreender essa extensão do SPR, embora acredite-se que a solução desenhada neste capítulo constitua um ponto de partida bastante viável.

5.5 Síntese

O presente capítulo abordou as extensões do SPR para o denominado Domínio Passivo. Foi proposto que as construções dentro desse domínio, Passivas Impessoais, podem ser formadas a partir da presença de um tipo de variável na posição de argumento externo. Essa variável é análoga à que deriva construções reflexivas e verbos anticausativos, identificando-se no sentido de apresentar traços de pessoa não valorados na numeração, mas diferenciando-se por apresentar o traço +HUMANO. Esse traço, que representa o papel potencialmente agentivo dessa variável, garante sua interpretação em posições argumentais, independentemente da valoração de seus traços de pessoa.

Foi mostrado que os traços de pessoa, por sua vez, podem ser valorados por um nó de Ato de Fala (*Speech Act*) ou deixados sem valoração, via intervenção de um operador genérico (cf. D'Alessandro, 2007), permitindo diversas interpretações para essas variáveis, concretamente as apontadas em Sigurðsson & Egerland (2009): genérica, específica e arbitrária. Essas interpretações são características de leituras impessoais em diversas línguas, conforme se observa na literatura relevante (Cinque 1995, Rivero 2002, Nakipoglu-Demiralp 2003, D'Alessandro 2007, etc.).

Pode-se dizer que esse tipo de análise apresenta duas vantagens em termos de cobertura empírica. Por um lado, ela explica o compartilhamento das marcas decausativas/reflexivas com esses contextos. Por outro, é possível compreender a interação de fatores sintáticos, como Caso e *Pro-Drop*, e morfológicos, como a incorporação pré e pós-sintática, na distribuição do SPR para esse domínio.

Apesar de haver diversos aspectos, tanto empíricos como teóricos, sobre o SPR a serem discutidos, acredita-se que até o momento foi possível mostrar que uma análise argumental, em oposição à funcional, para as marcas no SPR apresenta mais condições de alcançar uma explicação definitiva para o fenômeno. No próximo capítulo, que finaliza este trabalho, pretende-se sintetizar a análise desenhada nesses capítulos em sua totalidade, ressaltando as suas contribuições e também trazendo questões que podem ser discutidas em pesquisas futuras.

CAPÍTULO 6

Síntese e Considerações Finais

Chegamos ao capítulo final da presente tese após um longo percurso envolvendo questões bastante específicas sobre os contextos de ocorrência das marcas no SPR. Embora, no decorrer dos capítulos, o quadro geral da análise já tenha sido apresentado, reconheço a necessidade de um apanhado das principais conclusões deste trabalho e, para os que desejam continuá-lo, as questões que requerem mais desenvolvimento. Trago aqui, portanto, esse conteúdo dividido em três partes: a síntese, as questões para futura pesquisa e as considerações finais, de fato.

6.1 Síntese das Principais Conclusões

Os principais objetivos da pesquisa trazida nesta tese são explicar a grande recorrência do fenômeno do Sincretismo Passivo-Reflexivo entre as várias línguas do mundo e determinar o estatuto da marca sincrética que permite seu compartilhamento por contextos aparentemente tão distintos. Foi visto que o fenômeno apresenta um domínio básico, que envolve necessariamente verbos anticausativos e construções reflexivas e/ou passivas. O domínio total de distribuição da marca sincrética, no entanto, varia de língua para língua e essa variação mostrou-se previsível tendo em conta particularidades morfológicas e sintáticas de cada língua.

Com o mapeamento dos fatores que interagem na distribuição do sincretismo, é possível fornecer uma análise teórica para o fenômeno, compreendendo o estatuto, em termos formais, dos morfemas compartilhados pelos contextos envolvidos. Esse levantamento foi feito no decorrer dos capítulos e foi proposta uma análise para a marca sincrética. Isso permitiu cumprir o primeiro objetivo, o de explicar a recorrência do fenômeno.

Para mostrar esse percurso de forma objetiva, pontuando os argumentos e evidências por trás de cada aspecto da proposta, divido esta síntese em três partes.

Primeiramente, trago as características do SPR que foram cruciais para chegar às conclusões a que chego neste trabalho. Posteriormente, o estatuto das marcas morfológicas envolvidas no SPR e as motivações para tal análise. Por fim, trago as conclusões a que cheguei sobre a recorrência do SPR.

6.1.1. Características do SPR

O fenômeno recorrente nas línguas a que chamo de SPR envolve o compartilhamento de uma mesma marca por verbos anticausativos e verbos em contextos reflexivos e/ou passivos. Não foi encontrado um caso em que verbos em contextos reflexivos e passivos compartilhassem da mesma marca, excluindo verbos anticausativos. Além disso, não se observaram marcas de verbos anticausativos que não sejam sincréticas. Por essa razão, compreender os verbos anticausativos é a chave para compreender o SPR.

Os contextos reflexivos e passivos se subdividem em diversos contextos que o sincretismo pode ou não abarcar, a depender da língua. Alguns aspectos dessa distribuição mostraram-se bastante previsíveis, podendo ser explicados por características gerais das línguas ou particulares das marcas envolvidas. Outros aspectos, no entanto, parecem mais idiossincráticos. Abaixo, aponto as características da distribuição do SPR em cada grupo contextual: anticausativo, reflexivo e passivo.

Anticausativo: Os verbos anticausativos envolvidos no SPR são aqueles que se enquadram na definição clássica, proposta em Nedjalkov & Silnickij (1969). Essa definição abarca apenas os verbos produzidos por uma alternância direcional decausativa, ou seja, as contrapartes intransitivas marcadas de uma alternância causativo-incoativa. É importante considerar que o tipo de marcação produzido por esse tipo de alternância é sistematicamente dependente morfológicamente, ocorrendo na forma de afixo, clítico ou pronome fraco. Outros tipos de alternância, como a equipolente ou a direcional causativa, envolve marcas que não são, necessariamente, morfemas do verbo.

Reflexivo: Contextos reflexivos envolvem co-referência entre dois argumentos do mesmo verbo. Observou-se que essa co-referência é marcada com os morfemas do SPR quando se dá entre o sujeito (argumento externo) do verbo e um argumento

interno, podendo ser o objeto direto (mais comum) ou um argumento beneficiário, ou alvo.

No caso da co-referência se dar entre o sujeito e o objeto direto, a marca de SPR pode ainda ocorrer limitadamente a apenas um subconjunto desses casos: aqueles que remetem a eventos que são mais recorrentemente mencionados como reflexivos (cf. Haspelmath, 2005). Esses eventos formam um domínio semântico denominado inicialmente por Kemmer (1993) Domínio Médio, e incluem eventos de cuidado pessoal, ações naturalmente recíprocas, movimento não-translacional, etc.

A maior parte das línguas observadas apresenta a ocorrência das marcas de SPR em contextos reflexivos limitada ao Domínio Médio. Línguas que estendem a marcação de contextos reflexivos com a marca de SPR para todos os eventos que envolvem co-referência entre sujeito e objeto direto também permitem que a co-referência entre sujeito e argumentos beneficiário ou alvo seja marcada da mesma forma.

É difícil associar essa distribuição ao tipo morfológico da marca de SPR, já que é possível encontrar, por exemplo, afixos que se distribuem totalmente pelo domínio reflexivo (-i- georgiano) e clíticos que apresentam uma distribuição bastante limitada dentro desse domínio (-st islandês) e vice-versa.

Há, no entanto, bastante sistematicidade no que diz respeito à determinação da ocorrência das marcas de SPR em reflexivização em contextos de Marcação Excepcional de Caso. Marcas afixais não podem ocorrer nesses contextos, mas as demais marcas (clíticos e pronomes fracos) ocorrem sistematicamente nesse tipo de contexto.

Além disso clíticos e pronomes fracos ocasionam seleção de auxiliares diferentes, em línguas que apresentem esse tipo de fenômeno (verificado em francês, italiano, holandês, alemão e outras línguas germânicas). Se a marca reflexiva é um clítico, selecionará o mesmo auxiliar que ocorre com verbos inacusativos. Se a marca reflexiva é um afixo, selecionará o mesmo auxiliar que ocorre com verbos transitivos e inergativos.

Passivo: Contextos denominados Passivos neste trabalho envolvem não a supressão do sujeito do verbo, mas a referência a este como uma entidade, ao menos diretamente, não especificada. Essa definição inclui também os contextos de impessoalidade. Além disso, inclui aqui os contextos denominados de-objetivais,

contextos mais raros e de difícil análise, mas que envolvem a não-especificação do argumento interno, em vez de sua supressão.

Construções passivas com as marcas de SPR podem ser formadas com verbos transitivos ou intransitivos (inacusativos e/ou inergativos). Também podem projetar o agente da passiva introduzido por preposição ou caso oblíquo. É importante observar que marcas de SPR que sejam pronomes fracos nunca ocorrem nos contextos passivos. Marcas de SPR clíticas só ocorrem em passivas intransitivas (impessoais) se a língua permitir sujeitos nulos e, de forma geral, não permitem agentes da passiva. Passivas com marcas afixais ocorrem em passivas intransitivas se isso não causar problemas de boa-formação na morfologia do verbo (casos do grego, albanês e georgiano), e permitem agentes da passiva. Construções de-objetivais mostraram-se imprevisíveis.

O fluxograma abaixo permite que se visualize de forma esquemática as principais conclusões a que se chegou sobre as condições **necessárias** da distribuição do SPR entre as línguas. Essas condições estão relacionadas, majoritariamente, ao tipo morfológico da marca e se aplicam a todas as línguas.

6.1.2. O Estatuto da Marca

Dentro da Teoria Gerativa é possível que um morfema seja analisado como um elemento derivado no Léxico, sendo inacessível a operações no escopo da Sintaxe, ou como um elemento derivado na Sintaxe, inicialmente como um item Lexical independente da palavra que o hospedará. O trabalho aqui desenvolvido opta por um modelo que não considera o Léxico como um componente da arquitetura da gramática e, conseqüentemente, a análise Lexical da marca do SPR está descartada. A principal

razão para se descartar a análise Lexical, no entanto, é a ocorrência das marcas em questão em contextos de predicação secundária, como é o caso da reflexivização em ECM ou de anáforas de longa distância, conforme descrito no decorrer deste trabalho. Em uma arquitetura que apresente componentes diferentes para a derivação de palavras e sentenças, é importante que a composição de predicados se dê no mesmo nível da derivação de sentenças.

Sendo assim, resta a análise da marca como um elemento independente do verbo que o hospeda e que será incorporado a este no decorrer da derivação. Nesse caso, é possível analisar a marca de duas formas: ou como uma categoria funcional, ou como um argumento do verbo. Uma das discussões nesta tese é esta, em que defendo a análise argumental. As principais evidências contrárias à análise funcional seguem pontuadas abaixo:

- A marca pode ocorrer como anáfora de longa-distância, referindo-se ao sujeito de um verbo em outra oração em línguas como o holandês.
- A marca pode ocorrer em contextos de controle em algumas línguas, como mostra Frigeni (2004).
- A direcionalidade da alternância que produz verbos anticausativos não seria garantida caso a marca fosse uma categoria funcional responsável pela não projeção do argumento externo do verbo.
- A sistemática dependência morfológica da marca requer uma explicação que se torna mais simples no caso de um argumento do que no caso de uma categoria funcional (Capítulo 3).

Propostas que associem ligação de anáforas à valoração de traços-fi por um antecedente como visto em Reuland (2001) e Heinat (2006) oferecem a chave para compreender o estatuto da marca de SPR. Se marcas reflexivas são sondas de traços-fi, se elas ocorrem na posição de argumento externo, elas não apresentarão um antecedente que valora seus traços. Se um elemento defectivo em traços-fi pode ser interpretado em LF como um expletivo (cf. Schäfer 2007), e se a defectividade de traços-fi impede a checagem de Caso desse elemento, pode-se tratar anticausativos como sendo verbos que apresentam uma anáfora/variável na posição de argumento externo. Isso forçaria o alçamento do argumento interno à posição do sujeito, gerando

sua sintaxe inacusativa. Essa proposta argumental para o sincretismo entre reflexivas e anticausativos foi feita, inicialmente, em Schäfer (2007). O trabalho aqui parte dessa análise para responder às questões restantes. A dependência morfológica é uma delas.

Dentre os contextos de ocorrência da marca de SPR, o único que requer uma marca morfológicamente dependente é o dos verbos anticausativos. Contextos reflexivos podem ser marcados por pronomes reflexivos plenos e o mesmo ocorre com contextos passivos e, principalmente, impessoais (ver Sigurðsson & Egerland 2009). Combinando isso com a análise de Schäfer (2007), verbos anticausativos, por outro lado, só podem ocorrer em uma língua se nela existem anáforas/variáveis que são morfológicamente dependentes.

Foi mostrado no Capítulo 3 que a marca de verbos anticausativos deve ser dependente morfológicamente, devido à sua ausência de Caso. De forma geral, argumentos sem Caso não são pronunciados e a explicação trazida nesta tese relaciona isso à questão da Rotulação apresentada em Saito (2014). Se um conjunto de anáforas da língua sofre incorporação ao verbo, então essas anáforas podem servir como marcas de verbos anticausativos.

Anáforas/variáveis podem ser incorporadas de duas formas: durante a derivação sintática, por Movimento de Núcleo, e após a inserção vocabular, por Deslocamento Local. As derivadas pelo primeiro processo são Afixos e as derivadas pelo segundo podem ser Clíticos ou Pronomes Fracos, a depender de sua estrutura. Clíticos são formados por um único núcleo, enquanto pronomes fracos são formados de um núcleo D^o e uma raiz (cf. Heinat 2006). Essa diferença de complexidade interage com Concordância e Caso que, por sua vez, interagem na seleção de auxiliares (Capítulo 4).

Marcas passivas e impessoais podem ser analisadas como contendo sondas de traços-fi, ou, mais especificamente de traços de pessoa, com base em D'Alessandro (2007) e em Sigurðsson & Egerland (2009). Para ambos, a interpretação impessoal está relacionada à presença de um traço [ARB] ou +HUMANO. No entanto, a depender do contexto de delimitação temporal, há diferenças na interpretação dessas marcas, o que sugere que, além do traço [ARB] ou +HUMANO, as marcas apresentam um componente variável de traços de pessoa. Esse componente variável pode ser explicado pela presença, na estrutura dessas marcas, de traços de pessoa não-valorados.

Considerando o princípio de sub-especificação da Morfologia Distribuída, é possível que o Sincretismo Passivo-Reflexivo esteja associado à existência de Itens de Vocabulário na língua que estejam especificados somente para as sondas de traços de pessoa. Enquanto essas regras de correspondência atuarão, necessariamente, sobre as anáforas reflexivas, sua aplicação às marcas de verbos anticausativos e passivos/impessoais está sujeita a outras condições. Estas são abordadas na seção que se segue.

6.1.3. A Recorrência do Sincretismo

A presente tese traz uma proposta que explica a recorrência do SPR nas línguas como um caso de sobre-aplicação de regras. Considerando que os Itens de Vocabulário são regras de correspondência entre traços formais e traços fonológicos, o SPR ocorre quando uma dessas regras pode se aplicar a vários contextos. Nesse sentido, se a análise presente nesta tese e sintetizada na seção anterior estiver correta, todos os contextos abrangidos pelo SPR envolvem um argumento que apresenta uma sonda de traços de pessoa. Nesse caso, o sincretismo pode ser explicado se existir nas línguas um Item de Vocabulário especificado para esse tipo de sonda.

Conforme a análise de Heinat (2006), expoentes de anáforas reflexivas são justamente os expoentes desse tipo de item de vocabulário. Como mencionado no Capítulo 4, no entanto, as línguas podem apresentar dois tipos de anáfora reflexiva, as longas e as curtas. As primeiras são formas independentes e as segundas são, em geral, clíticos, afixos e pronomes fracos: formas dependentes. Nesse caso, existem - ao menos - dois tipos de itens de vocabulário, o independente e o dependente, que pode ser específico para uma determinada configuração de dependência morfológica (núcleo complexo) ou desencadear uma operação pós-sintática de dependência (deslocamento local), condicionada pelo tipo de marca (afixo vs. clítico/pronome fraco).

Em verbos anticausativos, foi argumentado juntamente com Schäfer (2007) que as sondas de traços de pessoa ocorrem na posição de argumento externo do verbo. Como essas sondas não são valoradas por nenhum traço, o argumento externo permanece incapaz de receber Caso, o que constitui um problema para a derivação que pode apenas ser resolvido com a reanálise desse elemento ao domínio morfológico de outro. Se uma língua apresenta itens de vocabulário para sondas de

pessoa que estão marcadas para deslocamento local (anáforas na forma de clíticos e pronomes fracos), é esperado que esses itens ocorram também na posição de argumento externo, no caso de verbos anticausativos, sem problemas para a derivação. Se a língua apresenta itens de vocabulário para marcas reflexivas afixais, contidas em núcleos complexos, é possível assumir que os verbos anticausativos dessa língua são derivados via pseudo-incorporação do argumento externo, e a marca reflexiva afixal ocorrerá nesses contextos.

Contextos impessoais/passivos também envolvem um argumento externo que apresenta uma sonda para traços de pessoa. A diferença destes argumentos para os dos anticausativos está na presença do traço +HUMANO (ou [arb]) nos primeiros. Esse traço garante a interpretação do argumento, mesmo que os traços de pessoa não sejam valorados (interpretação genérica). A extensão do SPR a esses contextos pode ocorrer se a língua não tiver um Item de Vocabulário específico para o traço +HUMANO ([arb]). Nesse caso, o expoente fonológico para a sonda de traços de pessoa é o candidato mais favorável a ocorrer. Há, no entanto, uma série de fatores sintáticos e morfológicos que podem interagir com a distribuição dessas marcas. Esses fatores foram apresentados no Capítulo 5.

6.2. Questões para Futuro Desenvolvimento

Pode-se dizer que a análise a que se chegou nesta tese apresenta como principal mérito o de explicar o SPR de maneira uniforme, com base em um único componente computacional, a Sintaxe. As diferenças na distribuição do sincretismo que se verificam entre as línguas puderam ser explicadas por diferenças no tipo morfológico da marca e em propriedades morfológicas e sintáticas da língua. Para se chegar a esse resultado, no entanto, foram adotadas algumas visões que vão requerer maior atenção no desenvolvimento futuro do fenômeno do SPR e da marcação de valência de forma geral. Estão elencadas abaixo três questões que podem ser problemáticas:

- 1) Rotulação só se aplica no caminho para PF: A explicação para a dependência morfológica das marcas de verbos anticausativos está baseada no raciocínio de que essas marcas, por serem argumentos sem Caso, acarretariam um problema para a rotulação (Saito 2014). O problema dessa abordagem é estar baseada na necessidade de que a rotulação seja relevante somente para PF, para que os

processos pós-sintáticos de reanálise morfológica (Deslocamento Local) possam afetar os resultados da aplicação do algoritmo de rotulação. Apesar de ter sido assumida essa visão sobre a rotulação, suas consequências não foram discutidas e é importante considerar que existe um debate iniciado em Collins (2002) acerca da necessidade de rotulação em LF e seus desenvolvimentos não foram levados em conta neste trabalho.

- 2) O estatuto da Pseudo-Incorporação: A análise para marcas afixais de verbos anticausativos e impessoais/passivos assume que haja pseudo-incorporação de agentes. Tal processo, proposto em Öztürk (2005), se aplica de forma muito limitada às línguas e seria necessário explicar por que muitas línguas apresentam pseudo-incorporação apenas para marcas anticausativas e impessoais/passivas, mas não para os demais NPs. Essa explicação pode estar ligada ao fato de que essas marcas, por serem muito defectivas em termos de traços-fi, não interagem com EPP, ao contrário dos demais DPs/NPs. Isso permite que se compreenda pseudo-incorporação de qualquer tipo de agente como algo disponível nas línguas mas restringido por questões de EPP. A análise em termos de Pseudo-Incorporação apresenta vantagens como a de explicar sincretismos somente entre anticausativos e passivas/impessoais (excluindo reflexivos) e a questão da restrição de projeção de agentes da passiva à passivas formadas com marcas afixais (vs. clíticos), conforme apontado no Capítulo 5.
- 3) Que tipo de Agree assumir? Os processos de valoração das sondas de traços de pessoa vistos nessa tese requerem que a sondagem se dê ao inverso do que é proposto nas versões fundacionais do modelo Agree. Esse tópico foi discutido muito brevemente, sem levar em conta o debate existente na literatura sobre a direção em que ocorre a operação de Agree, com importantes contribuições de Uriagereka e Wurmbrand.

Paralelamente a essas questões teóricas, há também alguns aspectos empíricos que podem ser levados em conta em pesquisa futura. O estudo desses aspectos também pode contribuir com a resolução das questões teóricas mencionadas acima e de outras mais que podem surgir a partir da análise contida neste trabalho. Entre esses aspectos empíricos, enumero abaixo duas questões que parecem ser interessantes para a continuidade desta pesquisa:

- Dada a disponibilidade de nomes reflexivos, participios passivos e anticausativos, entre outros fenômenos relacionados a valência nas categorias deverbais de algumas línguas, como se comporta a marca de SPR em categorias deverbais trans-linguisticamente?
- Podem existir outros tipos de sincretismo comparáveis ao SPR, um anti-SPR visto em línguas ergativas, por exemplo?

6.3. Considerações Finais

Pode-se dizer que este trabalho reuniu contribuições de diferentes perspectivas do estudo dos fenômenos de valência e reflexividade para construir uma teoria uniforme sobre o Sincretismo Passivo-Reflexivo. O Sincretismo foi abordado como um fenômeno estrutural, da interface Sintaxe-Morfologia-Fonologia, ao contrário de abordagens exclusivamente semânticas encontradas em trabalhos como Shibatani (1985) e Kemmer (1993). A solução estrutural se baseia na sobre-aplicação da regra de correspondência entre o expoente fonológico sincrético e traços formais que sondam valores para pessoa, algo que - em tese - se aplicaria somente a anáforas reflexivas. Essa sobre-aplicação está condicionada à dependência morfológica das marcas sincréticas.

Para se chegar a essa solução, foi necessário realizar um estudo bastante abrangente sobre o comportamento e distribuição das marcas sincréticas em diversas línguas e determinar, a partir dessas observações, quais análises são mais adequadas para os contextos em que ocorrem. Esse estudo corroborou análises transitivas para construções reflexivas, passivas e verbos anticausativos, ao contrário do adotado em diversos trabalhos. Também foi possível fornecer explicações para um fato pouco levado em conta na literatura, o de que o tipo morfológico das marcas sincréticas (se clítico, afixo ou pronome fraco) interfere em sua distribuição.

Alguns casos complexos de SPR foram analisados, como o da marca *-i-* das línguas Sul-Caucasianas (georgiano e laz), e da concordância não-ativa do grego e do albanês. Também foram feitas algumas observações sobre contextos marginais do SPR, como as construções de-objetivais, que podem ser um caso de deponência ou de anti-passivização.

Enfim, as conclusões deste trabalho estão fundadas em diversas observações empíricas, fazendo com que a proposta possa ser levada em conta nos próximos estudos a respeito do tema. Há ainda diversos aspectos, especialmente teóricos, que devem ser discutidos e relacionados a outros fenômenos para que se compreenda o SPR de forma ainda mais clara e, dada a sua sistematicidade e grande recorrência, como decorrência de propriedades ainda mais gerais das línguas naturais. Portanto não se tem aqui um esgotamento do assunto, mas sim um material que apresenta diretrizes importantes para a compreensão de fenômenos de marcação morfológica nas línguas naturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBOIU, Gabriela, BARRIE, Michael & FRIGENI, Chiara. SE and the Unnacusative-Unergative Paradox. In: Coene, M., Cuyper, G. & D'Hulst, Y. (orgs.) *Antwerp Papers in Linguistics* 107. Universiteit Antwerp. 2004
- ALEXIADOU, Artemis & ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Voice Morphology and the Causative-Inchoative Alternation. In: Alexiadou, A.; Alexiadou, E.; Everaert, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004
- AMIRIDZE, Nino. *Reflexivization Strategies in Georgian*. Universiteit Utrecht: Tese de Doutorado. 2006.
- ANDERSON, Stephen. Where's morphology? *Linguistic Inquiry*, 13: pp. 571-612. 1982.
- BAKER, Mark. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press. 1988.
- BAKER, Mark. On Agreement and its Relationship to Case: Some generative ideas and results. *Lingua*, 130 pp. 14-32. 2013
- BAKER, Mark; JOHNSON, Kyle & ROBERTS, Ian. Passive Arguments Raised. In: *Linguistic Inquiry*, 20 n2. pp. 219-251. 1989.
- BARRIE, Michael. *Dynamic Antisymmetry and the Syntax of Noun Incorporation*. Springer. 2011.
- BEAVER, David. Help! I'm suffering from presupposition failure. *Proceedings of the ESSLLI Workshop on Presupposition in Lisbon*. 1993
- BEJAR, Susana. *Phi-Syntax: a Theory of Agreement*. Tese de Doutorado, Univ. de Toronto. 2003.
- BIANCHI, Claudia. *Pragmatica del Linguaggio*. Roma-Bari: Laterza. 2003.

- BOBALJIK, Jonathan. Syncretism without Paradigms: Remarks on Williams 1981, 1994". In: Geert Booij and Jaap van Marle (orgs) Yearbook of Morphology 2001. Dordrecht: Kluwer, pp. 53-85. 2002.
- BOBALJIK, Jonathan Where's phi? Agreement as a post-syntactic operation. In Daniel Harbour, David Adger, and Susana Béjar eds. *Phi-Theory: Phi features across interfaces and modules*, Oxford University Press, 295-328. 2008.
- BOBALJIK, J & WURMBRAND, Suzi. Suspension Across Domains. In Alec Marantz and Ora Matushansky, eds. *Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle*. Cambridge: MIT Press. 2013.
- BOECKX, Cedric, HORNSTEIN, Norbert & NUNES, Jairo. Copy-reflexive and Copy-control Constructions: A Movement Analysis. *Linguistic Variation Yearbook* 8:61- 99. 2007
- BOSKOVIC, Zelko. On the locality and motivation of Move and Agree: An even more minimal theory. *Linguistic Inquiry* 38: pp. 589-644. 2007.
- BOUCHARD, Denis. On the Content of Empty Categories. *Studies in Generative Grammar*, 14. Foris, 1984
- BORER, Hagit. "The grammar machine". In ARTEMIS, A., E. ANAGNOSTOPOULOU, and M. EVERAERT (orgs.) *The Unaccusativity Puzzle: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- BOWERS, John. The Syntax of Predication. *Linguistic Inquiry*, 24 no. 4. MIT Press. 1993.
- BURZIO, Luigi. D-structure Conditions on Clitics. *Journal of Linguistic Research*, 2.2, pp.23-54. 1982
- BURZIO, Luigi. *Italian Syntax: A Government and Binding Approach*. Dordrecht: Reidel. 1986.
- CAHA, Pavel. *The Nanosyntax of Case*. Tese de Doutorado, Univ. de Tromso. 2009
- CARDINALETTI, Anna. On the internal structure of pronominal DPs. *Linguistic Review*, vol. 11, pp. 195-219. 1994.
- CARDINALETTI, Anna. & STARKE, Michael. Deficient pronouns: A view from Germanic. A study in the unified description of Germanic and Romance in H. THRAINSSON; S.D. EPSTEIN; S. PETER A CURA DI, *Studies in Comparative Syntax Volume II*, DORDRECHT, Kluwer, pp. 21-65. 1996.

- CARVALHO, Janayna. A Expansão da Alternância Causativa em Português Brasileiro: Relações entre Morfologia e Estrutura Argumental. Relatório de Qualificação, Doutorado. Universidade de São Paulo. 2014.
- CARVALHO, Janayna & LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. (De)transitivization and Labile Verbs in Brazilian Portuguese. EILIN 2013 - Unicamp. 2013
- CHIERCHIA, Gennaro. A semantics for Unaccusatives and its Syntactic Consequences. Ms. (1989)
- CHOMSKY, Noam. The Minimalist Program. Cambridge, Mass. The MIT Press. 1995.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. Ken Hale: A Life in Language. KENSTOWICZ, Michael (org.). Cambridge, Mass: MIT Press. pp. 1–54. 2001.
- CHOMSKY, Noam. On Phases. In Robert FREIDIN, Carlos P. OTERO and Maria Luisa ZUBIZARRETA (orgs.), Foundational Issues in Linguistic Theory: Essay in Honor of Jean-Roger Vergnaud, 133-166. Cambridge, Mass.: MIT Press. 2008.
- CHOMSKY, Noam. Problems of Projection. *Lingua*, 130. pp. 33-49. 2013
- CINQUE, Guglielmo. On Si Constructions and the Theory of arb. *Linguistic Inquiry* 19, 521- 581. 1988.
- CINQUE, Guglielmo. Italian Syntax and Universal Grammar. Cambridge University Press, vol. 1 1995.
- COLLINS, Chris. Eliminating labels. In: Derivation and explanation in the Minimalist Program. Samuel David EPSTEIN & T. Daniel SEELY (orgs.), 42–64. Malden: Blackwell Publishing. 2002.
- CREISSELS, Denis. Impersonal and Related Constructions: a typological approach. ALT VIII Presentation. 2008
- CYRINO, Sonia. Construções com SE e Promoção de Argumento no Português Brasileiro: Uma investigação diacrônica. *Revista da ABRALIN*, 6 no. 2. pp. 85-116. 1997.
- D'ALESSANDRO, Roberta. Impersonal Si Constructions: Agreement and Interpretation. Mouton de Gruyter. 2007
- DEMIROK, Ömer. AGREE as a Unidirectional Operation: Evidence from Laz. Dissertação de Mestrado: Bogaziçi University. 2013

- DE SCHEPPER, Kees. Reflecting the past: Mapping the development of the Indo-European SE-form. In: B. Los and M. van Koppen (eds.) *Linguistics in the Netherlands 2007*, Amsterdam: Benjamins, 211-222. 2007
- DE SCHEPPER, Kees. The space between one and two: Transitives, intransitives and the middle voice" In: P. Brandt and M. García García (eds.), *Transitivity. Form, Meaning, Acquisition, and Processing*. Amsterdam: John Benjamins. 191-208. 2010.
- DAYAL, Veneeta. A Semantics for Pseudo Incorporation. Manuscrito disponível em: <http://www.semanticsarchive.net/Archive/WI2ZjZkM/pseudo-incorporation.pdf>. 2003.
- DORON, Edit. Word Order in Hebrew. *Studies in Afroasiatic Grammar*. ed. by J. Lecarme, Jean Lowenstamm and Uri Shlonsky. The Hague: Holland Academic Graphics. 41-56. 2000
- DORON, Edit. Agency and Voice: The Semantics of the Semitic Templates. In: *Natural Language Semantics*, 11: pp. 1-67. 2003
- DORON, Edit Voice In: *Syntax – an International Handbook of Contemporary Research*, 2nd edition. Walter de Gruyter Publishers. 2013. DORON, Edit. & LABELLE, Marie. An ergative analysis of French valency Alternation. *Proceedings of the 40th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, 2010.
- DORON, Edit. & RAPPAPORT-HOVAV, Malka. A Unified Approach to Reflexivization in Semitic and Romance with Malka Rappaport Hovav. *Brill's Annual of Afroasiatic Languages and Linguistics* 1. 75-105. 2009.
- EMBICK, David. Voice Systems and the Syntax-Morphology Interface. *The Proceedings on Penn/MIT Workshop on Aspect, Argument Structure and Events*. 1998.
- EMBICK, David. Unaccusative Syntax and Verbal Alternations. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004.
- EMBICK, David. Linearization and Local Dislocation: Derivational Mechanics and Interactions. In: *Linguistic Analysis* 33, 3-4: pp. 2-35. 2007.
- EMBICK, David. & NOYER, Rolf. Locality in Post-Syntactic Operations. *MIT WPL*, 34 pp. 265-317. 1999

- ESPINAL, Maria Teresa. Clitic incorporation and abstract semantic objects in idiomatic constructions. *Linguistics* 47(6): 1221–1271. 2009.
- ESPINAL, Maria Teresa & MCNALLY. Bare singular nominals and incorporating verbs In G. Kaiser & M. Leonetti (eds.), *Proceedings of the Workshop. Definiteness, specificity and animacy in Ibero-Romance Languages. Arbeitspapier*, 122: 45-62. Fachbereich Sprachwissenschaft. Konstanz: Universität Konstanz. 2007.
- FALTZ, Leonard. *Reflexivization: A study in universal syntax*. Tese de Doutorado, Univ. California Berkeley. 1977.
- FRIGENI, Chiara. How do you miss your external Argument? Non-active voice alternations in Italian. *Toronto WPL*, 23. 2004.
- GALVES, Charlotte. O Objeto Nulo no Português Brasileiro: O Percurso de uma Pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.17. 1989
- GAMBLE, D.; SALMON, L. & BALDEH, M. *Firdu-Fula Grammar*. *Gambian Studies* No. 14. San Francisco. 1993.
- GENIUSIENIE, E. *The Typology of Reflexives*. Amsterdam: Mouton de Gruyter. 1987.
- GEURTS, Bart. *Weak and Strong Reflexives in Dutch*. Ms. 2004.
- GIANCALONE-RAMAT, Anna & SANSÒ, Andrea. From passive to impersonal: A case study from Italian and its implications. In *Impersonal Constructions: A cross-linguistic perspective*. Andrej Malchukov and Anna Siewierska (orgs). *Studies in Language Companion Series*, 124. pp. 189–228. 2011.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, vol I. Benjamins Pub & Co. 1990.
- GÖKSEL, Asli. & KERSLAKE, Celia. *Turkish: A Comprehensive Grammar*. Routledge Publishing, 2005.
- GRIMSHAW, Jane. On the Lexical Representation of Romance Reflexive Clitics. in J. Bresnan ed. *The Mental Representation of Grammatical Relations*. Cambridge, MIT Press. 1982.
- GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*. Cambridge, Mass: MIT Press. 1990.
- HAIMAN, John. Iconic and Economic Motivation. *Language*, 59. 1986.
- HALE, K. & KEYSER, S. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. pp. 53-110. 1993.

- HALLE, Morris. Distributed morphology: Impoverishment and fission. In MITWPL 30: Papers at the Interface, ed. Benjamin Bruening, Yoonjung Kang and Martha McGinnis. MITWPL, Cambridge, pp. 425-449. 1997.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and Pieces of Inflection. *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. 1993.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. In MITWPL 21: Papers on phonology and morphology, ed. Andrew Carnie and Heidi Harley. MITWPL, Cambridge, pp. 275-288. 1994.
- HARLEY, Heidi. Abstracting away from abstract case". In *Proceedings of NELS 25*, J. Beckman, ed., Graduate Linguistics Students' Association, University of Massachusetts, Amherst, pp. 207-221. 1995.
- HARLEY, Heidi. External Arguments and the Mirror principle: On the Distinctness of Voice and v. Ms. 2012.
- HARLEY, Heidi. Semantics in Distributed Morphology. *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*. C. Maienborn, K. von Stechow and P. Portner, eds. Berlin: Mouton de Gruyter. 2013.
- HARLEY, Heidi. & NOYER, Rolf. Licensing in the non-lexicalist lexicon, in Bert Peeters, ed., *The Lexicon/Encyclopaedia Interface*, 349-374, Amsterdam: Elsevier Press, 1999.
- HARLEY, Heidi & RITTER, Elizabeth. Structuring the bundle: A universal morphosyntactic feature geometry. in H. Weise and H. Simon, eds. *Pronouns: Grammar and Representation*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 23-39. 1998.
- HASPELMATH, Martin. Transitivity Alternations of the Anticausative Type. Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft. Arbeitspapier Nr. 5. 1987.
- HASPELMATH, Martin. The grammaticization of passive morphology. *Studies in Language* 14.1:25-71. 1990.
- HASPELMATH, Martin. More on the typology of causative/inchoative verb alternations. In: Comrie, B. & Polinsky, M. *Causatives and Transitivity*. Amsterdam, John Benjamins. 1993.
- HASPELMATH, Martin. "A frequentist explanation of some universals of reflexive marking." *Linguistic Discovery* 6.1:40-63. 2005.

- HASPELMATH, Martin. & MÜLLER-BARDEY, Thomas. Valence Change. In: A handbook on Inflection and Word Formation. BOOIJ, G. LEHMANN, C. & MUGDAN, L. 2005.
- HEIDINGER, Steffen & SCHÄFER, Florian. The French reflexive passive and anticausative: a diachronic view from the par-phrase. In *Evolutions en français: Etudes de linguistique diachronique*, eds. Fagard, B., S. Prévost, B. Combettes, and O. Bertrand, 135-152. Bern: Peter Lang. 2008.
- HEINAT, Fredrik. Probes, pronouns and binding in the Minimalist Program. Tese de Doutorado, Lund University, Lund. 2006.
- HOLMBERG, Anders. & PLATZACK, Christer. The Role of Inflection in Scandinavian Syntax. *Oxford Studies in Comparative Syntax*. Oxford University Press. 1995
- HORNSTEIN, Norbert. Movement and Control. *Linguistic Inquiry*, 30. MIT Press. 1999
- HORNSTEIN, Norbert. *Move! A minimalist theory of Construal*. Malden: Blackwell Publishing. 2001
- HRON, David. On the Derivation of Reflexive Nouns: The case of Czech. Ms. 2006.
- IATRIDOU, Sabine & VON FINTEL, Kai. Epistemic Containment. *Linguistic Inquiry* 34.2. 2003.
- KALLULLI, Dalina. A Unified Analysis of Reflexives, Passives and Unaccusatives. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics* 6. pp 201-225. 2006.
- KAPITONOV, Andrei. Russian Binding Issues. Ms. 2008.
- KAYNE, Richard. French syntax. The transformational cycle , MIT Press, Cambridge, Mass. 1975.
- KAYNE, Richard. Romance se/si, GLOW newsletter 20. 1998.
- KAYNE, Richard. The Antisymmetry of Syntax. *Linguistic Inquiry Monograph*, 25. MIT Press. 1994
- KEENAN, Edward & DRYER, Matthew. Passive in the World's Languages. In *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*, Vol. 1, edited by Timothy Shopen, pp. 325-361. Second Edition. Cambridge University Press. 2007.
- KEMMER, Suzanne. *The Middle Voice*. Amsterdam, John Benjamins. 2003.
- KIPARSKY, Paul. Towards a Null Theory of the Passive. Ms. 2010.

- KÖNIG, Ekkehard & SIEMUND, Peter. Intensifiers and reflexive pronouns in: Matthew Dryer, Martin Haspelmath, David Gil and Bernard Comrie (eds.) *World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 194-197. 2005.
- KURODA, S. Y. Whether we agree or not. *Linguisticae Investigationes* 12, pp. 1-47. 1988.
- KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its verb. Johan Rooryck & Laurie Zaring (eds.): *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht (Kluwer). 1996
- LARSSON, Staffan. Issue-based grounding in an Information State-based dialogue system, Seminar on Common Ground and Grounding, Bielefeld University, May 15 2009.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar vol. I. Theoretical Pre-Requisites*. Stanford: Stanford University Press. 1987.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar vol. II. Theoretical Pre-Requisites*. Stanford: Stanford University Press. 1991.
- LAVIDAS, Nikolaos. Causative alternations: synchronic and diachronic tendencies. *Studies in Greek Language* 24, 369-381. 2004.
- LAVIDAS, Nikolaos & PAPANGELI, Dimitra. Impersonals in the diachrony of Greek. *Proceedings of the 7th International Conference of Greek Linguistics*, University of York. 2007.
- LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. *O Sincretismo Passivo-Reflexivo em Georgiano: Discussões sobre abordagens formais*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Dissertação de Mestrado. 2011.
- LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. Against Lexical Reduction. *Proceedings on the IX Workshop on Formal Linguistics*, 2012. Rio de Janeiro. 2012.
- LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. Morphological Properties of Passive-Reflexive Marks Cross Linguistically and their Multifunctionality. In: Farma Pinar ARSLAN (Org.). *Contemporary Issues on Linguistics and Language*. 1ed. Istanbul: DAKAM Publishing, p. 149-157. 2014.
- LEGATE, Julie Anne. Phases and Cyclic Agreement In Martha McGinnis & Norvin Richards (eds.), *Perspectives on Phases*. MITWPL. 2005.
- LIDZ, Jeffrey. *The Arguments Structure of Verbal Reflexives*. Ms. 2001.

- LIN, Jonah. Light verb syntax and the Theory of Phrase Structure. Tese de Doutorado, Univ. California Irvine. 2001
- LUBOWICZ, Anna. Two views of Polish reflexives // WCCFL 18, 1999.
- LUNDQUIST, Bjorn. Restrictions on reflexive and anti-causative readings in nominalizations and participles. Nordlyd 2011; Volum 27. 2011.
- MALDONADO, Ricardo. A media voz: problemas conceptuales del clítico se en español. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM. 1999.
- MANZINI, Maria Rita. On Italian 'si'. In: BORER H.. The syntax of pronominal clitics. Syntax and Semantics vol.18, pp. 241-262, NEW YORK: Academic Press, 1986.
- MANZINI, Maria Rita, ROUSSOU, Anna & SAVOIA, Leonardo. Middle-passive voice in Albanian and Greek. Ms. 2009.
- MARANTZ, Alec. On The Nature of Grammatical Relations, MIT Press. 1984.
- MARANTZ, Alec. Clitics, morphological merger, and the mapping to phonological structure. In Michael Hammond and Michael Noonan, eds., Theoretical Morphology: Approaches in Modern Linguistics. Academic Press, San Diego, 253-270. 1988.
- MARANTZ, Alec. Cat as a Phrasal Idiom: Consequences of late insertion in Distributed Morphology. Ms. MIT, 1995.
- MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. 1997.
- MARANTZ, Alec. Phases and words. In Phases in the Theory of Grammar, ed. Sook-Hee Choe, 191–222. Seoul: Dong In. 2008.
- MARIADAGA, N. Change and Continuity in Object Case Marking of Indo-European Middle-Passive Verbs. Ms. 2010.
- MASSAM, Diane. Pseudo Noun Incorporation in Nieuw. Natural Language and Linguistic Theory, 19. pp. 153-197. 2001.
- MATUSHANSKY, Ora. Head Movement in Linguistic Theory. Linguistic Inquiry, 37. pp.69-109. 2006.
- MCFADDEN, Thomas. The position of morphological case in the derivation: a study on the syntax-morphology interface. Tese de Doutorado, Universidade da Pensilvania. 2004.
- MCGINNIS, M. Two Kinds of Blocking. In: Morphosyntax in Generative Grammar: Proceedings of the 1996 Seoul International Conference on Generative

- Grammar, ed. Hee-don Ahn, Myung-Yoon Kang, Yong-Suck Kim and Sookhee Lee. Seoul: Hankuk Publishing Co. 1996.
- MCGINNIS, M. Lethal ambiguity. *Linguistic Inquiry* 35.1, 47–95. 2004.
- MITKOVSKA, Liljana. The SE Passive in Macedonian Compared to the Neighbouring Slavic languages" In: *Studia Linguistica Polono-Meridianoslavica*, 9. Torun: 47-60. 1998.
- MÜLLER, Stefan & ORSNES, Bjarne. Passive in Danish, English and German. *Proceedings of the 20th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar*. Freie Universität Berlin. 2013.
- NAKIPOĞLU-DEMIRALP, Mine. The referential properties of the implicit arguments of impersonal passives in Turkish. *Linguistik Aktuell* 44. Amsterdam: John Benjamins. 2001.
- NARO, Anthony Julius. The genesis of reflexive impersonal in Portuguese. In: *Language*, 52 n. 4. pp. 779-810. 1976.
- NEDJALKOV, Vladimir. & SILNICKIJ, George. Типология Морфологического и лексического каузативов. Холодович. 1969
- NEGRÃO, Esmeralda & VIOTTI, Evani. A Ergativização do Português Brasileiro: Uma conversa continuada com Carlos Franchi. Da Hora, Demerval & Negrão, Esmeralda. *Estudos da Linguagem: Casamento entre temas e perspectivas*. João Pessoa: Ideia – Editora da UFPB. 2011
- NJALIBULI, Boris. Синтаксический аспект грамматических глагольных категорий (на материяле языка фулфулде). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Moscou. 1983.
- NOYER, Rolf. Features, Positions and Affixes in Autonomous Morphological Structure. Garland Publishing, New York. 1997.
- NUNES, Jairo. Sideward Movement and Linearization of Chains. *Linguistic Inquiry Monographs*. Cambridge: MIT Press. 2004.
- OTTOSON, K. The Old Nordic Middle Voice in the pre-literary period. In: Josephson, F. & Söhrman, I. (orgs.) *Interdependence of Synchronic and Diachronic Analyses*. Amsterdam: John Benjamins. pp. 185-219. 2008.
- ÖZTÜRK, Balkız. Complex Predicate Formation in Turkish. *Harvard University Working Papers in Linguistics: Proceedings of Workshop on Light Verbs*, Harvard University. 2004.

- ÖZTÜRK, Balkız. Agent-Incorporation, Proceedings of Penn Linguistics Colloquium, University of Pennsylvania. 2005.
- ÖZTÜRK, Balkız & TAYLAN, Eser. Transitive intransitives in Pazar Laz. Caucasus Conference: Typology, Theory. Istanbul. 2012.
- PANAGIOTIDIS, Phoevos. Non-argumental mixed projections. *Syntax* 13: 165-182. 2010.
- PARSONS, Terence. Events in the Semantics of English. MIT Press. 1990.
- PERLMUTTER, David. Indefinite Passives and the Unaccusative Hypothesis. 1976.
- PESETSKY, David. Zero Syntax, MIT Press, 1994.
- PESETSKY, David & TORREGO, Esster. The Syntax of Valuation and the Interpretability of Features. Ms. 2004.
- POLINSKY, Maria. Antipassive constructions. In: Haspelmath M, Dryer MS, Gil D, Comrie B *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press; 2005. pp. 438-441
- PUTNAM, Michael & van KOPPEN, Marjo. All there is to know about the alls construction. *Journal of Comparative Germanic Linguistics* 19. pp. 583-646. 2011.
- PYLKKÄNEN, Liina. Representing Causatives. In Jackson, B. and T. Matthews (eds.), *Proceedings . CLC Publications*. Cornell University, Ithaca, NY. 2000.
- RAPPAPORT-HOVAV, Malka & LEVIN, Beth. Lexicon Uniformity and the Causative Alternation", in M. Everaert, M. Marelj, and T. Siloni, eds., *The Theta System: Argument Structure at the Interface*, Oxford University Press, Oxford, UK, 150-176. 2012.
- REINHART, Tanya. The Theta System: Syntactic Realization of Verbal Concepts. *OTS Working Papers in Linguistics*. 2000.
- REINHART, Tanya & REULAND, Eric. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, 24. MIT Press 1993.
- REINHART, Tanya. & SILONI, Tal. Against the Unaccusative Analysis of Reflexives. In: Alexiadou, A.; Alexiadou, E.; Everaert, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004
- REINHART, Tanya. & SILONI, Tal. The Lexicon-Syntax Parameter: Reflexivization and other Arity Operations. *Linguistic Inquiry*, 36. 2005.
- REULAND, Eric. Primitives of Binding. *Linguistic inquiry*, 32. pp. 439-492. 2001.

- REULAND, Eric. *Anaphora and Language Design*. Cambridge, Mass: MIT Press. 2011.
- RIVERO, Maria Luisa. On impersonal reflexives in Romance and Slavic and Semantic variation. In *Romance Syntax, Semantics and L2 Acquisition. Selected papers from the 30th Linguistic Symposium on Romance Languages*, Gainesville, Florida, February 2000, ed. J. Camps and C. Wiltshire. John Benjamins: Amsterdam and Philadelphia. 169-195.2002.
- RIZZI, Luigi. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris. 1982.
- ROBERTS, Ian. Remarks on the Old English C-system and the Diachrony of V2. *Linguistische Berichte, Sonderheft 7: Language Change and Generative Grammar*, edited by Ellen Brandner and Gisella Ferraresi, pp. 154-167. 1996.
- ROBERTS, Ian. Head Movement and the Minimalist Program. in C Boeckx (ed) *The Oxford Handbook of Minimalism*. Oxford: Oxford University Press. 2010.
- SAITO, Mamoru. Case and Labeling in a Language without Phi-Feature Valuing. Anna Cardinaletti, Guglielmo Cinque and Yoshio Endo, eds., *On Peripheries*, Hituzi Syobo, Tokyo. 2014.
- SCHADLER, D. The Anaphoric System in Swedish in Comparison to Dutch and German. In: Sobha, L. & Branco, A. (orgs.), *Proceedings of the 7th Discourse Anaphora and Anaphora Resolution Colloquium (DAARC 2009)* Chennai: AU-KBC Research Centre. pp. 73-81. 2009.
- SCHÄFER, Florian. On the nature of anticausative morphology: External arguments in change-of-state contexts. *Tese de Doutorado*, Univ. Stuttgart. 2007.
- SCHÄFER, Florian. *The Syntax of Anti-Causatives. External Arguments in change-of-state contexts*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008.
- SIGURÐSSON, Halldor. The locus of case and agreement. *Working Papers in Scandinavian Syntax* 65:65–108. 2000.
- SIGURÐSSON, Halldor. The Silence Principle. In *Grammatik i fokus / Grammar in Focus II, Festschrift for Christer Platzack 18 November 2003*, ed. Lars-Olof Delsing, Cecilia Falk, Gunlög Josefsson, and Halldór Ármann Sigurðsson, 325–334. Lund: Scandinavian Department. 2003.
- SIGURÐSSON, Halldor. Icelandic non-nominative subjects: facts and implications. In *Non-nominative Subjects*, ed. by Peri Bhaskararao and K.V. Subbarao, Vol. 2, 137–159. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 2004.

- SIGURÐSSON, Halldor & EGERLAND, Verner. Impersonal null-subjects in Icelandic and elsewhere. *Studia Linguistica* 63:158–185. 2009.
- SHIBATANI, Mayasoshi. Passives and Related Constructions: A Prototype Analysis. In: *Language*, 61 no. 4. Linguistic Society of America: pp. 821-848. 1985.
- SPORTICHE, Dominique. Pronominal Clitic Dependencies. In *Language Typology: Clitics in the European Languages*, Henk van Riemsdijk, ed., Mouton de Gruyter, Berlin. 1998.
- STEBLIN-KAMENSKIY, M. История Скандинавских Языков. Moscou: Izdatelstvo SSR. 1953.
- STEINBACH, Markus. Middle Voice: A comparative study in the syntax-semantics interface in German. Amsterdam: John Benjamins. 2002. Travis, L. Parameters and Effects of Word Order Variation, Diss, MIT. 1984.
- TUITE, Kevin. Deponent verbs in Georgian. *Philologie, Typologie und Sprachstruktur: Festschrift für Winfried Boeder zum 65. Geburtstag*, Wolfram Bublitz, Manfred von Roncador, Heinz Vater, eds. [Peter Lang Verlag, Frankfurt am Main 2002; 375-389.
- TUITE, Kevin. The rise and fall and revival of Ibero-Caucasian Hypothesis. *Historiographia Linguistica*, Vol 35, pp 23-82. 2008.
- WURMBRAND, Susi. Licensing Case. *Journal of Germanic Linguistics* 18.3: 175-236.2006.
- WURMBRAND, Susi. Reverse Agree. Manuscripto. 2011.